A Letra Escarlate

Nathaniel Hawthorne

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***X Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***X Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***xlivros.com*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento,e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluira a um novo nível.

A LETRA ESCARLATE

NATHANIEL HAWTHORNE nasceu em Salém, Massachusetts, em 1804. Depois de se formar no Bowdoin College, no Maine, voltou à sua cidade natal, onde escreveu grande parte de suas histórias magistrais sobre o período colonial americano, muitas das quais foram reunidas na coletânea *Twice-told tales* (1837). De 1839 a 1840, trabalhou na alfândega de Boston, e em 1841 passou vários meses na comunidade experimental de Brook Farm. Após o casamento com Sophia Peabody, mudou-se para o presbitério conhecido como Old Manse, em Concord; lá, entre 1842 e 1845, escreveu a maioria das histórias de *Mosses from an old manse* (1846). Sua carreira como romancista começou com *A letra escarlate* (1850), cuja célebre introdução, "A alfândega", relembra o período em que serviu nessa repartição em Salém. Num curto espaço de tempo, seguiram-se *A casa das sete torres* (1851) e *The Blithedale romance* (1852). Após exercer seu terceiro cargo político — como o cônsul norte-americano em Liverpool, Inglaterra, de 1853 a 1857 —, a vida de Hawthorne foi marcada pela publicação de *O fauno de mármore* (1860), mas também por uma triste incapacidade de concluir diversos romances mais longos. Aparentemente, problemas de saúde e uma crise em sua fé na literatura minaram o talento de Hawthorne para dar um sentido criativo à peculiar experiência moral da América. Morreu em 1864.

CHRISTIAN SCHWARTZ nasceu em Curitiba, em junho de 1975. Formou-se em jornalismo pela Universidade Federal do Paraná (ufpr) em 1997, e trabalhou em revistas como *Placar*, *Quatro Rodas* e *Veja*, da qual foi correspondente na Amazônia. Estudou língua e literatura francesas na Universidade Paris iv (Sorbonne), na França, e cursou pós-graduação em literatura na University of Central England (uce), em Birmingham, Inglaterra, o que culminou num mestrado em estudos literários pela ufpr. Traduziu autores como Philip Pulmann, Xinran, Matt Haig, Lou Reed, Philip Roth e Sam Shepard. É professor de produção de texto, literatura e pesquisa em comunicação na Universidade Positivo (up), em Curitiba.

NINA BAYM é professora de inglês do Centro de Estudos Avançados e professora emérita de artes e ciências humanas na Universidade de Illinois. Escreveu livros e ensaios sobre a literatura americana do século XIX, entre os quais *The shape of Hawthorne's career*, *Women's fiction: A guide to novels by and about women in America 1820-1870*, *American women writers and the work of history 1790-1865* e *American women of letters and the Nineteenth-Century sciences*. É editora da *Norton Anthology of English Literature*. Em 2000, recebeu a medalha Jay Hubell, da Modern Language Association, pela contribuição de sua obra aos estudos de literatura americana.

THOMAS E. CONNOLLY foi professor de inglês na Universidade de Buffalo e crítico literário. Escreveu e organizou diversos livros sobre as obras de James Joyce e Nathaniel Hawthorne, entre os quais se destacam *The personal library of James Joyce: A descriptive bibliography*, *Essays on fiction: Dickens, Melville, Hawthorne, and Faulkner*, *Joyce's portrait: Criticism and critiques* e *Nathaniel Hawthorne: Young Goodman Brown*. Morreu em 2002.

Sumário

Nota sobre o texto
Prefácio à segunda edição
Introdução — A alfândega
A LETRA ESCARLATE
1. A porta da prisão
2. A praça pública
3. Um rosto conhecido
4. O encontro
5. Hester a bordar
6. Pearl
7. O palácio do governador
8. A menina-fada e o pastor
9. O médico
10. O médico e seu paciente
11. O interior de um coração
12. A vigília do pastor
13. Outra visão de Hester
14. Hester e o médico
15. Hester e Pearl
16. Um passeio na floresta
17. O pastor e sua paroquiana
18. Um dilúvio de luz
19. A criança à beira do riacho
20. O pastor num labirinto
21. Feriado na Nova Inglaterra
22. O desfile
23. A revelação da letra escarlate
24. Conclusão
Posfácio — Nina Baym
Notas — Thomas E. Connolly
Outras leituras

Nota sobre o texto

O texto deste volume é baseado na versão de *A letra escarlate* da *Centenary edition of the works of Nathaniel Hawthorne*, volume 1, publicada em 1962 pela Ohio State University Press para o Centro de Estudos Textuais da Ohio State University. A *Centenary edition* é resultado do exame exaustivo do manuscrito de Hawthorne, dos registros de tipógrafos, de todas as chapas usadas para a primeira edição, das edições do século XIX e da maior parte das do século XX. O intuito dos volumes que compõem a *Centenary* é reproduzir os textos de Hawthorne sem modernizá-los, em sua forma "pura".

Prefácio à segunda edição

NATHANIEL HAWTHORNE

Para sua grande surpresa e (se lhe for permitido correr o risco de ofensa ainda maior) considerável divertimento, o autor descobre que seu ensaio sobre o funcionalismo público, por ele escrito como introdução ao livro *A letra escarlate*, causou alvoroço sem precedentes na respeitável comunidade da qual faz parte. A reação não seria mais violenta, na verdade, nem mesmo se tivesse incendiado a alfândega e depois apagado o fogo com o sangue de certo venerável personagem, contra o qual se supõe que acalenta peculiar malevolência. Com o fardo da pesada desaprovação pública sobre si, como se merecesse tal coisa, o autor roga a permissão de dizer que releu cuidadosamente aquelas páginas introdutórias, pretendendo alterar ou expurgar quaisquer que fossem seus erros e proceder à melhor reparação que estivesse ao seu alcance às atrocidades das quais foi considerado culpado. Mas parece-lhe que as únicas características notáveis do referido ensaio são o seu franco e genuíno bom humor e, de maneira geral, a precisão com que transmite sinceras impressões sobre os personagens ali descritos. Quanto à acusação de ódio ou sentimento ruim de qualquer outro tipo, nega veementemente ter sido movido por tais razões. O ensaio talvez pudesse ter sido simplesmente retirado, sem que a decisão viesse em detrimento do livro ou para prejuízo do público; mas, tendo se dado ao trabalho de escrever o texto, o autor considera que o fez na melhor e mais generosa das intenções e, segundo permitiram suas habilidades, com o mais intenso resultado em termos de verdade.

Vê-se obrigado, portanto, a reimprimir a introdução em questão sem mudar uma só palavra.

Salém, 30 de março de 1850.

Introdução
A alfândega
NATHANIEL HAWTHORNE

É digno de nota que — embora pouco inclinado a falar de mim e de meus negócios com franqueza, mesmo a meus amigos mais próximos — eu tenha por duas vezes na vida sido tomado pelo impulso autobiográfico ao expressar-me publicamente. A primeira vez foi há uns três ou quatro anos, quando — sem pretexto ou razão plausível que pudessem atinar o indulgente leitor ou o intrometido autor — presenteei o leitor com uma descrição de minha rotina na profunda calmaria de Old Manse. E agora — como, para além de meu horizonte deserto, tive a felicidade de encontrar um ou dois ouvintes naquela primeira ocasião — novamente pego o leitor distraído para falar de minha experiência de três anos num posto da alfândega. O exemplo do célebre P. P., sacristão desta paróquia,[1] jamais foi tão fielmente seguido. Aparentemente, no entanto, a verdade é que, quando lança suas páginas ao vento, o autor se dirige não aos muitos que abandonarão o livro pelo meio ou que nunca chegarão a tê-lo nas mãos, mas àqueles poucos que o compreenderão, e melhor do que a maioria de seus colegas de escola ou companheiros de vida. Alguns autores fazem até mais do que isso, permitindo-se ir tão fundo nas confidências e revelações quanto seria apropriado única e exclusivamente diante de outro coração e de outro espírito com que se tivesse perfeita empatia; como se o livro impresso, uma vez lançado ao grande mundo, estivesse destinado a encontrar o segmento exato correspondente à natureza do autor, completando o círculo de sua existência ao promover a comunhão entre os dois. Não parece apropriado, no entanto, dizer tudo, mesmo que de forma impessoal. Mas — posto que, se entre aquele que fala e sua audiência não houver relação verdadeira, os pensamentos congelam e a expressão paralisa — talvez seja perdoável imaginar que um amigo gentil e atento, embora não o mais íntimo, esteja a escutar o que dizemos; então, certa reserva natural tendo sido quebrada por essa recepção amistosa,

podemos tagarelar sobre o que nos cerca e até mesmo sobre nós, mas ainda assim manter velado o Eu mais interior. Até esse ponto e dentro de tais limites, um autor, penso, pode ser autobiográfico sem violar os direitos do leitor ou os seus.

Ficará claro, também, que esse ensaio sobre a alfândega dedica-se em certa medida, coisa que amiúde se reconhece na literatura, a explicar como boa parte das páginas que se seguem passou a me pertencer e a fornecer provas da autenticidade da narrativa aí contida. Essa, na verdade — essa vontade de assumir minha verdadeira posição, a de editor, ou um pouquinho mais, da mais prolixa entre as histórias que compõem este volume —, e nenhuma outra, é a verdadeira razão por que assumo uma relação pessoal com o público. Tendo cumprido meu propósito primeiro, julguei que poderia me permitir, com algumas pinceladas extras, pintar uma vaga representação de um modo de vida até hoje sem descrição, juntamente com alguns dos personagens envolvidos, um dos quais por acaso vem a ser o autor.

Na minha cidade natal, Salém, do alto daquilo que há meio século, no tempo do velho King Derby,[2] foi um cais movimentado — mas agora é um amontoado de armazéns de madeira decadentes, com pouco ou nenhum sinal de comércio; exceto, talvez, por um brigue ou uma barca descarregando peles de animais, na metade da extensão do ancoradouro de aspecto melancólico; ou uma escuna da Nova Escócia desovando sua carga de lenha — do alto, como eu dizia, desse cais dilapidado, frequentemente invadido pela maré e ao longo do qual, na base e no fundo da fileira de barracões, vê-se a trilha de muitos e arrastados anos margear um gramado sem vida — ali, com uma vista das janelas da frente para uma paisagem não muito animadora lá embaixo. Além da baía, fica um enorme edifício de tijolos. No ponto mais alto de seu telhado, durante precisamente três horas e meia a cada manhã, tremula ou descansa, conforme haja vento ou calmaria, a bandeira da república; mas suas treze listras são verticais, em vez de horizontais, a indicar que uma representação civil, e não militar, do governo do Tio Sam funciona naquele prédio. A fachada exibe a ornamentação de um pórtico de meia dúzia de pilares de madeira, os quais servem de apoio a uma sacada debaixo da qual, por sua vez, um lance de escadas com amplos degraus de granito leva até a rua. Sobre

o pórtico paira um enorme exemplar da águia americana, de asas abertas, com um escudo sobre o peito e, se bem me lembro, um punhado de raios entrelaçados a pontas de flechas serrilhadas em cada uma das garras. Com o temperamento aziago que lhe é costumeiro, o triste pássaro aparenta, pela agressividade do bico e do olhar, e por sua usual postura de truculência, ser uma ameaça à inofensiva comunidade; e, em especial, parece servir de alerta a todo cidadão que, cioso da própria segurança, pretenda invadir as instalações guardadas à sombra de suas asas. No entanto, a despeito de quão ameaçadora a águia pareça, muita gente busca, neste exato momento, proteger-se sob suas asas, por mais ameaçadora que pareça; imaginam, suponho, que seu peito ofereça todo o aconchego e o calor de um travesseiro macio. Mas a águia não é dada a grandes afetos, mesmo no melhor dos humores, e mais cedo ou mais tarde — na maioria das vezes, mais cedo do que tarde — é capaz de livrar-se dos filhotes com um espanar de uma das garras, um cutucão com o bico ou um golpe incisivo das pontas das flechas serrilhadas.

O calçamento em torno do edifício que acabamos de descrever — e ao qual podemos, a partir de agora, dar o nome de alfândega do porto — apresenta grama saindo pelas rachaduras em quantidade suficiente para mostrar que, nos últimos dias, não tem sido passagem para muitos negócios. Em alguns meses do ano, porém, são maiores as chances de, certa manhã, os negócios andarem a um passo mais animado. Tais ocasiões podem trazer à lembrança do cidadão mais velho aquele período, anterior à última guerra contra a Inglaterra,[3] em que Salém era um porto de verdade; não este de agora, desdenhado pelos próprios mercadores e donos de embarcações da cidade, que deixam decair e apodrecer os ancoradouros, enquanto seus empreendimentos, desnecessária e imperceptivelmente, vão engrossar a poderosa enxurrada de comércio em Nova York ou Boston. Em uma manhã como essa, quando acontece de aparecerem de uma vez três ou quatro barcos — geralmente vindos da África ou da América do Sul, ou de partida para um desses destinos —, ouve-se o som de passos frequentes, subindo e descendo apressados os degraus de granito. Ali, antes mesmo que o mareado comandante tenha tido a chance de receber boas-vindas da própria esposa, pode-se vê-lo, recém-

desembarcado, levando debaixo do braço uma surrada caixa de lata contendo os papéis da embarcação. E junto está o dono do barco, alegre ou carrancudo, todo sorrisos ou taciturno, a depender se o plano da viagem agora completada resultou em mercadoria que, de pronto, será convertida em ouro ou o afundou num monte de inconveniências de que ninguém vai se dar ao trabalho de resgatá-lo. Ali, igualmente — embrião do comerciante de semblante enrugado e barba grisalha, cheio de preocupações, que ele um dia será —, temos o jovem e astuto empregado, já a postos para as delícias do negócio como o filhote de lobo que saboreia sangue, e também pronto a mandar vender a própria mercadoria no navio do patrão, quando deveria, na sua idade, estar brincando de navegar no lago. Outro personagem nesse cenário é o marinheiro desterrado em busca de asilo; ou aquele recém-chegado, pálido e fraco, atrás de autorização para dar entrada num hospital. Tampouco devemos nos esquecer dos comandantes das pequenas e enferrujadas escunas que trazem lenha das províncias britânicas; um bando de marujos mal-ajambrados, sem a altivez da aparência de um ianque, mas comerciantes de um item de não pouca importância para o nosso comércio decadente.

Reúnam-se esses indivíduos, que por vezes já estavam reunidos, com outros de características peculiares para diversificar o grupo e, nessas ocasiões, a alfândega virava um lugar agitado. Mais frequentemente, no entanto, ao subir os degraus frontais do edifício, era possível reconhecer — à entrada, se fosse verão, ou nas salas apropriadas, se o clima fosse de inverno inclemente — uma coleção de veneráveis figuras, sentadas em cadeiras antiquadas cujas pernas traseiras colavam-se à parede. Quase sempre estavam sonolentos, mas algumas vezes podia-se ouvi-los a conversar, suas vozes soando entre a fala e o ronco, com aquele desânimo que caracteriza os moradores de abrigos e todos os demais seres humanos que, para subsistir, dependem de caridade, favores ou qualquer outro meio que não seu próprio empenho. Aqueles cavalheiros — a postos, feito Mateus, à mesa de coletas, mas não muito suscetíveis, como ele, ao chamado para jornadas de evangelização — eram os funcionários da alfândega.

Além disso, à esquerda de quem entra pela porta da frente, há uma espécie de sala ou escritório, com mais ou menos quatro metros

quadrados e pé-direito muito alto; duas de suas janelas em arco dão vista para o acima mencionado cais em decomposição, e a terceira, para uma viela estreita e parte da extensão da rua Derby.[4] Todas proporcionam vislumbres do comércio formado por mercearias, bazares de roupas velhas para os marujos e oficinas de peças e equipamentos náuticos, à porta dos quais geralmente se pode observar, rindo e tagarelando, bandos de velhos marinheiros e outros ratos de cais que rondam a região portuária de Londres. O escritório em si, tomado por teias de aranha e com a velha pintura das paredes encardida, tem um assoalho de cor cinzenta, como que manchado em tom areia, estilo que há muito caiu em desuso em outros lugares; fácil concluir, pelo aspecto geral de negligência com o espaço, que aquele é um santuário ao qual a espécie feminina, com suas ferramentas mágicas, a vassoura e o escovão, tem muito pouco acesso. A mobília consiste de um fogão com uma grande chaminé; uma velha escrivaninha de pínus, ladeada por uma banqueta de três pernas; duas ou três cadeiras demasiadamente bambas e decrépitas, com assentos de madeira; e — sem esquecer a biblioteca — algumas estantes contendo uma fileira ou duas de volumes das atas do Congresso e um encorpado guia de legislação tributária. Um tubo de latão atravessa o teto, servindo de comunicação com outras partes do prédio. E ali, há uns seis meses — caminhando de um canto ao outro da sala, ou acomodado sobre a banqueta de pernas altas, com os cotovelos apoiados na escrivaninha, os olhos esquadrinhando de cima a baixo as colunas do jornal matutino —, talvez reconhecesses, estimado leitor, o mesmo sujeito que te acolheu em seu alegre e pequeno escritório, no qual a luz do sol brilhava tão agradavelmente por entre os galhos do salgueiro na parte oeste de Old Manse. Mas agora, se voltasses àquele lugar para procurá-lo, perguntarias em vão pelo inspetor da ala radical do partido democrata.[5] O esfregão da reforma o varreu daquela repartição; e seu digno sucessor é quem usa suas insígnias e embolsa seu ordenado.

Essa velha cidade de Salém — meu local de nascimento, embora tenha vivido muito tempo longe, tanto na infância como na idade adulta — exerce, ou exercia, certa atração sobre minhas afeições, força da qual nunca me dei conta nas temporadas em que ali mantive

residência. De fato, no que concernia a seu aspecto físico, com sua planície monótona coberta principalmente por casas de madeira, poucas ou nenhuma delas com alguma preocupação de beleza arquitetônica — sua irregularidade que não era nem pitoresca nem excêntrica, apenas maçante, sua longa e preguiçosa rua principal espraiando-se tediosamente por toda a extensão da península, Gallows Hill[6] e New Guinea[7] de um lado e uma vista do asilo de caridade do outro. Sendo essas as características físicas da minha cidade natal, esse apego a ela era quase como ter alguma ligação sentimental com um tabuleiro de peças desarrumadas. E no entanto, embora invariavelmente me sentisse mais feliz em outros lugares, levo dentro de mim um sentimento pela velha Salém que na falta de palavra melhor chamarei de afeto. Tal sentimento deve-se provavelmente às antigas e profundas raízes que minha família tem naquela terra. Lá se vão, a esta altura, quase dois séculos e mais um quarto do terceiro desde que o bretão original, o primeiro dos imigrantes trazendo meu sobrenome, chegou àquela selvagem colônia cercada por uma floresta, que, de lá para cá, tornou-se uma cidade. E ali nasceram e morreram os descendentes desse pioneiro, misturando sua substância terrena ao solo; a ponto de poder-se afirmar que considerável porção dele mantém, necessariamente, algum parentesco com a carcaça mortal que eu, por tempo limitado, carrego pelas ruas. Em parte, portanto, a ligação da qual falo é meramente solidariedade do pó ao pó. Poucos dos meus compatriotas são capazes de entender o que é isso; posto que transplantar talvez seja mais benéfico para a cepa, tampouco precisam considerar desejável sabê-lo.

Mas o sentimento preserva, de toda forma, sua qualidade moral. A figura daquele primeiro ancestral,[8] investida pela tradição familiar de sombria e indistinta nobreza, esteve presente em minha imaginação infantil desde os primeiros tempos até onde a memória alcança. E ainda me ronda, induzindo em relação ao passado uma espécie de sentimento de pertencimento que raramente evoco quanto ao estado atual da cidade. Nesse antepassado grave, barbado, trajando vestes negras e chapéu de copa alta — que há tanto tempo aportou com sua Bíblia e sua espada, e pisou a rua recém-aberta com postura firmemente pronunciada, transformando-se em figura maiúscula, um

homem de guerra e de paz —, aparentemente encontro um apelo mais forte para viver aqui do que em mim mesmo, cujo nome quase não é ouvido por aí e o rosto mal se conhece. Aquele homem foi militar, legislador, juiz; foi um líder da igreja; tinha todas as características de um puritano, boas e más. Foi também um perseguidor cruel; disso há o testemunho dos Quakers, que o recordam em suas histórias, relatando uma manifestação de sua rigorosa severidade em relação a uma mulher daquela seita, registro esse que, teme-se, terá maior sobrevida do que qualquer outro sobre suas boas ações, embora sejam muitas. Seu filho, igualmente,[9] herdou-lhe esse espírito perseguidor, tornando-se tão conhecido pelo martírio das bruxas que, pode-se dizer com justiça, ficou manchado pelo sangue delas. E tão profundamente, na verdade, que essa mancha deve ainda marcar seus velhos ossos ressequidos no cemitério da rua Charter, se é que já não se reduziram a pó! Não sei se esses meus ancestrais chegaram a se arrepender e pedir perdão aos céus por suas crueldades; ou se agora, em outro estado de ser, lamentam as consequências divinas de seus atos. Em todo caso, eu, este escritor, como seu representante, cubro-me aqui de vergonha em nome desses homens e rezo para que qualquer maldição por eles invocada — conforme ouvi dizer que existe, e a triste e desfavorável condição que se abate sobre nossa raça há muitos anos sugere ser verdade — possa ser agora e daqui em diante removida.

Sem dúvida, no entanto, qualquer um daqueles puritanos austeros e lúgubres consideraria penitência suficiente para seus pecados o fato de que, depois de tanto tempo, o velho tronco de nossa árvore genealógica, coberto por venerável camada de musgo, pudesse vir a exibir um desocupado como eu em seu galho mais alto. Nenhum dos objetivos que até hoje persegui lhes pareceria louvável; nenhum dos meus êxitos — caso minha vida, tirante o escopo doméstico, alguma vez tivesse sido iluminada pelo sucesso — lhes suscitaria outra impressão que não fosse a de inutilidade, senão a de verdadeira desgraça. “O que ele faz da vida?”, murmura a sombra cinzenta de um de meus antepassados à de outro. “Escreve livros de ficção! Mas que modo de ganhar a vida — que maneira de glorificar a Deus e servir à humanidade de sua época e de sua geração — vem a ser esse? Ora, se esse degenerado tivesse sido rabequista, dava no mesmo!” São esses os

elogios que trocamos, meus ancestrais e eu, através dos tempos! Ainda assim, por mais que me desprezem, há fortes traços de sua natureza entranhados em mim.

Profundamente enraizada, já na primeira infância e na meninice da cidade, por obra daqueles dois sóbrios e enérgicos homens, a família desde então permaneceu aqui, e sempre cercada de respeitabilidade; nunca, até onde sei, desmoralizada por um único membro indigno; mas raramente ou nunca, por outro lado, passadas aquelas duas primeiras gerações, responsável por alguma obra memorável ou ao menos fazendo-se notar publicamente. Aos poucos, seus membros quase desapareceram de vista; feito aquelas velhas casas que se veem aqui e ali nas ruas, cobertas até as cornijas pelo acúmulo de solo novo. De pai para filho, por mais de cem anos, lançaram-se ao mar; um comandante grisalho, a cada geração, deixava o leme pelo conforto do lar, enquanto um menino de catorze anos assumia o lugar de herança junto aos mastros, a enfrentar a espuma das ondas e a tempestade que seu pai e seu avô haviam enfrentado. E também esse rapaz, no devido tempo, passaria do castelo de proa à cabine de comando, seguiria vivendo uma agitada mocidade e depois a vida adulta, e retornaria de suas andanças pelo mundo para envelhecer, morrer e misturar seu pó ao pó da terra natal. Essa longa ligação de uma família com o lugar de seu nascimento e sepultamento cria um parentesco entre o ser humano e a localidade que independe, em grande medida, de algum atrativo do cenário ou das circunstâncias morais que cercam o homem. Não se trata de amor, mas de instinto. O novo habitante — ele próprio, seu pai ou seu avô, oriundo de uma terra estrangeira — não tem tanto direito de ser chamado cidadão de Salém; não tem como conceber com que tenacidade, digna de uma ostra, o primeiro colonizador, e já entramos no terceiro século desde então, apegou-se ao lugar onde sucessivas gerações de sua família acabaram incrustadas. Não importa que a cidade não lhe pareça alegre; que esteja cansado de suas velhas casas de madeira, da lama e da poeira, da pobreza da vista e dos sentimentos, do arrepio do vento leste e de uma atmosfera social das mais arrepiantes; tudo isso, e todos os outros defeitos que ele enxergar ou imaginar, de pouco vale. O feitiço resiste, e tão poderoso como se a terra natal fosse o paraíso terreno. Tem sido assim comigo. Sinto que

fazer de Salém meu lar é quase como um destino; de modo que a máscara das feições e o molde do caráter desde sempre tão familiares por aqui — quando um representante da raça baixa à sepultura, outro assume, por assim dizer, seu passo de sentinela ao longo da rua principal — pudessem continuar, neste meu tempo menor, ainda reconhecíveis na velha cidade. Entretanto, esse mesmo sentimento é evidência de que tal ligação, tendo se tornado doentia, deveria ser cortada. A natureza humana deixa de florescer, e nisso compara-se a uma batata, nada mais, quando plantada e replantada, numa série longa demais de gerações, no mesmo solo exaurido. Meus filhos nasceram em outros lugares e, no que estiver ao meu alcance, fincarão raízes em terra estranha.

Ao deixar Old Manse, foi basicamente esse estranho, indolente e melancólico apego à minha cidade natal que me levou a assumir um posto naquele edifício de tijolos do Tio Sam, quando bem poderia ter ido para outro lugar e até faria melhor assim. Foi meu destino que agiu. Não era a primeira nem a segunda vez que eu partia — de forma definitiva, aparentemente — e, no entanto, acabava voltando, como uma praga; ou como se Salém fosse, para mim, o inevitável centro do universo. Assim, numa bela manhã, subi os degraus de granito daquele lance de escadas, com a nomeação assinada pelo presidente[10] no bolso, e fui apresentado aos cavalheiros que me auxiliariam na pesada responsabilidade que assumia como inspetor-chefe da alfândega.

Duvido muito — ou melhor, não duvido nada — que algum servidor público dos Estados Unidos, seja civil ou militar, alguma vez possa ter contado com um grupo de veteranos patriarcas comparável ao que tive sob minhas ordens. Quando olhei para eles, identifiquei imediatamente onde estava o veterano-mor. Naquela época, já havia mais de vinte anos que a posição independente do coletor mantinha a alfândega de Salém fora do remoinho das vicissitudes políticas que geralmente tornam tão frágil a posição de quem ocupa um cargo. Um soldado — o mais distinto da Nova Inglaterra — ocupava firme o pedestal merecido por seus nobres serviços; e, ele próprio assentado na sábia liberalidade das sucessivas administrações em que se mantivera no posto, garantira a mesma segurança aos subordinados nas muitas horas de perigo e medo. O general Miller[11] era radicalmente

conservador; um homem sobre cuja amável natureza o hábito não exercia a menor influência; fortemente apegado aos rostos que lhe eram familiares, seria difícil convencê-lo a mudar, mesmo que a mudança pudesse indiscutivelmente ter vindo para melhor. De modo que, ao assumir meu departamento, encontrei poucos homens que não fossem já idosos. Eram ex-comandantes, na maior parte, que, depois de se lançarem a todos os mares e tendo enfrentado com determinação as tempestades da vida, haviam finalmente sido levados à deriva até aquele canto; ali, com pouco a perturbá-los exceto os terrores periódicos da eleição presidencial, ganhavam todos uma nova possibilidade de vida. Embora nem um pouco menos suscetíveis que seus iguais à idade e à doença, evidentemente guardavam um talismã ou outro para manter a morte à distância. Dois ou três deles, conforme me foi assegurado, sofrendo de gota ou reumatismo, talvez presos a uma cama, nem em sonho apareciam na alfândega durante a maior parte do ano; mas após o torpor do inverno saíam da toca para o sol quente de maio ou junho, pondo-se preguiçosamente a realizar o que chamavam de sua obrigação e a seu bel-prazer e conveniência voltavam para suas camas. Devo confessar que fui o culpado por ter dado termo à carreira oficial de mais de um desses venerandos servidores da república. Na minha administração, permiti que descansassem de suas árduas tarefas e logo depois — como se seu único princípio de vida fosse o de zelar por servir ao país; aliás, acredito mesmo que fosse — se retirassem para um mundo melhor. Serve-me de piedoso consolo que, por ação minha, tenham surgido oportunidades suficientes para que se arrependessem do mal e das práticas corruptas aos quais, diga-se, todo funcionário da alfândega acaba cedendo. Nem a porta da frente nem a dos fundos daquele prédio se abrem para conduzir ao Paraíso.

A maioria de meus funcionários eram whigs.[12] Tanto melhor para o venerável grupo que o novo inspetor não fosse um político e, embora fiel democrata por princípio, não tivesse recebido de favor o cargo nem dependesse disso para mantê-lo. Tivesse se dado o oposto — tivesse um político sido designado para aquele influente posto, com o propósito fácil de fazer oposição ao coletor de filiação whig cujas enfermidades o impediam de administrar pessoalmente a repartição

—, dificilmente um daqueles homens teria sobrevivido sequer um mês a partir do dia em que o anjo exterminador galgasse os degraus de entrada da alfândega. Segundo o código de conduta consagrado nessas questões, um político não faria mais do que a obrigação ao mandar à guilhotina cada uma daquelas cabeças grisalhas. Estava bastante claro que aqueles velhos temiam sofrer descortesia desse tipo nas minhas mãos. Foi doloroso e ao mesmo tempo divertido ver o terror antecipado que minha nomeação causou; ver uma pele curtida, maltratada pelas intempéries em meio século de tormentas, assumir uma palidez de cinzas diante de um indivíduo inofensivo como eu; identificar, quando um ou outro deles se dirigia a mim, o tremor numa voz que, em dias de um passado distante, acostumara-se a berrar, megafone em punho, com suficiente aspereza para amedrontar e fazer calar o próprio bóreas.[13] Eles sabiam, aqueles excelentes velhos senhores, que, conforme todas as regras estabelecidas — e, no que concernia a alguns deles, isso era reforçado por sua própria incapacidade para aquele trabalho —, tinham de ser substituídos por homens mais jovens, mais ortodoxos em política e em tudo mais aptos a servir nosso Tio em comum. Eu também sabia disso, mas meu coração jamais me permitiu agir guiado por essa constatação. Em grande medida, merecidamente, para minha própria desmoralização, e ainda em considerável detrimento de minha consciência como servidor público, os velhos continuaram, durante meu mandato, a perambular pelos ancoradouros e, rastejantes, subir e descer a escadaria frontal da alfândega. Passavam um bom tempo, também, dormindo nos cantos que costumeiramente ocupavam, suas cadeiras recostadas à parede; mas acordavam uma ou duas vezes durante a manhã, a fim de aborrecerem uns aos outros com a milésima repetição de velhas anedotas do mar e de piadas batidas, que haviam se tornado senhas e contrassenhas entre eles.

Não demoraram muito a descobrir, imagino, que o novo inspetor não oferecia grande perigo. De modo que, com os corações leves e a alegre consciência de que eram úteis — em causa própria, ao menos, se o mesmo não se poderia dizer em relação a seu amado país —, aqueles bons senhores cumpriam as várias formalidades da repartição. Espertos, com óculos na ponta do nariz, davam uma espiada nos

compartimentos de carga dos barcos! Formidável como eram capazes de criar caso por questões pequenas e, às vezes, por insensibilidade, deixar escapar entre os dedos as maiores! Sempre que uma infelicidade dessas ocorria — quando um carregamento inteiro de mercadorias valiosas e contrabandeadas era despejado no porto, talvez em plena luz do dia e bem debaixo de seus narizes inocentes —, parecia não haver vigilância e medidas suficientes que eles, lacrando e reforçando o lacre, certificando-se do uso abundante de fita e cera de lacrar, pudessem providenciar para evitar a fuga do navio delinquente. Em vez de se repreenderem pela negligência anterior, o caso, em vez disso, redundava em cumprimentos pelas louváveis precauções depois de o delito ter sido consumado; o grato reconhecimento pela prontidão e pelo zelo quando a situação não tinha mais remédio!

A menos que as pessoas se mostrem desagradáveis além do razoável, tenho o hábito estúpido de desenvolver certa afeição por elas. O que normalmente salta primeiro a meus olhos e forma a imagem pela qual passo a reconhecer quem comigo convive é a melhor parte de seu caráter, quando nele existe uma melhor parte. Como a maioria daqueles velhos funcionários da alfândega era de boa índole e como minha posição em relação a eles, paternal e protetora, favorecesse sentimentos amistosos, logo passei a gostar de todos. Era um deleite, nas manhãs de verão — em que o calor fervente que quase derretia o restante da humanidade não fazia mais do que aquecer agradavelmente seus corpos meio dormentes —, escutá-los a bater papo na entrada dos fundos, uma fileira de homens recostados à parede, como de costume; as tiradas ultrapassadas de outras gerações eram ressuscitadas e surgiam borbulhantes em suas bocas, acompanhadas de riso. Na aparência, a alegria dos velhos tem muito em comum com o contentamento das crianças; isso se dá menos em função do intelecto do que por um aguçado senso de humor; nos dois casos, trata-se de um brilho que assoma, brincalhão, à superfície e confere um aspecto luminoso e animado tanto ao galho ainda verde quanto ao tronco já cinzento e embolorado. Quanto ao primeiro, no entanto, é a verdadeira luz do sol que o ilumina; no segundo, parece mais a fosforescência da madeira que apodrece.

Seria uma triste injustiça, o leitor há de compreender, descrever todos esses antigos e excelentes amigos como gente senil. Em primeiro lugar, nem todos os meus assistentes tinham a mesma idade; havia entre eles homens no auge de seu vigor, dotados de notáveis talentos e energia e em tudo superiores à preguiçosa e dependente rotina a que estavam destinados por obra de uma conjunção desfavorável de seus astros. Além disso, os cachos grisalhos da idade revelavam-se às vezes o gramado crescido de um edifício intelectual em bom estado. Mas, quanto à maior parte do meu grupo de veteranos, não seria errado caracterizá-los, no geral, como uma coleção de espíritos enfadonhos, que nada haviam acumulado em sua variada experiência que fosse digno preservar. Pareciam ter atirado fora todos aqueles frutos de sabedoria prática que tantas oportunidades tiveram de colher, guardando com mais cuidado, e na casca, apenas memórias. Falavam com muito mais entusiasmo sobre o café daquela manhã ou sobre o jantar de ontem, de hoje ou do dia seguinte do que do naufrágio de quarenta ou cinquenta anos antes e de todas as maravilhas que tinham testemunhado mundo afora com olhos ainda jovens.

O patrono da alfândega — patriarca não apenas daquela pequena equipe de funcionários mas, arrisco dizer, do respeitável corpo de alfandegários espalhado por todo o país — era o inspetor permanente. Podia ser verdadeiramente denominado filho legítimo do sistema tributário, um alfandegário por natureza, ou melhor, o príncipe herdeiro da alfândega; pois seu pai, um coronel da Revolução, ex-coletor no porto, criou, num tempo muito antigo de que pouca gente viva se lembra, um posto de arrecadação para o qual nomeou o filho. Esse inspetor, quando fui a ele apresentado, era um homem de seus oitenta anos, mais ou menos, e certamente um dos mais formidáveis espécimes em termos de energia vital que se poderia encontrar em uma vida inteira. Com sua face corada, vulto compacto, elegantemente trajado com um casaco azul de botões reluzentes, andar decidido e vigoroso e aspecto robusto e cordial, com tudo isso somado, ele parecia não exatamente um jovem, mas algum tipo de nova criação da natureza em forma de homem, intocável à idade e à doença. A voz e o riso, perpetuamente a ecoarem no prédio da alfândega, em nada se assemelhavam ao trêmulo garganteio e cacarejar de um velho quando

fala; saíam com imponência de seus pulmões, como o grito de um galo ou o trombetear de um clarim. Apreciando-o meramente como a um animal — e não havia muito mais a se observar ali —, surgia como a mais satisfatória das formas, pela saúde e fortaleza irretocáveis de seu corpo e pela capacidade, naquela idade avançada, de deleitar-se com tudo, ou quase tudo, que algum dia almejara ou concebera. Sua estabilidade despreocupada na alfândega, gozando de rendimentos regulares, com poucas e raras angústias quanto a uma remoção, certamente havia contribuído à leveza com que o tempo passava para ele. As razões mais fortes e originais para isso, no entanto, eram a admirável perfeição de sua natureza animal, o intelecto de proporções modestas e a pitada insignificante, nessa mistura, dos ingredientes da moral e do espírito; estas últimas qualidades, na verdade, o velho cavalheiro as tinha apenas em quantidade suficiente para evitar que caísse logo de quatro. Não possuía nenhum vigor mental, nenhuma profundidade de sentimentos, nenhuma perturbação das sensibilidades; nada, em suma, além de uns poucos instintos de senso comum que, auxiliados pelo temperamento alegre que inevitavelmente resultava de seu bem-estar físico, respeitavelmente e para aceitação geral, faziam-lhe as vezes de um coração. Tinha sido casado três vezes, todas as três esposas àquela altura já falecidas havia muito tempo; fora pai de vinte filhos, os quais, em sua maioria e nas mais variadas idades, crianças ou adultos, já haviam também retornado ao pó. Somente aí, alguém talvez pensasse, o sofrimento seria suficiente para manchar a mais ensolarada disposição de espírito, de cabo a rabo, com um matiz sombrio. Não para o nosso velho inspetor! Um breve suspiro lhe bastava para espantar o peso de todas essas funestas reminiscências. No momento seguinte, estava pronto para outra, feito um menino recém-saído das calças curtas; muito mais disposto do que o novato da coletoria, que, aos dezenove anos, parecia o mais velho e austero dos dois.

Costumava observar e estudar esse patriarca, penso, com curiosidade mais viva do que em relação a qualquer outra variação humana ali exposta à minha apreciação. O homem era de fato um fenômeno raro; tão perfeito, de certo ponto de vista; tão superficial, tão ilusório, tão impalpável, tão nulo, sob todos os outros. Minha conclusão era de

que não tinha alma, coração, mente; nada, como disse antes, além de instintos; e no entanto, ao mesmo tempo, de tão habilmente combinados os poucos ingredientes de seu caráter, não havia como se apiedar dele por alguma deficiência, e sim, de minha parte, apenas uma completa alegria com o que encontrava naquela figura. Talvez fosse difícil — e de fato era — imaginar que forma assumiria além da vida, de tal modo parecia um ser concreto e terreno; mas decerto sua existência aqui, admitindo-se que cessasse com o último suspiro, não teria sido das piores; sem maior responsabilidade moral do que a das bestas no pasto, porém tendo ao seu alcance um escopo mais abrangente de prazeres, contava ainda com a abençoada imunidade dos animais frente às agruras e às sombras da velhice.

Um aspecto em que levava ampla vantagem sobre seus companheiros de quatro patas era o talento para recordar os bons jantares que formavam uma parte nada desprezível de sua felicidade na vida. Seu gosto por comer bem dava um toque altamente apreciável a sua personalidade; e ouvi-lo falar sobre um bom assado tinha o efeito de um aperitivo, como picles ou ostras. Por não possuir nenhum atributo mais elevado e nem sacrificar ou malbaratar seu legado espiritual em qualquer nível, dedicando todas as suas energias e talentos a providenciar deleite e satisfação para seu bucho, sempre me agradava e comprazia escutá-lo dissertar sobre peixes, aves e sobre os métodos mais adequados de preparação para levá-los à mesa. Suas histórias sobre boa comida, não importava a antiguidade do banquete em questão, pareciam trazer o aroma do porco ou do peru direto às narinas de quem o ouvia falar. Guardava, em seu paladar, sabores de não menos de sessenta ou setenta anos antes, e aparentemente com o mesmo frescor da peça de carneiro que tinha devorado no café da manhã. Eu o escutava estalar os beiços contando sobre jantares cujos convidados, todos exceto ele próprio, havia muito tempo tinham virado banquete de vermes. Era formidável observar como os fantasmas de jantares do passado continuamente surgiam diante dele; não vinham furiosos ou vingativos, mas como que agradecidos porque ele os apreciara um dia, e em busca de multiplicar uma série infindável de prazeres, ao mesmo tempo lúgubres e sensuais. Um contrafilé, uma vitela, um acém, um frango em particular ou um peru especialmente

meritório, os quais tivessem adornado seu prato talvez nos tempos do velho Adams,[14] seriam lembrados; ao passo que toda a experiência subsequente da raça humana e todos os acontecimentos seguintes a abrilhantar ou denegrir sua trajetória individual tinham passado por ele com a permanência de uma simples brisa. O evento mais trágico na vida do velho, pelo que eu podia depreender, havia sido o entrevero com um ganso, o qual vivera e morrera uns vinte ou quarenta anos antes; um ganso de aparência promissora, mas que à mesa mostrou-se tão duro que a faca de corte mal conseguia marcar sua carcaça; e que só um machado e um serrote foram capazes de destrinchar.

Mas já é hora de interrompermos esse retrato; adoraria, no entanto, seguir com ele por mais umas boas páginas, pois, de todos os homens que conheci na vida, esse indivíduo era o mais talhado para ser funcionário da alfândega. A maior parte das pessoas, devido a causas que talvez não haja espaço aqui para explorar, sofreria moralmente com esse peculiar modo de vida. O velho inspetor era incapaz de tal coisa, e se continuasse no posto até o fim dos tempos seguiria sendo tão bom nisso quanto naquela época, sentando-se para jantar com o mesmo excelente apetite.

Há um retrato sem o qual minha galeria de tipos da alfândega ficaria incompleta; porém, dadas as comparativamente poucas oportunidades de observação que tive neste caso, posso apenas esboçar-lhe os contornos. Falo do coletor, nosso valoroso velho general, que depois de brilhar no serviço militar, após o qual governou o território do Oeste selvagem, havia vinte anos assumira seu posto, para ali passar os anos finais de sua rica e nobre vida. O bravo soldado já chegara, ou quase, aos setenta anos e seguia, no que restava de sua marcha neste mundo, levando o fardo de doenças que nem a música marcial das vivas lembranças em seu espírito era capaz de animar. Seu passo era agora claudicante se comparado ao que fora quando estava no comando. Apenas com o auxílio de um criado e apoiando a mão pesada sobre a balaustrada de ferro, conseguia, lenta e dolorosamente, subir os degraus à entrada da alfândega e, atravessando com dificuldade o saguão, tomar seu lugar costumeiro junto à lareira. Ali tinha o hábito de sentar-se, observando com um aspecto de serenidade algo sombria as figuras que iam e vinham; ali, em meio ao agito dos

papéis, à mediação das imprecações, à discussão dos negócios e ao bate-papo casual da repartição, todos esses sons e circunstâncias pareciam impregnar-lhe vagamente os sentidos, pouco penetrando em sua esfera mais íntima de contemplação. A expressão de seu rosto, nesse estado inerte, era suave e amável. Se sua opinião era solicitada, um desenho cortês e interessado iluminava-lhe os traços; o que vinha comprovar que dentro dele havia luz, e a passagem dos raios apenas era impedida porque lhe faltava, como meio de expressão, a luminária do intelecto. Quanto mais se chegasse à substância de sua mente, mais sólida ela parecia. Nos momentos em que não estava sendo chamado a falar ou ouvir, operações que lhe custavam evidente esforço, o rosto se recolhia, brevemente, à tranquila expressão anterior, nem por isso menos animada. Não era um olhar doloroso de se ver; pois, embora sombrio, não chegava a ser abobado, como costuma acontecer na velhice decadente. A moldura própria de sua natureza, originalmente sólida e imponente, ainda não se transformara em ruína.

Mas contemplar e definir o caráter desse personagem, sob aquelas condições adversas, era tarefa tão difícil quanto desenhar e reconstruir, na imaginação, uma velha fortaleza militar como a Ticonderoga[15] a partir da visão de seus escombros cinzentos. Aqui e ali, talvez, as paredes permaneçam quase inteiras; mas pode ser que reste apenas um amontoado disforme, instável sob o próprio peso, rodeado de mato e capim invasor pelos longos anos de paz e abandono.

No entanto, olhando para o velho soldado com afeto — pois, ainda que a comunicação entre nós fosse mínima, meu sentimento em relação a ele, assim como o de todo bípede e quadrúpede que o conhecesse, podia sem exagero ser chamado de afetuoso —, posso identificar os principais traços de sua personalidade. Era marcada por nobres e heroicas qualidades que indicavam não ser mero acidente, mas pleno direito, que tenha conquistado nome tão distinto. Seu espírito jamais poderia, na minha opinião, ser caracterizado por alguma vacilação no que fazia; em toda a sua vida precisou de um impulso para se pôr em movimento; mas, uma vez animado, com obstáculos a vencer e um objetivo a ser alcançado, não era de seu feitio desistir ou fracassar. O ardor que em outros tempos impregnara

sua natureza e que ainda não estava de todo extinto nunca foi do tipo que acende e apaga numa chama, e sim como a vermelhidão do ferro numa fornalha. Autoridade, solidez, firmeza — era isso que seu estado de repouso expressava, mesmo com o declínio que, no tempo do qual falo, tão precocemente o acometia. Mas era possível imaginar, mesmo então, que, sob o efeito de algum entusiasmo que devia estar entranhado em sua consciência — despertado pelo soar de uma trombeta, alto o bastante para acordar as energias que nele não estavam mortas, apenas dormentes —, o velho ainda seria capaz de se livrar das doenças como quem despe uma camisola de hospital, abandonando a bengala para tomar de uma espada e novamente se transformar num guerreiro. E, nesse momento tão intenso, sua postura continuaria a ser de tranquilidade. Tal demonstração, no entanto, só podia ser imaginada, nunca esperada ou desejada. O que eu via nele — e era tão evidente quanto nos indestrutíveis baluartes da velha Ticonderoga, a fortaleza que antes mencionamos como a comparação mais apropriada neste caso — eram os traços de uma teimosa e laboriosa persistência, que muito possivelmente fora obstinação em sua juventude; traços de integridade, os quais, como muitos outros de seus dotes, repousavam numa massa densa e tão pouco maleável e manejável quanto uma tonelada de minério de ferro; e traços de benevolência que, levados no mesmo pulso forte com que ele comandara as baionetas em Chippewa ou no forte Eire,[16] considero que nada ficavam a dever ao que impulsiona qualquer um, senão todos, desses polêmicos filantropos do nosso tempo. O velho tinha assassinado homens com as próprias mãos, pelo que eu soube — certamente vítimas da energia triunfante daquele espírito haviam tombado à sua arremetida como tufos de grama ao deslizar da foice —; seja como for, porém, seu coração jamais abrigou crueldade suficiente nem mesmo para ferir a asa de uma borboleta. Nunca conheci outro homem sobre cuja bondade inata pudesse testemunhar com mais segurança.

Muitas características — incluindo aquelas que, necessariamente, muito contribuiriam para conferir verossimilhança ao retrato — deviam já ter desaparecido ou sido ofuscadas quando fui apresentado ao general. Os atributos mais graciosos são os que normalmente têm

existência mais efêmera; a natureza não costuma adornar com novas florações de beleza a ruína humana, que tem suas raízes e obtém os devidos nutrientes somente nas fendas e rachaduras da decadência, a qual tem semeado suas trepadeiras em flor nos muros arruinados da fortaleza de Ticonderoga. Ainda assim, mesmo no que concernia a graça e beleza, havia nele alguns aspectos bastante dignos de nota. De vez em quando, um raio de humor conseguia atravessar o véu de sua máscara sombria e reluzir, prazenteiro, em nossos rostos. Um traço de elegância nata, raramente visível num personagem masculino depois da infância ou da primeira juventude, revelava-se na predileção do general por flores, ao vê-las ou sentir sua fragrância. Talvez se suponha que a um velho soldado apenas interessem os louros sangrentos a enfeitar-lhe a fronte; mas ali estava um que parecia ter a mesma admiração de uma menininha por flores.

E ali, ao lado da lareira, o idoso e destemido general costumava sentar-se; ao passo que o inspetor — embora raras vezes fosse visto na difícil tarefa de entabular conversa com ele, evitando isso sempre que possível — gostava de parar à distância e observar sua expressão tranquila, quase entorpecida. Parecia alheio a nós, ainda que o enxergássemos ali, a alguns metros; distante, mesmo que passássemos bem perto de sua cadeira; inalcançável, embora pudéssemos, estendendo nossas mãos, tocar as suas. Talvez ele vivesse uma vida mais real nos pensamentos do que no ambiente inadequado da repartição. As evoluções da marcha; o tumulto da batalha; o esplendor de uma antiga e heroica música ouvida trinta anos antes — essas cenas e esses sons estavam, quem sabe, vivos em seu intelecto. Enquanto isso, mercadores e comandantes de navios, asseados empregados e rústicos marinheiros entravam e saíam; o agito da rotina do comércio e da alfândega criava, em torno dele, um burburinho; e o general parecia manter, com aqueles homens e seus negócios, a mais distante das relações. Estava tão fora de lugar quanto estaria uma velha espada — agora enferrujada, mas que um dia reluzira numa frente de batalha, e ainda hoje exibia certo brilho na lâmina — no meio daqueles tinteiros, pastas de papéis e réguas de madeira que ocupavam a escrivaninha do vice-coletor.

Um detalhe me ajudou muito a reavivar e recriar o bravo soldado dos confins do Niágara — o homem de aura simples e verdadeira. Foi a lembrança daquelas suas memoráveis palavras — "Vou tentar, senhor!" —, ditas no exato limiar de uma desesperada e heroica empreitada, a expressar toda a alma de perseverança da Nova Inglaterra, sabedora de todos os perigos e disposta a enfrentá-los. Se em nosso país a coragem fosse recompensada com algum brasão de nobreza, essa frase — que parece tão fácil de dizer, mas que apenas ele, confrontado com tal missão de risco e glória, alguma vez pronunciou — seria o melhor e mais adequado mote para o escudo e as armas do general.

Contribui grandemente para a saúde moral e intelectual de um homem ser levado ao hábito da convivência com indivíduos diferentes de si, aos quais pouco importam seus interesses e cujos mundos e talentos terá de aprender a apreciar também. O percurso acidentado da minha vida me proporcionou amiúde esse privilégio, mas nunca de forma tão completa e diversificada quanto no período da repartição. A observação de um colega em especial deu-me uma nova ideia sobre o que é o talento. Seus dons eram claramente os de um homem de negócios; ágil, decidido, direto; capaz de ver a saída para todos os problemas, dotado da habilidade de fazê-los desaparecer com um passe de mágica. Criado desde a meninice na alfândega, ali era seu território; e os muitos meandros da atividade alfandegária, aflitivos para o desavisado, para ele tinham a regularidade de um sistema perfeitamente assimilado. No meu modo de ver, figurava como o espécime ideal de sua classe. Ele era, de fato, a alfândega incorporada; ou, em todo caso, a força motriz que mantinha em movimento suas engrenagens de rotações variáveis; pois numa instituição como essa, em que aos funcionários cumpre trabalhar em proveito próprio e como lhes aprouver, raramente dispondo de alguma referência maior para orientar sua adequação ao trabalho a ser executado, resta-lhes forçosamente buscar em outro lugar a habilidade que eles mesmos não têm. Assim, por inevitável necessidade, como um ímã que atrai as limalhas de aço, também nosso homem de negócios puxava para si as dificuldades com que todos se deparavam. Com tranquila condescendência e gentil paciência diante de nossa estupidez — que,

na sua cabeça, devia parecer pouco menos do que criminosa —, ele prontamente, com um simples toque, tornava aquilo que nos era incompreensível claro como a luz do dia. Os mercadores o admiravam tanto quanto nós, seus amigos esotéricos. Um sujeito perfeitamente íntegro; essa característica era nele, mais do que uma escolha ou um princípio, lei da natureza; o principal traço de um intelecto tão notavelmente direto e preciso como o dele só poderia ser a honestidade e o método na administração dos negócios. Se, por qualquer coisa que dissesse respeito à sua vocação, chegasse a ficar com um peso na consciência, isso o perturbaria quase da mesma maneira, mas com muito mais intensidade, que um erro nas contas de um balancete ou uma mancha de tinta na página limpa de um livro de registros. Nele, em suma — e trata-se de exemplo raro na vida —, eu havia encontrado uma pessoa completamente adaptada à posição que ocupava.

Essas são algumas das pessoas que me marcam até hoje. Atribuo em grande medida à intervenção da Providência ter sido colocado numa situação que tão pouco tinha a ver com meus hábitos naquele tempo; e por ter me dedicado tão seriamente a tirar-lhe o máximo proveito. Depois de contribuir com trabalho duro no esquema impraticável de meus colegas sonhadores de Brook Farm;[17] depois de viver por três anos sob a sutil influência de um intelecto como o de Emerson;[18] depois daqueles dias de liberdade e rebeldia em Assabeth,[19] com Ellery Channing,[20] entregues a fantásticas especulações em roda de nossa fogueira de galhos catados no chão; depois de minhas conversas com Thoreau[21] sobre pinheiros e relíquias indígenas, no retiro de Walden; depois de tornar-me rabugento por afinidade com o clássico refinamento cultural de Hillard;[22] depois de acabar imbuído de sentimento poético junto à lareira de pedra de Longfellow[23] — era hora, finalmente, de exercitar outras faculdades da minha natureza e nutrir-me de um tipo de alimento que até então não me havia despertado o apetite. Até mesmo o velho inspetor era bem-vindo, tratando-se de variar a dieta de um homem que já estivera com Alcott.[24] Em alguma medida, tomei como prova de que tudo isso formava um sistema naturalmente bem equilibrado e no qual nenhuma parte essencial faltava para sua perfeita organização o fato

de que, com tais companhias de quem me lembrar, fosse capaz de entrar para um grupo de homens em tudo tão diferentes, sem jamais lamentar essa mudança de ares.

A literatura, suas ambições e sua labuta, não era prioridade para mim naquele momento. Abandonei os livros durante aquele período; afastei-me deles. A natureza — exceto o que fosse natureza humana — que se desvela no céu e na terra estava escondida de mim, em certo sentido; e todo o deleite imaginativo com que a acolhera em meu espírito agora passava longe da minha mente. Um dom, uma aptidão, se não havia me abandonado, estava em suspenso e inerte dentro de mim. Haveria nisso tudo algo de triste e indizivelmente melancólico não tivesse eu a consciência de que era uma escolha só minha recordar, do passado, aquilo que valesse a pena. Talvez fosse verdade, de fato, que não se vive uma vida longa impunemente; o preço é, quem sabe, tornar-me permanentemente outro que não aquele que fui, sem que isso me permita assumir alguma forma vantajosa. Mas nunca considerei esta vida outra coisa que transitória. Sempre houve um instinto de profecia, um sussurro baixinho ao meu ouvido, a dizer que, em breve, quando uma nova troca de figurino fosse essencial e para o meu bem, a mudança viria.

Nesse meio-tempo, lá estava eu, um inspetor da alfândega, e até onde alcança meu entendimento com tudo o que se precisa para ser um bom inspetor. Qualquer homem de reflexão, imaginação e sensibilidade (se tivesse tais virtudes em proporção dez vezes maior do que as tinha o inspetor) talvez fosse, em qualquer tempo e caso estivesse disposto a tal empenho, um homem de negócios. Meus colegas de repartição, além dos mercadores e comandantes de navios com os quais meu dever de ofício mantinha-me, de alguma forma, em contato, assim me enxergavam e, provavelmente, não poderiam me conceber como outro personagem. Nenhum deles, suponho, tinha lido uma página sequer dos meus escritos, ou haveria de atribuir-me um pingo a mais de importância se as tivesse lido todas; tampouco seria suficiente para mudar esse estado de coisas que algumas dessas mesmas páginas com as quais nada lucrei tivessem saído da pena de um Burns ou de um Chaucer, ambos alfandegários em suas épocas, assim como eu. É uma boa — embora muitas vezes dura — lição, para

um homem que sonhou com a fama literária e com obter para si, por tais meios, uma posição entre os dignitários do mundo, sair do estreito círculo no qual tem crédito e reconhecimento e descobrir o quanto tudo aquilo que realizou e a que almeja é tão completamente destituído de significado para além daquele círculo. Não sei se, no meu caso, essa lição era especialmente necessária, fosse como advertência ou reprimenda; mas, de qualquer forma, eu a aprendi minuciosamente; tampouco, e esta é uma reflexão que me agrada, tais verdades, reavivadas à minha percepção, em algum momento pareceram um golpe, ou precisaram ser ditas num murmúrio. Quanto a conversas literárias, é verdade que o oficial da Marinha — um sujeito excelente, que entrou para a repartição junto comigo e logo saiu — instava-me amiúde a discutir um ou outro de seus tópicos favoritos, Napoleão ou Shakespeare. Também o assistente do coletor — um jovem cavalheiro que, comentava-se à boca pequena, ocasionalmente preenchia uma das folhas de papel timbrado de Tio Sam com o que (à distância de alguns metros) parecia muito ser poesia — costumava falar-me de livros, considerando que esse talvez fosse um assunto com o qual eu teria familiaridade. E a isso se resumiam minhas relações letradas; de bom tamanho para as minhas necessidades.

Sem mais me importar ou buscar que meu nome adornasse o alto das folhas de rosto, sorria ao pensar que esse mesmo nome agora encontrava outro tipo de popularidade. Na alfândega marcava-se com selo e tinta preta sobre os sacos e cestos de pimenta e urucum, e sobre as caixas de charutos, e sobre os fardos contendo todo tipo de mercadorias, indicando que haviam sido fiscalizadas pela repartição e os devidos impostos quitados. Sustentado por esse singular veículo de fama, o reconhecimento de minha existência, até onde um nome pode atestá-lo, chegou mais longe do que nunca antes e, espero, do que voltará a chegar.

Mas o passado não estava morto. Muito de vez em quando, aqueles pensamentos, que um dia tinham parecido tão vitais e ativos, agora estavam em completo repouso, reviviam. Uma das mais notáveis ocasiões em que isso ocorreu, despertando em mim, novamente, o

hábito de dias passados, foi a que me levou, segundo certo código de correção literária, a oferecer ao público este esboço que aqui escrevo.

No segundo andar da alfândega, há uma sala ampla em que os tijolos da construção e as vigas expostas não chegaram a ser cobertos com argamassa e reboco. Os ocupantes do edifício — cujo projeto original levava em conta a antiga efervescência comercial do porto e considerava uma prosperidade futura fadada a jamais se realizar — não sabem o que fazer com tanto espaço. Essa arejada sala no último andar, em cima portanto dos aposentos do coletor, permanece até hoje inacabada, e, apesar das velhas teias de aranha decorando as vigas, parece ainda estar à espera do carpinteiro e do pedreiro. Numa das extremidades da sala, a um canto, ficavam alguns barris, empilhados uns sobre os outros, que continham maços de documentos oficiais. Grandes quantidades de entulho desse tipo atravancavam o chão. Era penoso pensar quantos dias, semanas, meses e anos de trabalho árduo tinham terminado em desperdício naqueles papéis mofados, que agora eram apenas um estorvo neste mundo, entocados naquele canto esquecido para nunca mais serem vistos por olhos humanos. Mas, então, quantas resmas mais de outras folhas manuscritas — preenchidas não com tediosas formalidades oficiais, mas com a reflexão de cérebros inventivos e a rica efusão de corações sagazes — não teriam caído igualmente no esquecimento; e, além do mais, sem que pudessem servir a um propósito quando foram escritas, como serviram as demais folhas ali empilhadas, e — o que é mais triste nisso tudo — sem que seus autores chegassem a conquistar, por obra desses escritos, a vida confortável que os funcionários da alfândega conquistaram com garranchos sem valor! Se bem que talvez não completamente sem serventia como documentos da história local. Ali, sem dúvida, poderiam ser obtidas estatísticas sobre o antigo comércio de Salém, além de crônicas sobre seus mercadores coroados — o velho King Derby, o velho Billy Gray,[25] o velho Simon Forrester[26] — e muitos outros magnatas de seu tempo; homens cuja montanha de riquezas começava a ser posta abaixo mal suas cabeças empoadas se acomodavam ao túmulo. As trajetórias dos fundadores da maior parte das famílias que hoje compõem a aristocracia de Salém podiam ser recuperadas naquela sala, desde os primórdios, numa

época muito posterior à Revolução, quando ainda eram comerciantes menores e obscuros, até aquilo que seus descendentes consideram como sua bem estabelecida posição social.

São poucos os registros de antes da Revolução; os documentos e arquivos mais antigos da alfândega foram, provavelmente, levados dali para Halifax, quando todos os oficiais do rei fugiram de Boston com o Exército britânico. Sempre lamentei esse fato; pois, voltando no tempo, quem sabe à época do Protetorado, aqueles papéis deviam conter muitas referências a homens lembrados e esquecidos e a costumes passados, e teriam proporcionado o mesmo prazer que sentia catando pontas de flechas dos índios no campo próximo a Old Manse.

Em certo dia monótono e chuvoso, porém, tive a sorte de fazer uma descoberta interessante. Fuçando e remexendo o lixo empilhado no canto da sala; abrindo um ou outro documento e lendo os nomes de navios há muito naufragados ou abandonados para apodrecer nos ancoradouros, e também os de mercadores, nomes estes hoje desconhecidos nos ramos da importação e exportação, e tampouco muito legíveis em suas lápides cobertas de musgo; examinando esses materiais com a curiosidade melancólica, fatigada, meio relutante que se aplicaria a um corpo morto — e botando minha imaginação, atrofiada pelo pouco uso, para funcionar e tentar criar, a partir daquela ossada ressequida, uma imagem da velha cidade no tempo em que exibia mais brilho, quando a Índia era uma região recém-descoberta e somente Salém sabia o caminho para lá —, calhou de cair em minhas mãos um pacote pequeno, cuidadosamente envolto numa peça de pergaminho antigo e amarelado. O embrulho tinha cara de ser algum arquivo oficial do passado distante, quando os funcionários deixavam sua caligrafia firme e formal gravada em material mais sólido do que atualmente. Algo ali despertou em mim, rapidamente, uma curiosidade instintiva, levando-me a retirar a fita vermelha desbotada que atava o pacote com a sensação de que um tesouro estava prestes a vir à luz. Ao desfazer as dobras rígidas do invólucro de pergaminho, descobri que se tratava de uma nomeação, selada e assinada pelo governador Shirley,[27] em favor de certo Jonathan Pue,[28] para o cargo de inspetor da alfândega de sua majestade no porto de

Salém, província da baía de Massachusetts. Lembrei de ter lido (provavelmente nos anais de Felt)[29] uma nota sobre a morte do sr. inspetor Pue, ocorrida uns oitenta anos antes; e ainda, num artigo recente de jornal, o relato da exumação de seus restos mortais no pequeno cemitério da igreja de São Pedro, por ocasião de uma reforma naquele edifício. Nada, se bem me recordava, havia sobrado daquele meu antecessor, exceto um esqueleto imperfeito, fragmentos de roupa e uma peruca de majestosos cabelos encaracolados; esta, ao contrário da cabeça a que um dia servira como adorno, estava muito bem preservada. Mas, examinando os documentos aos quais aquele embrulho de pergaminho servia de envelope, encontrei outras pistas sobre a região mental do sr. Pue e o funcionamento interno daquela cabeça, para além do que a peruca crespa revelava a respeito do crânio propriamente dito.

Eram documentos não oficiais, de resto, de natureza privada ou, ao menos, alheios à sua condição de inspetor, e redigidos, aparentemente, de próprio punho. A única razão, deduzi, para que estivessem misturados à pilha de entulho da alfândega era o fato de que a morte do sr. Pue ocorrera subitamente; supus, ainda, que aqueles documentos, os quais ele provavelmente mantinha em sua mesa de trabalho, nunca chegaram ao conhecimento dos herdeiros ou ali estavam para que se pensasse que eram parte da papelada do fisco. Na transferência dos arquivos para Halifax, aquele pacote, vendo-se que não tinha interesse público, fora descartado e permanecera lacrado desde então.

O ex-inspetor — uma vez que, suponho, naquela época antiga não havia muito com o que se ocupar na repartição — parece ter dedicado muitas de suas horas de folga a explorar antiquário e outras incursões do gênero. Isso fornecia material para alguma atividade a uma mente que, de outro modo, seria corroída pela ferrugem. Uma parte do relato, aliás, foi de grande ajuda na preparação do artigo intitulado “Rua principal”, incluído no presente volume.* O restante poderá, quem sabe, servir a propósitos igualmente importantes, de agora em diante; ou, também é possível, contribuir para uma história de Salém, no que for de seu escopo e se minha veneração pela terra natal me impelir a tarefa tão devotada. Enquanto isso, os documentos ficarão à

disposição de qualquer cavalheiro com talento e competência para levar adiante, antes de mim, esse trabalho abnegado. Como último recurso, contemplo a possibilidade de doar o material à Sociedade Histórica de Essex.[30]

O que mais chamou minha atenção no misterioso embrulho foi certo objeto de tecido vermelho delicado, muito gasto e esmaecido. Havia nele traços de um bordado dourado que, no entanto, encontrava-se bastante puído e desfigurado; de modo que nada, ou muito pouco, de seu brilho permanecera. Tinha sido confeccionado, era fácil perceber, por pessoa fantasticamente talentosa com as agulhas; e o ponto de costura usado (assim me garantem algumas senhoras entendidas de tais mistérios) dá testemunho de uma arte hoje esquecida, que não poderia ser recuperada nem mesmo puxando a linha para desfazer o bordado. Esse retalho de tecido escarlate — pois o tempo, o uso e alguma traça sacrílega o haviam reduzido a pouco mais do que um trapo —, se examinado com cuidado, assumia a forma de uma letra. Um A maiúsculo. Medindo o desenho com precisão, cada uma das pernas do A tinha exatos oito centímetros e um quarto de comprimento. Servira, não havia dúvida, como ornamento de um traje; mas como teria sido usado ou que distinção, honra e destaque significava em tempos idos era um mistério que (sendo as modas deste mundo tão efêmeras, nesse particular) eu tinha pouca esperança de resolver. E no entanto, estranhamente, me atraía. Não conseguia tirar os olhos da velha letra escarlate. Decerto carregava algum significado profundo, cuja interpretação era de grande valia, o qual, por assim dizer, emanava daquele símbolo místico, numa comunicação sutil com minhas sensibilidades, embora esquivando-se de minha análise racional.

Ainda perplexo — e cogitando, entre outras hipóteses, se a letra não seria uma daquelas decorações que os homens brancos inventavam para distrair os índios —, acabei colocando-a no peito. Pareceu-me — o leitor pode sorrir, mas não duvide da minha palavra — então que experimentei uma sensação não exatamente física, mas quase, feito um calor flamejante; como se a letra não fosse de tecido, e sim um ferro em brasa. Estremeci e, involuntariamente, deixei-a cair no chão.

Na contemplação absorta da letra escarlate, havia até aquele momento descuidado de examinar um pequeno rolo de papel desbotado em torno do qual o símbolo de pano estivera enrolado. Então abri o documento e tive a satisfação de nele encontrar, registrada pela própria pena do antigo inspetor, uma explicação razoavelmente completa do caso. Eram várias folhas contendo muitos detalhes sobre a vida e as declarações de uma tal Hester Prynne, que parecia ter sido personagem bastante digna de nota, na opinião de nossos ancestrais. Tinha vivido no período entre os primeiros tempos de Massachusetts e o final do século XVII. Os idosos da época do sr. inspetor Pue, de cujo testemunho oral ele se utilizara para escrever sua narrativa, lembravam-se dela, de quando eram jovens, como uma mulher muito velha, mas não decrépita, de aparência majestosa e solene. Essa senhora tinha como hábito, desde um tempo quase imemorial, perambular pelo campo como uma espécie de enfermeira voluntária realizando todo tipo de boa ação que estivesse ao seu alcance; também se encarregava de dar conselhos sobre tudo, especialmente em questões do coração; dessa forma, conforme seria inevitável que sucedesse a uma pessoa assim, recebia de muita gente a reverência devida aos anjos, mas, imagino, era malvista por outras como uma intrusa e um estorvo. Prosseguindo na leitura do manuscrito, deparei-me com o registro de outros feitos e sofrimentos dessa mulher singular, a respeito dos quais se pede que o leitor se reporte à história intitulada *A letra escarlate*; e deve-se ter o cuidado de observar que os principais fatos dessa história são autorizados e autenticados pelo documento do sr. inspetor Pue. Os papéis originais, mais a própria letra escarlate — relíquia das mais curiosas —, ainda estão em meu poder e serão exibidos a qualquer um que, movido por tal narrativa de tão grande interesse, desejar vê-los. Não se deve inferir daí que, ao desenvolver a história, imaginando as formas e os modos que assumiria o ardor que move os personagens, eu tenha ficado invariavelmente restrito aos limites daquela meia dúzia de folhas de autoria do velho inspetor. Ao contrário, permiti-me, nesse aspecto, quase ou exatamente tanta licença para imaginar quanto se os fatos fossem todos minha invenção. Reivindico fidelidade apenas aos contornos do original.

Esse incidente levou minha mente, até certo ponto, a retomar seu antigo curso. Parecia haver ali as bases para uma história. Fiquei tão impressionado quanto se o antigo inspetor, nos trajes de cem anos atrás e adornado com sua imortal peruca — aquela que foi enterrada com ele, mas não apodreceu no túmulo —, tivesse vindo ao meu encontro na sala vazia da alfândega. Na postura, carregava a dignidade de alguém que estivera a serviço de sua majestade e que portanto tinha sido iluminado por um raio do esplendor ofuscante que cercava o trono. Quanta diferença, ai de mim, em relação à aparência vira-lata de um funcionário republicano, o qual, como servidor do povo, sente-se o menor dos menores e o último dos últimos. Com sua própria mão fantasmagórica, aquela figura que, apesar de majestosa, podia apenas ser vislumbrada obscuramente, entregou-me o símbolo escarlate e o pequeno rolo contendo o manuscrito que o explicava. Com sua própria voz fantasmagórica, exortou-me para que, por sagrada consideração ao respeito filial e reverente que lhe devia — a ele, que tinha certa razão em considerar-se meu ancestral de ofício —, desse a público aquelas suas elucubrações mofadas e comidas de traça. "Faz isso!", disse o espectro do sr. inspetor Pue, com um enfático movimento da cabeça que, coberta por sua memorável peruca, parecia tão imponente, "faz isso, pois teu será todo o benefício! E logo terás necessidade; porque hoje não é como no meu tempo, quando um cargo era coisa vitalícia, muitas vezes uma herança. Mas fica responsável, nessa questão da velha senhora Prynne, por dares o devido crédito à memória deste teu antecessor!" E respondi ao fantasma do sr. inspetor Pue: "Eu o farei!".

De modo que muita reflexão dediquei à história de Hester Prynne. Foram muitas horas de meditação sobre o caso, andando de um lado ao outro da minha sala, ou repetidamente, centenas de vezes percorrendo a longa distância da porta da frente da alfândega até a entrada lateral e, dali, de volta ao início. O impiedoso e constante ruído de meus passos pesados indo e vindo era motivo de grande aborrecimento e incômodo para o velho inspetor e os demais funcionários, que tinham seus cochilos perturbados pela movimentação. Recordando seus antigos hábitos de marinheiros, diziam entre si que o inspetor estava fazendo o quilo no convés.

Imaginavam que meu único objetivo — e, na verdade, o único objetivo pelo qual qualquer homem são, por vontade própria, se poria em movimento — fosse abrir o apetite para o jantar. E, para ser honesto, certo apetite, aguçado pelo vento leste que geralmente soprava no corredor, acabava sendo tudo que ficava de bom daquele exercício infatigável. O ambiente da alfândega é tão pouco afeito à delicada colheita da imaginação e da sensibilidade que, se tivesse continuado lá pelas dez presidências seguintes, tenho minhas dúvidas se a história de *A letra escarlate* chegaria, algum dia, a ser publicada. Minha imaginação se transformara num espelho embaçado. Não era capaz de refletir, ou o fazia com miserável indistinção, as figuras com as quais eu, esforçando-me ao máximo, tentava povoá-la. Nenhum fogo com que tentasse animar minha fornalha era suficiente para, aquecendo os personagens da narrativa, torná-los maleáveis e moldáveis. Não chegavam a ter nem a incandescência da paixão nem a delicadeza de sentimentos que os tiraria da condição rígida de cadáveres que me encaravam com um sorriso fixo e sinistro de insolente desafio. "Que tens que ver conosco?", pareciam dizer aqueles rostos. "O pouco controle que algum dia talvez possuíste sobre o mundo das irrealidades já não existe! Tu o trocaste por um punhado de ouro dos cofres públicos. Vai, pois, e continua com teu salário!" Em suma, criaturas quase adormecidas na minha própria imaginação acusavam-me, zombeteiras, de imbecilidade, e não sem alguma razão.

E esse desditoso torpor que se apoderava de mim não estava limitado apenas às três horas e meia diárias da minha vida reivindicadas por Tio Sam. Continuava a acompanhar-me em caminhadas à beira-mar e perambulações pelo campo, sempre que — e tais ocasiões eram raras e relutantes — tomava a iniciativa de ir em busca dos charmosos encantos da natureza que tanto haviam me servido para espairecer e ativar o pensamento em Old Manse, e isso do momento em que cruzava a soleira da porta para um passeio. O mesmo torpor, no que concernia à minha capacidade para o trabalho intelectual, voltava para casa comigo, e pesava sobre mim naquele cômodo que, muito absurdamente, eu chamava de meu escritório. A sensação tampouco me abandonava quando, tarde da noite, sentava-me na sala vazia, nela apenas o brilho da lareira e a luz da lua,

lutando para fazer emergir cenas imaginárias que, no dia seguinte, pudessem se transformar em página iluminada com alguma descrição multicolorida.

Se minha faculdade imaginativa se recusava a funcionar num momento assim, talvez fosse mesmo um caso perdido. O brilho da lua, a deitar sua luz tão branca sobre o tapete num ambiente familiar e tornando tão distintas todas as formas — tornando cada objeto minuciosamente visível, mas com uma clareza diferente daquela com que se enxerga pela manhã ou ao meio-dia —, constitui um dos meios mais propícios a que um ficcionista conheça seus esquivos hóspedes. Ali está o pequeno cenário doméstico de aposentos bem conhecidos; as cadeiras, cada uma com sua própria individualidade; a mesa de centro, com o cesto de utensílios, um ou dois livros e uma luminária apagada; o sofá; a estante; o quadro na parede; todos esses detalhes, tão completamente identificáveis, de tal forma se veem dotados de alma sob aquela luz incomum que parecem perder sua substância concreta e se tornar coisas do intelecto. Nada é tão pequeno ou insignificante que não possa experimentar essa transformação e, assim, ganhar dignidade. Um sapato de criança; a boneca sentada em seu carrinho de vime; o cavalinho de pau — numa palavra, qualquer coisa que, durante o dia, tenha sido usada ou com a qual se tenha brincado investe-se, ali, de uma qualidade de estranheza e distanciamento, embora sua presença seja ainda quase tão intensa quanto à luz do dia. Assim, portanto, o chão de uma sala familiar se torna território neutro, alguma coisa entre o mundo de verdade e uma terra de contos de fada, onde real e imaginário podem se encontrar, imbuindo-se, cada qual, da natureza do outro. Fantasmas podem entrar em cena sem nos aterrorizar. Não nos espantaria se, olhando à volta, descobríssemos alguma figura querida, mas já não mais entre nós, ali sentada em silêncio sob aquele mágico facho lunar, e com uma aparência que nos faria ter dúvidas se retornava de um lugar distante ou jamais deixara seu posto, ao pé da lareira.

O fogo um pouco pálido tem influência essencial na produção do efeito que aqui descrevo. Lança seu discreto matiz no ambiente, um leve rubor sobre teto e paredes, um brilho refletido na superfície polida dos móveis. Essa luz mais aconchegante se mistura à fria

qualidade de espírito irradiada pela lua e transmite, por assim dizer, a afeição e a sensibilidade da ternura humana às formas que a imaginação evocar. Converte-as de bonecos de neve em homens e mulheres. Olhando para o espelho, vemos — nas profundezas de um abismo assombrado — o reluzir do antracito a queimar lentamente, quase extinto, os raios brancos sobre o assoalho e, com todas as luzes e as sombras, uma réplica do quadro na parede com alguma coisa diferente que o afasta do real e aproxima do imaginário. Então, nesse momento, e com esse cenário diante de si, se um homem, sentado sozinho, não é capaz de sonhar coisas estranhas e fazê-las parecer verdadeiras, jamais precisa tentar escrever ficção.

Para mim, porém, durante toda a experiência na alfândega, a luz da lua ou do sol, a incandescência da lareira eram a meu ver semelhantes; e nenhuma delas minimamente de melhor serventia do que o bruxulear de uma vela de sebo. Toda uma categoria de suscetibilidades, da qual dependia um dom — nenhuma grande riqueza, nada de valor, mas o melhor que eu tinha —, havia desaparecido.

Acredito, no entanto, que, tivesse eu tentado um método criativo diferente, minhas capacidades não se mostrariam tão inúteis e ineficazes. Poderia, por exemplo, ter me dado por satisfeito escrevendo as histórias de um veterano comandante de navios, um dos inspetores, que seria muito ingrato de minha parte não mencionar aqui; nem um dia se passava sem que ele me fizesse rir e admirá-lo por seu maravilhoso talento para contar histórias. Se fosse capaz de preservar o pitoresco, que era o forte de seu estilo, e o colorido de humor nas descrições, algo que ele aprendera espontaneamente como fazer, o resultado, acredito honestamente, teria sido uma novidade na literatura. Ou talvez eu pudesse ter logo encontrado uma tarefa mais séria. Era loucura, com a materialidade da rotina diária, tão intrusiva, a me pressionar, tentar me lançar de volta a outra era; ou insistir em criar um mundo verossímil a partir de matéria impalpável, quando, a todo momento, a etérea beleza dessa minha bolha de sabão era rompida pelo rude contato com algum aspecto da realidade. Um esforço mais sensato teria sido o de espalhar, na substância opaca do hoje, pensamento e imaginação e, assim, torná-la clara e transparente;

dar alma àquele fardo que começava a pesar tanto; buscar, resolutamente, o verdadeiro e indestrutível valor que se esconde em triviais e tediosos incidentes, e nos personagens ordinários com os quais agora estava familiarizado. A culpa era minha. A página da vida que se apresentava à minha frente parecia monótona e banal apenas porque eu era incapaz de sondar seu sentido mais profundo. O melhor livro que eu poderia escrever estava ali; folhas descortinavam-se diante de mim no exato instante em que eram escritas pela realidade daquela hora passageira, mas desapareciam com a mesma rapidez, tudo porque meu cérebro queria o lampejo enquanto minha mão buscava a habilidade para transcrevê-lo. Algum dia no futuro talvez eu me lembre de alguns fragmentos soltos e parágrafos avulsos e os anote, vendo as letras se transformarem em ouro sobre a página.

Tais percepções chegaram tarde demais. Naquele momento, apenas me conscientizava de que aquilo que fora um prazer, algum dia, era agora labuta desesperançada. Não era bem o caso de me lamuriar quanto a esse estado de coisas. Deixara de ser um escritor de histórias e ensaios ruins, no limite do tolerável, para me tornar um inspetor da alfândega razoavelmente bom. Isso era tudo. Mas, ainda assim, não é muito agradável ser assombrado pela suspeita de que seu intelecto está minguando; ou evaporando sem que você perceba, como éter de um frasco; a cada vez que se olha para ele, o resíduo ali dentro se apresenta em menor quantidade e menos líquido. Quanto a esse fato, não poderia haver dúvidas; e, ao observar-me na comparação com outros, cheguei a algumas conclusões quanto ao efeito do serviço público sobre o caráter, e elas não são muito favoráveis ao modo de vida em questão. Quem sabe, em outra oportunidade, possa me dedicar a descrever tal efeito. Aqui, basta dizer que um funcionário da alfândega dos mais longevos raramente será um personagem respeitável ou digno de admiração, por vários motivos: um deles, a avidez com que se agarra à sua situação; outro, a própria natureza de seu ofício, o qual — ainda que, creio, seja honesto — é de um tipo que não leva essa pessoa a compartilhar da obra conjunta da humanidade.

Uma característica — que, acredito, pode-se observar mais ou menos em todo indivíduo num cargo público — é que, valendo-se do poderoso braço da República, torna-se desprovido de vigor próprio.

Perde, proporcionalmente à fraqueza ou à força que tivesse por natureza, a capacidade de se autossustentar. Se possui uma quantidade incomum de energia inata ou se a enervante magia da posição que ocupa não consegue encantá-lo por muito tempo, talvez recupere o poder que lhe foi confiscado. O funcionário demitido — um privilegiado, mesmo que vítima do grosseiro empurrão que o atira cedo às batalhas de um mundo hostil — pode chegar a retornar a si e se tornar aquilo que nunca foi. Mas isso raramente ocorre. Geralmente, o sujeito finca pé o maior tempo possível até a própria ruína, e então é descartado, completamente sem estrutura, e sai cambaleante pelos difíceis caminhos da vida, fazendo o melhor que pode. Consciente da própria enfermidade — de que perdeu a têmpera de aço e a capacidade de adaptação —, dali em diante e para sempre, ele passa a olhar melancolicamente à sua volta em busca de ajuda externa. Sua esperança difusa e persistente — uma alucinação que, em face de todo o desânimo e da revelação de algumas claras impossibilidades, vai assombrá-lo enquanto viver e, imagino, como a agonia convulsiva da cólera, atormentá-lo até mesmo por um breve período depois da morte — é a de que, finalmente e sem muita demora, por alguma feliz conjunção de circunstâncias, possa ser reabilitado em sua função. Essa crença, mais do que qualquer outra coisa, é o que lhe rouba a energia e a disposição para qualquer empreendimento que talvez sonhasse em levar a cabo. Por que deveria trabalhar duro e mourejar, e dar-se a tamanho incômodo para se levantar da lama, se, não demoraria muito, o braço forte de seu Tio viria erguê-lo e ampará-lo outra vez? Por que tentaria ganhar a vida aqui ou achar ouro na Califórnia quando logo voltaria a ser feliz todo final de mês, com uma pequena pilha de moedas reluzentes saídas do bolso daquele mesmo Tio? É tristemente curioso observar como apenas um gostinho da repartição já chega para contaminar um pobre sujeito com essa singular doença. O ouro do Tio Sam — com todo respeito a esse valoroso senhor — tem, nesse aspecto, a capacidade de encantamento de um pacto com o Diabo. Quem quer que toque nessa riqueza deve ter cuidado ou pode acabar sendo engolido pela barganha, o que custará, senão sua alma, ao menos muitos de seus melhores atributos; sua tenacidade, sua coragem e sua obstinação, sua

verdade, sua autoconfiança e tudo o mais que conforma o caráter de um autêntico homem.

Ali estava uma bela perspectiva de futuro! Não que este inspetor aqui se desse conta disso, ao chegar em casa, tampouco admitisse que poderia ficar tão completamente arrasado tanto permanecendo no cargo como em caso de demissão. Mas minhas reflexões não eram das mais confortáveis. Comecei a ficar melancólico e inquieto; a esquadrinhar minha mente, sem descanso, em busca de descobrir quais de suas medíocres propriedades haviam desaparecido e, quanto às que tinham sobrado, em que grau de deterioração se encontravam. Empenhei-me em calcular quanto tempo mais aguentaria continuar na alfândega sem deixar de ser um homem. Para falar a verdade, essa era minha maior apreensão — posto que um indivíduo calmo como eu jamais seria alvo de um processo de exoneração, e pedir demissão não é muito da natureza de um funcionário público —, meu grande incômodo, pensar que talvez acabasse triste e decrépito naquela inspetoria, tornando-me, em grande medida, um animal como o velho inspetor. Será que, naquele tedioso lapso de tempo que se estendia diante de mim, preso à rotina de funcionário público, não sucederia comigo o que sucedera a esse venerável amigo — passar a considerar o jantar como o centro do meu dia, vivendo o restante das horas como um velho cão, a cochilar ora à sombra, ora ao sol? Um sombrio prospecto, tratando-se de um homem para quem a melhor definição de felicidade era viver com plenitude suas faculdades e sensibilidades! Mas, durante todo esse tempo, eu me sobressaltava à toa. A Providência tinha, para mim, melhores planos do que eu mesmo poderia conceber.

Um evento notável a marcar meu terceiro ano na inspetoria — para usar aqui o tom de P. P. — foi a eleição do general Taylor para a presidência.[31] É essencial para que se possa formar uma noção completa das vantagens do funcionalismo público prestar atenção em um dos membros da corporação quando assume um governo que lhe é hostil. O funcionário fica, então, na posição mais singularmente penosa e, sob todos os aspectos, desagradável que um pobre mortal pode ocupar; é raro que lhe reste alguma boa alternativa, de um jeito ou de outro, embora aquilo que se apresenta como o pior que pode

acontecer, talvez, e muito provavelmente, seja o melhor para ele. Mas é uma experiência estranha para um homem orgulhoso e sensível saber que seus interesses estão nas mãos de indivíduos que não o amam nem o compreendem, e, já que uma das duas coisas têm de acontecer, ele prefere ser abatido por esses homens do que submeter-se a eles. Estranho, também, para alguém que manteve a tranquilidade durante a contenda eleitoral, é observar a sede de sangue que se instala na hora da vitória e tomar consciência de que se está entre os alvos! Poucos traços da natureza humana são mais feios do que essa tendência — que eu agora testemunhava em homens que não eram piores do que seus colegas — a tornar-se cruel meramente porque sua posição lhe permite fazer o mal. Se a guilhotina, conforme o termo aplicado a quem perde um cargo público, fosse literal, em vez de apenas uma metáfora das mais apropriadas, acredito sinceramente que os membros engajados do partido vitorioso estariam tomados de entusiasmo suficiente para cortar nossas cabeças e ainda agradecer aos céus pela oportunidade! Parece-me — a mim, que ali era um calmo e curioso observador, na vitória ou na derrota — que esse espírito agressivo e amargo de maldade e vingança nunca se destacou nos triunfos do meu próprio partido na mesma proporção com que emergia quando ganhavam os whigs. Os democratas retomam para si os cargos, em regra, porque precisam deles, e porque, ao longo de muitos anos, essa prática foi se transformando em lei na guerra política, algo a respeito do qual, a menos que um novo sistema fosse estabelecido, seria sinal de fraqueza e covardia queixar-se. Mas o longo hábito da vitória tornava generosos os meus companheiros. Sabiam a quem poupar quando havia ocasião; e, quando cortam cabeças, o machado é afiado, sim, mas sua lâmina raramente vem envenenada de ressentimento; tampouco mantêm o costume ignominioso de chutar a cabeça que acabam de fazer rolar.

Em suma, por mais desagradável que fosse minha posição, via boas razões para me felicitar porque estava do lado perdedor, e não entre os vencedores. Se até ali nunca fora o mais empolgado dos militantes, começava agora, naquela temporada de perigos e adversidades, a estar mais sensível quanto a qual dos dois partidos preferia; também não foi sem que me sentisse um pouco envergonhado e com remorso que, por

um cálculo razoável de probabilidades, achei que minha perspectiva de manter o cargo era maior do que a de meus colegas democratas. Mas quem é capaz de enxergar um palmo adiante do nariz quando se fala do futuro? Minha cabeça foi a primeira a rolar!

A ocasião em que um homem perde assim a cabeça, poucas vezes ou nunca se mostra exatamente a mais agradável de sua vida. No entanto, como a maioria de nossos infortúnios, até mesmo uma eventualidade séria como essa traz em si a própria solução e, com ela, conforto, caso o sofredor queira tirar o melhor, em vez do pior, do percalço que o vitimou. No meu caso particular, o lado bom da situação estava à mão e, na verdade, já havia se insinuado durante minhas meditações bastante tempo antes de que precisasse lançar mão desse consolo. Tendo em vista que já andava entediado da repartição e até pensara vagamente em renunciar ao cargo, meu destino se parecia um pouco com o da pessoa que cultivasse pensamentos suicidas e, totalmente além de suas expectativas, fosse ao encontro da boa sorte de ser assassinada. Tinha passado três anos na alfândega, período equivalente ao que passei em Old Manse; um período suficiente de descanso para um cérebro cansado; suficiente para romper com velhos hábitos intelectuais e abrir espaço para outros; um período longo o bastante, longo até demais, para se viver como um desnaturado, fazendo coisas que não proporcionavam crescimento nem prazer a ser humano nenhum, e privando-me da labuta que, ao menos, acalmaria certo impulso irrequieto em mim. Além disso, no que concernia à maneira desdenhosa com que foi demitido, o agora ex-inspetor não ficou propriamente chateado por ser visto como inimigo pelos whigs; isso porque sua passividade em questões políticas — sua tendência a deambular à vontade naquele terreno amplo e tranquilo que é comum a toda a humanidade, em vez de enveredar pelas trilhas estreitas em que até os filhos de uma mesma casa acabam discordando uns dos outros — algumas vezes levou seus irmãos democratas a questionarem se nele tinham um aliado. Sendo coroado como mártir (embora não tivesse mais uma cabeça onde assentar a coroa), a questão podia ser considerada resolvida. Por fim, por pouco que fosse seu heroísmo nisso, parecia mais digno ser destituído junto com a queda do partido que preferia apoiar do que permanecer como um sobrevivente

abandonado, quando tantos outros homens de mais valor haviam caído; e, no fim das contas, depois de sobreviver, por compaixão, aos quatros anos de uma administração hostil, ser novamente pressionado a definir sua posição e reivindicar a ainda mais humilhante piedade de um governo amigo.

Nesse meio-tempo, a imprensa ocupava-se do meu caso e, assim, estive em evidência nos jornais, por uma semana ou duas, na minha condição de decapitado, como o cavaleiro sem cabeça de Irving;[32] sinistra e sombria figura, ansiando por ser enterrada, como deve ser com qualquer homem que esteja politicamente morto. Assim era com esse meu eu figurativo. O ser humano real, esse tempo todo com a cabeça em segurança, amparada pelo tronco, chegou à conveniente conclusão de que tudo aquilo viera para melhor; e, após investir algum dinheiro em tinta, papel e canetas de aço, voltou a abrir sua escrivaninha havia tanto tempo sem uso para, outra vez, dedicar-se à literatura.

Foi aí que as elucubrações daquele meu ancestral predecessor, o sr. inspetor Pue, entraram em ação. Enferrujada pela longa inatividade, minha engrenagem intelectual precisou de um tempinho até poder começar a trabalhar na história com resultados minimamente satisfatórios. Mesmo agora, embora meus pensamentos estejam bastante absorvidos pela tarefa de escrevê-la, a meu ver paira sobre ela uma sombra austera; uma história tornada por demais melancólica pela suave luz do sol; e pouco matizada por aquelas ternas e familiares influências que suavizam quase qualquer cena da natureza e da vida real, e, sem dúvida, deveriam suavizar toda representação que se faça delas. Tal atmosfera pouco atraente talvez se deva ao período de uma revolução nem bem concluída e ainda efervescente, que constitui a moldura da narrativa. Não indica, no entanto, falta de disposição mental do autor; pois, ao perder-se na penumbra dessas fantasias nada ensolaradas, ele nunca esteve mais feliz, ao menos desde que se mudou de Old Manse. Alguns dos textos mais curtos que se somam para formar este volume também foram escritos depois de, involuntariamente, ter abandonado a labuta e a honra do serviço público, e o restante foi compilado a partir de anuários e revistas tão antigos que, tendo completado toda a volta, aparecem como novidade

outra vez. Para ficar ainda na metáfora da guilhotina política, o todo poderia ser chamado de "Memórias póstumas de um inspetor decapitado"; e este texto que agora vou concluindo, ainda que autobiográfico demais para que uma pessoa modesta o publique em vida, será prontamente perdoado vindo de um cavalheiro que escreve do além-túmulo. Que a paz alcance o mundo todo! Minha bênção aos amigos! Meu perdão aos inimigos! Pois falo do reino da quietude!

O tempo da alfândega ficou para trás feito um sonho. O velho inspetor — que, aliás, lamento informar, caiu de um cavalo e morreu já faz algum tempo; não fosse isso, teria certamente sido eterno — e todos aqueles veneráveis personagens da sala de recepção da alfândega não são mais do que sombras para mim; imagens de cabeça grisalha e rosto enrugado, com as quais minha imaginação costumava brincar, foram postas de lado para sempre. Os mercadores — Pingree, Phillips, Shepard, Upton, Kimball, Bertram, Hunt e muitos outros nomes que seis meses antes soavam perfeitamente familiares aos meus ouvidos — que pareciam ocupar posição tão importante no mundo, com que rapidez perdi minha ligação com eles todos, não apenas na vida real, mas na memória! É com esforço que me lembro das figuras e dos nomes desses poucos. Em breve, igualmente, minha velha cidade natal vai surgir diante de mim tomada do nevoeiro da memória, uma bruma a envolvê-la e encobri-la; como se não se tratasse de um pedaço de terra de verdade, mas de uma cidade nas nuvens, povoada somente de habitantes imaginários em suas casas rústicas, caminhando por vielas modestas e pela pitoresca prolixidade da rua principal. Daqui em diante, cessa de existir minha vida real. Sou um cidadão de algum outro lugar. Meus bons conterrâneos nem chegarão a lamentar muito a perda; pois — embora tenha constituído em objetivo tão caro quanto qualquer outro no que concerne a meus esforços literários, ganhar alguma importância aos olhos deles e um belo memorial na morada eterna do cemitério onde estão muitos de meus antepassados — naquela cidade nunca encontrei a atmosfera jovial que requer o literato para amadurecer a melhor colheita de seu espírito. Produzo melhor entre desconhecidos; e os conhecidos, não preciso dizer, nem sentirão minha falta.

Mas talvez — ó ideia transcendente e triunfal — os bisnetos da atual geração possam, por vezes, se lembrar afetuosamente do escriba de outros tempos quando o antiquário de dias que ainda estão por vir, entre os lugares marcantes na história da cidade, indicar o local onde ficava sua bomba d'água![**]

[*] Na época em que escreveu esta introdução, o autor pretendia publicar histórias mais curtas junto com *A letra escarlate*, mas acabou sendo convencido a deixá-las de fora do volume. (N. T.)

[**] Referência a um dos famosos *Twice-told tales*, "A rill of the town pump", espécie de monólogo de uma bomba d'água que, da praça principal, sabe tudo o que se passa na cidade. (N. T.)

A letra escarlate

I
A porta da prisão

Uma turba de homens barbados, paramentados em cores soturnas e chapéus cinzentos de copa alta, e algumas mulheres, umas de touca, outras com as cabeças descobertas, encontravam-se reunidos diante da construção de madeira cuja porta, pesadamente reforçada em carvalho, era ainda guarnecida por pinos de ferro.

Os fundadores de uma nova colônia, seja qual for a utopia sobre a virtude e a felicidade humanas que tenham projetado de partida, invariavelmente aceitam, como uma de suas primeiras necessidades práticas, escolher um pedaço de terra virgem para servir de cemitério e uma segunda porção de terreno para construir uma prisão. De acordo com essa norma, pode-se seguramente inferir que os pioneiros de Boston tenham erguido sua primeira cadeia, localizada em algum lugar nos arredores de Cornhill,[1] quase que simultaneamente à inauguração do primeiro cemitério, no lote de Isaac Johnson,[2] cuja sepultura daí em diante funcionou como o centro a partir do qual se congregaram todos os demais túmulos no velho cemitério de King's Chapel.[3] É certo que, uns quinze ou vinte anos depois da fundação da cidade, a prisão de madeira já exibia marcas das intempéries e do tempo, o que dava uma aparência ainda mais sombria à sua fachada carrancuda e melancólica. A ferrugem sobre o pesado reforço de ferro na porta em carvalho parecia a coisa mais antiga a habitar o novo mundo. Como costuma acontecer com tudo o que se relaciona ao crime, a impressão era de nunca ter havido juventude por ali. Em frente a essa feia construção, no espaço entre ela e a trilha que delimitava a rua, havia um gramado muito alto, assolado por uma vegetação rasteira e ervas daninhas, de tamanha má aparência que deve ter encontrado terreno propício naquele solo onde tão precocemente germinara a flor maldita da sociedade civilizada: uma prisão. Mas, de um dos lados do pórtico, plantada praticamente no

limiar de entrada, havia uma roseira selvagem, carregada de seus delicados botões naquele mês de junho, e era possível imaginar que oferecia sua fragrância e frágil beleza ao prisioneiro que ali adentrasse e ao criminoso sentenciado que dali saísse para encontrar seu destino, prova de que, no fundo de seu âmago, a natureza era capaz de conceder misericórdia e bondade.

Essa roseira, por um estranho acaso, tem sobrevivido ao longo da história; mas se meramente mantinha-se incólume à severidade do ambiente selvagem tantos anos depois de os enormes pinheiros e carvalhos que originalmente lhe davam sombra terem ido ao chão ou se floresceu sob os passos da santa Ann Hutchinson[4] no momento em que esta adentrou a cadeia, e pode-se crer nisso com certa autoridade, não nos dedicaremos aqui a determinar. Ao encontrar tal roseira tão certeiramente posicionada às portas de nossa narrativa, que ora está prestes a deslanchar a partir daquele ignominioso pórtico, não poderíamos deixar de colher e oferecer uma de suas rosas ao leitor. Pode servir-lhe, é o que esperamos, como símbolo do encantador florescimento moral que será revelado ao longo do trajeto, ou ainda para suavizar o sombrio desfecho de uma história de dor e fragilidade humanas.

2. A praça pública

Em certa manhã de verão há não menos de dois séculos, o gramado em frente à cadeia, na Prison Lane, era ocupado por uma grande parcela dos habitantes de Boston; todos mantinham os olhos fixos e atentos à porta de carvalho reforçada por pinos de ferro. Fosse qualquer outro o povo ali reunido ou aquela uma época posterior da história da Nova Inglaterra, a lúgubre severidade que petrificava as fisionomias barbadas daquela boa gente seria augúrio de que algo terrível se avizinhava. Poderia significar nada menos do que a expectativa pela execução de um conhecido criminoso, cuja condenação pelo tribunal não teria sido senão a expressão do veredicto da opinião pública. Mas, naquela severidade característica do caráter dos puritanos, inferência desse tipo não poderia ser feita com tanta certeza. Talvez um escravo preguiçoso ou uma criança desobediente entregue pelos pais à autoridade civil estivessem prestes a ser disciplinados no local a chibatadas. Ou quem sabe se tratasse de um antinomista,[1] de um Quaker ou de algum outro crente heterodoxo sendo expulsos da cidade, ou ainda de um índio errante e desocupado que a aguardente do homem branco levara a se exceder pelas ruas e agora era conduzido amarrado para a escuridão da floresta. Podia ser também que uma bruxa, como a velha sra. Hibbins,[2] a irascível viúva do juiz, fosse morrer na forca. Em qualquer um desses casos, a mesma solenidade seria vista no comportamento dos espectadores; convinha a uma gente para a qual religião e lei eram quase a mesma coisa, e em quem ambas se entrelaçavam profundamente, que o mais leve e o mais severo castigo público fossem tornados igualmente respeitáveis e terríveis. Escassa e fria era a condescendência que um condenado naquele limiar poderia esperar da plateia. Por outro lado, uma pena que hoje resultaria em infâmia debochada e ridículo naquele tempo talvez se investisse de uma dignidade quase tão austera quanto a da própria sentença de morte.

Uma circunstância a ser notada, naquela manhã de verão em que se dá a partida para a nossa história, é que as mulheres, e havia muitas na multidão, demonstravam peculiar interesse pelo castigo prestes a ser infligido, fosse ele qual fosse. Não se evoluíra, ainda, a ponto de se considerar impróprio a alguém usando anáguas e armação de saias exibir publicamente sua figura não pouco espaçosa, se ocasião houvesse, em meio à multidão reunida perto do cadafalso no momento de uma execução. Moral e fisicamente, aquelas esposas e donzelas nascidas e criadas à boa e velha maneira inglesa exibiam fibra mais rude do que suas atuais descendentes, das quais se encontram à distância de seis ou sete gerações; ao longo dessa cadeia ancestral, cada nova mãe transmitiu ao rebento menos viço, beleza mais delicada e efêmera, e uma formação não tão robusta, sem mencionar o caráter, menos forte e sólido que o seu próprio. As mulheres ali reunidas diante da porta da prisão viviam a menos de meio século do tempo em que Elizabeth, com seu jeito masculino, fora uma representante não de todo inadequada do sexo feminino. Aquelas mulheres eram suas conterrâneas; e a mesma dieta de carne e cerveja foi em grande medida o que as constituiu do mesmo grau de refinamento. O sol radiante daquela manhã, portanto, projetava-se sobre ombros largos e bustos generosos, e sobre bochechas redondas e rosadas, características adquiridas na distante ilha, nem um pouco empalidecidas ou amainadas na atmosfera da Nova Inglaterra. Havia, além disso, ousadia e exuberância no discurso dessas matronas, como se poderia caracterizar muitas delas, o que nos causaria admiração nos dias de hoje, seja no que diz respeito à assertividade do que diziam, seja pelo volume e pelo tom com que o pronunciavam.

"Senhoras", disse uma delas, com cerca de cinquenta anos e fisionomia austera, "eu vos direi um pouco do que penso. Seria de grande utilidade pública que nós, mulheres já em idade madura e membros de boa reputação em nossa igreja, assumíssemos casos de malfeitoria como o de Hester Prynne. O que pensais disso, amigas? Se a tal meretriz fosse julgada por nós cinco aqui reunidas e em comunhão, será que teria uma sentença como a que lhe deram os excelentíssimos juízes? Pela Virgem, duvido!"

“Dizem”, comentou outra, “que o reverendo Dimmesdale, o santo pastor a quem ela responde, está muito abalado com a possibilidade de que um escândalo desses afete toda a congregação.”

“Os juízes são homens tementes a Deus, mas piedosos demais — essa é a verdade”, acrescentou uma terceira matrona. “O mínimo que deveriam ter feito era condenar Hester Prynne a ser marcada a ferro na testa. Ela teria estremecido diante de uma punição assim, garanto. Mas Hester Prynne, sendo a prostituta sem-vergonha que é, pouco se importará com o que lhe vai gravado sobre o peitoral da túnica! Ora, vejam, pode-se cobrir ali com um broche ou outro ornamento pagão e andar pelas ruas com o mesmo descaramento de sempre!”

“Ah”, atalhou uma jovem senhora que segurava pela mão uma criança, “mas deixe que cubra a cicatriz se quiser, porque a marca permanecerá sempre em seu coração.”

“De que vale falar de marcas e cicatrizes, sejam elas gravadas no peito de sua túnica ou na carne de sua testa?”, protestou outra das mulheres, a mais feia e impiedosa daquelas juízas autoproclamadas. “Essa mulher lançou a vergonha sobre todas nós e deve morrer. Não existe para isso uma punição estabelecida? Claro que sim, tanto nas Escrituras quanto nas nossas leis. Culpem somente a si mesmos os juízes que não a cumpriram caso suas esposas e filhas se desviem!”

“Por piedade, senhora”, bradou um homem no meio da multidão, “não haverá virtude numa mulher senão a que resulta do medo sadio de acabar no cadafalso? É o julgamento mais duro que já ouvi! Silêncio agora, amigas; é a chave que gira na tranca da prisão. Aí vem a senhora Prynne em pessoa.”

Quando a porta da cadeia foi aberta, a primeira aparição vinda do interior do edifício foi uma sombra negra emergindo à luz do sol, a lúgubre e medonha presença do oficial de justiça, espada de um lado e bastão de ofício à mão. Tal personagem encarnava e representava em sua aparência toda a severidade sombria do código de leis puritano, cuja aplicação final e definitiva aos criminosos era sua responsabilidade administrar. Apontando à frente o bastão que trazia na mão esquerda, pousou a direita sobre o ombro de uma jovem, e em seguida fez com que ela desse um passo adiante; ainda que às portas de uma cadeia, ela o repeliu, num gesto que expressava dignidade

espontânea e força de caráter, e avançou a céu aberto como se o fizesse por vontade própria. Segurava nos braços uma criança, um bebê de cerca de três meses, que piscou e escondeu o rostinho da vívida luz do dia; isso porque sua existência, até ali, não lhe permitira conhecer nada além da penumbra cinzenta de uma masmorra ou de outro tipo de cela escura de prisão.

Assim que a jovem — mãe dessa criança — se revelou por inteiro à multidão, pareceu ter sido seu primeiro instinto abraçar com mais força o bebê junto ao peito; não tanto por um impulso de afetividade materna, mas como se escondesse um símbolo, o qual vinha gravado ou costurado naquela altura do vestido. No momento seguinte, no entanto, percebendo que não fazia mais do que ocultar de maneira precária um emblema de sua vergonha com outro, ela tomou o bebê num dos braços e, com o rosto queimando, um sorriso arrogante e o olhar de quem não se deixaria humilhar, encarou a gente de sua cidade e os vizinhos que a rodeavam. No peitoral da túnica, em tecido vermelho fino e adornada por um elaborado bordado e fantásticos floreios em linha dourada, trazia a letra A. O emblema fora bordado com tal arte, e tamanha exuberância e beleza decorativas, que dava a perfeita impressão de um toque final e preciso à roupa que ela usava; roupa que, por sua vez, exibia esplendor conforme ao gosto da época, mas muito além do que permitiriam as normas da colônia no que dizia respeito a ostentação e luxo.

A jovem era alta, uma figura de perfeita elegância em todos os sentidos. Tinha cabelo escuro e abundante, tão lustroso que brilhava à luz do sol, e um rosto que, além de bonito pela regularidade dos traços e pela riqueza da composição, causava aquela impressão própria a sobrancelhas bem marcadas e olhos negros profundos. Era bem feminina, para os padrões da época; caracterizava-se por certa postura e dignidade, mais do que pela delicada, evanescente e indescritível graça que anunciariam, hoje, aquela condição. E jamais Hester Prynne surgira tão feminina, de acordo com a antiga interpretação do termo, como nessa ocasião, à saída da cadeia. Aqueles que, tendo-a conhecido antes, esperavam encontrá-la assombreada e obscurecida por uma terrível nuvem, ficaram espantados e até mesmo admirados ao ver como sua beleza, no

infortúnio e na ignomínia em que se vira envolvida, desabrochara e criara em torno dela uma aura. É verdade que, para um observador perspicaz, talvez houvesse ali algo delicadamente doloroso. Seu traje, que, na verdade, confeccionara para a ocasião na própria cadeia, modelando-o bem ao seu gosto, parecia expressar, com insolente e pitoresca peculiaridade, uma postura de espírito, a desesperada temeridade de seu estado de ânimo. Mas o detalhe que atraía todos os olhares e, como era de esperar, transfigurava sua portadora — a ponto de homens e mulheres para quem Hester Prynne fora até ali uma presença familiar agora a olharem como se pela primeira vez — era aquela LETRA ESCARLATE, tão magnificamente bordada e iluminada em seu peito. Funcionava como um feitiço, apartando-a das relações humanas ordinárias para encapsulá-la numa esfera própria.

"Tem grande talento com a agulha, isso é certo", observou uma das mulheres presentes, "mas alguma vez antes dessa sirigaita terá outra mulher tramado exibir suas habilidades dessa maneira? Ora, amigas, o que é isso senão rir da cara dos nossos santos juízes e vangloriar-se do que eles, homens de valor, tinham a intenção de que fosse uma punição?"

"Faríamos bem", resmungou aquela com a fisionomia mais dura entre as senhoras, "se arrancássemos esse rico vestido de madame Hester; e quanto à letra em vermelho, que tão distintamente traz bordada, eu mesma poderei ceder um retalho das minhas pobres vestes para que se faça uma mais adequada!"

"Calma, vizinhas, calma!", sussurrou a mais jovem. "Não a deixem ouvir o que dizem! Ela já sentiu cada ponto daquele emblema dourado no próprio coração!"

O lúgubre oficial de justiça fez um gesto com o bastão.

"Abram caminho, boa gente, abram caminho, em nome do rei", exclamou. "Deem passagem; e então, eu vos prometo, a senhora Prynne ficará à vista de todos, homem, mulher ou criança, para a justa apreciação de seus distintos trajes, de agora até uma hora após o meio-dia. Louvada seja a virtuosa colônia de Massachusetts, onde a justiça se faz à luz do sol! Vem, madame Hester, e exibe tua letra escarlate na praça pública!"

Imediatamente abriu-se um corredor na multidão de espectadores. Com o oficial à frente e acompanhada de perto pela procissão irregular de austeras fisionomias masculinas e hostis olhares femininos, Hester Prynne seguiu para o local reservado à sua punição. Uma multidão de estudantes, pouco compreendendo o que se passava, exceto que aquilo lhes proporcionara meio dia de folga, corria à frente dela, suas cabeças voltando-se continuamente para encarar a mulher e o bebê inquieto em seus braços, e ainda a letra infame que ela trazia no peito. A distância entre a saída da porta da prisão e a praça não era grande naquele tempo. Medido nos passos do condenado, no entanto, o trajeto podia ser considerado bastante longo; pois, por mais arrogante que fosse sua postura, Hester possivelmente agonizava diante daqueles que se aglomeravam para vê-la, como se seu coração tivesse sido atirado no meio da rua para que todos escarnecessem dele e o pisoteassem. É de nossa natureza, porém, certo desígnio, a um só tempo magnífico e misericordioso, pelo qual o sofredor jamais percebe a intensidade daquilo por que passa no momento da tortura ou mesmo no futuro. Comportando-se de modo quase sereno, portanto, Hester Prynne suportou essa parte de seu castigo e chegou ao cadafalso na extremidade oeste da praça. A estrutura se localizava sob o beiral da mais antiga igreja de Boston,[3] parecendo um apêndice dela.

Na verdade, aquele cadafalso era uma das peças de uma máquina penal que hoje, já há duas ou três gerações, é apenas parte da história e da tradição entre nós, mas em tempos idos era tida como agente tão eficaz no resguardo da ordem cidadã quanto fora a guilhotina durante o Terror na França. Era ali, em suma, o local das punições, e sobre ele se erguia a moldura daquele conhecido instrumento de castigo projetado para que, num buraco, entrasse uma cabeça humana, então exposta ao escrutínio público. O próprio ideal da ignomínia encarnava-se e manifestava-se naquele aparelho feito de madeira e ferro. Não pode haver, penso, ultraje maior contra nossa natureza — independentemente dos atos de delinquência praticados pelo indivíduo —, ultraje mais flagrante, do que proibir ao criminoso esconder o rosto por sua vergonha; era essa a essência do castigo em questão. No caso de Hester Prynne, no entanto, como não chegava a ser incomum

em outros também, a sentença previa que permanecesse certo tempo sobre a plataforma, mas sem ser submetida ao aparelho que lhe prenderia o pescoço e deixaria a cabeça exposta, utilidade mais diabólica da horrenda engenhoca. Conhecendo bem o papel que lhe cabia, ela subiu os degraus de madeira para, em seguida, ser exibida à multidão na altura, aproximadamente, dos ombros de um homem que estivesse de pé na rua.

Houvesse em meio à turba de puritanos um papista, talvez enxergasse naquela bela mulher, tão graciosa em aparência e postura, e com uma criança junto ao peito, uma imagem que lembraria a Madona, quem tantos pintores ilustres competiram para melhor representar; uma imagem que lembraria, de fato, mas apenas por contraste, a sagrada representação da maternidade imaculada, cujo filho vem para redimir o mundo. Ali, o que havia era a mácula do pior dos pecados sobre a mais sagrada das virtudes humanas, provocando um efeito tal que tornava o mundo mais sombrio à beleza daquela mulher e um lugar de ainda maior perdição ao filho que nela fora gerado.

A cena não deixava de causar certo horror, como deve ser sempre que se está diante de um espetáculo de culpa e vergonha infligido a outro ser humano, desde que a sociedade em questão não se tenha deixado corromper suficientemente a ponto de sorrir, em vez de se arrepiar, diante dela. As testemunhas da desgraça de Hester Prynne não passavam de gente simplória. Eram pessoas austeras o bastante para assistir à morte da condenada se fosse essa a sentença, sem um murmúrio sequer pela severidade da pena, mas não chegavam a exibir a atitude desalmada de outro tipo de ajuntamento social para o qual aquela punição não seria mais do que motivo de galhofa. Ainda que houvesse alguma intenção de tornar a ocasião ridícula, deve ter sido reprimida e suplantada pela solene presença de homens não menos dignos do que o governador e vários de seus conselheiros, um juiz, um general e os pastores da cidade; todos, sentados ou de pé, ocupavam a sacada da igreja acima do cadafalso. Quando personagens como aqueles tomavam parte no espetáculo, sabendo não haver risco à majestade ou à reverência devida a seus cargos e posições, era seguro concluir-se que a execução de uma sentença legal ganharia grave e

eficaz significação. Assim, a multidão mostrava-se sóbria e séria. A infeliz condenada mantinha-se no limite da contenção possível a qualquer mulher que se encontrasse sob o peso implacável de mil olhos, todos pregados nela e fixos ao que trazia no peito. Algo quase intolerável de ser suportado. De natureza impulsiva e apaixonada, Hester sentia-se forte para enfrentar os golpes e venenosas estocadas do público com insolência, suportando todo tipo de insulto; mas na solenidade com que a recebera o povo havia algo de muito mais terrível, a ponto de ela passar a desejar, em vez disso, ter diante de si rostos austeros temperados de um alegre escárnio do qual ela própria seria o alvo. Tivesse a multidão estourado em riso — cada homem, cada mulher, cada criancinha de voz estridente contribuindo com sua parte —, Hester Prynne retribuiria, talvez, com um sorriso de amargura e desdém. Mas, sob o pesado castigo que lhe coubera suportar, ela sentia, em alguns momentos, a necessidade de gritar com toda a força e jogar-se de cima daquele cadafalso, ou enlouqueceria de vez.

Havia, porém, períodos em que a cena toda, na qual ela era o centro das atenções, parecia desaparecer diante de seus olhos, ou ao menos vacilar indistinta à sua frente, feito um amontoado de imagens espectrais delineadas de forma imperfeita. Sua mente, e a memória em especial, permanecia incrivelmente ativa e não parava de sugerir imagens diferentes daquela de uma rua mal traçada de uma pequena cidade nos confins do Oeste selvagem, e outros rostos que não aqueles que se revelavam sob as abas dos chapéus de copa alta. As mais insignificantes e impalpáveis reminiscências, passagens da infância e dos tempos de escola, brincadeiras e desavenças de criança, minúcias íntimas de seus anos de mocidade voltavam-lhe com força, entremeadas por lembranças do que mais tivesse sido digno de nota desse ponto para trás de sua vida; um quadro mais vívido do que o outro nos detalhes, como se ganhassem todos a mesma importância ou fossem todos de igual deleite. Possivelmente um mecanismo instintivo de seu espírito, de modo a aliviar-se do peso cruel e da dureza da realidade com tal projeção de imagens fantasmagóricas.

Mas, seja como for, aquele cadafalso foi o ponto de observação de onde se revelou, para Hester Prynne, todo o seu percurso desde uma

infância feliz. Ocupando aquela posição de triste destaque, reviu o vilarejo onde nascera, na Velha Inglaterra, e a casa dos pais; uma construção decadente de pedras cinzentas, com um aspecto de pobreza, mas ornada, sobre o pórtico, com um desbotado brasão de armas, antigo símbolo de nobreza. Viu o rosto do pai, a calvície e a reverenda barba branca espalhada sobre uma gola elisabetana dédomé; e também a expressão da mãe, sempre cheia de consideração e amor, conforme lembrava-se dela, e que, mesmo depois de sua morte, tantas vezes cruzara o caminho da filha para repreendê-la com suavidade. Viu o próprio rosto, reluzente em sua beleza de menina, iluminando o interior do espelho embaçado no qual costumava se olhar. Foi então que vislumbrou outro rosto, de um homem já bem entrado em anos, cara pálida, magra e sapiente, olhos cansados e turvos da luz do lampião que lhe ajudara a ler tantos pesados volumes. E no entanto aqueles olhos fatigados exibiam uma estranha e penetrante força quando seu dono tinha por propósito ler a alma humana. Essa figura de gabinete e claustro, conforme a perspicácia feminina de Hester não falharia em recordar, era levemente deformada, o ombro esquerdo um pouco mais alto do que o direito. O que surgiu em seguida na galeria de imagens de sua memória foram as ruas, casas altas e cinzentas, catedrais e prédios públicos, antigos em idade e exóticos em arquitetura, de uma cidade do continente, onde, ainda ligada à figura deformada do homem sapiente, teria podido viver uma nova vida; nova, sim, mas alimentada por gasta matéria-prima, como um tufo de musgo verde numa parede caindo aos pedaços. Por fim, tomando o lugar dessas imagens cambiantes, voltou a enxergar a precária praça pública da colônia puritana, apinhada de toda a gente da cidade com seus olhares severos sobre Hester Prynne — sim, sobre ela mesma — de pé sobre o cadafalso, uma criança nos braços, a letra A, escarlate, magnificamente bordada em fio dourado sobre o peito.

Seria verdade mesmo? Ela apertou o bebê com tanta força contra si que ele soltou um gemido; Hester voltou os olhos à letra escarlate e chegou a tocá-la com um dedo, certificando-se de que a criança e a infâmia eram reais. Sim! Aquela era a sua realidade atual, e todo o resto havia desaparecido!

3
Um rosto conhecido

Por estar tão intensamente consciente de que era objeto de severa e universal atenção, a portadora da letra escarlate sentiu grande alívio ao identificar, na multidão, uma figura que se apossou de seus pensamentos. Um índio, com sua vestimenta típica, estava lá parado; mas os nativos não eram visitantes tão incomuns nos assentamentos ingleses a ponto de um deles atrair a atenção de Hester Prynne num momento daqueles; muito menos sua aparição teria sido suficiente para que todos os demais pensamentos sumissem de sua mente. Ao lado do índio, e claramente na sua companhia, havia um homem branco numa estranha e desordenada combinação de trajes civilizados e selvagens.

Era pequeno em estatura, com um rosto enrugado, o qual, ainda assim, dificilmente poderia ser classificado como o de um velho. Exibia notável inteligência nos traços, como se tivesse cultivado o lado mental a tal ponto que isso não poderia deixar de transparecer no seu aspecto físico, manifesto em sinais inconfundíveis. Embora, pelo aparente descuido na composição da roupa em peças heterogêneas, ele se empenhasse em esconder certa peculiaridade, era bastante evidente para Hester Prynne que um dos ombros daquele homem era levemente mais alto do que o outro. De novo, no instante em que avistou aquele rosto magro e a leve deformidade da figura, ela apertou a criança contra o peito, e com tal força convulsiva que o pobre bebê soltou mais um gemido de dor. Mas a mãe pareceu não o ouvir.

Em sua chegada à praça pública, e antes que ela o visse, o desconhecido fixara o olhar em Hester Prynne. De início de maneira desleixada, como um homem acostumado a olhar para dentro de si e para quem as questões exteriores são de pouco valor e importância, a menos quando mantêm alguma relação com o que lhe passa na mente. Em pouco tempo, no entanto, seu olhar tornou-se afiado e penetrante.

Um horror de movimentos contorcidos tomou suas feições, como se uma serpente deslizasse depressa por ali e fizesse uma ligeira pausa, as circunvoluções espiraladas à vista de todos. O rosto anuviou-se de um poderoso sentimento controlado tão instantaneamente pelo empenho de sua vontade que, salvo por um único instante, sua expressão teria passado a ideia de calma. Depois de um breve momento, aquela convulsão dos traços tornou-se quase imperceptível, recuando finalmente às profundezas de sua natureza. Quando seus olhos encontraram os de Hester Prynne e ele viu que a mulher parecia reconhecê-lo, ergueu um dedo lenta e calmamente, fazendo um gesto no ar e pousando-o nos lábios.

Então, tocando o ombro de um cidadão que estava a seu lado, dirigiu-se a ele de modo cerimonioso e cortês.

"Por obséquio, senhor", disse, "quem é aquela mulher? E por que está exposta à humilhação pública?"

"Só podes ser um forasteiro nesta região, amigo", respondeu o homem, olhando com curiosidade para quem lhe fizera a pergunta e para o selvagem que o acompanhava, "caso contrário teria certamente ouvido falar da senhora Hester Prynne e de seus malfeitos. Ela foi motivo de grande escândalo, eu vos asseguro, para a congregação do reverendo Dimmesdale."

"Tens razão", respondeu o outro. "Sou um forasteiro e tenho vivido como andarilho, em grande medida contra a minha vontade. Passei por sérios infortúnios em terra e mar, e durante muito tempo fui mantido como escravo por uma gente pagã, lá no Sul; fui resgatado por este índio, que me redimiu de meu cativeiro. Será que o senhor poderia, portanto, contar a respeito dos crimes de Hester Prynne — é esse o nome dela, se ouvi corretamente —, dos crimes dessa mulher, e o que a traz até o cadafalso?"

"Certamente, amigo, e penso que em teu coração te alegrarás após esse período de sofrimento em cativeiro selvagem", retomou o cidadão, "ao saber que, finalmente, te encontras num lugar onde a iniquidade é descoberta e punida à vista dos governantes e do povo; é assim por aqui, em nossa abençoada Nova Inglaterra. Aquela mulher, senhor, precisas saber, foi casada com um douto sujeito, inglês de nascimento, mas que há muito andava por Amsterdam, de onde,

muito tempo atrás, pretendeu partir para se instalar entre nós, em Massachusetts. Com esse propósito, enviou a mulher na frente, ficando por lá porque precisava, antes de vir, resolver algumas questões. Pasma, meu caro senhor, que dois anos se passaram, pouco menos, a mulher já estabelecida em Boston e nenhuma notícia de seu douto marido; a jovem esposa, vê, largada à própria sorte...”

“Ah! Estou entendendo”, disse o desconhecido com um sorriso de amargura. “Homem tão douto, como diz o senhor, deve ter aprendido esse tipo de coisa nos livros também. E quem, por favor, amigo, seria o pai daquele bebê — de três ou quatro meses de idade, é o que julgo — nos braços da senhora Prynne?”

“Para dizer a verdade, amigo, essa questão permanece um mistério; e o cidadão que virá desvendá-lo ainda não apareceu”, respondeu o homem. “Madame Hester recusa-se terminantemente a falar, e os juízes uniram esforços nesse sentido, mas em vão. Quem sabe o culpado não esteja bem aqui, assistindo oculto a este triste espetáculo, esquecendo-se de que Deus pode vê-lo?”

“O tal douto marido”, observou o desconhecido, novamente com um sorriso, “deveria vir ele mesmo tentar solucionar o mistério.”

“Seria justo, se o sujeito ainda estiver vivo”, respondeu o cidadão. “Pois, meu caro senhor, nossos juízes de Massachusetts, tendo em conta que se trata de mulher jovem e honesta, a qual indubitavelmente foi fortemente tentada à queda — e cujo marido, além disso, é muito provável que esteja no fundo do mar —, não tiveram ímpeto suficiente para aplicar-lhe nossas justas leis no seu mais extremo. A pena poderia ser a morte. Mas, com sua grande misericórdia e ternura de coração, condenaram a senhora Prynne a apenas três horas de exposição no local das punições e a usar um emblema de vergonha sobre o peito pelo resto de sua vida.”

“Uma sábia sentença!”, comentou o desconhecido, curvando a cabeça num gesto grave. “Assim ela servirá como um sermão vivo contra o pecado, até o dia em que o ignominioso sinal seja estampado sobre seu túmulo. Intriga-me, no entanto, que seu parceiro de iniquidades nem ao menos esteja ao lado dela sobre aquela plataforma. Mas ele será descoberto! Será descoberto! Será descoberto!”

Novamente curvou-se, cortês, para o falante cidadão e, após cochichar algumas palavras ao índio que o acompanhava, saíram os dois abrindo caminho em meio à multidão.

Enquanto isso tudo se passava, Hester Prynne permanecia em seu pedestal, com o olhar ainda fixo no desconhecido; tão fixo que, em certos momentos de intensa absorção, todos os demais objetos do mundo visível pareceram desaparecer, restando ali somente ela e ele. Um encontro a sós talvez fosse pior do que o rever daquela maneira, com o sol quente do meio-dia a lhe queimar o rosto e iluminar a vergonha; com o símbolo escarlate da infâmia sobre o peito; com a criança fruto do pecado em seus braços; com toda a população, atraída como se viesse a uma festa, mirando seu rosto, o qual só deveria ser visto sob a quieta luminosidade de uma lareira, no recesso feliz de um lar, coberto pelo véu tradicional das matronas, na igreja. Por mais horrível que fosse a situação, ela tinha consciência de que a presença daqueles milhares de testemunhas era um abrigo. Era melhor estar ali, com aquela gente toda entre eles, do que ter de cumprimentá-lo cara a cara, os dois sozinhos. Ela buscou refúgio, pois, na exposição pública, e temia o momento em que tal proteção seria retirada. Mergulhada nesses pensamentos, mal ouviu uma voz atrás dela, que repetiu seu nome mais de uma vez, em tom alto e solene, audível para toda a multidão.

"Escuta-me, Hester Prynne!", dizia a voz.

Conforme observamos anteriormente, bem acima da plataforma sobre a qual estava Hester Prynne, despontava do edifício da igreja uma espécie de sacada ou galeria aberta. Era o local onde geralmente se faziam as proclamações durante uma sessão da magistratura, com todo o cerimonial a que tinham direito tais ocasiões naquele tempo. Ali, testemunhando a cena que ora descrevemos, estava sentado o governador Bellingham[1] em pessoa, com os quatro sargentos de sua guarda de honra circundando a sua cadeira, alabardas em punho. Usava uma pena negra no chapéu, um sobretudo com arremates bordados e uma túnica de veludo preto por baixo; um cavalheiro de idade avançada, cujos anos de dura experiência apareciam escritos nas rugas do rosto. Não era despropositado que fosse ele o líder e o representante de uma comunidade que devia suas origens e seu

progresso, além do presente estágio de desenvolvimento, não a impulsos de juventude, mas aos austeros e equilibrados esforços de homens maduros e à sóbria sagacidade resultante da passagem dos anos; os êxitos eram tamanhos justamente porque tão pouco, de início, se imaginou e esperou conseguir. As demais eminentes personalidades ao redor do governador distinguiam-se pela aparência de solenidade, em uma época em que toda forma de autoridade era vista como possuidora da aura sagrada das instituições divinas. Tratava-se, não há dúvida, de homens bons, justos e sábios. Mas, da totalidade da família humana, não teria sido fácil selecionar o mesmo número de pessoas sensatas e virtuosas que, como aqueles senhores de expressões rígidas a quem Hester Prynne agora se voltava, estivessem tão pouco aptas a separar o bem do mal no julgamento dos deslizes de um coração feminino. Ela parecia, de fato, saber que, se é que podia esperar algo assim, obteria alguma simpatia somente no seio maior e mais terno da multidão; pois, ao levantar os olhos para a galeria, a infeliz condenada empalideceu e tremeu.

A voz que escutara chamar seu nome era do venerando e célebre John Wilson,[2] o mais velho entre os clérigos de Boston, um grande erudito, como a maior parte de seus contemporâneos de profissão, e acima de tudo um homem de espírito afável e gentil. Ao desenvolvimento desse seu último atributo, porém, ele havia se dedicado com menos cuidado do que a seus dotes intelectuais, e via-o, na verdade, mais como motivo de vergonha do que de orgulho. Ali estava o homem, uma mecha de seus cabelos grisalhos escapando sob seu barrete; os olhos cinzentos, mais acostumados à luz baça de seu gabinete, piscavam como os do bebê de Hester sob o brilho intenso do sol. Parecia uma daquelas gravuras sombrias que ilustram velhos livros de sermões, e tinha tanto direito quanto uma dessas figuras de ir a público, como então fazia, com uma interpelação sobre a culpa, a paixão e a aflição humanas.

"Hester Prynne", disse o clérigo, "discutia aqui com meu jovem irmão, cujos sermões tiveste o privilégio de frequentar" — nesse instante, o sr. Wilson pousou a mão no ombro de um rapaz pálido que o ladeava — "na tentativa de convencê-lo, em sua abençoada juventude, a resolver o caso da senhora, na presença dos céus e diante

desses sábios e justos governantes, com todo o povo como testemunha, abordando a vileza e o negrume do pecado que cometeste. Conhecendo-te melhor o temperamento, ele poderia escolher os argumentos mais adequados, entre palavras de ternura ou terror, e fazê-los, talvez, prevalecer sobre tua resistência e tua obstinação; de modo que não mais ocultasses o nome daquele que a fez cair em tentação. Mas meu amigo contrapõe a isso — com a timidez excessiva dos jovens, mas uma sapiência muito além da sua idade — que seria um equívoco, tratando-se da própria natureza feminina, obrigar uma mulher a revelar os segredos de seu coração em plena luz do dia e na presença de tamanha multidão. Verdade que, conforme tento argumentar com ele, a vergonha está em cometer o pecado, e não em confessá-lo. O que me dizes, irmão Dimmesdale? Serás tu ou serei eu a resolver o caso dessa pobre alma pecadora?"

Um murmúrio percorreu as fileiras de venerandos e solenes ocupantes da galeria; e foi o governador Bellingham quem expressou a vontade geral, num tom de autoridade, amenizado pelo respeito ao jovem clérigo a quem se dirigia.

"Caro reverendo Dimmesdale", disse, "a responsabilidade pela alma dessa mulher recai, em grande medida, sobre o senhor. Seria justo, portanto, que a exortasses à penitência e à confissão, como prova e consequência disso."

A objetividade daquele apelo fez que todos os olhos na multidão se voltassem para o reverendo Dimmesdale; um jovem clérigo, saído de uma das grandes universidades inglesas para trazer ao território selvagem toda a sabedoria da época. Sua eloquência e seu fervor religioso já lhe haviam proporcionado a mais alta distinção na profissão. Era uma pessoa de aparência notável, fronte branca, altiva e ameaçadora, olhos grandes, castanhos e melancólicos, e uma boca que, exceto quando comprimida propositalmente, tremia, expressando ao mesmo tempo sensibilidade nervosa e enorme autocontrole. Apesar de seus dons naturais e de suas realizações eruditas, o jovem clérigo exalava um aspecto de apreensão e alarme, tinha uma expressão um tanto assustada, como uma criatura que se encontra perdida nos caminhos da existência humana e somente se sentisse à vontade recolhida em si mesma. Assim, na medida em que suas

responsabilidades lhe permitiam, transitava por discretas vias secundárias, mantendo-se simples e puro; quando a ocasião pedia que viesse a público, fazia-o de modo tão invulgar e novo, e com tal candura e serenidade de pensamento, que muitas pessoas se declaravam tocadas por seus sermões como se ouvissem as palavras de um anjo.

Assim era o jovem que o reverendo Wilson e o governador haviam exposto tão abertamente à apreciação pública, instando-o a lidar, na presença de todos, com o mistério de uma alma feminina, sagrada, ainda que caída em desgraça. A posição difícil em que fora colocado drenou-lhe o sangue da face e fez seus lábios tremerem.

"Fala à mulher, irmão", retomou o sr. Wilson. "É justo com a alma dela e, portanto, como bem disse o venerando governador, importante também para a tua própria, pois sobre ti recai essa responsabilidade. Exorta-a a confessar a verdade!"

O reverendo Dimmesdale baixou a cabeça, orando em silêncio, ao que parecia, e então se manifestou.

"Hester Prynne", disse ele, inclinando-se sobre a amurada da galeria e olhando firmemente nos olhos dela, lá embaixo, "ouviste o que este bom homem acaba de falar e vês a responsabilidade que pesa sobre mim. Se sentes que é para tua própria paz de espírito e que com isso tua punição terrena será mais efetiva para que sejas salva, exorto-te a revelar o nome daquele que contigo pecou e contigo sofre! Não te cales por algum equivocado sentimento de pena ou ternura por ele; pois crê, Hester, mesmo que esse homem fosse obrigado a descer de alguma alta posição para ficar aí a teu lado, nesse pedestal da vergonha, ainda seria melhor do que ocultar a culpa no coração por toda uma vida. De que serviria o teu silêncio, exceto para tentá-lo — sim, induzi-lo, isso mesmo — a somar hipocrisia ao pecado anterior? Os céus te oferecem a oportunidade de expor tua ignomínia, de modo que possas, também publicamente, triunfar sobre o mal dentro de ti e o pesar que demonstras. Não negues a ele — que talvez não tenha coragem para tomá-lo por si mesmo — o remédio amargo mas benéfico que agora chega aos teus lábios!"

A voz do pastor tremia, doce, bela, profunda e comovida. O sentimento que tão manifestamente carregava, mais do que a intenção

direta das palavras, fez vibrar todos os corações e provocou a simpatia unânime da audiência. Mesmo o pobre bebê nos braços de Hester sentiu seus efeitos; seu olhar até então perdido voltou-se para onde estava o sr. Dimmesdale, e a criança elevou os bracinhos com um murmúrio de protesto e satisfação. Tão poderoso fora o apelo do clérigo que o povo acreditava plenamente que Hester Prynne revelaria o nome do culpado; ou mesmo que o próprio culpado, qualquer fosse seu posto de observação, alto ou baixo, por uma necessidade interior e inevitável, se sentiria compelido a revelar-se e subir ao cadafalso.

Hester abanou a cabeça negativamente.

"Mulher, não forces os limites da misericórdia celeste!", bradou o reverendo Wilson, mais incisivo do que antes. "A esse bebê foi concedida uma voz, para que reforce e confirme o conselho que acabas de ouvir. Revela o nome! Isso e tua penitência poderão permitir que retires a letra escarlate do peito."

"Nunca!", respondeu Hester Prynne, encarando não o sr. Wilson, mas diretamente os olhos graves e perturbados do jovem clérigo. "Este emblema é profundo demais. Ninguém pode arrancá-lo. Então suportarei o sofrimento dele, além do meu!"

"Fala, mulher!", disse outra voz, fria e austera, saída da multidão que rodeava o cadafalso. "Fala; e dá à tua criança um pai!"

"Não falarei!", retrucou Hester, pálida como um cadáver, mas respondendo àquela voz que certamente reconhecera. "E a meu bebê caberá um Pai divino; ela jamais conhecerá um pai deste mundo!"

"Ela não falará!", murmurou o sr. Dimmesdale, que, debruçado sobre a amurada da galeria, com a mão sobre o peito, tinha aguardado o resultado de seu apelo. Ele agora recuava, com um longo suspiro. "Espantosa a resistência e a generosidade desse coração de mulher! Ela não falará!"

Percebendo o estado mental irredutível da pobre condenada, o clérigo mais velho, que se preparara cuidadosamente para a ocasião, dirigiu-se à multidão com um discurso sobre o pecado em todas as suas vertentes, mas fazendo contínua referência à ignominiosa letra. Tão insistentemente dissertou sobre o emblema, durante a hora ou mais em que suas frases foram lançadas sobre as cabeças do povo, que o símbolo se tornou ainda mais terrível à imaginação, parecendo

derivar seu tom escarlate das chamas do inferno. Hester Prynne, enquanto isso, manteve-se onde estava, no pedestal da vergonha, com os olhos vidrados e um ar de desgastada indiferença. Tinha suportado naquela manhã tudo o que era possível suportar; e, não sendo seu temperamento do tipo propenso a escapar de sofrimentos muito intensos com um desmaio, seu espírito somente poderia abrigar-se sob uma crosta rochosa de insensibilidade, sua natureza animal intacta. Nesse estado, a voz do pastor ressoava impiedosa mas inócua aos seus ouvidos. Os gritos e o choro do bebê trespassaram o ar na parte final do sermão; a mulher empenhou-se em acalmá-lo, mecanicamente, mas não parecia se sensibilizar muito com o sofrimento da filha. Ainda com a postura firme, foi levada de volta à prisão, desaparecendo da vista do público pela porta guarnecida com ferro. Aqueles que a viram adentrar o corredor escuro do interior da cadeia comentaram que a letra escarlate iluminava seu caminho com um vívido clarão.

4
O encontro

Depois de seu retorno à prisão, Hester Prynne achava-se num estado de excitação nervosa que pedia constante vigilância, pois era capaz de perpetrar alguma violência contra si ou, por algum desvario, fazer mal ao pobre bebê. Caía a noite e, como se mostrara impossível domar sua insubordinação com repreensões e ameaças de castigo, o sr. Brackett, o carcereiro, achou por bem chamar um médico. Segundo o carcereiro, tratava-se de homem habilitado em todas as técnicas cristãs da ciência médica, igualmente conhecedor de tudo quanto a gente selvagem tivesse a ensinar nessa matéria, sobre ervas e raízes nativas da floresta. Para dizer a verdade, aquela ajuda profissional era necessária não apenas para Hester, mas, ainda mais urgentemente, para a criança; a qual, nutrindo-se no seio materno, parecia ter ingerido também toda a agitação, a aflição e o desespero do corpo da mãe. A menina agora se contorcia em convulsões de dor e encarnava em escala menor a agonia moral que Hester Prynne havia suportado ao longo de todo o dia.

Logo atrás do carcereiro, adentrando a cela sombria, vinha o indivíduo de aspecto singular, cuja presença no meio da multidão despertara tão grande interesse na portadora da letra escarlate. Fora alojado na prisão não como suspeito de algum crime, mas para que, da forma mais conveniente e adequada, seus serviços fossem utilizados até que os juízes pudessem investigar, junto aos chefes indígenas, o valor de seu resgate. Informou que seu nome era Roger Chillingworth. O carcereiro, depois de escoltá-lo para dentro do recinto, permaneceu ali um momento, maravilhado com a relativa calma que se seguiu à chegada do homem; pois Hester Prynne tinha imediatamente ficado imóvel feito um cadáver, embora o bebê continuasse a gemer.

"Rogo-te, amigo, que me deixes sozinho com minha paciente", disse o médico. "Confia em mim, bom carcereiro, em breve se aquietará a tua casa; e prometo-lhe que a senhora Prynne daqui por diante vai se

mostrar menos intratável à autoridade constituída do que foi até agora."

"Ah, se tua prática for capaz de tal êxito", respondeu o sr. Brackett, "eu o terei por um homem de verdadeiro talento! Palavra, a mulher se comporta como que possuída; e faltou pouco para que eu cuidasse de arrancar-lhe satanás do corpo a chibatadas."

O desconhecido adentrara a cela com a discrição característica à profissão pela qual se anunciara. Essa atitude tampouco mudou quando o carcereiro o deixou a sós, cara a cara, com a mulher, cuja atenção tão concentrada nele, no meio do povo, sugeria haver intimidade entre os dois. Primeiro, deu tratos à criança; de fato, seus gritos, enquanto se contorcia deitada numa segunda cama, tornava peremptório adiar qualquer outra questão até que tivesse se acalmado. Ele examinou com cuidado o bebê, abrindo, em seguida, um estojo de couro que sacou de debaixo da roupa. Aparentemente continha alguns preparados medicinais, um dos quais misturou num recipiente com água.

"Meus antigos estudos de alquimia", ele observou, "e minha temporada, de mais de um ano agora, entre uma gente versada nas boas propriedades de plantas curativas tornaram-me um médico melhor do que muitos daqueles que se dizem formados na matéria. Aqui, mulher! A filha é tua — não tem nada a ver comigo —, não me reconheceria a voz ou o rosto como sendo os de seu pai. Administra tu mesma, portanto, esta dose."

Hester repeliu o remédio que lhe era ofertado; em seu rosto havia uma expressão fortemente marcada de apreensão.

"Serias capaz de vingar-te neste inocente bebê?", ela sussurrou.

"Mulher tola!", respondeu o médico, friamente, mas tentando tranquilizá-la. "De que me adiantaria fazer mal a essa desafortunada e miserável criança? Esse remédio só pode lhe fazer bem; fosse minha filha — sim, minha, tanto quanto tua! — eu não faria melhor."

Como a mulher ainda assim hesitasse e, na verdade, não mostrasse razoável controle das faculdades mentais, ele próprio tomou a criança nos braços e administrou-lhe a dose. Que logo se mostrou eficaz, cumprindo-se a promessa do médico. Os gemidos da pequena paciente diminuíram; seus arremessos convulsivos gradualmente cessaram; e,

momentos depois, como costuma acontecer com crianças pequenas assim que têm suas dores aliviadas, o bebê caiu num sono profundo e sereno. O médico, e agora era justo chamá-lo assim, imediatamente voltou sua atenção à mãe. Num escrutínio calmo e atento, sentiu-lhe o pulso, olhou em seus olhos — e o coração dela ficou apertado e estremeceu, pois ali estava um olhar familiar e no entanto estranho e frio —, para enfim, satisfeito com o exame, passar ao preparo de uma nova dose de remédio.

"Nada sei sobre Lete[1] ou nepente",[2] comentou ele; "mas tenho aprendido muitos segredos novos no ambiente selvagem, e aqui está um deles. Receita que um índio me passou, em troca de alguns ensinamentos meus, e que é tão antiga quanto Paracelso.[3] Bebe! Pode não ser tão reconfortante quanto uma consciência livre de pecados. Isso não posso te dar. Mas acalmará tua agitação enfurecida como óleo acalma as ondas de um mar tempestuoso."

Ele ofereceu o recipiente a Hester, que o apanhou com uma expressão lenta e séria no rosto; não exatamente de medo, mas questionadora e repleta de dúvidas quanto a quais seriam os propósitos dele. Olhou também para o bebê adormecido.

"Tenho pensado na morte", disse a jovem, "desejado morrer. Teria até rezado por isso se alguém como eu pudesse rezar por alguma coisa. Mas, caso a morte esteja aqui, peço-te que reconsideres o que estás fazendo antes que eu sorva o primeiro grande gole. Vê! Já a levo aos meus lábios!"

"Bebe, então", ele respondeu, mantendo a mesma postura fria. "Conheces-me assim tão pouco, Hester Prynne? Seriam meus propósitos tão levianos? Mesmo que pensasse em me vingar, o que poderia ser melhor do que manter vivo o objeto dessa vingança, do que lhe administrar remédios contra todo mal e risco de morte, de modo que essa ardente vergonha possa continuar a queimar sobre o teu peito?" E, ao dizer isso, ele pousou seu longo indicador sobre a letra escarlate, que de imediato pareceu se acender sobre o busto de Hester, feito uma brasa quentíssima. O homem reparou na reação involuntária dela e sorriu. "Vive, pois, e carrega contigo esse fardo aos olhos de homens e mulheres, aos olhos daquele a quem chamaste de

teu marido, aos olhos desta criança! E, para que vivas, toma essa dose."

Sem mais demora ou procrastinação, Hester Prynne engoliu o conteúdo do recipiente e, a um movimento do hábil médico, sentou-se na mesma cama em que dormia o bebê; enquanto isso, ele apanhava a única cadeira disponível na cela, sentando-se próximo à mulher. Esses preparativos para a conversa deixaram-na trêmula; pois sentia que — tendo já feito tudo aquilo que certo senso de humanidade, seus princípios, ou quem sabe uma refinada crueldade o impeliam a fazer pelo alívio de sofrimentos físicos — ele agora, como o homem que ela tão profunda e irreparavelmente ferira, a trataria de acordo.

"Hester", começou ele, "não perguntarei como nem por que desceste ao poço, ou melhor, subiste ao pedestal da infâmia em que hoje te encontrei. Não preciso ir longe para descobrir. A culpa é da minha loucura e da tua fraqueza. Eu, um homem de reflexão, rato de grandes bibliotecas, um sujeito já decadente que dedicara meus melhores anos a alimentar o sonho faminto do conhecimento, que teria eu em comum com alguém jovem e bela como tu? Malformado de nascença, como pude me iludir com a ideia de que meus dotes intelectuais chegariam a compensar a deformidade física nas fantasias de uma moça? Dizem que sou sábio. Se os sábios alguma vez usassem de sua sabedoria em proveito próprio, eu talvez tivesse antevisto tudo isso. Talvez tivesse pressentido que, ao abandonar a vasta e sombria floresta e adentrar esta colônia cristã, tu serias a primeiríssima coisa que meus olhos veriam, Hester Prynne, parada diante do povo, um monumento à ignomínia. Ah, no momento em que descíamos juntos os degraus da velha igreja, casados, deveria ter vislumbrado o fogo imenso dessa letra escarlate a queimar no fim da linha!"

"Sabes", retrucou Hester, pois, por mais deprimida que estivesse não seria capaz de suportar aquele sorrateiro golpe final sobre o símbolo de sua vergonha, "que fui honesta contigo. Não te amava e não o fingi."

"Verdade!", replicou ele. "Foi insensatez minha! Já disse. Mas, até aquele momento, tinha vivido em vão. O mundo não tinha alegria! Meu coração, uma casa bastante grande e para muitos hóspedes, mas fria e solitária, com a lareira apagada. Ansiava por acendê-la! E não

me parecia um sonho tão descabido — por mais velho, carrancudo e deformado que eu fosse — que essa simples bênção, tão larga e fartamente distribuída para toda a espécie humana, ainda pudesse me tocar. E então, Hester, abriguei-te em meu coração, no mais reservado de seus cômodos, e procurei aquecê-la pelo próprio calor que tua presença ali irradiava!"

"Fui uma grande decepção para ti", murmurou Hester.

"Decepcionamos um ao outro", ele respondeu. "O primeiro erro foi meu, ao conspurcar tua juventude em flor numa falsa e desnaturada relação com a decadência. Portanto, não tendo sido vãs minhas reflexões filosóficas, não busco vingança nem planejo o mal contra ti. Entre nós dois, a balança resta equilibrada. Mas, Hester, há um homem que traiu nós dois! Quem é ele?"

"Não perguntes!", retrucou Hester Prynne, encarando-o com firmeza. "Isso jamais saberás!"

"Jamais, tu dizes?", retomou ele, com um sorriso revelador de uma inteligência misteriosa e autoconfiante. "Jamais saberei quem é! Acredita em mim, Hester, quando te digo que há poucas coisas — seja no mundo exterior ou, até certo ponto, na esfera invisível do pensamento — passíveis de ficarem ocultas ao homem que se dedicar austera e completamente à solução de um mistério. Podes guardar teu segredo perante a multidão sedenta. Podes escondê-lo também dos pastores e dos juízes, como fizeste hoje, quando tentaram arrancar-te do coração o nome daquele que viria te fazer companhia em teu pedestal. Mas, quanto a mim, farei minha investigação armado de outras faculdades, não as deles. Perseguirei esse homem como persegui verdades nos livros; como busquei ouro na alquimia. Algum sinal me tornará consciente de sua presença. E hei de vê-lo tremer. E de sentir eu próprio um estremecimento, súbito e inesperado. Cedo ou tarde, ele terá de ser meu!"

Os olhos do velho erudito brilharam tão intensamente na direção de Hester que ela apertou as mãos contra o peito, temendo que ele fosse capaz de, ali mesmo, descobrir seu segredo.

"Não revelarás o nome desse sujeito? Mesmo assim cairá em minhas mãos", retomou o homem, com uma expressão segura, como se o destino pertencesse a ele. "Não carrega sobre as vestes a letra da

infâmia, como tu; mas saberei identificá-la em seu coração. Mas não temas por ele! Não penses que vou interferir nos métodos de punição divinos nem que o entregarei à justiça dos homens, pois apenas eu mesmo sairia perdendo com isso. Tampouco me imagines tramando o que quer que seja contra a vida dele; não, nem contra sua reputação, se, como imagino, ele a mantém intacta. Deixemos que viva! Deixemos que se esconda atrás de uma fachada de honra, se for capaz! Mesmo assim cairá em minhas mãos!"

"Ages com misericórdia", disse Hester, chocada e perplexa. "Mas tuas palavras a revestem de terror!"

"Queria de ti, que foste minha esposa, mais uma coisa", continuou o erudito. "Se manténs segredo do nome de teu amante, guarda, pois, segredo a meu respeito também! Não há ninguém nesta terra que me conheça. Não deixes que ninguém saiba que um dia me chamaste marido! É aqui, nestes confins selvagens da terra, que fincarei raízes; pois, sempre um andarilho alheio aos assuntos humanos, tenho neste lugar uma mulher, um homem, uma criança aos quais me encontro intimamente ligado. Não importa se por laços de amor ou ódio; não importa se pelas razões certas ou erradas! Tu e os teus, Hester Prynne, pertenceis a mim. Onde estiveres, e onde ele esteja, será minha casa. Mas não me traias!"

"Por que desejas essa situação?", quis saber Hester, um calafrio percorrendo-lhe sem saber o motivo, ao ouvir sobre aquele laço secreto. "Por que não te revelas e te vês livre de mim de uma vez?"

"Talvez", respondeu ele, "porque não queira ser alvo das maledicências que sofre o marido de uma esposa adúltera. Talvez por outras razões. Mas basta meu propósito de viver e morrer incógnito. Que para o mundo, portanto, teu marido já seja um homem morto, e do qual nunca mais se ouvirá falar. Não demonstres jamais me reconhecer, seja por palavra, gesto ou olhar! E não deixes escapar esse segredo, sobretudo, àquele a quem te entregaste. Caso me decepciones, verás! A reputação desse homem, sua posição, sua vida, estarão em minhas mãos! Acautela-te!"

"Guardarei teu segredo, assim como guardo o dele", disse Hester.

"Jura!", ele insistiu.

E ela jurou.

“E agora, senhora Prynne”, disse o velho Roger Chillingworth, como a partir de agora o chamaremos, “deixo-te em paz; a sós com teu bebê e tua letra escarlate! Como funciona, Hester? A sentença te obriga a usar o emblema mesmo enquanto dormes? Não tens medo de pesadelos e sonhos horríveis?”

“Por que sorris assim para mim?”, perguntou Hester, perturbada pela expressão nos olhos dele. “És tu o homem das trevas[4] que assombra a floresta à nossa volta? Prendeste-me num compromisso que se revelará a ruína de minha alma?”

“De tua alma, não”, ele respondeu, com outro sorriso. “Não, não da tua!”

5
Hester a bordar

Terminava o período de encarceramento de Hester Prynne. A porta da cadeia foi aberta e ela avançou para a luz do sol, que, iluminando todos igualmente, pareceu não ter outro propósito a seu coração doente e mórbido que revelar a letra escarlate sobre seu peito. Talvez houvesse mais sofrimento real naqueles seus primeiros passos solitários à saída da prisão do que até mesmo na procissão e no espetáculo descritos anteriormente, quando fora universalmente alvo de infâmia, com a totalidade do gênero humano unida apontando-lhe o dedo. Naquela ocasião, encontrara forças na tensão sobrenatural dos nervos e em toda a energia combativa própria de seu caráter, que lhe permitiram transformar a cena numa espécie de sinistro triunfo. Além do mais, aquele havia sido um evento isolado e à parte, que não se repetiria em sua vida, e ao encontro do qual ela seguira portanto sem poupar esforços, valendo-se de força vital suficiente para muitos anos de vida normal. A própria lei que a condenara — um gigante de feições austeras e vigoroso braço de ferro, que ampara tanto quanto aniquila — dera-lhe respaldo em seu suplício ignominioso. Mas agora, ao começar aquela caminhada solitária a partir da porta da cadeia, retornava ao dia a dia, e precisaria se manter à tona e seguir com os recursos ordinários de que dispunha por natureza, ou então sucumbir à rotina. Não podia mais se valer do futuro para ajudá-la a enfrentar o sofrimento presente. O dia de amanhã traria consigo mais um julgamento; e também o dia seguinte, assim como o outro; cada um com seu próprio julgamento, e no entanto sempre aquele mesmo que, agora, já era extremamente penoso suportar. Os dias de um futuro distante chegariam, ainda com o mesmo fardo que lhe fora dado assumir, carregar consigo e nunca abandonar; e o acúmulo dos dias e a soma dos anos ao entulho da vergonha só fariam aumentar seu sofrimento. Ao longo do tempo, desistindo de sua individualidade, ela

se tornaria o exemplo genérico para o qual talvez apontassem o pastor e o moralista, que poderiam reavivar e fazer encarnar nela as imagens da mulher frágil e da paixão pecaminosa. Assim, as jovens puras seriam instruídas a olhar para Hester, a letra escarlate queimando-lhe no peito — para ela, a filha de pais honrados; para ela, a mãe de um bebê que se tornaria uma mulher; para ela, que um dia fora inocente —, como a imagem, o corpo, a realidade do pecado. E a infâmia que teria de carregar até o túmulo ali ficaria, sobre ele, como seu único monumento.

Com o mundo diante dela — sem que houvesse em sua sentença uma cláusula restritiva que a obrigasse a ficar na colônia puritana, tão remota e tão obscura —, livre para retornar a seu local de nascimento ou a qualquer parte da Europa e lá ocultar sua identidade e sua pessoa sob nova aparência, emergindo completamente numa outra existência, e tendo ainda abertos para ela os caminhos inescrutáveis e sombrios da floresta, onde sua selvagem natureza talvez fosse assimilada por uma gente cujos costumes e modo de vida eram alheios à lei que a condenara, pode parecer espantoso que essa mulher continuasse a considerar seu lar aquela terra na qual, e somente nela, seria necessariamente um símbolo de vergonha. Mas um fatalismo, um sentimento tão inevitável e irresistível que tem a força de uma condenação, quase sempre compele os seres humanos a permanecerem como assombrações, fantasmas, no lugar onde algum evento grande e marcante deu sentido a suas vidas; e tanto mais irresistível isso será quanto mais triste tiver sido tal evento. Seu pecado, sua ignomínia, eram as raízes que a prendiam àquele solo. Para Hester Prynne, era como se outro nascimento, com implicações ainda maiores do que o primeiro, tivesse convertido aquela terra selvagem tão hostil a todos os outros peregrinos e viajantes em sua casa, um lar bárbaro e sombrio, para toda a vida. As demais imagens da terra — mesmo aquelas do vilarejo no interior da Inglaterra, onde sua infância feliz e sua imaculada mocidade pareciam ainda estar sob os cuidados da mãe, como vestidos há muito guardados — eram estranhas a ela, em comparação. A corrente que a prendia àquela colônia tinha elos de ferro, exasperava-lhe o fundo da alma, mas nunca poderia ser rompida.

Também era possível — sem dúvida era o caso, embora ela escondesse de si mesma tal segredo e empalidecesse sempre que tentava vir à tona em seu coração, feito serpente que sai da toca — que um outro sentimento fosse decisivo para mantê-la ligada àquele cenário e àquele caminho que tão nefastos se haviam provado. Ali residia, e naquele solo pisava, alguém com quem ela se via condenada a uma união que, sem reconhecimento terreno, seria concretizada às portas do juízo final, uma espécie de altar para os dois de onde seguiriam juntos para um futuro de castigo eterno. Repetidamente a cena era imposta à sua contemplação por um espírito temperamental, que se ria da alegria apaixonada e desesperada com a qual Hester se apegava à ideia, para em seguida procurar se livrar dela. Mal a encarava de frente e voltava a aprisioná-la em sua masmorra. Esforçava-se para crer — e era com isso, enfim, que justificava racionalmente sua decisão de permanecer na Nova Inglaterra — numa meia-verdade, enganando-se. Ali, dizia a si mesma, ela fora condenada, e era ali que receberia sua punição terrena; e então, talvez, a tortura daquela humilhação diária purgaria finalmente sua alma, concedendo-lhe outra pureza no lugar da que perdera; uma pureza mais santa, porque resultante de seu martírio.

Hester Prynne, portanto, não fugiu. Na periferia da cidade, ainda nos limites da península mas sem proximidade com nenhuma outra casa, havia um pequeno chalé com teto de palha. Tinha sido construído por um dos primeiros colonos, mas abandonado porque o solo era estéril, ao mesmo tempo que, por estar relativamente afastado, ficava fora do raio das atividades sociais já tão marcantes nos hábitos dos imigrantes. Localizava-se na costa, nas montanhas cobertas pela mata, debruçado a oeste, sobre uma enseada. Um amontoado de arbustos, do tipo que só cresce na península, não conseguia ocultar o chalé, e indicava que ali se escondia alguma coisa, ou pelo menos deveria se esconder. Nessa pequena e solitária casa, com alguns parcos recursos que possuía e a autorização dos juízes, Hester instalou-se com a filha. O lugar prontamente atraiu sobre si uma misteriosa sombra de suspeita. As crianças, que pela pouca idade não compreendiam por que aquela mulher devia ser banida da esfera da bondade humana, aproximavam-se escondidas de um local de onde

podiam observar o trabalho da moradora com a agulha, pela janela da casa, vê-la parada junto à porta de entrada, mexendo no pequeno jardim ou ainda saindo para ir à cidade; e, avistando a letra escarlate sobre seu peito, fugiam correndo, tomadas de um medo estranho e contagioso.

Apesar de sua solidão e sem um amigo que ousasse lhe fazer uma visita, Hester não corria o risco de passar necessidade. Dominava um ofício que, mesmo numa terra que pouca oportunidade oferecia, era suficiente para o sustento de si mesma e da filha, que crescia. Tratava-se da arte — naquele tempo, como agora, quase a única à disposição de uma mulher — das agulhas. Aquilo que levava no peito, na forma de uma letra engenhosamente bordada, era um exemplo de seu delicado e imaginativo talento, do qual as damas de sociedade podiam alegremente se valer para acrescentar os mais ricos e primorosos adornos a suas vestes de ouro e seda. De fato, ali, com a simplicidade de tons escuros que caracterizava em geral a maneira puritana de vestir, não seria grande a demanda por seu fino artesanato. Mas o gosto da época, que favorecia a sofisticação em produções desse tipo, não deixou de influenciar nossos austeros ancestrais, que haviam passado por tantas modas diferentes talvez mais difíceis de abandonar. Espetáculos públicos, como ordenações, posses de juízes e tudo que pudesse emprestar certa majestade às formas pelas quais um novo governo se apresenta ao povo eram, em regra, marcados por um imponente e bem conduzido cerimonial, assim como por uma grave mas estudada magnificência. Golas portentosas, barras arduamente trabalhadas e luvas lindamente bordadas eram adornos considerados indispensáveis aos homens de Estado ao assumir o poder; e logo eram franqueados aos indivíduos com nome ou dinheiro, ainda que as leis a respeito de luxo e ostentação proibissem esse tipo de extravagância entre plebeus. Também nos enterros — fosse para paramentar o defunto ou para expressar, nos múltiplos detalhes simbólicos em tecido negro ou linho branquíssimo, a dor dos que ficavam — era frequente e normal a demanda pelo trabalho que Hester Prynne podia fornecer. Enxovais de bebê — porque nessa época as crianças também se distinguiam pela roupa — apareciam como outra possibilidade de encomendas e remuneração.

Gradualmente e sem muita demora, seu trabalho, como diríamos hoje, entrou na moda. Se por piedade de uma mulher condenada a um destino tão miserável, se pela curiosidade mórbida que empresta valor imaginário àquilo que é comum e banal, se por qualquer outra circunstância intangível que então, como agora, bastava para conceder a certas pessoas o que as demais buscavam em vão, ou ainda se pelo fato de que Hester realmente viera preencher uma lacuna que, de outro modo, restaria aberta, o certo é que se viu pronta e regularmente ocupada com suas agulhas pelo número de horas que julgasse adequado. A vaidade talvez aceitasse se sacrificar para, em cerimônias de pompa e circunstância, cobrir-se dos ornamentos forjados por aquelas mãos pecadoras. Seu trabalho com as agulhas podia ser apreciado na gola do governador; os militares exibiam-no em suas echarpes e o pastor, em sua faixa; decorava o chapeuzinho do bebê; e acabava fechado nos caixões de defunto, para embolorar e apodrecer. Mas não há registro de uma única vez em que seu talento tenha sido convocado a auxiliar nos bordados do véu branco que cobriria a face pura e pudica de uma noiva. A exceção indicava o vigor sempre renovado com que a sociedade reprovava seu erro.

Hester buscava não mais do que sua subsistência, na mais modesta e ascética acepção da palavra, e um pouquinho de abundância para a filha. O vestido que ela própria trajava era feito do mais rude tecido e nos mais sombrios tons; e com apenas aquele enfeite — a letra escarlate — que era sua sina portar. Os trajes da menina, por outro lado, diferenciavam-se por uma interessante — ou talvez devêssemos dizer fantástica — engenhosidade, a qual vinha aumentar o charme gracioso que, desde cedo, a própria criança desenvolvera, mas que também parecia carregar significado mais profundo. Podemos voltar ao assunto adiante. Exceto por aquela pequena extravagância ao vestir a filha, Hester dava tudo o que fosse supérfluo à caridade, a miseráveis que chegavam a ter mais do que ela, e não poucas vezes praguejavam contra a mão que os alimentava. A maior parte do tempo, quando poderia perfeitamente empenhar-se em aperfeiçoar sua arte, ela usava na confecção de roupas rudimentares para os pobres. É provável que aí prevalecesse uma ideia de penitência e que, ao ocupar-se dessa atividade penosa e a isso dedicar tantas horas, Hester estivesse se

impondo um real sacrifício de seus momentos de prazer. Era de sua natureza uma característica própria dos orientais, um pendor para o rico e o voluptuoso — um gosto pela beleza extraordinária que, exceto em seu requintado trabalho com as agulhas, não achava oportunidade de exercitar nas demais áreas da vida. As mulheres encontram, nesse tipo de arte, uma satisfação incompreensível para o outro sexo. Para Hester Prynne, talvez fosse uma forma de expressar e também abrandar a paixão de sua vida. Como todos os outros prazeres, esse também ela rejeitava como pecado. Essa mórbida intromissão de sua consciência denotava, pode-se temer, não uma genuína e decidida penitência, mas alguma coisa duvidosa, algo que, debaixo da superfície, talvez estivesse profundamente equivocado.

Foi assim que Hester Prynne adquiriu um papel a desempenhar no mundo. Com sua natural energia de caráter e seu raro talento, não pôde ser totalmente banida, embora lhe tivessem imposto aquela marca que, para um coração de mulher, era mais intolerável do que o sinal na testa de Caim. Em suas relações, no entanto, nada era capaz de fazê-la sentir-se parte da sociedade. Cada gesto, cada palavra e mesmo o silêncio daqueles com quem mantinha contato insinuavam, e muitas vezes expressavam, o fato de que era uma proscrita, de que estava tão sozinha quanto se habitasse outra esfera ou se comunicasse com seus pares com outros órgãos e outros sentidos que não aqueles comuns ao restante do gênero humano. Ficava alheia aos assuntos dos mortais, mas próxima deles, como um fantasma que revisitasse o aconchego do lar, e ali não mais pudesse ser visto ou sentido; não mais pudesse sorrir das alegrias domésticas, nem chorar a dor dos seus; ou, se chegasse a conseguir manifestar essa solidariedade proibida, despertaria apenas terror e horrível repugnância. Na verdade, esse tipo de sentimento e o doloroso desprezo que carregava, pareciam ser a única porção do universal coração humano a que ainda tinha algum direito. Aquele não era um tempo de delicadezas; e sua condição, embora Hester a compreendesse perfeitamente, com frequência era lembrada à sua vívida percepção pelo mais indelicado dos toques no ponto mais sensível, como se fosse uma aflição nova. Os pobres que ela procurava transformar em alvo de toda a caridade, conforme já dissemos, amiúde insultavam aquela que estendia a mão

em seu socorro. Damas de alta posição, igualmente, cujas portas ela adentrava em razão de seu ofício, tinham o costume de derramar sobre seu coração algumas gotas de fel; por vezes com aquela arte da malícia discreta pela qual as mulheres são capazes de, no mais comezinho, introduzir sutil veneno; outras vezes, ainda, com uma expressão mais grosseira, a qual ia bater no peito indefeso da sofredora como um golpe bruto sobre a ferida ulcerada. Hester havia se preparado bem, e longamente, para isso; nunca reagia àqueles ataques, exceto pelo rubor carmesim que, de forma irreprimível, subia-lhe às faces pálidas, para em seguida novamente se recolher às profundezas de seu seio. Era paciente — uma mártir, de fato —, mas se negava a rezar por seus inimigos; para evitá-lo, apesar de sua inclinação a perdoar, suas palavras piedosas, distorcidas, teimavam em assumir a forma de imprecações.

Continuamente, e de outras mil maneiras, ela sentia os inúmeros e aflitivos golpes que aquela sentença do tribunal puritano, a ser eternamente cumprida, tão habilmente engendrava. Clérigos paravam na rua para proferir exortações, as quais atraíam, em torno da pobre e pecadora mulher, multidões com suas expressões de escárnio e reprovação. Se ela adentrava uma igreja, confiando ali compartilhar a alegria do sábado junto ao Pai Celestial, em geral passava pelo infortúnio de se ver transformada no tema do sermão. Passou a temer as crianças; os pais haviam inculcado nelas um vago horror àquela triste mulher perambulando silenciosa pela cidade, jamais acompanhada de mais ninguém que não sua única filha. Assim, depois de abrirem caminho para que passasse, perseguiam-na à distância com uivos horripilantes, repetindo uma palavra que, embora não encontrasse ressonância precisa em suas próprias mentes, para ela era terrível de ouvir, porque saía de lábios que a balbuciavam inocentemente. Aquilo parecia difundir a tais distâncias sua vergonha que toda a natureza ficava sabendo; não lhe causaria dor mais profunda ouvir as folhas das árvores sussurrarem entre si sua negra história, a brisa de verão murmurá-la no ar ou as rajadas de vento do inverno soprá-la em voz alta! Outro tipo peculiar de tortura era ter sempre novos olhos sobre si. Quando estranhos miravam com curiosidade a letra escarlate — e ninguém deixava de fazê-lo —, era

como se a imprimissem mais uma vez na alma de Hester; de modo que, muitas vezes, ela mal conseguia se impedir, mas sempre se impedia, de cobrir o símbolo com a mão. Um olhar acostumado àquela marca também impunha uma aflição à sua própria maneira. A fria mirada da familiaridade era intolerável. Em suma, Hester Prynne vivia o tempo todo a terrível agonia de sentir os olhares das pessoas olhando seu emblema, que nunca cicatrizou; parecia, ao contrário, ficar mais e mais sensível com aquele martírio diário.

Mas, às vezes, em muitos dias ou talvez ao longo de meses, ela percebia um olhar — um olhar humano — sobre a ignominiosa cicatriz, e experimentava um aparente alívio, como se a pessoa tomasse para si metade de seu sofrimento. No instante seguinte, voltava-lhe inteiro, num golpe ainda mais profundo de dor; pois, naquele curto intervalo, ela tornara a pecar. Teria Hester pecado sozinha?

Sua imaginação também foi afetada, mas se ela fosse uma pessoa de moral menos sólida e de menor fibra intelectual, teria sido ainda mais, dada a estranha e solitária aflição que era sua vida. De um lado para o outro, naqueles seus passos solitários pelo pequeno mundo exterior ao qual permanecia ligada, vez por outra parecia a Hester, ela sentia ou imaginava — ainda que apenas como um desejo, forte demais para se resistir a ele —, que a letra escarlate a dotara de um sentido extra. Estremecia ao crer, e mesmo assim não podia evitá-lo, que o símbolo dera a ela um conhecimento intuitivo sobre os pecados ocultos em outros corações. Via-se tomada de terrores com o que lhe era revelado dessa forma. O que seria aquilo? Que outra coisa senão os insidiosos sussurros do anjo mau, que diligentemente teria persuadido aquela sofredora, até ali apenas em parte sua vítima, de que a máscara de pureza não passava de uma mentira, e de que, se a verdade fosse revelada por todo lado, brilharia uma letra escarlate em cada um dos muitos bustos como o de Hester Prynne? Ou deveria ela tomar aquelas insinuações — tão obscuras, porém tão assertivas — como verdade? De toda a sua miserável experiência, nada lhe parecia mais horrível e odioso do que essas intuições. Que a chocavam e deixavam perplexa pela forma irreverente como, nas ocasiões mais inoportunas, manifestavam-se vividamente. Às vezes, a infâmia vermelha sobre seu

peito pulsava como um sinal, ao cruzar com um pastor ou um juiz, modelos de piedade e justiça, naquele tempo olhados com a reverência que mereceria um mortal com acesso privilegiado aos anjos. “Com que coisa maligna me deparo?”, perguntava Hester a si mesma. E, erguendo os olhos relutante, nada via de humano à sua frente, apenas a figura de um santo na terra! E uma espécie de irmandade mística tornava a se manifestar, contumaz, ao encontrar o semblante reprovador de alguma matrona, que, segundo era comentado à larga, mantivera-se casta a vida toda. A neve que jamais vira o sol no seio das mulheres, e a vergonha flamejante sobre o peito de Hester Prynne — o que teriam essas duas coisas em comum? Ou, uma vez mais, o choque elétrico de um arrepio dava o alarme — “Atenta, Hester, aí vem uma igual!” —, e, levantando o rosto, ela encontrava os olhos de uma jovem donzela pousados sobre a letra escarlate, tímidos e oblíquos, rapidamente desviados com um leve e febril rubor nas faces; como se sua pureza tivesse, de algum modo, sido manchada por aquela rápida mirada. Ah, Demônio, cujo talismã era aquele emblema fatal, não deixarás sobrar ninguém, jovem ou velha, a quem esta pobre pecadora possa admirar? Perder assim a fé é sempre uma das mais tristes consequências do pecado. Que se aceite como prova de que nem tudo se havia corrompido naquela infeliz vítima de sua própria fragilidade e da dura lei dos homens o fato de que ainda se empenhava em acreditar que nenhum mortal conhecia culpa maior do que a dela.

Entre a gente vulgar que, nessa época antiga e terrível, tinha sempre algo de grotesco a contribuir aos horrores que excitavam sua imaginação, circulava uma história sobre a letra escarlate que talvez possamos desde logo classificar como uma formidável lenda. Essas pessoas asseveravam ser o emblema não um simples retalho escarlate colorido por ordinária tintura, mas peça marcada a brasa no fogo do inferno, a qual se enxergava, toda iluminada, por onde quer que andasse Hester Prynne à noite. E, é preciso dizer, a marca queimava tão fundo sobre o peito de Hester que em tais rumores talvez haja mais verdade do que nosso ceticismo moderno estaria propenso a admitir.

6
Pearl

Até agora pouco falamos da criança; aquela criaturinha cuja vida inocente brotara, pelo inescrutável desígnio da Providência, feito uma flor linda e imortal, no canteiro luxurioso de uma paixão condenada. Como parecia estranho à pobre mulher vê-la crescer, sua beleza tornando-se cada dia mais vistosa, e o trêmulo raio de luz da inteligência iluminando as delicadas feições da pequena! Sua Pearl! Pois fora esse o nome que Hester lhe dera; não que traduzisse sua aparência, a qual nada tinha da serenidade e brancura, do impávido lustro que a comparação com uma pérola indicaria. Deu-lhe o nome porque a menina era muito valiosa a ela — comprada com todas as suas posses —, o único tesouro da mãe! Que coisa estranha, de fato! Dos homens recebera a marca do pecado na forma da letra escarlate, de eficácia tão poderosa e destruidora que não lhe tocava qualquer piedade humana, a não ser a dos pecadores como ela. Deus, como consequência direta do pecado que resultara em tal punição terrena, havia lhe dado uma criança encantadora; aconchegada àquele mesmo busto coberto de desonra, era o elo da mãe com a raça e a descendência dos mortais, e o que a levaria, finalmente, a ser uma alma abençoada no céu! Mas esses pensamentos encontravam em Hester Prynne mais apreensão do que esperança. Ela sabia que tinha feito mal; não podia ter fé, portanto, de que aquilo resultaria em algo de bom. Dia após dia, observava com medo a natureza agir sobre a criança; sempre temerosa de encontrar nela alguma sombria e selvagem peculiaridade, correspondendo à condenação a que a menina devia sua existência.

Decerto não apresentava qualquer deficiência física. Por sua forma perfeita, sua saúde e a natural destreza com que descobria a função de cada membro, o bebê era digno de ter saído do próprio Éden; digno de lá ter sido abandonado, como passatempo dos anjos, depois de seus

pais terem sido expulsos. A menina exibia, ao mesmo tempo, uma graça inata e uma beleza irretocável, as quais nem sempre se pode ver juntas; seus trajes, ainda que simples, nunca deixavam de impressionar quem a olhasse, como se não pudesse haver outros que lhe caíssem mais à perfeição. A pequena Pearl não se vestia com roupas rústicas. Sua mãe, movida por um impulso mórbido que poderá ser mais bem compreendido adiante, comprava os tecidos mais ricos e dava total liberdade a seu imaginativo talento para compor e decorar as vestes que a filha usaria em público. Ficava tão magnífica sua pequena figura quando recebia tais adornos e tamanho era o esplendor da natural beleza de Pearl, radiante nos lindos vestidos que talvez sufocassem uma beleza mais apagada, que formava-se em torno dela, no chão escuro do chalé, um círculo de absoluta radiância. E até um vestido encardido, gasto e manchado pelas travessuras da criança dava-lhe a mesma aparência imaculada. Pearl concentrava em si uma variedade infinita; nela coexistiam muitas meninas, o espectro completo que vai da beleza de um bebê camponês, flor selvagem, à pompa em miniatura de uma infanta real. Comum a todas, porém, o traço da paixão, uma profundidade de tons, que ela jamais perdia; e se, em qualquer dessas mutações, surgisse indistinta ou pálida, teria deixado de ser ela mesma — não seria mais Pearl!

Essa mutabilidade exterior indicava, e não mais do que justamente expressava, as várias propriedades de sua vida interior. Seu gênio parecia possuir profundidade, além de variedade; mas — a menos que fossem os temores de Hester a iludi-la — carecia de referências no mundo em que nascera e se adaptava mal a ele. A criança não se deixava dobrar por regras. Infringira-se uma lei importante para que ela pudesse existir; e o resultado era um ser cujos elementos até podiam formar um todo belo e iluminado, mas se achavam em desordem; ou estavam ordenados à sua maneira peculiar, na qual a lógica da variedade e da combinação era difícil ou impossível de ser descoberta. Para compreender o caráter da filha, Hester contava somente — e ainda assim de modo muito vago e imperfeito — com a memória do que ela própria passara no período atribulado em que Pearl ganhara alma no mundo espiritual e a moldura terrena de seu corpo. O estado inflamado em que se encontrava a mãe fora o meio

pelo qual haviam sido transmitidas à filha, ainda por nascer, as diretrizes de sua vida moral; as quais, pouco importa se originalmente alvas e transparentes, tinham recebido marcas profundas de rubor e dourado, o lustro flamejante, a negra sombra e o desmesurado brilho da substância de que se constituíam. Acima de tudo, reproduzia-se em Pearl o conflito no espírito de Hester à época. A mãe reconhecia ali seu próprio estado de ânimo passado, selvagem, desesperado e insolente, a instabilidade de seu humor, e até mesmo certas nuvens idênticas às que lhe haviam encoberto o coração de sombras e melancolia. Abria-se agora o céu para a manhã radiante que é a disposição de uma criança pequena, mas, no decorrer daquele dia da existência terrena dessa mesma criança, talvez voltassem as nuvens, como tempestade e furacão.

A disciplina familiar, naquele tempo, era muito mais rígida do que hoje. A cara feia, a dura reprimenda, os frequentes castigos físicos, tudo respaldado na autoridade das Escrituras, eram usados não somente na punição a algum mau comportamento já consumado, mas como um salutar regime de amadurecimento e promoção das virtudes infantis. Hester Prynne, no entanto, mãe solteira de uma filha única, dificilmente incorreria no erro da severidade exacerbada. Consciente, porém, dos próprios erros e infortúnios, desde cedo procurou impor limites, de modo terno mas estrito, à criança sob sua responsabilidade. Só que o desafio ia além de sua capacidade. Depois de ter experimentado tanto sorrir quanto fazer cara feia e tendo comprovado que era impossível prever que influência teria qualquer um dos dois comportamentos sobre a menina, Hester acabou sendo obrigada a lavar as mãos e deixar a filha agir ao sabor dos próprios impulsos. Ameaças e castigos físicos eram eficazes, claro, mas enquanto duravam. Quanto a qualquer outro tipo de atitude disciplinadora, não importando se apelava à razão ou ao coração, a pequena podia ou não se comover, conforme os caprichos que nela prevalecessem naquele momento. Quando Pearl ainda era um bebê, a mãe acostumou-se a reconhecer uma expressão peculiar que a alertava se era inútil tentar insistir, persuadir ou implorar. Era uma expressão tão inteligente, embora indecifrável, tão perversa, por vezes tão maliciosa, mas em geral acompanhada de um jorro extravagante de

espirituosidade, que Hester não conseguia evitar de se perguntar nessas horas se Pearl era mesmo uma criança humana. Parecia mais um espírito etéreo, que, após alguns volteios fantásticos no chalé, sumiria no ar com um sorriso zombeteiro. Sempre que tal expressão aparecia em seus olhinhos rebeldes, brilhantes, de cor escura e profunda, a menina se investia de um estranho distanciamento, de certa intangibilidade; era como se vagasse no ar e pudesse de repente sumir, feito uma luz bruxuleante que surge de algum ponto desconhecido e desaparece para não se sabe onde. Na presença de tal fenômeno, Hester se via compelida a correr na direção da criança — ao encalço da pequena fada que dali geralmente alçaria voo — e apertá-la contra o peito, muito perto de si e com beijos intensos — não tanto por um amor repentino, mas para se certificar de que Pearl era de carne e osso, e não alguma ilusão. Mas o riso da menina, assim que era agarrada, embora musical e cheio de júbilo, incutia ainda mais dúvidas à mãe.

Com o coração abalado por esse feitiço que tantas vezes a desconcertava e desorientava na relação com seu único tesouro, aquele que tão caro lhe custara e era tudo o que tinha no mundo, Hester de tempos em tempos debulhava-se em lágrimas sentidas. Nessas horas, Pearl talvez — pois não havia como prever que reação teria a menina — fechasse a cara e o pequeno punho, endurecendo suas delicadas feições em uma expressão severa e um olhar distante de descontentamento. Não poucas vezes ria, ainda mais alto do que antes, como se não tivesse capacidade ou sensibilidade para entender o sofrimento humano. Ou — mas isso era mais raro de acontecer — um furor de tristeza sacudia a menina num choro soluçado de amor pela mãe, com palavras entrecortadas e um aparente empenho em provar, de coração partido, que era dona de um. Mas Hester pouco podia se fiar naqueles arrancos de ternura, que, assim como vinham, iam. Ao meditar sobre essas questões, a mãe se sentia como alguém que tivesse evocado um espírito, mas que, por não ter procedido corretamente à conjuração, desconhecia o encantamento a que aquela nova e incompreensível inteligência deveria obedecer. Só tinha sossego de verdade quando a criança repousava em sono plácido. Era quando voltava a ter controle de si, saboreando horas de quieta, triste,

deliciosa felicidade; até que — quem sabe com aquele olhar perverso escapando-lhe por debaixo das pálpebras — a pequena Pearl acordasse!

Em pouco tempo — e, na verdade, com estranha rapidez! — Pearl chegou à idade em que se começa a ter relações que transcendem o sorriso sempre aberto e a conversa infantil da mãe! E, então, que felicidade teria sido para Hester Prynne poder ter ouvido a voz peculiar da filha, límpida como o canto de um pássaro, em meio ao alvoroço de vozes das outras crianças, distinguindo-a e identificando-a na algaravia do grupo entretido em brincadeiras! Mas jamais teve esse prazer. Pearl já nascera proscrita daquele mundo dos pequenos. Cria do Demônio, emblema e produto do pecado, não tinha lugar entre crianças batizadas. Nada era mais notável do que o instinto com que, parecia, a menina compreendera sua solidão; o destino que, ao redor dela, havia desenhado um círculo inviolável; em suma, a total peculiaridade de sua condição em relação às outras crianças. Nunca, desde sua saída da prisão, Hester saíra à rua sem a filha. Em todas as suas idas à cidade, lá estava Pearl com ela; de início, um bebê de colo; mais tarde, a pequena companheira que, agarrando o dedo indicador de Hester com a mão inteira, trotava atrás dela à razão de três ou quatro passos para cada um da mãe. Via as crianças da colônia no gramado que margeava a estrada ou às portas de suas casas trajando a moda lúgubre que era a norma de uma criação puritana; talvez brincando de ir à igreja; de esconjurar Quakers; de escalpelar índios em lutas de mentira; ou de assustar umas às outras com arremedos dos transes de bruxaria; Pearl via aquilo, observava atentamente, mas nunca procurava se aproximar. Se falavam com ela, não respondia. Se as crianças a cercavam, como às vezes acontecia, Pearl ficava terrivelmente enfurecida, com sua diminuta ira, juntando pedras para atirar nelas gritando exortações incoerentes, que faziam tremer sua mãe de tanto que soavam como anátemas de uma bruxa pronunciados em alguma língua desconhecida.

A verdade era que, tratando-se da mais intolerante das raças que já existiram, entre os pequenos puritanos prevalecia a vaga noção de que mãe e filha eram de outro mundo, forasteiras que andavam em desacordo com a normalidade; e, portanto, recebiam daqueles

corações o desprezo e daquelas bocas, não poucas vezes, o insulto. Pearl percebia o sentimento e retribuía com o ódio mais amargo que se possa imaginar no peito de uma criança. Esses arroubos de índole violenta eram valorizados pela mãe e até a confortavam; pois havia neles, ao menos, uma compreensível severidade de humor em vez do capricho esporádico nos modos da menina que tanta frustração lhe causavam. Assustava-a, ainda assim, reconhecer ali, novamente, o pálido reflexo do mal que habitara ela própria. Pearl havia herdado aquela animosidade e aquela paixão, de pleno direito, do coração de Hester. Mãe e filha restavam unidas dentro do mesmo círculo, isoladas da sociedade humana; e na natureza da criança parecia perpetuar-se o aspecto de rebeldia que desviara Hester Prynne antes do nascimento de Pearl, mas que desde então começara a amainar graças à influência suavizadora da maternidade.

Em casa, no chalé ou nas redondezas, Pearl contava com um círculo grande e variado de relações. O feitiço da vida que emanava de seu temperamento criativo vinha tocar mil objetos, como uma tocha que põe fogo onde quer que encoste. Os mais improváveis materiais — um graveto, um punhado de retalhos, uma flor — eram as marionetes das bruxarias de Pearl, e, sem sofrerem nenhuma transformação externa, adaptavam-se espiritualmente a qualquer teatro de sua vida interior que encenava no palco. Sua vozinha de criança servia a um sem-número de personagens imaginários, velhos e jovens. Os pinheiros, antigos, escuros e solenes, com seus gemidos e outras manifestações melancólicas à brisa, precisavam de poucas transformações para se tornar os adultos puritanos; as mais feias plantinhas do jardim eram as crianças da colônia, que Pearl pisoteava e arrancava sem a menor piedade. Era maravilhosa a enorme variedade de formas como a menina aplicava seu intelecto, sem se concentrar muito, é verdade, mas agitando os objetos em uma atividade sobrenatural, logo arrefecida, como se as coisas ficassem exaustas daquele breve e febril sopro de vida para serem então sucedidas por outras formas tocadas de idêntica e impetuosa energia. O efeito de fantasmagoria era quase o de uma aurora boreal. Naqueles meros exercícios de imaginação, no entanto, oriundos de uma mente jovial em desenvolvimento, talvez houvesse algo mais do que é possível observar em outras crianças de

inteligência brilhante; porque Pearl, na falta de amiguinhos de carne e osso, apegava-se ainda mais à sua multidão imaginária. A diferença, no seu caso, estava nos sentimentos hostis que nutria por essa prole saída de seu coração e de sua mente. Jamais inventou um amigo, e parecia estar sempre vencendo obstáculos num campo de batalha, que brotavam como uma plantação de inimigos armados contra os quais ela avançaria em guerra. Era muito triste — e que dor profunda para uma mãe, que em seu próprio coração conhecia a causa daquilo! — observar, em alguém tão jovem, tal percepção permanente de um mundo adverso, aquela preparação feroz das energias para fazer prevalecer sua causa na batalha que se seguiria.

Olhando para Pearl, Hester Prynne muitas vezes abandonava o trabalho nos joelhos, numa agonia que ela de bom grado teria ocultado, mas que se manifestava por si só, entre murmúrio e gemido: "Ó Pai que estais no Céu, se sois ainda meu Pai, que ser é esse que eu trouxe ao mundo?". E Pearl, entreouvindo o lamento ou alertada por algum outro canal mais sutil daqueles arrancos de aflição, voltava seu vívido e lindo rostinho para a mãe e exibia seu sorriso de fada inteligente antes de retomar a brincadeira.

Há uma peculiaridade no comportamento da criança de que ainda não falamos. A primeira coisa que ela reparou na vida foi o quê? Não o sorriso da mãe, retribuindo-o com o tímido esgar de sua boquinha de embrião, expressão que, mais tarde, é tão difícil recordar precisamente e provoca intenso debate sobre se, afinal, é mesmo um sorriso. Nada disso! O primeiro objeto de que Pearl pareceu tomar conhecimento foi — devemos contar? — a letra escarlate sobre o peito de Hester! Certo dia, com a mãe debruçada sobre seu berço, o olhar da criança foi atraído pela reluzente bordadura dourada em torno da letra; e, levantando a mãozinha, tentou tocá-la, sorrindo, e disso não houve dúvida, mas também com o rosto de tal modo iluminado que parecia se tratar de uma criança mais velha. Então, já lhe faltando o ar, Hester agarrou o emblema fatal, querendo arrancá-lo instintivamente, tão infinita lhe pareceu a tortura infligida pelo toque da mão de Pearl. E novamente, como se o gesto de agonia tivesse apenas a intenção de uma brincadeira, a pequena Pearl olhou nos olhos da mãe e sorriu! Daquele momento em diante, exceto quando a

menina dormia, Hester nunca se sentiu segura; nunca teve um segundo de fruição tranquila ao lado da filha. Havia épocas, é verdade, em que semanas se passavam sem que o olhar de Pearl pousasse sobre a letra escarlate; mas então, de novo, com o impacto de uma morte súbita e sempre com aquele sorriso peculiar, com aquela estranha expressão nos olhos, a menina voltava a reparar no emblema.

Um dia, aquele excêntrico olhar de fada surgiu enquanto Hester via a si mesma nos olhos da filha, como gostam de fazer as mães; e, de repente — porque mulheres solitárias e de coração perturbado são assombradas por incontáveis ilusões —, ela imaginou estar olhando não para o seu próprio retrato em miniatura, mas para um outro rosto refletido nos olhos de Pearl. Era uma cara demoníaca, dominada por um sorriso malicioso, que ainda assim mantinha semelhança com traços que lhe eram bem conhecidos, embora raramente estampando um sorriso, e nunca com aquela malícia. Foi como se um espírito do mal, tendo possuído a criança, acabasse de emergir ali, zombeteiro. Muitas vezes depois disso a mesma ilusão viria lhe torturar, mas nunca tão vívida.

Certa tarde de verão, quando já era grandinha demais para correr por ali, Pearl entretinha-se colhendo buquês de flores selvagens e depositando-os um a um no colo da mãe; com seus movimentos graciosos de pequena fada, acabou esbarrando na letra escarlate. A primeira reação de Hester foi cobrir o busto com as mãos crispadas. Mas, por orgulho ou resignação, ou talvez por sentir que sua penitência seria mais bem cumprida suportando em silêncio aquela dor, resistiu a esse primeiro impulso e endireitou-se, pálida como um cadáver, olhando com tristeza no fundo dos olhinhos rebeldes de Pearl. Novas investidas com as flores seguiram-se, quase sempre tocando o emblema, cobrindo o peito da mãe de feridas para as quais se neste mundo não encontraria um bálsamo tampouco saberia onde procurar em outro. Por fim, cansada da brincadeira, a menina parou na frente de Hester, encarando-a, enquanto ressurgia a pequena imagem risonha do Demônio — ou foi o que Hester imaginou — no abismo inescrutável dos olhos negros de Pearl.

“Menina, quem és tu?”, exasperou-se a mãe.

“Ah, sou a tua pequena Pearl!”, respondeu a criança.

Mas, ao dizer isso, soltou uma risada, passando a saracotear como uma pequena endemoninhada cuja próxima esquisitice bem poderia ser sair voando pela chaminé.

"És mesmo minha filha, de verdade?", perguntou Hester.

Não fez a pergunta de modo indolente, mas, diante das circunstâncias, até com certa genuína seriedade; pois a inteligência da menina era tão prodigiosa que a mãe duvidava um pouco de que ela não soubesse do feitiço secreto ao qual devia sua existência, e quem sabe não revelaria ali seu conhecimento dos fatos.

"Sim, sou a pequena Pearl!", repetiu a criança, continuando com os saracoteios.

"Tu não és minha filha! Não és minha Pearl!", retrucou a mãe, fingindo que brincava; era comum nela esse impulso jovial em meio a seus mais profundos sofrimentos. "Conta, pois, quem és tu, e quem te mandou aqui."

"Conta, mamãe!", disse a criança, séria, chegando perto de Hester e apoiando-se em seus joelhos. "És tu quem vais me contar!"

"Teu Pai do Céu foi quem te mandou!", respondeu Hester Prynne.

Mas falou com certa hesitação, o que não escapou à perspicácia da menina. Fosse movida apenas pela estranheza que lhe era ordinária, fosse porque um espírito do mal a compelia a fazê-lo, ergueu o indicador e tocou a letra escarlate.

"Não foi Ele quem me mandou!", brandiu, assertiva. "Não tenho um Pai do Céu!"

"Para, Pearl, para! Não deves falar assim!", reagiu a mãe, reprimindo um gemido. "Foi Ele quem mandou todos nós para este mundo. Até eu, tua mãe. E, claro, tu também! Ou, se não foi assim, estranha fada em forma de criança, de onde vens?"

"Conta! Conta!", repetiu Pearl, já sem a expressão anterior de seriedade, mas rindo, rolando no chão. "Tu é que deves me contar!"

Mas Hester não sabia a resposta, ela mesma perdida num sombrio labirinto de dúvidas. Lembrou — ao mesmo tempo com um sorriso e um estremecimento — a conversa dos vizinhos; buscando em vão descobrir a paternidade de Pearl e percebendo o jeito esquisito da menina, tinham espalhado que a pobre era cria do Demônio; fenômeno que, desde os velhos tempos do catolicismo, ocasionalmente

manifestava-se na terra, por obra do pecado das mães dessas criaturas e para a consecução de algum perverso e malvado intento. Lutero, na pregação dos religiosos que o combatiam, seria filho dessa raça dos infernos; e tampouco Pearl era a única criança à qual fora imputada tal origem pouco auspiciosa entre os puritanos da Nova Inglaterra.

7
O palácio do governador

Certo dia, Hester Prynne foi até a mansão do governador Bellingham, levando um par de luvas que havia rendado e bordado por encomenda, e que seria usado em alguma importante cerimônia oficial; pois, embora por obra de uma eleição o homem tivesse descido um ou dois degraus do posto mais alto, mantinha posição de destaque e influência na magistratura da colônia.

Havia outra razão bem mais importante do que a entrega de um par de luvas bordadas motivando-a, desta vez, a encontrar um personagem tão poderoso e ativo nas questões internas do assentamento. Chegara-lhe aos ouvidos o plano de alguns dos moradores proeminentes do lugar, zelosos da mais rígida aplicação dos princípios religiosos e de governo, para tirar-lhe a filha. A partir da suposição de que Pearl, conforme já indicamos, nascera de um demônio, aquela boa gente, não sem razão, argumentava que seu sentimento cristão exigia, pelo bem da alma da mãe, que tomassem a providência de remover aquele perigoso obstáculo no caminho da regeneração de Hester. Se a criança, por outro lado, fosse realmente capaz de se desenvolver moral e religiosamente e possuísse os elementos para sua salvação, então certamente usufruiria ainda mais a vantajosa perspectiva que lhe seria aberta passando à guarda de alguém melhor e mais sensato do que Hester Prynne. Comentava-se que, entre aqueles que apoiavam o plano, o governador Bellingham era um dos mais engajados. Pode parecer peculiar, senão de fato um pouco ridículo, que um caso desse tipo, que em épocas futuras seria resolvido em instâncias de pequenas causas, ainda fosse assunto debatido publicamente e em que homens de Estado tomassem partido. Naquele tempo de arraigada simplicidade, porém, temas de interesse público até menor e com ainda menos peso do que o caso de Hester e sua filha estranhamente imiscuíam-se nas deliberações legislativas e

nas decisões de governo. Numa época não muito anterior, se é que a prática não persistia no tempo em que se passa nossa história, a disputa pela propriedade de um porco não apenas causava violentos e furiosos debates entre os legisladores da colônia como resultaria em importante modificação do próprio quadro de leis vigente.

Cheia de preocupação, portanto — mas a tal ponto consciente de seu direito que aquela nem chegava a parecer uma batalha desleal entre o público e uma mulher sozinha, amparada na compaixão da natureza —, Hester Prynne partiu de seu chalé solitário para a cidade. A pequena Pearl, claro, a acompanhava. Agora com idade suficiente para, lépida, correr ao lado da mãe e incansável desde a manhã até a noite, seria capaz de cobrir distâncias muito maiores do que aquela que tinham pela frente. Muitas vezes, porém, mais por manha do que por necessidade, pedia para ser carregada no colo, mas logo, com a mesma birra, queria voltar ao chão, e disparava à frente de Hester na trilha de grama, com frequência sofrendo tropeções e tombos inofensivos. Já falamos da beleza rica e deslumbrante de Pearl; uma beleza radiante de tons vívidos e profundos; rosto iluminado, olhos intensos tanto na profundidade quanto no brilho, cabelos de um castanho igualmente intenso e sedoso, cujo tom, ao longo dos anos, se aproximaria do preto. Havia nela e dela emanava um fogo; parecia o fruto não premeditado de um momento de paixão. Sua mãe, na concepção dos trajes da pequena, liberava ao máximo o pendor de sua imaginação para as coisas belas; e a havia paramentado com um vestido de veludo carmesim, de corte peculiar e abundantemente bordado com adornos e floreios de linha dourada. Tanta cor, que poderia ter conferido a faces menos radiosas aspecto pálido e descorado, combinava admiravelmente com a beleza de Pearl, tornando-a a mais fulgurante das chamas a dançar sobre a terra.

Mas a característica mais notável na roupa e, na verdade, na aparência da criança como um todo era que irresistível e inevitavelmente lembrava ao observador o emblema que Hester Prynne fora condenada a carregar sobre o peito. Era a letra escarlate ganhando outra forma; era a letra escarlate ganhando vida! A própria mãe — como se o vermelho daquela ignomínia lhe tivesse sido marcado a fogo e tão profundamente no cérebro que todos os seus

modelos agora encarnassem a mesma cor — havia cuidadosamente forjado a semelhança; muitas horas de mórbida engenhosidade dedicadas a criar uma analogia entre o objeto de sua afeição e o símbolo de sua culpa e de sua tortura. Mas, de fato, Pearl era tanto uma coisa quanto a outra; e somente em consequência dessa identidade é que Hester tinha tramado representar a letra escarlate, tal e qual, na figura da filha.

Quando as duas transeuntes adentraram os limites da cidade, os filhos dos puritanos tiveram a atenção despertada e interromperam suas brincadeiras — ou ao menos o que aqueles lúgubres pequenos maltrapilhos tomavam por brincadeiras — dizendo-se uns aos outros:

"Vê, lá vai a mulher da letra escarlate, é verdade; e mais verdadeira ainda é a própria imagem da letra escarlate andando ao lado dela! Vamos atirar lama nas duas!"

Mas Pearl, que era uma menina destemida, depois de fazer cara feia, bater o pé e agitar a mãozinha numa série de gestos ameaçadores, de repente disparou na direção do ajuntamento de inimigos, botando-os para correr. Com sua feroz perseguição àquelas crianças, igualava-se a uma doença infantil — a escarlatina ou outro desses anjos tortos do juízo — cuja missão fosse punir os pecados da geração vindoura. Gritava e berrava num volume formidável, que sem dúvida fez tremer os corações dos fugitivos. Missão cumprida, voltou mansa para perto da mãe, encarando-a com um sorriso no rosto.

Sem mais aventuras, chegaram à casa do governador Bellingham. Era uma grande construção de madeira, num estilo do qual ainda se encontram remanescentes nas ruas de nossas cidades mais antigas; hoje cobertos de musgo, caindo aos pedaços e, em essência, melancólicos pelas muitas tristezas e alegrias, vivas ou esquecidas, que tiveram sua época e depois pereceram naqueles mesmos cômodos agora abandonados. O exemplar em questão, no entanto, exibia na fachada o frescor da hora e a radiância, que brilhava para a rua em suas janelas ensolaradas, de uma habitação humana na qual a morte jamais entrara. Tinha, de fato, um aspecto muito vivo; as paredes eram recobertas por uma espécie de reboco no qual haviam sido misturados, generosamente, fragmentos de vidro; assim, o sol, batendo em ângulo oblíquo sobre a fachada do edifício, fazia-o

fulgurar e luzir como se diamantes tivessem sido espalhados ali. Um brilho mais afeito ao palácio de Aladim que à mansão de um velho e austero líder puritano. No mais, a decoração contava com estranhas e, ao que parecia, cabalísticas figuras e diagramas, bem adequados ao exótico gosto daquele tempo, os quais, fixados com o reboco ainda fresco, agora se mantinham firmes e duradouros para a admiração das eras seguintes.

Pearl, vendo aquele assombro reluzente de casa, começou a saltitar e dançar, e, mandona, queria que o brilho do sol fosse tirado de toda a extensão da fachada do palácio e entregue a ela como brinquedo.

"Não, minha pequena Pearl!", disse-lhe a mãe. "Terás de apanhar teus próprios raios de sol. Não os tenho para te dar!"

Chegaram à porta; tinha forma de arco e era ladeada por colunas ou relevos, à direita e à esquerda ostentando janelas de treliça com venezianas de madeira, que poderiam ser fechadas conforme a necessidade. Pegando o martelo de ferro que pendia do pórtico, Hester Prynne bateu, e um dos serviçais do governador veio atender; um inglês nascido livre, mas servindo como escravo durante sete anos. Nesse período, seria propriedade de seu mestre, e mercadoria de troca ou venda tanto quanto um boi ou uma banqueta. O servo trajava o casaco azul que era o uniforme usual desses indivíduos naquela época, e até muito antes, nas antigas mansões familiares da Inglaterra.

"Está aí o excelentíssimo governador Bellingham?", perguntou Hester.

"Sim, por certo", respondeu o serviçal, arregalando os olhos na direção da letra escarlate, que, sendo ele um recém-chegado ao país, nunca antes havia visto. "Sim, sua excelência está. Mas recebe, neste momento, um ou dois venerandos pastores e também um médico. Não poderá atender-te agora."

"Entro mesmo assim", replicou Hester Prynne; e o serviçal, talvez pelo ar de decisão com que ela falou e pelo emblema reluzente em seu peito, julgou que se tratava de uma grande dama da colônia e não a impediu.

De modo que a mãe e a pequena Pearl tiveram permissão para passar ao corredor de entrada da mansão. Com vários ajustes, devidos ao tipo de material disponível, ao clima diverso e às diferenças na vida

social, o governador Bellingham projetara sua nova casa inspirado nas residências oficiais de sua terra natal. Ali, portanto, havia um amplo e imponente corredor que se estendia até os fundos da casa, formando um acesso comum e mais ou menos direto a todos os demais cômodos. Numa das extremidades, esse espaçoso ambiente era iluminado pelas janelas das duas colunas frontais, que formavam um pequeno recuo de cada lado do pórtico. Na outra ponta, embora a cortina causasse ali alguma penumbra, a iluminação era ainda melhor, favorecida por uma daquelas janelas arqueadas que aparecem nos livros antigos, formando um nicho almofadado na parede, para que nele repousasse um volume em fólio, provavelmente das *Crônicas da Inglaterra*[1] ou outro exemplar de literatura séria; parecido com o uso que, nos dias de hoje, damos às mesas de centro, distribuindo livros por ali para serem folheados pelas eventuais visitas. A mobília daquele espaço consistia de algumas cadeiras pesadas, cujos encostos eram elaboradamente esculpidos com guirlandas de flores em carvalho; da mesma forma e no mesmo estilo, uma mesa; era o próprio espírito da era elisabetana ou até de uma época anterior, com relíquias trazidas diretamente da casa paterna do governador. Sobre a mesa — anunciando que a tradição da velha hospitalidade inglesa era respeitada — um enorme caneco de peltre, no fundo do qual, se tivessem podido espiar, Hester e Pearl talvez encontrassem restos de espuma de cerveja.

Na parede, uma fileira de retratos dos antepassados de Bellingham, alguns trajando peitoral de armadura, outros usando golas imponentes e paramentos de paz. Todos com a austeridade e a severidade que costuma caracterizar esse tipo de retrato antigo; como se fossem fantasmas, e não simples pinturas, daqueles valorosos antepassados, que encaravam o observador com críticas sérias e intolerantes às demandas e aos prazeres dos vivos.

Mais ou menos no centro da parede de carvalho que guarnecia todo o ambiente estava pendurada uma armadura, não uma relíquia ancestral como os quadros, mas objeto dos mais modernos; tinha sido fabricada por um talentoso armeiro de Londres no mesmo ano em que o governador Bellingham aportara na Nova Inglaterra. Era composta de um capacete de aço e proteções de peito, pescoço, canelas e mãos,

além de uma espada; tudo tão cuidadosamente polido, em especial o capacete e a couraça peitoral, que irradiava intensa luz, refletida no assoalho em todo o entorno das peças. A reluzente panóplia não estava ali apenas para enfeite: tinha sido envergada pelo governador em muitas solenidades em que passara em revista as tropas e também nos campos de treinamento; mais do que isso, brilhara à frente do regimento na batalha contra os índios pequot.[2] Pois, embora fosse um advogado acostumado a discutir Bacon, Coke, Noye e Finch,[3] como era hábito entre seus pares, as exigências daquele novo país haviam transformado o governador Bellingham num soldado, além de homem de Estado e líder.

A pequena Pearl — que estava bastante excitada com aquela armadura brilhante como antes já estivera com a reluzente fachada da casa — passou algum tempo olhando-se na proteção peitoral como num espelho polido.

"Mãe", gritou ela. "Estou te vendo aqui. Olha! Olha!"

Hester atendeu, no intento de agradar à criança; e viu que, pelo efeito peculiar daquele espelho convexo, a letra escarlate aparecia ali em proporções exageradas e gigantescas, de modo a constituir, com grande vantagem, o mais proeminente traço a caracterizar sua figura. Na verdade, tinha-se a impressão de que a mulher se escondia atrás do emblema. Pearl apontou ainda para a imagem idêntica refletida no capacete; e sorria para a mãe, com aquele olhar de fada inteligente já tão familiar em sua fisionomia. Sua expressão alegre e travessa também era refletida pela armadura, e com efeito tão abrangente e intenso que levou Hester Prynne a sentir que aquela não poderia ser a imagem da própria filha, e sim a de um demônio que tentava assumir a forma de Pearl.

"Vem, Pearl!", ela disse, puxando-a. "Vem ver esse belo jardim. Talvez encontremos flores ali; e mais bonitas do que as da floresta."

Pearl, obediente, correu até a janela em arco no final do corredor e admirou-se com a vista do jardim de grama bem aparada, cortado por uma trilha ladeada de alguns toscos arbustos que tentavam crescer ali. Mas o proprietário parecia já ter admitido serem inúteis, deste lado do Atlântico, em solo ruim e em meio a uma dura batalha de subsistência, os esforços para perpetuar o gosto inglês pela

jardinagem. Repolhos cresciam bem à vista; uma aboboreira tinha percorrido todo o caminho entre o local onde brotara, a certa distância, e a janela dos fundos, depositando bem debaixo dela um de seus frutos gigantes; era como um lembrete ao governador de que aquela enorme massa vegetal dourada era o máximo do requinte ornamental que o solo da Nova Inglaterra poderia oferecer. Havia, porém, algumas roseiras e outras tantas macieiras, provavelmente descendentes das plantadas pelo reverendo Blackstone,[4] o mais antigo colonizador da península; personagem quase mitológico que, em nossos primeiros registros, aparece cavalgando um touro.

Pearl, ao ver as roseiras, começou a berrar por uma rosa vermelha e não se deixava acalmar.

"Quieta, menina, quieta!", falou a mãe, austera. "Não grites, minha pequena Pearl! Ouço vozes no jardim. É o governador que chega, junto com alguns outros cavalheiros!"

De fato, era possível divisar na trilha do jardim algumas pessoas caminhando em direção à casa. Pearl, escarnecendo completamente da tentativa da mãe de aquietá-la, soltou um pavoroso grito antes de se calar; não que se mostrasse, depois disso, disposta a obedecer, mas sua curiosidade ligeira e volúvel agora voltava a atenção à entrada em cena daqueles novos personagens.

8
A menina-fada e o pastor

O governador Bellingham, trajando túnica larga e boina confortável — conforme gostam de se vestir os velhos senhores na privacidade de casa —, caminhava à frente do grupo, aparentemente mostrando a propriedade enquanto explicava as melhorias a serem realizadas ali. A ampla circunferência de uma gola elaborada, bem abaixo da barba grisalha, ao estilo antiquado do tempo do rei James, fazia sua cabeça parecer bastante com a de João Batista na bandeja. Quase não dava para conciliar a impressão que causava sua aparência, tão tesa e severa, enrijecida pela idade mais do que outonal, com os recursos de usufruto mundano dos quais, era evidente, ele queria estar cercado. Mas é um erro supor que nossos austeros antepassados — embora acostumados a falar e pensar na existência humana como um estágio meramente de guerra e provação, e sinceramente dispostos ao sacrifício de seus bens e de sua vida em nome do dever — tivessem peso na consciência a ponto de rejeitar tais confortos e até luxos, quando legitimamente ao seu alcance. Essa lição nunca foi ensinada, por exemplo, pelo venerando pastor John Wilson, cuja barba, branca como um punhado de neve, podia ser vista por sobre o ombro do governador Bellingham; este, enquanto isso, observava que peras e pêssegos talvez ainda conseguissem se aclimatar à Nova Inglaterra, e que era possível que a parreira de uvas rosadas acabasse pegando na parede do jardim, banhada de sol. O velho clérigo, criado no ambiente da rica igreja da Inglaterra, nutria havia tempos um gosto consolidado e legítimo por tudo que fosse de boa qualidade e proporcionasse conforto; e, por mais rigoroso que se mostrasse do alto de um púlpito ou na condenação pública a transgressões como a de Hester Prynne, ainda assim, por sua afável benevolência na vida privada, era mais benquisto do que qualquer outro de seus pares contemporâneos.

Atrás do governador e do sr. Wilson vinham dois outros visitantes; um deles era o reverendo Arthur Dimmesdale, de quem talvez o leitor se lembre por sua participação, breve e relutante, na desgraça de Hester Prynne; e, logo ao seu lado, o velho Roger Chillingworth, sujeito de grandes talentos na medicina que, dois ou três anos anteriores, havia se estabelecido na cidade. Sabia-se que esse homem erudito era médico e amigo do pastor mais jovem, cuja saúde vinha sofrendo severamente, nos últimos tempos, as consequências de seu desmedido sacrifício na labuta e nos deveres da atividade pastoral.

O governador, ainda à frente de seus convidados, subiu um ou dois degraus e, escancarando as duas partes da grande janela do corredor, viu-se face a face com a pequena Pearl. Hester Prynne, à sombra da cortina, encontrava-se parcialmente oculta.

"O que temos aqui?", disse o governador Bellingham, olhando surpreso para a pequena personagem vestida de escarlate diante dele. "Palavra que nunca mais me havia aparecido figura assim, desde os meus dias de vaidade, no tempo do velho rei James, quando considerava uma grande honraria ser convidado para um baile de máscaras! Era comum deparar-se com levas dessas diminutas aparições nos dias festivos; e as chamávamos as filhas do Senhor do Caos.[1] Mas como esta veio parar aqui, dentro de minha casa?"

"Sim, de fato!", brandiu o bom sr. Wilson. "Que passarinho de plumagem escarlate será este? É o tipo de visão que só conhecia de quando, com o sol brilhando através de vitrais ricamente pintados, entretinham-me as imagens em dourado e carmesim refletidas pelo chão. Mas isso no velho continente. Queira nos dizer, jovem, quem és tu, e o que pode ter levado tua mãe a trajar-te de modo tão estranho. És uma cristã, minha criança? Conheces o catecismo? Ou és uma daquelas travessas criaturas, os elfos e as fadas, que pensávamos ter deixado para trás junto com outros despojos e papices, na boa e velha Inglaterra?"

"Sou filha da minha mãe", respondeu a aparição escarlate, "e meu nome é Pearl!"

"Pearl, uma pérola? Pareces mais um rubi! Ou um coral! Uma rosa vermelha, no mínimo, julgando por tuas cores!", retrucou o pastor idoso, esticando o braço na vã tentativa de acariciar o rosto da

pequena. “Mas onde está tua mãe? Ah! Agora vejo”, ele acrescentou; e, voltando-se ao governador Bellingham, cochichou: “Esta é a criança desgraçada de que falávamos; e, observa, ali está a infeliz mulher, Hester Prynne, mãe dela!”

“É mesmo?”, exclamou o governador. “Ah, devíamos ter imaginado que a mãe da menina só poderia ser a mulher escarlate, personagem à altura da prostituta da Babilônia![2] Mas vem em boa hora; esse assunto será tratado de imediato.”

O governador Bellingham entrou em casa seguido dos três visitantes.

“Hester Prynne”, disse ele, o olhar naturalmente severo fixo na portadora da letra escarlate, “muito se tem discutido a teu respeito ultimamente. A questão que tem sido devidamente discutida é se, cabendo-nos a autoridade e o exemplo, não estaríamos apenas aliviando nossas consciências ao confiar uma alma imortal, como a que habita esta criança, a alguém que tropeçou e caiu nas armadilhas deste mundo. Diz, tu que és a própria mãe da menina! Não pensas que será para o bem de tua pequena, na terra como no céu, que ela seja tirada de tua guarda, vestida decentemente, disciplinada com rigor e instruída nas verdades divinas e terrenas? O que podes oferecer de tudo isso a esta criança?”

“Posso ensinar à minha pequena Pearl o que aprendi disto aqui!”, respondeu Hester Prynne, pousando o dedo sobre o emblema vermelho.

“Mulher, esse é o distintivo de tua vergonha!”, replicou o austero magistrado. “É pela mancha que ele representa que pensamos entregar tua filha a outras mãos.”

“Porém”, disse a mãe, com calma, mas empalidecendo, “este emblema me ensina — diariamente me ensina, está a me ensinar neste momento — lições pelas quais minha filha poderá se tornar melhor e mais sábia, embora delas eu mesma nada possa aproveitar.”

“Julgaremos com cuidado”, retomou Bellingham, “e avaliaremos bem o que estamos prestes a fazer. Meu bom reverendo Wilson, peço-te que examine a menina Pearl — já que este é seu nome — e verifique se tem recebido a educação cristã que cabe a uma criança da sua idade.”

O velho pastor sentou-se numa poltrona, esforçando-se para atrair Pearl e acomodá-la entre os joelhos. Mas a criança, desabituada ao toque ou familiaridade de quem quer que fosse exceto a mãe, escapou e parou no degrau mais alto, parecendo um pássaro selvagem e rebelde, de rica plumagem, pronto para alçar voo. O sr. Wilson, embora bastante surpreso com aquela reação — pois era o tipo de personagem que lembrava um avô, geralmente muito querido entre as crianças —, procurou, no entanto, prosseguir com a avaliação.

"Pearl", ele disse, muito solene, "deves agora prestar atenção, de modo que, a seu tempo, possas enfeitar teu peito com uma pérola de grande valor. Sabes me dizer, minha criança, de onde vens?"

Claro, Pearl sabia muito bem de onde vinha; pois Hester Prynne, criada em um lar devoto, logo depois daquela conversa com a filha sobre o Pai do Céu, passou a informá-la sobre aquelas verdades que o espírito humano, não importa o estágio de maturidade, busca com sôfrego interesse. Pearl, portanto, passaria bem num exame sobre a *Cartilha da Nova Inglaterra*,[3] ou o básico do *Catecismo de Westminster*,[4] embora sem nunca ter visto a capa de nenhuma dessas duas obras célebres, tal era a compreensão de seus três anos de vida. Mas certa perversidade, que toda criança tem um pouco e da qual Pearl recebera uma porção multiplicada, ali, na mais inoportuna das horas, apossou-se completamente dela, selando seus lábios e induzindo-a a soltar apenas palavras desconexas. Depois de ter levado um dedo à boca e de várias recusas malcriadas em responder à pergunta do bom sr. Wilson, a menina finalmente anunciou que não viera de lugar nenhum, e sim fora colhida pela mãe da roseira selvagem plantada à porta da prisão.

Tal fantasia provavelmente ocorria-lhe por antes ter avistado, da janela, as rosas vermelhas do governador; isso somado à lembrança da roseira da prisão, pela qual haviam passado no caminho até ali.

O velho Roger Chillingworth, com um sorriso nos lábios, cochichou alguma coisa ao ouvido do pastor mais jovem. Hester Prynne olhou para aquele homem de talento e mesmo ali, com seu destino em jogo, admirou-se com a mudança nas feições do médico — como estava mais feio, como seu rosto escuro tinha ensombrecido ainda mais e sua figura estava mais deformada — desde a época em que foram íntimos

dele. Seus olhares cruzaram-se por um instante, mas ela foi imediatamente obrigada a voltar à cena que ainda se desenrolava.

"Isso é terrível!", brandiu o governador, lentamente se recuperando da estupefação em que caíra ao ouvir a resposta de Pearl. "Temos aqui uma criança de três anos incapaz de dizer de onde veio! Sem dúvida sua alma caminha na escuridão do presente corrupto em que se encontra a seu destino no futuro! Penso, senhores, que não será preciso investigar mais nada!"

Hester agarrou Pearl e a envolveu à força em seus braços, confrontando o velho magistrado puritano com uma expressão quase de agressividade. Sozinha no mundo, banida, e com aquele único tesouro a manter-lhe vivo o coração, sentia que possuía direitos inalienáveis contra tudo e todos e estava pronta a defendê-los até a morte.

"Foi Deus quem me enviou esta criança!", berrou. "E ela me foi dada em compensação a tudo o mais que tirastes de mim. É minha felicidade — e no entanto é minha tortura! É Pearl quem me mantém viva! E me pune também! Não vedes que, sendo a própria letra escarlate e devendo ser amada, ela multiplica por um milhão a força do castigo pelo pecado que cometi? Não a levareis de mim! Morro antes!"

"Minha pobre mulher", disse o velho pastor, que não era um homem mau, "esta criança precisa ser bem cuidada! Mais do que és capaz."

"Deus a colocou sob minha guarda", repetiu Hester Prynne, aumentando o tom de voz para algo como um grito agudo. "Não a entregarei!" E aqui, num súbito impulso, voltou-se para o pastor mais jovem, o sr. Dimmesdale, a quem até aquele momento talvez não tivesse dirigido o olhar uma única vez. "Defende-me!", bramiu ela. "Tu eras meu pastor e responsável por minha alma, conheces-me melhor do que qualquer um destes homens. Não perderei a criança! Defende-me! Sabes — porque tens a compaixão que falta aos outros — o que se passa em meu coração e quais são os direitos de uma mãe, ainda mais quando essa mãe nada tem além de sua filha e da letra escarlate! Nota! Não perderei a criança! Nota isso!"

A tal apelo singular e revoltado, que indicava que a situação de Hester Prynne a levara muito perto da loucura, o jovem pastor, pálido, reagiu pousando a mão sobre o peito, como sempre fazia quando via seu temperamento peculiarmente nervoso. Parecia ainda mais cansado e abatido do que na descrição que fizemos dele anteriormente, na cena da humilhação pública de Hester; e, fosse porque sua saúde periclitava, fosse por outra causa qualquer, os grandes olhos negros do rapaz, profundamente melancólicos e perturbados, concentravam um mundo de dor.

"Há verdade no que ela diz", começou o pastor, sua voz suave, trêmula mas poderosa, a ponto de ecoar no recinto e fazer vibrar a armadura vazia, "há verdade no que diz Hester e no sentimento que a inspira! Deus lhe enviou a criança e, com ela, um saber instintivo de sua natureza e de suas necessidades — ambas aparentemente tão peculiares —, as quais nenhum outro mortal poderá compreender. E, mais do que isso, não existirá, na relação desta mãe com sua filha, algo de terrivelmente sagrado?"

"Ah, mas o que dizes, meu bom senhor Dimmesdale?", interrompeu-o o governador. "Esclarece-nos, eu te peço!"

"Pode muito bem ser como digo", retomou o pastor. "Pois, se assim não vemos este caso, não é o mesmo que dizer que nosso Pai Celestial, Criador de toda a carne, praticamente omitiu-se de um pecado, abandonando a distinção entre a luxúria inconsequente e o amor sagrado? Esta criança, fruto da culpa de seu pai e da vergonha de sua mãe, veio pela mão de Deus para influenciar de outras maneiras o coração de Hester, que de forma tão convicta e com o espírito tão aflito implora pelo direito de ficar com a menina. É, para ela, uma bênção; a única bênção em sua vida! E, sem dúvida, como nos disse a própria mãe, é um castigo também; uma tortura que lhe é impingida na hora mais inesperada; uma pontada, uma ferroada, uma agonia recorrente em meio a um atribulado contentamento! Não expressa isso ela mesma nas roupas da pobre criança, que tão distintamente nos lembram o emblema vermelho que leva no peito?"

"Muito bem colocado, mais uma vez!", bradou o bom sr. Wilson. "Temo que a mulher não seja capaz de ideia melhor do que a de expor a filha nos trajes de um saltimbanco!"

“Oh, não é isso! Nada disso!”, continuou o sr. Dimmesdale. “Ela reconhece na existência da criança, acreditai em mim, a solene intervenção do desígnio divino. E sente também — o que, penso, é muito verdadeiro — que essa oportuna dádiva lhe foi concedida, acima de tudo, para que sua alma se mantivesse viva, de modo a preservá-la das profundezas ainda mais escuras do pecado em que Satã talvez tentasse lançá-la! Portanto, é bom que esta pobre e pecadora mulher receba a imortalidade de uma criança, um ser dotado de alegria e dor eternas, confiada a seus cuidados para ser por ela educada à retidão, para lembrar-lhe, a todo instante, de sua queda, mas também para fazer com que saiba que, conforme um pacto sagrado com o Criador, se conduzir a criança ao céu, a criança, por sua vez, conduzirá até lá a mãe! Nisso é mais afortunada a mãe pecadora do que o pai na mesma condição. Pelo bem de Hester Prynne, pois, e não menos em favor da pobre criança, deixemos que permaneçam no lugar onde as colocou a Providência!”

“Falas, meu amigo, com estranha convicção”, disse o velho Roger Chillingworth, sorrindo para o jovem pastor.

“Tem peso e relevo o que argumenta meu jovem irmão”, acrescentou o reverendo Wilson. “Que dizes, excelentíssimo senhor Bellingham? Ao defender a pobre mulher, o senhor Dimmesdale não o fez com méritos?”

“De fato”, respondeu o magistrado, “e com tão bons argumentos que deixaremos as coisas como estão, por ora; pelo menos até que a mulher possa se acalmar. É imperativo, no entanto, que a criança passe pelo justo e devido exame do catecismo, a teu cargo, senhor Dimmesdale. Além disso, os fiscais da igreja deverão garantir que a menina frequente tanto a escola quanto as orações no momento certo.”

O jovem pastor, encerrada sua fala, recuara alguns passos de onde estava o grupo, permanecendo com o rosto parcialmente oculto pelos volumosos vincos da cortina que cobria a janela; ao passo que a sombra de sua figura, que a luz do sol projetava no chão, ainda tremia com a veemência de seu apelo. Pearl, a esquiva e rebelde pequena fada, aproximou-se furtivamente e, tomando a mão dele nas suas, recostou ali sua face; uma carícia tão meiga e contudo tão discreta que

sua mãe, vendo aquilo, perguntou-se: “É mesmo a minha Pearl?”. Mas sabia que havia amor no coração da menina, embora mais amiúde se revelasse de forma apaixonada, e raramente, talvez não mais do que duas vezes até ali, com tanta suavidade como agora. O pastor — uma vez que, exceto o tão almejado afeto de uma mulher, nada pode ser mais doce do que essas demonstrações infantis, espontaneamente geradas pelo espírito e portanto parecendo atestar em nós algo verdadeiramente digno de amor — olhou em torno, pousou a mão sobre a cabeça da criança, hesitou por um momento e, por fim, beijou sua testa. O incomum arroubo sentimental da pequena Pearl terminou por aí; ela soltou uma risada e avançou saltitante pelo recinto, tão leve que o velho sr. Wilson chegou a perguntar se as pontas de seus dedos de fato tocavam o assoalho.

“Posso jurar que essa pequena travessa tem algo de bruxa”, disse o sr. Dimmesdale. “Mas nem precisa de vassoura para voar!”

“Uma criança estranha!”, observou o velho Roger Chillingworth. “Não é difícil perceber em que puxou a mãe. Que pensais, cavalheiros? Estaria ao alcance de algum filósofo, analisando a natureza da menina e verificando sua forma e compleição, chegar a um palpite acertado sobre quem é o pai?”

“Ah, seria pecaminoso confiar em deduções da profana filosofia em uma questão dessas”, disse o sr. Wilson. “Melhor é jejuar e orar pela causa; ou não mexer nesse mistério, a menos que a Providência, por vontade própria, o desvende. Assim, a todo e qualquer cristão será permitido dar mostras de bondade paterna a essa infeliz criança abandonada.”

Com a questão satisfatoriamente resolvida, Hester Prynne deixou a casa com Pearl. Quando desciam a escada, parece ser verdade que a proteção de treliça da janela de um dos quartos foi aberta, e surgiu à luz do dia o rosto da sra. Hibbins, a irmã desequilibrada do governador Bellingham, que anos mais tarde seria executada como bruxa.

“Psiu, psiu!”, chamou ela, sua fisionomia agourenta parecendo lançar uma sombra sobre o radiante aspecto da casa nova. “Virás conosco esta noite? Haverá uma alegre confraternização na floresta; e

por pouco não prometi ao Homem das Trevas que a formosa Hester Prynne estaria presente."

"Leva minhas desculpas a ele, eu te peço!", respondeu Hester, com um sorriso triunfante. "Devo ficar em casa e cuidar da minha pequena Pearl. Se a tivessem tirado de mim, iria de bom grado contigo à floresta e com meu próprio sangue assinaria o livro de convidados do Homem das Trevas!"

"Em breve estarás conosco!", retrucou a feiticeira, fechando a cara, enquanto botava a cabeça para dentro.

Mas, se supusermos como verdadeiro e não mera parábola esse diálogo entre a sra. Hibbins e Hester Prynne, a história já serve como ilustração ao argumento do jovem pastor contra separar a mãe pecadora da prole resultante de sua debilidade moral. Desde logo a criança vinha salvar a mãe de uma cilada de Satã.

9
O médico

Sob o nome Roger Chillingworth, o leitor há de se lembrar, escondia-se outro, que seu dono decidira que jamais seria pronunciado outra vez. Relatamos como, no meio da multidão que assistia à ignomínia pública de Hester Prynne, estava esse homem, um velho cansado de suas andanças, que, recém-saído dos perigos da floresta, olhava para aquela em quem esperou encontrar o calor e a alegria de um lar ali exposta, como pecadora, diante do povo. Sua reputação de mulher decente pisoteada por todos. A infâmia balbuciada ao seu redor na praça pública. Quanto aos seus, se aquelas novas algum dia lhes chegassem aos ouvidos, e quanto aos que haviam compartilhado de sua existência até ali imaculada, tudo o que poderiam esperar era ser contaminados pela desonra; que não deixaria de ser distribuída estritamente de acordo e em proporção com a intimidade e a estima envolvidas naquelas relações. Então o que levaria aquele sujeito — uma vez que só dependia dele, cuja ligação com a mulher caída em desgraça fora a mais íntima e a mais sagrada de todas, se pronunciar ou não — a se apresentar como beneficiário de uma herança tão pouco desejável? Decidiu não ser sacrificado ao lado dela em seu pedestal da vergonha. Desconhecido de toda a gente, exceto de Hester Prynne, a quem trancara num silêncio cuja chave guardava, escolheu apagar o próprio nome do gênero humano e, conforme o que se sabia de suas antigas atividades e interesses, desaparecer completamente do mundo dos vivos como se, de fato, descansasse no fundo do oceano, rumor que havia muito tempo se associara a ele. Se fosse bem-sucedido nesse intento, novos interesses imediatamente surgiriam e, com eles, um novo propósito; sinistro, é verdade, senão criminoso, mas certamente suficiente para engajá-lo com o máximo de suas capacidades.

Determinado, fixou residência na colônia puritana como Roger Chillingworth, sem necessitar de maiores credenciais além de sua erudição e inteligência que eram acima da média. Como seus estudos haviam lhe proporcionado em período anterior da vida extenso conhecimento da mais atual ciência médica para a época, apresentou-se como sendo ele próprio médico, e como tal foi cordialmente recebido. Cirurgiões e gente habilitada na profissão eram raros na colônia. Dificilmente, ao que parecia, médicos compartilhavam do zelo religioso que levara os imigrantes a atravessar o Atlântico. Em sua investigação do corpo humano, talvez esses homens desenvolvessem as mais elevadas e sutis faculdades, abandonando a visão espiritual da existência ao deparar com esse intrincado e maravilhoso mecanismo, forjado com arte suficiente para concentrar a totalidade da vida. Em todo caso, a saúde da boa cidade de Boston, no que concernia à medicina, até então estivera sob os auspícios de um velho diácono e boticário, cuja conduta santa e piedosa dava poderoso testemunho em seu favor, mais do que se tal reputação viesse na forma de um diploma. Um único cirurgião revezava-se entre o exercício dessa nobre arte e o manuseio mais cotidiano e habitual de uma navalha de barbear. Roger Chillingworth provou-se uma valiosa aquisição para esse grupo de profissionais. Desde logo mostrou familiaridade com a pesada e imponente parafernália da medicina arcaica; nela, um remédio qualquer continha um sem-número de ingredientes improváveis e heterogêneos, tão elaboradamente combinados que até parecia que o resultado seria o próprio elixir da vida. Além disso, no período em que fora mantido em cativeiro pelos índios, aprofundara os conhecimentos sobre as propriedades de ervas e raízes nativas; e não escondia de seus pacientes que para ele essas soluções simples, dádivas da natureza aos selvagens sem instrução, mereciam quase a mesma confiança que a farmacopeia trazida da Europa, que era resultado de séculos de dedicação de muitos sábios doutores.

O erudito forasteiro mantinha conduta exemplar, ao menos no que dizia respeito a manifestações exteriores de religiosidade, e logo na chegada escolhera para seu guia espiritual o reverendo Dimmesdale. O jovem religioso, cujo renome em erudição seguia vivo em Oxford, era considerado por seus fervorosos admiradores quase como um

apóstolo ordenado pelas próprias mãos divinas e destinado, caso prosseguisse com sua obra pelo tempo médio de uma vida, a realizar pela então periclitante igreja da Nova Inglaterra feitos tão notáveis quanto os conquistados pelos primeiros padres nos primórdios da fé cristã. Mais ou menos nessa época, no entanto, a saúde do sr. Dimmesdale dava mostras evidentes de fragilidade. Para aquelas pessoas mais íntimas de sua rotina, a palidez no rosto do jovem pastor era devida à sua dedicação por demais austera aos estudos, ao escrúpulo com que cumpria seu dever paroquial e, acima de tudo, aos jejuns e às vigílias que eram sua prática frequente para evitar que a vulgaridade da vida terrena obscurecesse e encobrisse a luz de seu espírito. Alguns diziam que, se o sr. Dimmesdale viesse de fato a morrer, isso seria prova suficiente de que este mundo não era digno de ser pisado pelo reverendo. Ele próprio, por outro lado, com característica humildade, declarava sua crença em que, caso a Providência achasse por bem levá-lo desta terra, seria porque ele é que era indigno da simplória missão para a qual fora designado. Ainda que não houvesse acordo sobre a causa de seu declínio físico, o fato em si não se questionava. Sua aparência era a cada dia mais descarnada; sua voz, embora continuasse bela e suave, deixava transparecer a melancolia profética da decadência; não poucas vezes, por qualquer pequeno susto ou acidente repentino, era flagrado naquele gesto de pousar a mão sobre o peito, acompanhado, primeiro, de um rubor, em seguida da palidez que denunciava sofrimento.

Tal era a condição em que se encontrava o jovem clérigo e era a tal ponto iminente a perspectiva de que sua alvorada luminosa se extinguisse de forma tão precoce, quando Roger Chillingworth chegou à cidade. Havia certo mistério em torno de sua chegada, e pouca gente seria capaz de dizer de onde tinha aparecido, se tinha caído do céu ou brotado das profundezas da terra, o que facilmente acabou elevado à categoria de milagre. Era agora reconhecido como um homem de talento; colhia ervas e flores de espécimes selvagens, e cavava raízes e arrancava galhos das árvores da floresta como se conhecesse virtudes ali ocultas que passariam despercebidas a olhos comuns. Tinham-no escutado falar de sir Kenelm Digby[1] e outros célebres senhores — cujos feitos científicos eram tidos como não menos do que

sobrenaturais — como seus pares, com quem se corresponderia. Por que, com tamanha reputação no mundo civilizado, teria ido parar ali? O que poderia ele, cujo habitat era o das grandes cidades, estar procurando naquele fim de mundo? Em resposta a essa dúvida, ganhou corpo o rumor — por mais absurdo que fosse, encampado por gente muito sensata — de que os céus haviam operado esse verdadeiro milagre de trazer de uma universidade alemã, materializado em pleno ar, um eminente doutor em medicina, depositando-o à porta do gabinete do sr. Dimmesdale! De fato, até indivíduos de fé mais esclarecida, conscientes de que tais desígnios divinos se realizam sem a necessidade do espetáculo do que se costuma chamar uma interposição milagrosa, sentiam-se inclinados a ver um toque providencial na oportuna chegada de Roger Chillingworth.

Essa ideia era reforçada pelo grande interesse do médico, desde o início, na figura do jovem pastor; mantinha com o clérigo a proximidade de um paroquiano, e buscava ganhar consideração de amigo e confiança de alguém de sensibilidade naturalmente reservada. Expressava grande preocupação pelo estado de saúde do religioso, mas tinha pressa em sua cura, pois, quanto antes se fizessem tentativas nesse sentido, mais esperanças haveria de um resultado favorável. Os anciãos, os diáconos, as matronas e as jovens e honestas donzelas do rebanho do sr. Dimmesdale insistiam que ele aceitasse receber o tratamento que o médico generosamente oferecia. Educadamente, o sr. Dimmesdale refutava esses apelos.

"Não preciso de remédios", dizia ele.

Mas como podia o jovem pastor dizer isso se a cada celebração do sabá seu rosto estava mais pálido e magro, sua voz, mais vacilante — quando então já se tornara um hábito constante a mão sobre o peito, deixando de ser um gesto casual? Estaria exausto de sua labuta? Desejava morrer? Tais questões foram solenemente postas ao sr. Dimmesdale pelos pastores mais velhos de Boston e pelos diáconos da igreja, que, para usar suas próprias palavras, "confrontaram-no" sobre o pecado da rejeição da ajuda que a Providência tão manifestamente lhe enviava. Ele ouviu em silêncio e, por fim, prometeu consultar o médico.

“Se for a vontade de Deus”, disse o reverendo Dimmesdale quando, cumprindo a promessa, foi pedir aconselhamento profissional ao velho Roger Chillingworth, “alegra-me que minha labuta, minhas dores, meus pecados e meus sofrimentos em breve tenham o seu fim, e que aquilo que pertence a esta terra seja sepultado em meu túmulo e que o que for do espírito junte-se a mim na eternidade, mas que não coloques à prova por mim, em vez disso, as tuas capacidades.”

“Ah”, respondeu Roger Chillingworth com aquela serenidade que, encenada ou natural, era uma marca de sua conduta, “é isso o que um clérigo da tua idade tem a dizer. Os jovens, sem ter ainda criado raízes mais profundas, entregam a vida muito facilmente! E os homens santos, que com Deus caminham nesta terra, de bom grado com ele caminhariam pelas alamedas douradas da Nova Jerusalém!”

“Não”, retomou o jovem pastor, com a mão pousada sobre o peito, um rubor de sofrimento percorrendo-lhe a fronte, “fosse eu digno de caminhar por tais alamedas, mais contente estaria labutando aqui mesmo.”

“Os bons sempre se cobram demais”, falou o médico.

Foi assim que, nas questões de saúde, o misterioso Roger Chillingworth tornou-se conselheiro do reverendo Dimmesdale. Pois não apenas a doença lhe interessava, mas também a investigação do caráter e das qualidades do paciente, de modo que os dois homens, apesar da grande diferença de idade, pouco a pouco passaram a estar muito tempo juntos. Em nome da saúde do pastor e para que o médico pudesse colher plantas de poder curativo, faziam longas caminhadas à beira-mar ou na floresta; à conversa variada misturavam-se o quebrar e o murmúrio das ondas e o hino solene do vento a balançar as copas das árvores. Também com frequência um recebia o outro no retiro do próprio gabinete de estudos. Da parte do pastor, havia a fascinação pela companhia de um homem da ciência, no qual reconhecia um intelecto extensa e profundamente cultivado; isso somado a uma variedade e liberdade de ideias que teria procurado em vão entre seus pares da igreja. Na verdade, ficava admirado, senão chocado, por encontrar tais atributos em um médico. O sr. Dimmesdale era um verdadeiro sacerdote, um religioso autêntico, que tinha amplamente desenvolvidos dentro de si o sentimento da

reverência e uma disposição mental poderosa que o conduziam pelos caminhos de sua crença, cada vez mais arraigada com o passar do tempo. Em nenhum tipo de sociedade seria considerado o que se chama de um liberal; para que estivesse em paz, era essencial ter sobre si a constante pressão da fé, seu esteio, mas ao mesmo tempo a jaula de ferro que o confinava. Ainda assim, embora trêmulo de excitação, ocasionalmente sentia-se aliviado por poder olhar para o universo pelas lentes de outra espécie de intelecto que não aquela com a qual estava habituado a conviver. Era como se uma janela se abrisse, tornando mais limpa a atmosfera do gabinete fechado e sufocante em que ele deixava a vida passar à luz de um lampião, a claridade do dia obstruída, no ar a fragrância de mofo, tanto olfativa quanto moral, que exala dos livros. Mas aquele ar novo era fresco e frio demais para se respirar por muito tempo sem desconforto. Então o pastor, e com ele o médico, logo voltava a se recolher nos limites do que sua igreja definia como ortodoxo.

Assim, Roger Chillingworth examinava meticulosamente seu paciente, tanto no dia a dia, mantendo aberta a trilha ao que era mais rotineiro no pensamento do outro, quanto nos momentos em que este, lançado a uma paisagem moral diversa, talvez deixasse aflorar algo até ali estranho a seu caráter. Roger parecia considerar esse procedimento de conhecer o homem antes de qualquer tentativa de fazê-lo melhorar essencial. Onde houver um coração e um intelecto, as doenças do corpo serão temperadas com suas peculiaridades. No caso de Arthur Dimmesdale, seu pensamento e sua imaginação eram tão ativos, sua sensibilidade tão intensa, que a enfermidade física provavelmente teria aí suas raízes. De modo que Roger Chillingworth — o homem de talento, o médico amigo e gentil — esforçava-se para aprofundar-se no íntimo de seu paciente, sondando laboriosamente seus princípios, espreitando suas lembranças e investigando cada coisa com toque delicado, como um caçador de tesouros numa caverna escura. São poucos os segredos passíveis de escapar a um investigador que tenha a oportunidade de e permissão para uma busca assim, além de habilidade para realizá-la. Um homem que carrega um segredo deve evitar, em especial, as confidências a seu médico. Se este possuir certa sagacidade inata e um algo mais a que não se sabe dar um nome —

chamemos de intuição; se for alguém destituído de ego intrusivo ou da desagradável tendência a salientar as próprias qualidades; se tiver o poder, que terá nascido com ele, de encontrar tal afinidade de sua mente com a de seu paciente, que este passe a, de forma inadvertida, falar de coisas que imagina estar apenas pensando; se tais revelações forem recebidas sem alvoroço e registradas menos com patente solidariedade e mais com silêncios ou exalações sem palavras, uma ou outra apenas, aqui e ali, indicando que tudo foi entendido; se, a essas qualidades de confidente, somarem-se as vantagens oferecidas por sua declarada condição de médico —, então, em dado momento, inevitavelmente, a alma desse sofredor será dissolvida no fluxo negro e transparente que, ao avançar à luz do dia, porá a nu todos os seus mistérios.

Roger Chillingworth possuía todos os atributos acima enumerados, ou a maior parte deles. No entanto, o tempo passou; uma espécie de intimidade, conforme dissemos, foi se desenvolvendo entre essas duas mentes cultivadas, as quais dispunham de um campo tão vasto quanto o próprio alcance do pensamento e do conhecimento humanos sobre o qual se debruçar; debateram cada um dos tópicos da ciência e da religião, temas de interesse público e de caráter privado; muito falaram, de parte a parte, sobre assuntos que lhes pareciam íntimos; e ainda assim nenhum segredo, como esperava o médico que existisse ali, escapuliu da consciência do pastor para os ouvidos de seu acompanhante. O médico se perguntava, na verdade, se chegara mesmo a descobrir que doença do corpo acometia o sr. Dimmesdale. Aquele era um temperamento estranhamente reservado!

Algum tempo depois, por discreta sugestão de Roger Chillingworth, os amigos do sr. Dimmesdale providenciaram que os dois viessem a ocupar a mesma casa; de modo que cada fluxo e refluxo na maré da vida do pastor passasse sob os olhos de seu ansioso e inseparável amigo médico. Tal arranjo, quando concretizado, foi recebido com grande alegria por toda a colônia. Achava-se que aquela era a melhor medida possível visando ao bem-estar do jovem clérigo; exceto, claro, conforme tantas vezes alguns se sentiram autorizados a sugerir-lhe, se o sr. Dimmesdale decidisse escolher, entre as muitas raparigas em flor espiritualmente devotadas a ele, uma para se tornar sua devotada

esposa. Mas isso, porém, na presente perspectiva, não era algo a que Arthur Dimmesdale parecesse inclinado; ele rejeitava qualquer sugestão do tipo, como se o celibato clerical fosse, para ele, parte da disciplina da igreja. Condenado por sua própria escolha, portanto, como parecia evidente no caso do sr. Dimmesdale, a sempre comer o bocado insosso do prato de outro e a suportar uma vida inteira de frio em busca de aquecer-se junto à lareira alheia, de fato parecia que o homem certo, em todo o gênero humano, a estar sempre ao alcance de um chamado do pastor, era mesmo aquele velho, perspicaz, experimentado e benevolente médico.

Uma piedosa viúva, de boa posição social, deu acolhida aos dois amigos numa casa localizada quase que exatamente no mesmo local onde, mais tarde, seria construída a King's Chapel. Ao lado, havia o cemitério, originalmente lote de Isaac Johnson, portanto um lugar bem apropriado às graves reflexões concernentes às ocupações do pastor e do médico. Sob cuidados maternais da boa viúva, o sr. Dimmesdale foi acomodado num aposento frontal e ensolarado, guarnecido de cortinas pesadas para escurecê-lo como se fora noite, quando o pastor assim desejasse. Cobrindo as paredes, tapeçarias que, dizia-se, teriam saído dos teares de Gobelin e, seja como for, reproduziam a narrativa bíblica de Davi e Betsabá e de Natã, o profeta, em cores ainda vivas, mas emprestando à bela mulher presente na cena retratada um aspecto quase tão pitorescamente lúgubre quanto o do próprio profeta no ato de apregoar suas desgraças. Ali o clérigo adoentado instalou sua biblioteca, na qual abundavam os fólios encadernados em pergaminho dos padres, mais o saber tradicional dos rabinos e a erudição dos monges, de cujos escritos os pastores protestantes, embora pródigos em condenar e censurar tais autores, muitas vezes terminavam por tirar proveito. Do outro lado da casa, o velho Roger Chillingworth montou a própria biblioteca e um laboratório; um cientista moderno não chegaria a considerá-lo nem minimamente equipado, mas contava com um aparato para destilar e os meios necessários à composição de drogas e químicos, os quais o experimentado alquimista sabia bem a que propósitos serviriam. A dupla de eruditos pôde estabelecer-se nessa situação bastante cômoda, cada um em seus domínios, ainda que com

naturalidade circulando entre os dois aposentos e procedendo à mútua e curiosa inspeção das atividades um do outro.

E mesmo os amigos mais esclarecidos do reverendo Arthur Dimmesdale, conforme já observamos, com muita razão imaginaram que houvera a mão da Providência em tudo isso, na intenção — buscada em tantas preces públicas, domésticas e secretas — de que o jovem pastor recuperasse sua saúde. Mas — também é preciso acrescentar — uma outra parte da comunidade desenvolvera, recentemente, opinião diversa sobre a relação entre o sr. Dimmesdale e o velho e misterioso médico. Quando uma multidão ignorante tenta enxergar com os próprios olhos, fica por demais sujeita ao engano. Quando, porém, forma seu juízo, como geralmente é o caso, pela intuição de seu grande e afetuoso coração, as conclusões que daí advêm são muitas vezes tão profundas e certeiras que ganham status de verdades reveladas pelo sobrenatural. Essas pessoas de quem falamos não dispunham de um fato ou argumento digno de ser refutado que justificasse seu preconceito contra Roger Chillingworth. Havia, é verdade, um velho artesão morador de Londres à época do assassinato de sir Thomas Overbury,[2] coisa de uns trinta anos antes, que afirmava ter conhecido o médico sob outro nome, o qual foge agora ao narrador desta história, e em companhia do doutor Forman,[3] o célebre velho feiticeiro implicado naquele homicídio. Dois ou três indivíduos insinuavam que o talentoso forasteiro, no cativeiro com os índios, teria aperfeiçoado sua prática médica tomando parte nas invocações dos pajés, os quais eram conhecidos por seus poderes de encantamento, com frequência realizando curas aparentemente milagrosas com o domínio da magia negra. Um grande número de pessoas — muitas delas bastante sensatas e observadoras, de modo que em outros assuntos suas opiniões teriam sido consideradas de grande valor — afirmava que a aparência de Roger Chillingworth havia mudado visivelmente desde que o médico se instalara na cidade, especialmente a partir de sua hospedagem compartilhada com o sr. Dimmesdale. De início, exibia a expressão calma e meditativa de um sábio. Agora, transparecia algo de feio e mau em seu rosto, algo que não tinha sido notado antes e ia ficando cada vez mais evidente quando se olhava para ele. Segundo o comentário geral, o fogo de que

se utilizava no laboratório fora trazido das profundezas e era alimentado com a chama do inferno; assim, como seria de esperar, suas feições estavam se tornando negras de fuligem.

Em suma, passou a ser opinião corrente que o reverendo Arthur Dimmesdale, como muitos outros personagens dotados de especial santidade em todas as épocas do mundo cristão, estaria sendo tentado pelo próprio Satã, ou por um emissário dele sob o disfarce do velho Roger Chillingworth. Esse agente diabólico teve permissão divina, durante certo tempo, para escavar a intimidade do clérigo e tramar contra sua alma. Qualquer um com alguma sensatez, dizia-se, não teria dúvidas sobre qual dos dois lados sairia vitorioso. O povo aguardava, com esperança inabalável, o momento em que o pastor emergiria da batalha transfigurado pela glória que, inquestionavelmente, lhe caberia. Até lá, no entanto, era triste pensar no que talvez fosse a agonia mortal com que se debatia para chegar à vitória.

Infelizmente, a julgar pela sombra de terror nas profundezas do olhar do pobre clérigo, a luta era furiosa e a vitória, incerta!

IO
O médico e seu paciente

O velho Roger Chillingworth, ao longo da vida, sempre fora de temperamento tranquilo, gentil sem ser efusivo em seus afetos, mas invariavelmente, em todos os aspectos de sua relação com o mundo, um homem puro e honrado. Iniciara uma investigação, tal como a imaginava, pautada pela severa e equânime integridade de um juiz que deseja apenas a verdade, como se a questão não envolvesse mais do que as linhas abstratas e as figuras de um problema de geometria, em vez de paixões humanas e injustiças cometidas contra ele próprio. Mas, à medida que avançava, um terrível fascínio, uma espécie de violenta, ainda que serena, necessidade tomou conta do homem e não o abandonaria mais até ver seu ímpeto satisfeito. Ele agora esquadrinhava a intimidade do pobre pastor feito um mineiro em busca de ouro; ou, antes, um coveiro escavando um túmulo, possivelmente à procura da joia enterrada junto ao peito do cadáver, mas fadado a nada encontrar ali além de morte e decadência. Lamentemos por sua alma se era isso o que buscava!

Às vezes, brilhava uma luz nos olhos do médico, azulada e ameaçadora como o reflexo de uma fornalha ou, digamos, como um daqueles lampejos de chama horripilante dardejando a boca assustadora de Bunyan,[1] encravada na montanha, palpitante sobre o rosto do peregrino. O solo em que esse sinistro mineiro escavava talvez tivesse começado a dar pistas animadoras.

"Esse homem", disse a si mesmo a certa altura, "puro como julgam que seja — espiritual como aparenta ser —, herdou do pai ou da mãe uma natureza animal intensa. Cavemos um pouco mais fundo na direção desse veio!"

Então, depois de longa busca na intimidade obscura do pastor, e tendo revirado material muito precioso, na forma de altas aspirações pelo bem-estar de sua espécie, terno afeto por almas, sentimentos

puros, compaixão espontânea fortalecida na reflexão e no estudo e iluminada na revelação — tudo somado, ouro de valor incalculável que, para nosso explorador, talvez não fosse mais do que entulho —, ele voltava ao início, desanimado, e recomeçava a escavação em outra direção. Prosseguia às apalpadelas, tão furtivo e com passo tão leve quanto o ladrão que adentra o quarto de um homem meio adormecido — ou, quem sabe, bem acordado — na intenção de roubar-lhe precisamente a menina de seus olhos. E, apesar de tantas e premeditadas precauções, aqui e ali talvez rangesse o assoalho, farfalhassem as roupas, a sombra de sua presença, próxima demais, se projetasse sobre sua vítima em zona proibida. Em outras palavras, o sr. Dimmesdale, cuja sensibilidade nervosa com frequência produzia o efeito de uma intuição do espírito, tinha vaga consciência de que alguma coisa nociva à sua paz forçava relações com ele. Mas o velho Roger Chillingworth também contava com percepções quase intuitivas; e, quando o pastor lançava-lhe um olhar sobressaltado, o que via era o médico, seu gentil, atencioso, solidário e nunca intrusivo companheiro.

E, no entanto, o sr. Dimmesdale talvez tivesse percebido melhor quem era aquele personagem se certa morbidez, à qual os corações doentios ficam sujeitos, não o fizesse suspeitar de todo o gênero humano. Se não confiava em ninguém como amigo, não seria capaz de reconhecer o inimigo quando aparecesse. Portanto, continuava a manter intimidade com o outro e a receber o velho médico diariamente em seu gabinete; ou a visitá-lo no laboratório e, por diversão, assistir ao processo pelo qual ervas se transmutavam em poderosas drogas.

Certo dia, com a testa apoiada nas mãos, o cotovelo sobre o parapeito da janela aberta e a vista do cemitério diante de si, o clérigo conversava com Roger Chillingworth enquanto o velho examinava um feixe de feias plantas.

"Onde", ele perguntou, olhando de soslaio para elas — pois uma peculiaridade do pastor, naqueles dias, era que quase nunca encarava diretamente o objeto de sua atenção, fosse humano ou inanimado, "meu bom doutor, colheste essas ervas de folhas tão escuras e flácidas?"

“Aqui mesmo, no cemitério”, respondeu o médico, sem interromper o que fazia. “Não as conhecia. Encontrei-as junto a um túmulo sem lápide ou outra coisa que lembrasse o morto senão estas horrendas ervas a preservar dele alguma memória. Brotaram de seu coração, materializando talvez algum terrível segredo que com aquele cadáver foi enterrado e que deveria ter confessado enquanto vivia.”

“Talvez”, disse o sr. Dimmesdale, “esse homem desejasse seriamente fazê-lo, mas não pôde.”

“E por quê?”, retomou o médico. “Por que não; se todas as forças da natureza clamavam tão severamente pela confissão do pecado, a ponto de estas ervas negras terem florescido de um coração sepultado, tornando manifesto um crime oculto?”

“Isso, meu caro senhor, não passa de fantasia sua”, replicou o pastor. “Se bem compreendo, não pode haver outra força, além da misericórdia divina, capaz de desvendar, seja pela confissão falada, pela palavra escrita ou pelo símbolo, os segredos talvez sepultados com um coração humano. O coração, ao julgar-se culpado em relação a tais segredos, por força deverá guardá-los até o dia em que todas as coisas ocultas serão reveladas. Tampouco encontro na Sagrada Lei, lendo-a e interpretando-a, o entendimento de que a revelação de nossos pensamentos e ações virá como parte da punição. Essa é sem dúvida uma visão superficial. Não; esse tipo de revelação, a não ser que muito me engane, serve meramente à satisfação racional de todos os seres dotados de inteligência, que lá estarão, no juízo final, a esperar que o problema sem solução desta vida lhes seja explicado. Algum conhecimento sobre o coração dos homens se fará necessário para que seja mais completa a solução de tal problema. E penso, além disso, que os corações em que se escondem aqueles desgraçados segredos irão entregá-los, no último dos dias, não com relutância, mas em júbilo indescritível.”

“Então por que não revelá-los aqui mesmo?”, perguntou Roger Chillingworth, voltando-se calmamente para onde estava o pastor. “Por que esses pecadores não se beneficiam o quanto antes de tal indizível consolo?”

“A maioria o faz”, respondeu o clérigo, a mão posta com força sobre o peito, como se o afligisse uma inoportuna palpitação de dor.

“Muitas são as pobres almas que vêm a mim com suas confissões, não apenas no leito de morte, mas ainda muito vivas e fortes, gente de honesta reputação. E todas as vezes, após esses desabafos, ah, que expressões de alívio tenho testemunhado em meus irmãos pecadores! Como se finalmente fossem livres para respirar, depois de tanto sufocarem no próprio hálito impuro. E como poderia ser diferente? Por que deveria um desses infelizes, culpado, vamos dizer, de assassinato, preferir manter o cadáver sepultado no coração em vez de expulsá-lo de vez e deixar que o universo se encarregue dele?”

“E no entanto há os que fazem exatamente isso”, observou sereno o médico.

“É verdade que há”, devolveu o sr. Dimmesdale. “Mas, para não falar de motivos mais óbvios, pode ser que guardem silêncio porque é da própria constituição de sua natureza. Ou — não poderíamos supô-lo? —, embora culpados e entretanto ainda zelosos da glória de Deus e do bem-estar dos homens, recuam de exibir-se em todo o seu negrume e imundície à vista de todos; porque, a partir daí, nenhum outro bem poderiam realizar; mal nenhum do passado seria redimido por melhores ações. De modo que, para seu próprio e indescritível tormento, circulam entre seus irmãos, parecendo puros como a neve recém-caída; enquanto isso, seus corações permanecem marcados e manchados pela iniquidade da qual não podem se livrar.”

“Tais indivíduos enganam a si mesmos”, disse Roger Chillingworth, com um pouco mais de ênfase do que o normal, o dedo apontado num gesto sutil. “Temem assumir a vergonha que, por direito, lhes pertence. Sua consideração pelos homens, seu zelo pela obra de Deus — esses sagrados impulsos podem ou não coexistir em seus corações com os hóspedes malévolos aos quais seu crime abriu a porta e que certamente procriarão ali uma descendência infernal. Mas, se buscam glorificar a Deus, que não elevem aos céus suas mãos sujas! Se querem servir a seus irmãos, que o façam tornando manifestos o poder e a realidade da consciência, obrigando-se à penitência e à humilhação! Queres me fazer crer, meu sábio e piedoso amigo, que a falsa encenação pode ser melhor, mais favorável à glória de Deus e ao bem-estar dos homens, do que a própria verdade divina? Crê no que digo: tais indivíduos enganam a si mesmos!”

“Pode ser”, disse o jovem clérigo, indiferente, como se afastasse uma discussão que considerava irrelevante ou fora de hora. Tinha, de fato, a pronta capacidade de escapar a qualquer tópico que agitasse seu temperamento por demais sensível e nervoso. “Mas então o que pergunto ao meu talentoso médico é se realmente acredita que meu frágil corpo tem se beneficiado de seus gentis cuidados.”

Antes que Roger Chillingworth pudesse responder, ouviram um riso infantil, límpido e rebelde vindo do cemitério vizinho. Ao se voltar instintivamente para a janela aberta — pois era verão —, o pastor deparou com Hester Prynne e a pequena Pearl atravessando o terreno pela trilha que o cortava. Pearl estava tão bela quanto o dia, mas num daqueles estados de humor de perversa jovialidade que, sempre que ocorriam, pareciam removê-la completamente do alcance da empatia e do contato humanos. Pulava, agora, de um túmulo ao outro, insubmissa; até que, chegando a uma sepultura ampla e plana, aristocrática — talvez a do próprio Isaac Johnson —, começou a dançar sobre ela. Em resposta às reprimendas e aos apelos de sua mãe para que se comportasse com mais respeito, a pequena Pearl parou para apanhar os carrapichos espinhentos de uma bardana alta que brotava ao lado do túmulo. Tendo colhido um punhado, decorou com eles o entorno da letra escarlate que ornamentava o peito da mãe, e os carrapichos, como é de sua natureza, tenazmente grudaram ali. Hester não os retirou.

A essa altura, Roger Chillingworth tinha se aproximado da janela e sorria, soturno, para a cena lá embaixo.

“Não existe lei, nem respeito à autoridade, tampouco observância das regras e opiniões humanas, do certo e do errado, no amálgama que compõe aquela criança”, observou ele, dirigindo-se um pouco a si próprio, um pouco a seu acompanhante. “Eu a vi outro dia respingar água no governador em pessoa, no cocho dos animais de Spring Lane. Em nome dos céus, o que é essa menina? Será completamente má, a diabinha? Terá suas afeições? Algum tipo identificável de princípio a guiar seu ser?”

“Nenhum — exceto o da liberdade de uma norma infringida”, respondeu o sr. Dimmesdale, a voz baixa, como se debatesse aquele ponto consigo mesmo. “Se é capaz de algum bem, não sei.”

A criança provavelmente entreouviu as vozes; pois, levantando o rosto em direção à janela com um sorriso radiante e travesso, cheio de zombaria e inteligência, atirou um punhado dos carrapichos espinhentos contra o sr. Dimmesdale. O delicado clérigo encolheu-se, aterrorizado e nervoso, à passagem daquela artilharia leve. Ao detectar essa reação, Pearl bateu palmas na mais extravagante alegria. Também Hester Prynne, involuntariamente, olhava para o alto; e todas as quatro pessoas, velhos e jovens, ficaram se encarando em silêncio, até que a criança soltou outra risada e gritou: "Vamos, mamãe! Vamos, senão aquele velho Homem das Trevas vai te pegar! Já pegou o pastor. Vamos, mamãe, senão ele te pega! Mas não consegue pegar a pequena Pearl!".

E assim foi levando embora a mãe, entre saltos, passos de dança e fantásticas cabriolas por entre os outeiros dos mortos, feito uma criatura que nada tivesse em comum com aquela geração passada e ali sepultada, nem se considerasse sua semelhante. Era como se houvesse brotado a partir de elementos totalmente novos e, por força, devesse ter permissão para viver a vida conforme leis próprias, sem que suas excentricidades parecessem algum tipo de crime.

"Lá vai uma mulher", retomou Roger Chillingworth, depois de uma pausa, "que, sejam quais forem seus defeitos, nada tem daquele mistério de pecados ocultos que julgas ser um fardo tão doloroso. Consideras Hester Prynne menos desgraçada porque leva a letra escarlate no peito?"

"Sim, de fato creio nisso", respondeu o clérigo. "No entanto, não posso responder por ela. Havia uma expressão de sofrimento em seu rosto da qual eu preferia, certamente, ter sido poupado. Mas, ainda assim, penso que deve ser melhor para um sofredor poder exibir livremente seu martírio, como faz essa pobre mulher, Hester, do que ter de mantê-lo oculto no coração."

Houve uma nova pausa; e o médico então recomeçou a examinar e organizar as plantas que tinha colhido.

"Tu me perguntavas há pouco", disse ele, finalmente, "a respeito de minhas impressões sobre tua saúde."

"Sim", respondeu o pastor, "e ficaria feliz em ouvir-te. Fala francamente, eu te peço, seja essa uma conversa sobre vida ou sobre

morte."

"Para ser direto e honesto", respondeu o médico, ainda se ocupando das plantas, mas com um olho atento ao sr. Dimmesdale, "a tua é uma estranha disfunção; não exatamente por si nem pela maneira como se manifesta exteriormente — ao menos nos sintomas que se apresentaram ao meu escrutínio. Depois de tantos meses a observar-te todos os dias, meu caro senhor, e aos sinais em ti aparentes, deveria ter chegado à conclusão de que és um homem doente e em sofrimento, sim, mas não tão doente que um médico atento e competente não possa muito bem curar-te. Porém — não sei como dizer —, a doença me é familiar, mas não a conheço."

"Falas por charadas, doutor", devolveu o pálido clérigo, desviando o olhar para a vista da janela.

"Pois, falando ainda mais francamente", continuou o médico, "e peço que me perdoes, senhor, se lhe parecer que preciso ser perdoado pela necessária franqueza com que me expresso. Permita-me perguntar — como teu amigo, como responsável, guiado pela Providência, por tua saúde e teu bem-estar físico — se tudo que diz respeito a essa doença me foi honesta e abertamente relatado."

"Como podes perguntar tal coisa?", reagiu o pastor. "Seria brincadeira de criança chamar o médico para esconder-lhe a ferida!"

"Estás me dizendo então que sei tudo?", disse Roger Chillingworth, decidido, o olhar reluzente de sua intensa e concentrada inteligência fixo no rosto do clérigo. "Que assim seja! Mas insisto! Aquele que só pode ver o mal físico e exterior não conhece, na maioria das vezes, mais do que a metade daquilo que foi chamado a curar. Uma doença do corpo, para a qual olhamos como se contivesse em si o todo, talvez não seja afinal senão um sintoma de alguma enfermidade do espírito. Perdoa-me uma vez mais, meu bom senhor, se o que digo tem a sombra da ofensa. És, de todos os homens que conheci, aquele cujo corpo anda mais conjugado, impregnado, identificado, por assim dizer, com o espírito do qual é instrumento."

"Então não preciso perguntar mais nada", respondeu o clérigo, levantando-se um tanto rispidamente da cadeira. "Tua especialidade, ao que me consta, não é a medicina da alma!"

“De modo que uma doença”, retomou Roger Chillingworth, e prosseguiu sem alterar o tom de voz ou levar em conta a interrupção, mas agora de pé, confrontando o pálido e descarnado pastor com sua discreta, sombria e deformada figura, “uma ferida, se assim podemos chamá-la, do espírito desencadeia imediatamente a devida manifestação do corpo. Queres, pois, que teu médico ache a cura para o mal físico? Como pode ser, a menos que antes exponhas a ferida ou a perturbação de tua alma?”

“Não! Não a ti! Não a um médico deste mundo!”, bramiu o sr. Dimmesdale, exaltado, os olhos brilhando com uma espécie de agressividade, fixos no velho Roger Chillingworth. “Não a ti! Mas, se o caso for de uma doença da alma, então coloco-me nas mãos do único médico do espírito! Ele, se for de Sua vontade, pode curar; ou matar! Deixemos que, em meu caso, com Sua justiça e Sua sabedoria, faça o que achar melhor. Mas quem és tu, que te metes nesses assuntos, que ousas imiscuir-te entre um sofredor e seu Deus?”

Num gesto intempestivo, abandonou o recinto.

“É bom que esse passo tenha sido dado”, disse para si mesmo Roger Chillingworth, assistindo à saída do pastor com um sorriso sombrio. “Nada está perdido. Voltaremos a ser amigos em breve. Mas repara como a paixão toma conta desse homem e não tarda a tirá-lo de si! Uma vez assim, sempre assim! Esse piedoso senhor Dimmesdale, num arrebatamento emotivo como este, noutra ocasião fez algo de terrível!”

Não foi difícil restabelecer-se a intimidade entre os dois companheiros, no mesmo grau e com a mesma rotina de antes. O jovem clérigo, após algumas horas de reclusão, percebeu que a disfunção nervosa que o acometia lançara-o a um inconveniente destempero, para o qual nada do que lhe dissera o médico poderia servir de justificativa ou paliativo. Espantava-o, na verdade, a violência com que havia atacado o velho e cortês doutor quando este fazia apenas o que era seu dever, aconselhar o pastor, um auxílio que ele próprio solicitara expressamente. Tomado de tais remorsos, não perdeu mais tempo e apresentou ao amigo as mais extensas desculpas, pedindo que prosseguisse com aquele tratamento, que, se não era bem-sucedido em devolver-lhe a saúde, muito provavelmente servira

para prorrogar sua frágil existência até ali. Roger Chillingworth imediatamente assentiu e continuou com o acompanhamento médico do clérigo; dava o melhor por ele, na mais completa boa-fé, mas toda vez que saía dos aposentos de seu paciente, ao final de uma consulta, exibia um sorriso intrigado e misterioso. Apagava-o dos lábios na presença do sr. Dimmesdale, mas tal expressão do rosto ficava evidente assim que cruzava o limiar da porta do gabinete do amigo.

"Um caso raro!", ruminava. "Preciso investigá-lo mais a fundo. Há ali uma estranha ligação entre corpo e alma! Nem que seja apenas pelo exercício dos meus talentos, devo ir até o fim nessa busca!"

Aconteceu que, não muito depois da cena que registramos acima, o reverendo Dimmesdale, de forma totalmente inesperada, caiu em sono muito profundo ao meio-dia, sentado em sua cadeira com um enorme livro impresso em letras góticas aberto sobre a mesa diante de si. Devia tratar-se de uma obra de grande talento na escola literária dos soníferos. O mais notável foi como o pastor repousou profundamente; ainda mais sabendo-se que era uma dessas pessoas cujo sono, normalmente, é tão leve e agitado, e com tanta facilidade interrompido, quanto o de um passarinho em um galho. Seu espírito, no entanto, recolhera-se a tal ponto em si mesmo, viajando a distâncias tão remotas, que o jovem não estava mais naquela cadeira quando, sem nenhuma cautela especial, Roger Chillingworth adentrou o gabinete. O médico avançou direto para seu paciente, parando diante dele e levando a mão sobre seu peito, puxando-lhe de lado, em seguida, a roupa que, até aquele dia, interditara até mesmo um exame físico.

Então o sr. Dimmesdale estremeceu e fez um leve movimento.

Depois de uma pausa breve, o médico se voltou para sair.

Mas que expressão selvagem de assombro, alegria e horror, que espantosa excitação, tão grande que era impossível expressá-la apenas no olhar e nas feições, e que portanto fez-se extravasar por toda a sua feia figura, manifestando-se caoticamente por gestos extravagantes como o de braços lançados ao teto e pés sapateando o assoalho! Se alguém tivesse presenciado aquele momento de êxtase do velho Roger Chillingworth, não teria mais dúvidas sobre como se comporta Satã ao ver que uma alma, perdida para o céu, foi ganha para o seu reino.

Mas o que distinguia o júbilo de Satã do que se observava no médico era a expressão de assombro no último!

II
O interior de um coração

Após o último incidente que descrevemos, a relação entre o clérigo e o médico, embora permanecesse a mesma na aparência, passou a ser de outra natureza. A investigação intelectual de Roger Chillingworth surgia agora como uma estrada plana à sua frente. Mas não era, na verdade, exatamente o caminho que planejara percorrer. Pode-se temer que, por mais que se mostrasse calmo, gentil e sereno, havia naquele velho infeliz um traço oculto de rancor até ali latente, mas agora ativo, que o induzia a imaginar a vingança mais premeditada jamais imposta a um inimigo por qualquer mortal. Tornar-se o único amigo confiável, a quem se deveria confidenciar medos, remorsos, angústias, arrependimentos inúteis, o recorrente fluxo de pensamentos pecaminosos em vão repelidos! Todo esse sofrimento e toda essa culpa, ocultos do resto do mundo, que em um grande coração teriam encontrado piedade e perdão, revelados a ele, o impiedoso, a ele, o irredutível! Todo um sinistro tesouro entregue justamente àquele homem para quem somente a vingança seria pagamento adequado!

A tímida e sensível discrição do clérigo havia frustrado esse plano. Mas Roger Chillingworth não parecia muito insatisfeito, se é que em alguma medida, com os rumos que a questão tomou, com a Providência — utilizando-se do vingador e de sua vítima para seus próprios desígnios e talvez concedendo perdão onde mais se esperaria que punisse — interferindo para mudar os sinistros propósitos do médico. Ele quase poderia afirmar que tivera uma revelação. Pouco importava ao seu intento se celestial ou vinda de outra parte. Valendo-se dela, pareceu-lhe ter diante dos olhos, em todos os seus contatos subsequentes com o sr. Dimmesdale, não apenas o aspecto externo do pastor, mas o fundo de sua alma, de modo que podia ver e compreender cada movimento interior. Passou, a partir daí, de mero espectador a protagonista da intimidade do pobre clérigo. Era capaz

de manipulá-lo como quisesse. Desejava causar-lhe um arranco de agonia? A vítima estava sempre a postos; bastava conhecer a mola que acionava o mecanismo — e o médico sabia bem qual era! Queria sobressaltá-lo com um medo súbito? Como num passe de mágica, convocava algum horrível fantasma — convocava mil fantasmas — de muitas formas, de morte ou da mais medonha ignomínia, todos pululando ao redor do clérigo e apontando-lhe o dedo!

Tudo isso era feito com tão perfeita sutileza que o pastor, embora o tempo todo tivesse a vaga percepção de que certa má influência agia sobre ele, nunca foi capaz de reconhecer-lhe a verdadeira natureza. É certo que olhava para a figura deformada do velho médico com desconfiança e temor — às vezes, até mesmo com horror e com a amargura do ódio. Seus gestos, seu andar, sua barba grisalha, suas menores e mais indiferentes atitudes, o próprio estilo de suas roupas, pareciam odiosos aos olhos do jovem religioso; sinais implicitamente confiáveis da profunda repulsa que levava no peito, mas que não estava disposto a admitir para si mesmo. Como lhe era impossível localizar uma razão para tal desconfiança e ódio, o sr. Dimmesdale, consciente de que aquele pedaço mórbido de seu coração contaminava-o por inteiro, concluiu que todos os pressentimentos que lhe advinham saíam dali e não tinham outra causa. Impôs-se o desafio de confrontar esses sentimentos ruins em relação a Roger Chillingworth, desconsiderando a lição que deles deveria ter tirado, e fez o que pôde para extirpá-los. Ainda sem alcançar esse objetivo e por questão de princípios, manteve o hábito de uma familiaridade social com o velho, proporcionando, com isso, constantes oportunidades para que o vingador — miserável e desamparada criatura, mais desgraçada do que sua vítima — aperfeiçoasse o intento ao qual se dedicava.

Com tal sofrimento do corpo, corroído e torturado por algum negro distúrbio da alma e entregue às maquinações de seu inimigo mortal, o sr. Dimmesdale obtinha ao mesmo tempo notável popularidade em seu sagrado ofício. O que era resultado, de fato e em grande parte, de seus sofrimentos. Seus dotes intelectuais, sua sensibilidade moral, seu poder de vivenciar e comunicar emoções mantinham-se num estado sobrenatural de atividade em meio à rotina diária de remorso e

angústia do pastor. Sua fama, embora ainda ascendente, já fazia sombra às reputações mais sóbrias de seus pares, por mais eminentes que alguns fossem. Havia, entre eles, eruditos com mais anos de estudo dos impenetráveis temas ligados à sua divina profissão do que o sr. Dimmesdale tinha de vida; e que deveriam, portanto, ser mais profundamente versados nesses imponentes e importantes assuntos do que o jovem companheiro. Havia outros cuja textura mental era mais adequada ao estudo do que a dele, dotados de entendimento muito mais sagaz e sólido, forjado em ferro e granito; isso, misturado na devida proporção com o ingrediente da doutrina, é o que forma um indivíduo da altamente respeitável, eficiente e desagradável espécie dos clérigos. E outros, ainda, eram irmãos verdadeiramente santos, cujas capacidades tinham sido adquiridas pela labuta desgastante entre os livros e pela reflexão paciente, e tornadas etéreas por uma comunicação espiritual com o outro mundo, ao qual, ainda trajados como mortais, sua pureza de vida quase já lhes dava acesso. Só não tinham concedido o dom aos apóstolos eleitos no Pentecostes, que desceu sobre eles na forma de línguas de fogo, que, ao que parece, simbolizavam não o poder da fala em línguas estrangeiras e desconhecidas, mas o poder de dirigir-se a toda a irmandade humana na língua nativa do coração. A esses homens, em tudo o mais tão apostólicos, faltava a derradeira e mais rara das certidões de seu ofício, a língua de fogo. Teriam em vão tentado — se é que alguma vez sonharam tentar — revelar verdades pelo humilde instrumento de palavras e imagens comuns. Suas vozes desciam, longínquas e indistintas, das alturas em que habitavam.

Não era de surpreender que a esta última classe de indivíduos pertencia o sr. Dimmesdale, em virtude de muitos de seus traços de caráter. E ele teria subido àqueles altos picos de fé e santidade se tal movimento não acabasse frustrado pelo fardo, fosse de culpa ou angústia, sob o qual se via condenado a um andar vacilante. Era o que o mantinha oprimido, no nível dos piores; ele, o homem dos atributos etéreos, a quem os anjos poderiam ter escutado e respondido! Mas aquele fardo era justamente o que lhe proporcionava tão íntima empatia com a humanidade pecadora; de modo que seu coração vibrava em uníssono com o de seus irmãos, e em si acolhia a dor

destes, transmitindo também a própria pulsação de sofrimento a mil outros corações, com eloquência triste e persuasiva, aos borbotões. Eloquência persuasiva, mais do que amiúde, mas às vezes terrível! As pessoas não compreendiam que força era aquela que as movia. Tinham o jovem clérigo na conta de um milagre sagrado. Viam nele o porta-voz dos céus, de suas mensagens de sabedoria, repreensão e amor. As virgens da igreja empalideciam ao lado do pastor, vítimas de uma paixão a tal ponto entranhada de sentimento religioso que imaginavam tratar-se de pura religião, e a traziam escancarada na alvura dos bustos como seu sacrifício mais precioso diante do altar. Os membros mais idosos do rebanho, observando o físico frágil do sr. Dimmesdale, ao passo que se mostravam resistentes à enfermidade, acreditavam que o clérigo partiria antes deles, recomendando aos filhos que enterrassem seus velhos ossos perto do sagrado túmulo do jovem pastor. E talvez, nesse tempo todo, cada vez que pensava na própria sepultura, o sr. Dimmesdale se perguntasse se sobre ela haveria de crescer a grama, pois ali estaria enterrada uma maldição!

É inconcebível com que torturante agonia ele encarava essa veneração pública! Carregava um impulso genuíno a adorar a verdade e ver apenas contornos, totalmente destituídos de densidade ou valor, em qualquer coisa que não tivesse uma espécie de vida dentro da vida, uma essência divina. E ele, então, o que era? Substância? Ou o mais apagado dos contornos? Ansiava por expressar-se, em alto e bom som de seu próprio púlpito, e dizer às pessoas quem era. “Eu, que aqui vedes nos trajes negros de um pastor; eu, que subo ao altar sagrado e volto meu rosto pálido aos céus, promovendo em vosso nome a comunhão com o Altíssimo Onisciente; eu, em cuja vida cotidiana divisais a santidade de Enoque; eu, cujas pegadas, supondes vós, cintilam ao longo de meu trajeto neste mundo, e pelas quais os peregrinos que vierem depois de mim serão guiados a terras abençoadas; eu, que batizei vossos filhos pela imposição de minhas mãos; eu, que sussurrei as últimas preces àqueles entre os vossos que, moribundos, ouviram amém como o som vago de um mundo que haviam abandonado; eu, o vosso pastor, a quem tanto reverenciais e com tamanha confiança, sou todo impureza e falsidade!”

Mais de uma vez, o sr. Dimmesdale galgou o púlpito com o propósito de não se permitir descer dali sem ter dito coisas como essas. Mais de uma vez pigarreou e inspirou longa e profundamente, trêmulo, como quem fosse devolver aquele mesmo ar carregado do obscuro segredo de sua alma. Mais de uma vez — não, mais de cem vezes — ele havia, de fato, falado! Falara, sim! Mas como? Dissera a seus ouvintes ser alguém da mais completa vileza, a mais vil das companhias vis, o pior dos pecadores, uma abominação, uma coisa de iniquidade inimaginável; e que a única surpresa era que ainda não tivessem assistido a seu corpo castigado murchar diante de seus olhos pela ira incendiária do Todo-Poderoso! Poderia haver confissão mais direta do que essa? Não deveriam as pessoas, com isso, ter se levantado de seus assentos, num movimento simultâneo, e o arrancado de cima daquele púlpito que ele conspurcara? É certo que não! Ouviram isso tudo e não fizeram outra coisa que reverenciá-lo ainda mais. Não desconfiaram nem um pouco do intento mórbido por trás daquelas palavras autoincriminatórias. "Um jovem pio!", comentaram entre si. "Um santo na terra! Ai de nós! Se ele vê tanto pecado em sua alma casta, que grotesco espetáculo não vislumbrará na tua ou na minha!" O pastor bem sabia — embora tomado de remorso porque havia sido um tanto hipócrita — de que modo seria recebida aquela vaga confissão. Esforçando-se por iludir a si próprio ao declarar culpa de consciência, tudo que conseguiu, além da humilhação que se impôs, foi incorrer em outro pecado, sem nem mesmo o alívio momentâneo do autoengano. Dizendo a justa verdade, ele a transformou na mais honesta falsidade. E no entanto, pela constituição de sua natureza, amava a verdade e odiava a mentira como poucos homens até hoje. Portanto, acima de tudo, odiou o ser miserável que era!

Seu tormento interior o levou a práticas mais afeitas à velha e corrupta fé romana do que à igreja mais esclarecida na qual nascera e fora educado. Num armário secreto do sr. Dimmesdale, trancado à chave, escondia-se um açoite ensanguentado. Muitas foram as ocasiões em que esse protestante e puritano golpeou os próprios ombros; ao mesmo tempo, ria de si mesmo e, porque ria dolorosamente, chicoteava-se cada vez mais impiedoso. Era seu

hábito, também, assim como o de muitos outros pios puritanos, jejuar — mas não como os demais, para purificação do corpo, tornando-o um apto veículo de iluminação celestial, e sim com rigor, os joelhos trêmulos, em ato de penitência. Fazia vigílias noite após noite, por vezes na mais completa escuridão; em outras, sob o brilho do lampião; em outras ainda, olhando para o próprio rosto num espelho sobre o qual lançava a luz mais potente que tivesse à mão. Manifestava, assim, a constante introspecção pela qual se torturava, porém não o suficiente para purificar-se. Nessas longas vigílias, o cérebro muitas vezes vacilava e visões pareciam rodopiar diante dele; ora duvidosas, envoltas em débil luz própria, na penumbra remota do quarto, ora mais distintamente, ali a seu lado, no espelho. Uma multidão de formas diabólicas, sorrindo zombeteiras para o pálido clérigo e sinalizando para que ele as acompanhasse; e logo um grupo de anjos luminosos, voando na direção do céu, como que carregados de dor, tornando-se mais e mais etéreos à medida que subiam. E então surgiam os amigos mortos de sua juventude, seu pai de barbas brancas, com a carranca de um santo, e sua mãe, virando-lhe o rosto enquanto passava por ele. Um fantasma da mãe — a mais rala fantasia de uma mãe — que talvez tenha até mesmo lançado ao filho um olhar de pena! E, na atmosfera do quarto tornada medonha pela presença desses pensamentos espectrais, deslizava Hester Prynne, conduzindo a seu lado a pequena Pearl em seu traje escarlate e apontando primeiro a letra sobre o próprio busto, depois o peito do clérigo.

Nenhuma dessas visões conseguia propriamente iludi-lo. A qualquer momento, à mercê de sua vontade, era capaz de discernir onde havia substância em meio à nebulosa falta dela e convencer-se de que ali não existia nada da mesma natureza sólida daquela mesa de carvalho entalhado ou daquele livro sagrado, grande, quadrado, encapado em couro e arrematado em latão. Apesar disso, aquelas visões eram as mais autênticas e substanciais coisas a que o pobre pastor tinha acesso agora. É indescritível a miséria de uma vida falsa como a dele, que subtrai o âmago e a substância de quaisquer que sejam as realidades à nossa volta, as quais devem alimentar e alegrar o espírito, por desígnio divino. Para um homem falso, todo o universo é falso, impalpável, a um toque reduz-se a nada. E ele próprio, na medida em que se mostra

sob falsa luz, torna-se uma sombra, ou melhor, deixa de existir. A única verdade pela qual o sr. Dimmesdale continuava a ter existência real neste mundo era a angústia no interior de sua alma, inseparável da expressão que emprestava à sua aparência. Se achasse forças para sorrir e dar ao rosto um aspecto de felicidade, cessaria de existir!

Numa dessas noites horripilantes, das quais fornecemos ao leitor alguma ideia, mas que nos absteremos de voltar a descrever, o pastor saltou da cadeira. Um pensamento novo o assaltava. Talvez houvesse ali uma possibilidade de paz. Vestiu-se com o mesmo apuro com que o fazia para as celebrações públicas e precisamente da mesma maneira desceu as escadas com um passo leve, abriu a porta e saiu.

12
A vigília do pastor

Andando na bruma de um sonho, por assim dizer, e talvez de fato sob o efeito de uma espécie de sonambulismo, o sr. Dimmesdale chegou ao local onde, muito tempo antes, Hester Prynne sofrera o primeiro impacto de sua humilhação pública. A mesma plataforma, ou cadafalso, preta e com as marcas de sete longos anos na intempérie, sob tempestade ou sol, além de gasta pelas pegadas de uma procissão de muitos condenados que desde então ali haviam subido e permanecido de pé debaixo da galeria da igreja. O pastor galgou os degraus.

Era uma noite escura do início de maio. Um maciço contínuo de nuvens encobria o céu de alto a baixo. Se a mesma multidão que presenciara o castigo de Hester Prynne pudesse se materializar ali, naquela hora, não seria capaz de discernir um rosto sobre a plataforma, tampouco distinguiria ali, com clareza, os contornos de uma forma humana na noite cinzenta. Mas a cidade toda dormia. Não havia o perigo de um flagrante. Se assim quisesse, o clérigo poderia permanecer onde estava, de pé no cadafalso, até a vermelhidão da manhã surgir no leste, sem nenhum outro risco senão o de que o ar úmido e frio da noite se insinuasse em seu corpo, enrijecendo-lhe as juntas com reumatismo e obstruindo-lhe a garganta com catarro e tosse; o que só viria frustrar a expectativa do público para a prece e o sermão da manhã seguinte. Nenhum olho era capaz de vê-lo, exceto aquele único que o vira apanhar do armário o açoite ensanguentado. Por que então ele viera até ali? Teria sido apenas para zombar de uma penitência? Era zombaria, sim, mas um desrespeito à sua alma! Zombaria que fazia corar e chorar os anjos, enquanto os demônios, rindo com escárnio, rejubilavam-se! Levara-o àquele lugar o remorso que o atormentava onde estivesse, e cuja irmã e mais próxima companheira era a covardia, que, com a mão trêmula, vivia a puxá-lo

de volta justo quando o primeiro impulso já o lançava à beira de uma confissão. Pobre desgraçado! Que direito tinha uma enfermidade como a sua de imputar-lhe um crime? O crime é para aqueles que, com nervos de aço, têm escolha entre resistir a ele ou, se a pressão for muita, voltar toda essa força violenta e rebelde a um bom propósito, livrando-se da ideia criminosa de uma vez! Mas aquele espírito sensível e frágil não era capaz nem de uma coisa nem de outra, e ainda assim continuamente engajava-se em ambas, embaraçando-as numa mesma agonia de culpa e de arrependimento vão pela afronta aos céus.

E, assim, de pé sobre a plataforma, naquela inútil demonstração de penitência, o sr. Dimmesdale teve a mente tomada de grande horror, como se o universo mirasse o emblema escarlate em seu peito nu, bem em cima do coração. Naquele ponto, é verdade, havia muito tempo cravava-se a presa afiada e venenosa da dor física. Sem que tivesse sido por um ato de sua vontade, tampouco dispondo do poder para reprimi-lo, soltou um guincho alto; um grito que ressoou pela noite, rebateu de uma casa a outra, reverberou nas montanhas ao fundo; como se um bando de demônios, detectando ali tamanha miséria e tamanho horror, brincasse com o som, jogando-o de lá para cá.

"Está feito!", murmurou o pastor, cobrindo o rosto com as mãos. "A cidade toda vai acordar e, quando vier à rua, me encontrará aqui!"

Mas isso não aconteceu. Talvez o berro tivesse soado a seus ouvidos assustados muito mais potente do que realmente fora. A cidade não despertou; ou, se despertou, seus sonolentos habitantes imaginaram que o grito agudo fosse de um pesadelo ou um ruído das bruxas; naquele período, com frequência ouviam-se as vozes delas, em seus passeios aéreos com Satã, a sobrevoar os agrupamentos de chalés ou um ou outro mais isolado. O pastor, portanto, como não escutava qualquer sintoma de agitação, descobriu o rosto e olhou em torno. Na janela de um dos quartos da mansão do governador Bellingham, em outra rua, a certa distância dali, avistou o velho magistrado, de lampião na mão, com a cabeça coberta por uma touca branca de dormir e o corpo envolto num camisolão longo, igualmente branco. Parecia um fantasma evocado do túmulo fora de hora. O guincho cortando a noite claramente o sobressaltara. Em outra janela da

mesma casa, além disso, surgiu a velha sra. Hibbins, irmã do governador, também segurando um lampião, que, mesmo àquela distância, revelava a expressão rabugenta e contrariada de seu rosto. Enfiou a cabeça para fora da janela e olhou ansiosa para o alto. Sem sombra de dúvida a venerável bruxa ouvira o grito do sr. Dimmesdale e o confundira, em seus múltiplos ecos e reverberações, com o clamor dos demônios e feiticeiras da noite aos quais, conforme se sabia, ela costumava se juntar em incursões à floresta.

Ao perceber o brilho do lampião do governador Bellingham, a velha senhora apagou o seu e sumiu. Possivelmente para o alto, para dentro das nuvens. O pastor não a viu se mover mais. O governador, depois de um exame cauteloso da escuridão — em meio à qual, no entanto, não poderia ver mais do que dentro de um moinho —, retirou-se da janela.

O clérigo se acalmou um pouco. Mas seus olhos logo seguiram a direção de uma luzinha que, de início piscando ao longe, aproximava-se pela rua. Tornava reconhecíveis com seu brilho um poste aqui, a cerca de um jardim ali, a proteção de treliça de uma janela acolá, uma bomba d'água, com a gamela cheia até a boca e, logo ali, uma porta de carvalho em arco com aldraba de ferro, com um tronco rústico como degrau de acesso. O reverendo Dimmesdale reparou em todos esses detalhes, ainda que convencido de que o destino de sua existência estava a caminho naqueles passos que ouvia e de que o brilho daquele lampião incidiria sobre ele, dali a um momento, para revelar seu segredo havia tanto tempo oculto. Quando a luz se aproximou, ele viu, dentro do círculo iluminado, seu irmão clérigo — ou, para sermos mais exatos, seu mentor profissional, além de um amigo altamente estimado —, o reverendo Wilson, que, conjecturava agora o sr. Dimmesdale, deveria ter acabado de rezar ao pé de um moribundo. E de fato era daí que retornava. O bom pastor mais velho acabava de deixar o leito de morte do governador Winthrop,[1] que naquela mesma hora passara da terra aos céus. E ali, na rua, como os personagens santos de tempos mais antigos, envolto num halo radiante que o glorificava na sombria noite de pecado — como se o falecido governador lhe tivesse deixado de herança a própria glória ou como se o sr. Wilson, no momento em que observava esse triunfante

peregrino cruzar os portões de entrada da cidade celestial, tivesse recebido sobre si sua luz distante —, o bom reverendo Wilson voltava para casa com a ajuda de um lampião que lhe iluminava os passos! Aquela luz bruxuleante levou o sr. Dimmesdale a imaginar tudo isso, e ele sorriu — não, quase riu de seus pensamentos — para em seguida se perguntar se não estava ficando louco.

Quando o reverendo Wilson passava ao lado do cadafalso, um dos braços aconchegando o corpo à batina de Genebra[2] que trajava, o outro levando o lampião à frente do peito, o pastor mais jovem mal pôde se conter.

"Uma boa noite para o senhor, venerando pastor Wilson! Sobe aqui, eu te peço, e aproveita comigo esta hora agradável!"

Pelos céus! Será que o sr. Dimmesdale dissera realmente aquilo? Por um instante, acreditou que tais palavras tivessem lhe escapado da boca. Mas foram pronunciadas apenas em sua imaginação. O venerando pastor Wilson seguiu seu caminho no mesmo passo lento, atento à trilha enlameada sobre a qual pisava, sem ter se voltado uma única vez à plataforma dos castigos. Com a luz vacilante do lampião já a certa distância, o jovem clérigo se deu conta, pela fraqueza que o acometia, da crise de terrível ansiedade por que passara momentos antes; mesmo que sua mente, em uma espécie de brincadeira sinistra, tivesse empreendido um esforço involuntário para aliviar-se.

Pouco depois, aquele mesmo pavoroso senso de humor avançou novamente sobre os solenes fantasmas de seu pensamento. Sentiu que os membros enrijeciam, desabituados à friagem noturna, e teve dúvidas se conseguiria descer os degraus do cadafalso. Viria a manhã e lá estaria ele. A vizinhança começaria a despertar. O primeiro a madrugar, saindo à bruma da alvorada, repararia nos contornos vagos daquela figura sobre a plataforma da vergonha; e, meio excitado, alarmado e curioso, sairia batendo de porta em porta, convocando toda a gente a apreciar o fantasma — assim lhe pareceria — de algum defunto criminoso. Na penumbra, aquele tumulto estenderia suas asas de uma casa a outra. E então — a luz da manhã ainda ganhando intensidade — os velhos patriarcas levantariam em grande alvoroço, todos metidos em camisolões de flanela, assim como, sem nem mesmo se darem ao trabalho de trocar os trajes de noite, despertariam as

matronas. A trupe completa desses decorosos personagens, até ali jamais vistos com um único fio de cabelo fora do lugar, sairia a público no estado de confusão de um pesadelo. Surgiria o velho governador Bellingham, a gola à rei James torta em seu pescoço; e a sra. Hibbins, com uns gravetos da floresta agarrados às suas saias, parecendo mais rabugenta do que nunca por não ter podido dormir quase nada depois de seu passeio noturno; e ainda o bom pastor Wilson, de cara feia porque, tendo passado metade da noite ao pé de um leito de morte, era acordado àquela hora, tão cedo, de seus sonhos com santos gloriosos. E apareceriam também os anciãos e os diáconos da paróquia do sr. Dimmesdale, e as jovens virgens que tanto o idolatravam, fazendo de seus bustos castos santuários para o seu pastor; bustos estes que, aliás, na pressa e no atropelo, mal teriam tido tempo de cobrir com suas mantilhas. Todos, numa palavra, sairiam aos tropeços de casa, chegando ao redor do cadafalso com expressões de assombro e horror. Quem é que encontrariam ali, com a luz avermelhada do sol batendo na fronte? Quem mais senão o reverendo Arthur Dimmesdale, quase morto congelado, esmagado pela vergonha de ocupar o mesmo lugar onde um dia estivera Hester Prynne.

Levado pelo horror grotesco dessa cena, o pastor, sem perceber e para seu infinito sobressalto, estourou numa enorme gargalhada. Que foi imediatamente respondida por um riso leve e vaporoso de criança no qual, com um gelo no coração — mas ele não sabia se de requintado sofrimento ou de intenso prazer —, reconheceu a voz de Pearl.

"Pearl! Pequena Pearl!", ele gritou, depois de um momento; e em seguida, abafando a voz, "Hester! Hester Prynne! Estás aí?"

"Sim; é Hester Prynne quem está aqui!", respondeu ela, em tom de surpresa; e o pastor ouviu os passos que se aproximavam pelo passeio ao longo do qual a mulher vinha caminhando. "Somos eu e minha pequena Pearl!"

"De onde vêm?", quis saber o clérigo. "O que vos traz aqui?"

"Viemos de uma visita a um moribundo", respondeu Hester Prynne, "ao leito de morte do governador Winthrop, onde tirei as medidas para um traje, e agora seguíamos para casa."

“Vem cá, Hester, tu e tua pequena Pearl!”, disse o reverendo Dimmesdale. “Já estivestes sobre esta plataforma, as duas, mas eu não estava convosco. Subi novamente e permaneçamos aqui os três!”

Ela subiu em silêncio os degraus e parou sobre o cadafalso segurando pela mão a pequena Pearl. O pastor alcançou a outra mão da menina e a segurou. No momento em que fez isso, pareceu-lhe que era invadido pelo turbilhão de uma nova vida, outra vida que não a sua, uma torrente derramada em seu coração que escorria por todas as suas veias, como se mãe e filha transferissem calor vital a seu sistema meio entorpecido. Os três formavam um circuito elétrico.

“Pastor!”, sussurrou Pearl.

“O que queres, criança?”, perguntou o sr. Dimmesdale.

“O senhor ficaria parado aqui conosco, minha mãe e eu, amanhã em pleno meio-dia?”, inquiriu a menina.

“Ah, isso não, minha pequena!”, respondeu o clérigo; pois, com a nova energia daquele momento, voltava-lhe todo o terror da exposição pública que havia tanto tempo era a angústia de sua vida; e estremecia pela situação em que — com estranho júbilo, no entanto — encontrava-se agora. “Não, minha criança. Aqui ficarei, sim, contigo e tua mãe algum outro dia, mas não amanhã!”

Pearl deu uma risada e tentou soltar a mão. Mas o pastor a agarrou firme.

“Só mais um momento, minha criança!”, disse ele.

“Mas o senhor promete, então”, perguntou Pearl, “que amanhã, ao meio-dia, vai segurar a minha mão e a da minha mãe?”

“Amanhã, não, Pearl”, falou o clérigo, “uma outra hora!”

“E quando vai ser?”, insistiu a menina.

“No dia do grande juízo”, cochichou o religioso — e, estranhamente, a sensação de que era, ali, um professor especializado o impeliu a dar à criança a seguinte resposta: “Lá, e nessa hora, no banco dos réus, tua mãe, tu e eu devemos estar juntos! À luz do dia e neste mundo, porém, ninguém há de presenciar nosso encontro!”

Pearl riu novamente.

Mas, antes que o sr. Dimmesdale tivesse terminado de falar, uma luz brilhou à distância, de fora a fora no céu abafado. Era, sem dúvida, um daqueles meteoros que amiúde, observando a noite, pode-se ver

queimar e sumir nos espaços vagos da atmosfera. Tão poderosa era sua radiância que o denso bloco de nuvens entre o céu e a terra ficou completamente iluminado. A grande abóbada brilhou feito o bulbo de uma imensa lamparina. Surgiu claramente, como se fosse meio-dia, o cenário familiar da rua, mas com a aparência horrível de que sempre são tomados objetos conhecidos sob luz diferente. Os sobrados de madeira, com seus balcões salientes e suas pitorescas cumeeiras; os degraus e as soleiras das portas, cercados de grama nascente; os pequenos jardins com a terra preta recém-revolvida; a trilha com marcas de rodas não muito fundas e margeadas, mesmo no entorno da praça, por vegetação de ambos os lados — tudo isso ficou visível, mas com um aspecto singular que parecia dar às coisas deste mundo outra interpretação moral, que elas nunca antes haviam sugerido. E lá estava o pastor, com a mão pousada sobre o coração; e Hester Prynne, com a letra bordada reluzente no peito; e a pequena Pearl, ela própria um símbolo, e também o elo que unia os outros dois. Lá estavam, sob o zênite daquele estranho e solene esplendor, como se ele fosse a luz que revelaria todos os segredos e a alvorada que reuniria todos os que pertencessem uns aos outros.

Havia feitiço nos olhos da pequena Pearl; e seu rosto, enquanto encarava o pastor, exibia aquele sorriso maroto que tantas vezes fazia confundir sua expressão com a de uma fada. Ela recolheu sua mão da mão do sr. Dimmesdale e apontou a rua. Mas o religioso fechou as duas mãos sobre o peito e mirou o zênite.

Nada era mais comum, naquele tempo, do que interpretar toda aparição de meteoro e outros fenômenos naturais cuja ocorrência não tivesse a regularidade do nascer e do pôr do sol como revelações de origem sobrenatural. Assim, uma lança flamejante, uma espada de fogo, um arco ou um feixe de flechas vistos no céu noturno eram prenúncio de guerra contra os índios. Sabia-se que uma chuva de luz carmesim profetizava a peste. É de duvidar que qualquer acontecimento importante, bom ou ruim, alguma vez tenha se abatido sobre a Nova Inglaterra, desde sua fundação até a época revolucionária, sem que os habitantes fossem previamente avisados por um espetáculo da natureza. Não raro em um fenômeno presenciado por multidões. Mais amiúde, no entanto, a credibilidade

da história dependia da fé que se depositava no relato de alguma testemunha solitária, que, pelo filtro colorido, aumentado e distorcido de sua imaginação, presenciara aquele assombro para depois dar-lhe forma mais distinta. Era, de fato, uma bela ideia a de que o destino das nações devesse ser revelado por esses horríveis hieróglifos na abóbada do céu. Página assim tão extensa talvez não tivesse, afinal, tamanha vastidão para que a Providência escrevesse nela o destino de um povo. Essa crença era uma das favoritas de nossos antepassados, que aí enxergavam um sinal de que o bem-estar de sua descendência seria guardado pelos céus com peculiar proximidade e rigor. Mas o que temos quando um indivíduo descobre, endereçada somente a ele, uma revelação nesta mesma e vasta folha de registros? Nesse caso, só poderia se tratar de sintoma de um estado mental extremamente desarranjado, pelo qual um homem, morbidamente autocontemplativo depois de longo, intenso e secreto sofrimento, abarca com seu ego toda a extensão da natureza até que o próprio firmamento chega a lhe parecer não mais do que uma página pronta a registrar a história e o destino de sua alma.

Imputaremos, portanto, tão somente à disfunção de olhos e coração do pastor que ele, mirando o zênite, tenha visto no céu uma imensa letra — a letra A — marcada por contornos de uma fraca luz vermelha. Talvez fosse apenas a aparição do meteoro, luzindo de maneira sinistra através do véu de nuvens; mas tomaria a forma que a imaginação culpada do clérigo lhe atribuísse; ou, ao menos, a culpa de outro veria, nos mesmos contornos indefinidos, algum símbolo diferente.

Uma circunstância particular caracterizava o estado psicológico do sr. Dimmesdale naquele momento. Enquanto olhava para o alto, na direção do zênite, tinha consciência de que a pequena Pearl apontava o dedo para o velho Roger Chillingworth, de pé a pouca distância do cadafalso. O pastor parecia enxergá-lo ao mesmo tempo que via a letra miraculosa. As feições do médico, assim como os demais objetos, tinham uma expressão nova sob aquela luz meteórica; ou era bem possível que ele, desta vez sem o habitual cuidado, não escondesse a malevolência com que observava sua vítima. Certamente, se aquele meteoro iluminava o céu e dividia a terra com tal horror que lembrava

a Hester Prynne e ao pastor o dia do juízo, Roger Chillingworth, parado ali, sorrindo ameaçador, passaria pelo próprio Demônio atrás de seu quinhão. Tão vívida era sua expressão ou tão intensa era a percepção do clérigo que pareceu ter permanecido gravada na escuridão depois que o meteoro já desaparecera, deixando a rua e todas as coisas como que aniquiladas por sua passagem.

"Quem é aquele homem, Hester?", resfolegou o sr. Dimmesdale, tomado de terror. "Estremeço ao vê-lo! Conheces o sujeito? Eu o odeio, Hester!"

Ela recordou sua promessa e se calou.

"Devo dizer que minha alma estremece em sua presença", voltou a cochichar o pastor. "Quem é ele? Quem é? Não podes fazer nada por mim? Sinto um medo inominável desse homem!"

"Pastor", disse a pequena Pearl, "posso te dizer quem ele é!"

"Rápido, então, criança!", reagiu o clérigo, curvando-se para aproximar o ouvido dos lábios da menina. "Rápido! E o mais baixo que puderes sussurrar."

Pearl murmurou ao ouvido do religioso algo que, de fato, soava como língua humana, mas era apenas uma daquelas bobagens com que as crianças se divertem quando estão juntas. Em todo caso, se envolvia alguma informação secreta sobre o velho Roger Chillingworth, isso lhe foi dito em uma língua incompreensível ao jovem clérigo, e só fez aumentar sua confusão mental. A menina-fada riu alto.

"Estás debochando de mim?", perguntou o pastor.

"Tu não foste corajoso! Não foste honesto!", respondeu a criança. "Não prometeste segurar minha mão e a da minha mãe amanhã, ao meio-dia!"

"Meu valoroso senhor", atalhou o médico, que avançara e estava ao pé do cadafalso. "Meu devoto reverendo Dimmesdale! És tu quem aí vejo? Sim, sim, de fato! Nós, homens dedicados ao estudo, com as caras sempre enfiadas nos livros, precisamos ser vigiados de perto! Sonhamos acordados e andamos enquanto dormimos. Venha, meu bom senhor e caro amigo, eu te peço, deixa que te leve para casa!"

"Como sabias que eu estava aqui?", quis saber o pastor, temeroso.

“Na verdade, e de boa-fé”, respondeu Roger Chillingworth, “não sabia. Passei a maior parte da noite junto à cama do venerando governador Winthrop, tentando fazer o que podia para aliviá-lo com meus parcos talentos. Ele seguiu para casa, para um mundo melhor, e eu também tomava meu rumo de volta quando essa estranha luz brilhou. Vem comigo, rogo-te, reverendo; ou não estarás em condições de cumprir as obrigações do sabá amanhã. Ah! Agora vês o quanto esses livros nos perturbam o cérebro! Esses livros! Devias estudar menos, bom senhor, distrair-te um pouco; ou esses delírios noturnos vão se apossar de ti!”

“Vou para casa contigo”, falou o sr. Dimmesdale.

Com fria indiferença, como alguém que acordasse completamente inalterado de um sonho ruim, deixou-se conduzir dali pelo médico.

No dia seguinte, no entanto, sendo o sabá, fez um sermão que ficou conhecido como o mais belo e poderoso entre todos os que saíram de sua boca, aquele com maior inspiração divina. Mais do que uma alma, comentou-se, conheceu a verdade pela eficácia daquele sermão e se comprometeu interiormente a estimar com sagrada gratidão o sr. Dimmesdale no longo porvir. Mas, assim que desceu os degraus do púlpito, o sacristão de barba grisalha veio ao seu encontro com uma luva preta, que o pastor reconheceu como sua.

“Foi encontrada esta manhã”, contou o sacristão, “no cadafalso onde os criminosos são expostos à humilhação pública. Foi Satã que a depositou ali, penso, na intenção de uma obscena zombaria contra vossa reverência. Mas, na verdade, cego e tolo ele é e sempre foi. Mãos puras não necessitam de luvas para cobri-las.”

“Obrigado, meu bom amigo”, disse o clérigo, sério, mas com o coração sobressaltado; pois tão confusa era sua lembrança que quase se convencia a considerar como apenas visões os acontecimentos da noite anterior. “Sim, parece que é mesmo minha luva!”

“E, uma vez que Satã inventou de roubá-la, vossa reverência talvez devesse tratar com ele sem luvas daqui por diante”, observou o sacristão, com um sorriso desagradável. “Mas vossa reverência soube do sinal avistado ontem à noite? Uma grande letra no céu — a letra A —, que interpretamos tratar-se da inicial de “anjo”. Pois, como nosso

bom governador Winthrop virou um deles durante a madrugada, sem dúvida haveríamos de receber algum sinal!

"Não", respondeu o pastor. "Não soube disso."

13
Outra visão de Hester

Em seu mais recente e singular encontro com o sr. Dimmesdale, Hester Prynne havia ficado chocada com o estado a que se achava reduzido o clérigo. Sua fibra parecia absolutamente destruída. Sua força moral, rebaixada a algo mais parecido com a fragilidade de uma criança. Prostrava-se inerte no chão, ainda que suas faculdades intelectuais seguissem preservadas e imaculadas ou tivessem talvez adquirido uma energia mórbida que somente uma doença seria capaz de fornecer. Como sabia de uma série de circunstâncias ocultas dos demais, ela imediatamente pôde inferir que, além da ação legítima da própria consciência, uma terrível engrenagem passara a interferir, e ainda operava, sobre o bem-estar e a paz do sr. Dimmesdale. Tendo conhecido, um dia, alguém bem diferente daquele pobre e acabado homem, ela se comoveu de todo o coração pelo estado aterrorizado e trêmulo em que ele se encontrava quando lhe fez aquele apelo — a ela, a mulher proscrita — por ajuda contra o inimigo que, instintivamente, descobria. Ela decidiu que o pastor tinha direito à ajuda mais devotada. Pouco habituada em sua longa reclusão da sociedade a balizar os próprios conceitos de certo e errado por qualquer padrão externo, Hester percebeu — ou pareceu perceber — que uma responsabilidade recaía sobre ela quanto ao clérigo, compromisso que não tinha com mais ninguém, menos ainda com o resto do mundo como um todo. Os laços que a uniam ao restante do gênero humano — laços de flores, de seda, de ouro ou de qualquer outro material — haviam sido rompidos. Mas ali o que havia era o elo de ferro do crime comum, que nenhum dos dois poderia romper. Como qualquer outro laço, aquele também implicava mútuas obrigações.

A condição de Hester Prynne não era mais exatamente aquela em que a vimos nos primórdios de sua ignomínia. Os anos vieram e se foram. Pearl já tinha sete anos, e sua mãe, com a letra escarlate ao

peito, aquele fantástico bordado reluzente, havia muito se tornara uma visão familiar para o povo da cidade. Como geralmente acontece quando uma pessoa, por qualquer razão, se destaca perante a comunidade sem interferir nos interesses e conveniências individuais ou coletivos, com relação a Hester Prynne consolidara-se, em última análise, uma espécie de respeito geral. É mérito da natureza humana o fato de que, se o egoísmo não entrar na equação, amamos com muito mais facilidade do que odiamos. O ódio, por um processo silencioso e gradual, transforma-se em amor, a menos que essa transmutação se veja impedida pelo constante reavivar do sentimento original de hostilidade. No caso de Hester Prynne, a ferida não fora nem cutucada nem irritada. Ela jamais entrou em conflito com a gente da colônia, submetendo-se, ao contrário, às piores situações; não reivindicava nada como compensação ao que sofria; não forçou simpatia à sua condição. Além disso, a pureza inatacável de sua vida ao longo de todos aqueles anos de infâmia, durante os quais estivera banida, contava amplamente a seu favor. Sem nada a perder agora aos olhos da humanidade, sem esperança e aparentemente nem mesmo desejo de ganhar o que quer que fosse, só mesmo uma genuína estima pela virtude poderia ter trazido aquela pobre errante de volta ao bom caminho.

Também era notável que, sem jamais ter apresentado a mais humilde reivindicação quanto a compartilhar dos privilégios deste mundo — para além da permissão de respirar o ar comum e de levar para casa o pão de cada dia para si e para a pequena Pearl, obtido com o trabalho honesto de suas mãos —, ela tinha sido a primeira a reconhecer sua irmandade com a raça humana sempre que lhe tocava algum ganho, qualquer que fosse. Ninguém mais do que ela se dispunha a dar o pouco que tinha quando lhe pediam os pobres; ainda que essa gente de coração amargurado atirasse impropérios contra Hester em retribuição à comida que lhe era entregue regularmente à porta ou às roupas doadas que ela costurava com aqueles mesmos dedos que poderiam ter bordado o manto de um monarca. Ninguém foi mais devotado do que Hester quando a peste se abateu sobre a cidade. Em toda e qualquer situação calamitosa, fosse geral ou individual, a proscrita imediatamente encontrava sua função. Chegava — não como

convidada, mas como hóspede de direito — ao lar que estivesse na escuridão, tomado de desavença; como se a penumbra sombria fosse o ambiente no qual tinha autorização para manter contato com as criaturas que eram suas iguais. Ali reluzia a letra bordada, à vontade em seu brilho inconveniente. O que em outro lugar seria o emblema do pecado, ali era a vela num quarto de convalescença. Tinha até mesmo iluminado o caminho do moribundo à beira do precipício do tempo. Indicara-lhe onde pôr os pés quando a luz terrena rapidamente se esvaía e antes que a claridade futura o alcançasse. Em tais emergências, a natureza de Hester provou-se rica e afetuosa; fonte de ternura humana, infalível a qualquer demanda real e, no mais das vezes, inesgotável. Seu busto, com aquele emblema da vergonha, era o mais macio dos travesseiros para quem dele precisasse. Hester era a autoproclamada irmã da Misericórdia; ou, talvez devêssemos dizer, a mão pesada do mundo assim a ordenara, quando nem o mundo nem ela própria esperavam tal desenlace. A letra era o símbolo de seu chamamento. Tanta solicitude podia-se ter dela — tais eram sua vontade de realizar e seu poder de gerar empatia — que muitas pessoas se recusavam a tomar aquele A escarlate por seu significado original. Diziam que significava "abençoada", tão forte era Hester Prynne com sua disposição de mulher.

Somente a casa mais escura poderia recebê-la. Quando a luz do sol retornasse, ela não estaria mais lá. Sua sombra teria desaparecido através da soleira da porta. A hóspede solícita partia sem nem mesmo olhar para trás ou recolher alguma recompensa de gratidão, se alguma houvesse nos corações daqueles a quem ela tão zelosamente servia. Ao encontrá-los na rua, nunca levantava o rosto para receber seu cumprimento. Se insistiam em abordá-la, pousava o dedo sobre a letra escarlate e seguia adiante. Aquilo talvez fosse orgulho, mas parecia tanto com humildade que exercia sobre a imaginação coletiva toda a influência suavizadora desta última característica. O povo é despótico por temperamento; é capaz de negar alguma justiça óbvia quando reivindicada muito vigorosamente como um direito; mas, quase com a mesma frequência, concede mais do que justiça se o apelo é dirigido, conforme os déspotas adoram que o seja, inteiramente à sua generosidade. Sendo o comportamento de Hester Prynne um apelo

desse tipo, a sociedade dispunha-se a mostrar à sua antiga vítima uma face mais benigna do que ela teria esperado ou talvez merecido.

Os governantes, bem como os sábios e eruditos da comunidade, demoraram mais do que o povo para reconhecer a influência das boas qualidades de Hester. O preconceito que compartilhavam com as pessoas em geral era reforçado nesses homens por uma arraigada racionalidade que tornava mais difícil a tarefa de livrar-se dele. Dia após dia, no entanto, suas rígidas e rabugentas carrancas relaxavam, transformando-se, no devido curso dos anos, quase que em expressões de benevolência. Assim foi com os homens eminentes, a quem, por sua destacada posição, cabia zelar pela moral pública. Na vida privada, enquanto isso, Hester Prynne havia sido quase perdoada por sua fraqueza; mais até do que isso, começava-se a ver a letra escarlate como símbolo não daquele seu único pecado, pelo qual ela já suportara longa e terrível penitência, mas das muitas boas ações que tinha realizado desde a condenação. "Vês aquela mulher com o emblema dourado?", diziam os habitantes da colônia aos forasteiros. "É a nossa Hester — só nossa, desta cidade —, que tanto ajuda os pobres e os doentes, consolo tão grande dos aflitos!" E em seguida, verdade seja dita, a propensão da alma humana a contar o que tem de pior, desde que encarnado no corpo de outro, compelia-os a cochichar sobre o negro escândalo de anos passados. De todo modo, porém, era digno de nota o fato de que, aos olhos dos mesmos homens que faziam tais comentários, a letra escarlate tivesse o efeito de uma cruz sobre o peito de uma freira. Conferia à sua portadora uma espécie de santidade, que lhe permitia atravessar em segurança todos os perigos. Se caísse nas mãos de ladrões, o emblema protegeria Hester. Contava-se, e muitos acreditavam, que uma flecha atirada por um índio, atingindo o emblema, foi ao chão sem causar nenhum dano.

O efeito do símbolo — ou antes da posição em que colocava sua portadora em relação à sociedade — na própria mente de Hester era algo forte e peculiar. Tudo o que era leve e graciosa folhagem em seu espírito havia murchado sob aquela marca a ferro quente e fazia muito tempo que desfolhara, restando apenas a casca nua e grosseira que, tivesse Hester amigos ou alguma companhia, lhes pareceria repulsiva. Até mesmo a atração que exercia havia passado por igual

mudança. Talvez isso se devesse, em parte, à estudada austeridade de seu vestido e à discrição de seus modos. Era uma transformação triste, também, que seus belos e deslumbrantes cabelos estivessem sempre cortados ou tão completamente ocultos por uma touca que nem sequer um daqueles cachos brilhantes escapasse alguma vez à luz do sol. Um pouco por essas razões todas parecia não haver mais, no rosto de Hester, lugar para o amor; não havia nada em suas formas, por mais majestosas e esculpidas, que a paixão pudesse sonhar em apertar num abraço; não havia nada, ainda, no busto de Hester que pudesse voltar a fazer dele um travesseiro de afeição. A permanência de alguns dos atributos que a haviam abandonado teria sido essencial para preservá-la como mulher. Frequentemente é esse o destino e tais são as graves consequências para o caráter e a pessoa de uma mulher que tenha enfrentado e atravessado alguma experiência especialmente severa. Se for toda ternura, ela morrerá. Se sobreviver, a ternura será arrancada dela ou — e o efeito em sua aparência é o mesmo — ficará enterrada tão fundo em seu coração que nunca mais há de voltar a se mostrar. A hipótese mais verdadeira talvez seja esta última. Aquela que algum dia foi uma mulher e deixou de sê-lo poderia a qualquer momento tornar-se novamente mulher, desde que um simples toque mágico efetuasse a transfiguração. Veremos se Hester Prynne chegou, adiante, a ser assim tocada e transfigurada.

Muito da impressão quanto à frieza de mármore de Hester podia ser atribuído ao fato de que sua vida, em grande medida, deixara de ser paixão e sentimento e transformara-se em razão. Sozinha no mundo — sozinha quanto a depender, para qualquer coisa, da sociedade, e com a pequena Pearl para guiar e proteger — e desesperançada de reaver sua reputação, mesmo desdenhando de considerar essa ideia desejável, ela se livrou dos resquícios daquelas amarras rompidas. A lei do mundo não governava sua mente. Aquela era uma época em que o intelecto humano, recentemente emancipado, ganhava alcance mais amplo e mais ativo do que tivera nos muitos séculos anteriores. Guerreiros tinham derrubado nobres e reis. Homens ainda mais corajosos tinham derrubado e rearranjado — não na prática, mas em âmbito teórico, que era onde habitavam de fato — todo um sistema de antigos preconceitos, ao qual se ligavam princípios ancestrais. Hester

Prynne assimilou esse espírito. Incorporou uma liberdade especulativa que, embora já bastante comum do outro lado do Atlântico, se nossos antepassados dela soubessem, tomariam por um crime mais mortal do que aquele cujo estigma era a letra escarlate. Os pensamentos que a visitavam em seu chalé solitário, à beira-mar, não ousariam adentrar nenhuma outra casa da Nova Inglaterra; visitantes sombrios, os quais pareceriam tão perigosos quanto demônios a seus anfitriões, caso alguém chegasse a vê-los batendo à porta de Hester.

É notável que aquelas pessoas que especulam com os pensamentos mais ousados sejam, em geral, as mesmas que obedecem na mais perfeita mansidão às regulações externas da sociedade. O pensamento lhes basta, sem precisar investir-se de carne e sangue, tornando-se ação. Assim parecia ser com Hester. Mas, se a pequena Pearl jamais lhe tivesse sido enviada pelo mundo espiritual, as coisas talvez fossem diferentes. Nesse caso, talvez seu nome chegasse até nós pela história, junto ao de Ann Hutchinson, como a fundadora de uma seita religiosa. Talvez tivesse se tornado, em algum momento da vida, uma profetisa. Talvez, e muito provavelmente, tivesse sido condenada à morte pelos austeros tribunais daquele tempo por tentar minar as fundações da colonização puritana. Mas o entusiasmo da mãe pela razão tinha algum papel na educação da filha. A Providência, na pessoa daquela menininha, colocara sob a responsabilidade de Hester o germe e a floração da mulher, para serem cuidados e desenvolvidos num meio hostil. Tinha tudo contra ela. O mundo era ameaçador. Havia algo de errado com a própria natureza da menina, sinalizando constantemente que seu nascimento fora inoportuno — o despojo da paixão ilícita de sua mãe —, o que muitas vezes levava Hester a se perguntar, com o coração dolorido, se aquela criança afinal viera para o bem ou para o mal.

Na verdade, essa mesma lúgubre questão com frequência vinha à sua mente com relação a todas as mulheres. Valia a pena aceitar a existência como era, mesmo para a mais feliz delas? No que concernia à sua própria existência individual, ela havia muito respondera negativamente à pergunta, dando o assunto por encerrado. A tendência à reflexão, ainda que mantenha a mulher serena, assim como o homem, entristece. Ela vê diante de si, talvez, um desafio

impossível. Como primeiro passo, teria de pôr abaixo todo o sistema social e reconstruí-lo do zero. Depois, a própria natureza do sexo oposto ou um longo hábito hereditário tornado como que sua natureza precisaria ser essencialmente mudada para que a mulher pudesse assumir o que parece ser uma posição mais justa e conveniente. Por fim, com todas as outras dificuldades vencidas, não poderia usufruir dessas primeiras reformas até que tivesse passado, ela mesma, por uma mudança ainda maior; e pela qual sua essência mais etérea, o que havia de mais verdadeiro nela, talvez acabasse por evaporar. Uma mulher jamais transpõe esses problemas por algum exercício da razão. Não são questões que se resolvam assim, ou apenas de uma maneira. Se acaso o coração feminino se sobrepõe a elas, desaparecem. De modo que Hester Prynne, cujo coração havia perdido a pulsação normal e saudável, vagava sem referências no escuro labirinto de sua mente; ora impedida por um precipício intransponível; ora começando de novo do fundo de um abismo. O cenário à sua volta era selvagem e horripilante, não havia em lugar nenhum o conforto do lar. Às vezes, uma dúvida medonha lutava para se apossar de seu coração — não seria melhor enviar Pearl de uma vez para o céu para que abraçasse o futuro que a Justiça Eterna lhe reservava?

A letra escarlate não cumprira seu desígnio.

No entanto, o encontro com o reverendo Dimmesdale, na noite de vigília do pastor, tinha lhe proporcionado um novo tema para reflexão e apresentado a ela algo que parecia digno de esforço e sacrifício para que se realizasse. Ela havia testemunhado a intensa angústia sob a qual se debatia o pastor, ou mais precisamente contra a qual ele desistira de lutar. Viu que o religioso estava à beira da loucura, se é que já não cruzara esse limiar. Não se pode duvidar de que, por mais que a ferroada secreta do remorso se mostre dolorosamente eficaz, inocula um veneno mortal pela mesma mão que alivia. Um inimigo oculto, sob a aparência de amigo e assistente, estava constantemente a seu lado, servindo-se das oportunidades que essa situação lhe oferecia para corromper a delicada fonte da natureza do sr. Dimmesdale. Hester não podia deixar de se perguntar se não houvera originalmente, da parte dela, uma falta de verdade, coragem e

lealdade, por ter permitido que o pastor ficasse numa posição em que tamanho mal o aguardava e nada de auspicioso podia esperar. Sua única justificativa estava no fato de que não havia sido capaz de discernir outro método para resgatá-lo de ruína ainda mais negra do que se abatera sobre ela, senão concordando em participar do disfarce de Roger Chillingworth. Sob esse impulso, tinha feito sua escolha e, ao que parecia agora, optara pela mais deplorável entre duas alternativas. Estava determinada a redimir seu erro até onde isso ainda fosse possível. Fortalecida por anos de duro e grave julgamento, não se sentia mais tão despreparada para enfrentar Roger Chillingworth como naquela noite em que, degradada pelo pecado e um pouco fora de si pela humilhação ainda recente, tinham conversado na cela da prisão. Desde então, ela havia galgado algumas posições. O velho, por outro lado, descera para mais perto do patamar dela, ou talvez abaixo, aviltando-se em busca de vingança.

Por fim, Hester Prynne decidiu procurar o marido e fazer o que estivesse ao seu alcance para salvar a vítima que, claramente, ele tinha agarrado. A ocasião não precisou esperar muito. Certa tarde, caminhando com Pearl numa parte afastada da península, ela avistou o velho médico, com um cesto num braço e um bastão na outra mão, inclinando-se para o chão à cata de raízes e ervas para preparar seus remédios.

14
Hester e o médico

Hester disse à pequena Pearl que corresse até a beira d'água e brincasse um pouco com as conchas e as algas enquanto ela conversava com o apanhador de ervas. E lá foi a menina voando feito um pássaro, os pezinhos brancos descalços, saltitando na areia úmida da praia. Aqui e ali, parava e espiava uma poça deixada pela onda que refluía, como um espelho para que Pearl mirasse o próprio rosto. De dentro da poça, cachos pretos e cintilantes a emoldurar-lhe o rosto e um sorriso de fada nos olhos, mirava-a de volta a imagem de uma pequena moça, que Pearl, não tendo mais ninguém com quem brincar, estendeu a mão e convidou para uma corrida. Mas a pequena moça imaginária, por sua vez, fez-lhe idêntico convite, como a dizer: "Aqui é melhor! Vem tu para dentro da poça!". E Pearl, entrando na água até os joelhos, viu o próprio pezinho branco no fundo; enquanto isso, de um ponto mais à superfície, subia o brilho de uma espécie de sorriso fragmentado, flutuando para lá e para cá na água agitada.

Nesse meio-tempo, a mãe da menina abordava o médico.

"Gostaria de falar-te um momento", ela disse, "sobre algo que muito nos diz respeito."

"Há! Seria madame Hester quem quer falar com o velho Roger Chillingworth?", ele respondeu, endireitando-se da postura encurvada em que se encontrava. "De todo o coração! Ora, minha senhora, tenho ouvido falar bem de ti por toda parte! Ainda na noite passada um juiz, sábio e abençoado homem, discorria sobre teu caso, madame Hester, e confidenciou-me que houve comentários a teu respeito no conselho dos magistrados. Debatiam se seria possível, salvaguardado o bem-estar comum, mandar retirar essa letra escarlate que levas ao peito. Juro pela minha vida, Hester, que pedi ao venerando juiz que tal medida seja imediatamente tomada!"

“Não é do agrado dos magistrados a ideia de livrar-me deste emblema”, respondeu calmamente Hester. “Se fosse digna de que dele me libertassem, cairia por obra de sua própria natureza, ou seria transformado em alguma outra coisa, em um símbolo diverso.”

“Ah, então usa-o, se achas que é o mais adequado”, retomou ele. “No que toca a adornar-se, uma mulher deve seguir o próprio gosto. A letra foi encantadoramente bordada e se exibe bravamente em teu peito!”

Durante todo esse tempo, Hester estivera olhando fixamente para o velho, chocada, ao mesmo tempo que tomada de assombro pela mudança que se abatera sobre ele naqueles últimos sete anos. Não era tanto o fato de que tinha envelhecido; pois embora os traços da idade avançada fossem visíveis, a velhice não lhe era um peso, e ele parecia manter firmes o vigor e a prontidão. Mas sua aparência anterior, de um intelectual e estudioso, de um homem calmo e sereno, que era o que ela mais lembrava nele, tinha desaparecido completamente e sido substituída por uma expressão ansiosa, inquiridora, quase agressiva, mas discreta. Parecia ser seu desejo e propósito disfarçá-la com um sorriso; mas este surgia falso a quem olhava, cintilando tão ironicamente em seu rosto que servia apenas para que ficasse ainda mais perceptível o aspecto sombrio de seu portador. De vez em quando, reluzia em seus olhos um brilho avermelhado; era como se a alma do velho pegasse fogo e continuasse a consumir-se secretamente dentro do peito até que, pela faísca casual da paixão, explodisse numa chama fugaz. E esta última ele então reprimia o mais rápido que pudesse, esforçando-se para fazer parecer que nada do tipo havia acontecido.

Numa palavra, o velho Roger Chillingworth era a prova acachapante da capacidade de um homem de transformar-se num demônio, desde que simplesmente assuma o ofício do mal por um período razoável de tempo. Aquele sujeito infeliz passara por essa transformação ao devotar-se, durante sete anos, à análise incessante de um coração completamente torturado, disso extraindo prazer enquanto alimentava a fogueira daquela tortura e, ao mesmo tempo, perscrutava-a e dela tripudiava.

A letra escarlate queimou no peito de Hester Prynne. Ali estava outra ruína, pela qual a responsabilidade, em parte, cabia a ela mesma.

"O que vês em meu rosto", perguntou o médico, "para que o olhes tão séria?"

"Algo que me faria chorar se ainda tivesse lágrimas amargas para isso", respondeu ela. "Mas deixemos de lado esse detalhe! É sobre aquele pobre homem que quero falar."

"O que tem ele?", bramiu Roger Chillingworth, ávido, como se adorasse o tema e se alegrasse com a oportunidade de discuti-lo com a única pessoa que podia considerar sua confidente. "Para falar a verdade, madame Hester, agora mesmo, por acaso, tinha os pensamentos ocupados por esse cavalheiro. De modo que podes falar livremente; vou responder-te."

"Da última vez que conversamos", disse Hester, "há sete anos, fizeste questão de arrancar-me uma promessa de segredo quanto à antiga relação que existiu entre nós. Como a vida e a reputação daquele homem estavam em tuas mãos, pareceu-me não ter escolha a não ser ficar calada, conforme tua determinação. Mas foi com grande apreensão que aceitei tal compromisso; pois, não tendo mais nenhum outro em relação ao restante dos homens, sobrava-me ainda uma obrigação com ele; e algo me dizia que, ao prometer que seguiria tua recomendação, eu o traía. Desde aquele dia, ninguém é mais íntimo dele do que tu. Caminhas nos passos dele. Estás a seu lado ao dormir e ao acordar. Vasculhas seus pensamentos. Escavas e dilaceras o coração daquele rapaz! Lanças tuas garras sobre a vida dele e fazes com que morra todos os dias uma morte em vida; e ainda assim ele não o percebe. Permitindo isso, certamente tenho agido com falsidade em relação ao único homem a quem me restou ser verdadeira!"

"E que alternativa tinhas?", perguntou Roger Chillingworth. "Meu dedo, se apontado para ele, poderia arrancá-lo de seu púlpito e jogá-lo numa prisão — talvez enviá-lo à forca!"

"Melhor que assim fosse!", disse Hester Prynne.

"Que mal faço eu ao rapaz?", voltou a perguntar Roger Chillingworth. "Digo-te, Hester Prynne, que o pagamento mais alto que algum dia um médico recebeu de um rei não recompensaria os cuidados que tenho dispensado a esse pobre clérigo! Se não fosse

minha ajuda, sua vida já teria se consumido em tormentos nos dois primeiros anos depois de perpetrado esse crime que é também teu. Porque o espírito daquele homem carecia de força para suportá-lo, ao contrário de ti, que és capaz de carregar o fardo de tua letra escarlate. Ah, eu poderia revelar um belo segredo! Mas já chega! Exauri todos os recursos de minha arte com ele! Que tenha continuado a respirar e a arrastar-se sobre esta terra, isso se deve somente a mim!"

"Melhor que tivesse morrido de uma vez!", falou Hester Prynne.

"Sim, mulher, é verdade o que dizes!", gritou o velho Roger Chillingworth, permitindo à vívida chama em seu coração que fulgurasse diante dela. "Melhor que ele tivesse morrido de uma vez! Nunca nenhum mortal sofreu o que aquele homem tem sofrido. E tudo, tudo, à vista de seu pior inimigo! Ele tem consciência de quem sou. Tem sentido sobre si uma influência constante que é como uma maldição. Sabia, por algum tipo de sensibilidade espiritual — e o Criador jamais fez outro ser tão sensível quanto esse rapaz —, que não era uma mão amiga a que manipulava as engrenagens de seu coração e que o olho que com tamanha curiosidade o observava somente buscava ali o mal, que acabou encontrando. Mas nunca soube que a mão e o olho eram meus! Com a superstição que é tão comum entre os de sua irmandade, pensava estar entregue a um demônio para ser torturado com sonhos medonhos e pensamentos desesperados, com a ferroada do remorso e a desesperança de perdão; e que isso seria o aperitivo do que o aguarda além-túmulo. Mas tudo não passava da sombra permanente de minha presença — a mais íntima proximidade do homem a quem ele tratara da forma mais vil e injusta —, cuja existência passara a ter sentido apenas em função do veneno perpétuo da mais odiosa vingança! Sim, é verdade! Ele não estava enganado! Havia um demônio a rondar-lhe! Um mortal, que algum dia teve um coração humano, agora transformado em demônio só para atormentá-lo!"

O infeliz médico, enquanto dizia essas palavras, levantou as mãos com uma expressão de horror, como se enxergasse alguma forma pavorosa, que não reconheceu, a usurpar o lugar de sua própria imagem no espelho. Era um daqueles momentos — os quais, por vezes, ocorrem somente a intervalos de alguns anos — em que o

aspecto moral de um homem revela-se com nitidez ao olho de sua mente. Não seria improvável que ele nunca houvesse visto a si mesmo como via agora.

"Já não o torturaste o suficiente?", retomou Hester, reparando no olhar do velho. "Já não te pagou tudo?"

"Não! Não! Só fez aumentar sua dívida!", respondeu o médico; e, à medida que continuava, sua postura perdeu as características mais agressivas para se tornar sombria. "Lembras como eu era, Hester, nove anos atrás? Já naquela época vivia o outono dos meus dias e a estação não era mais início de estação. Mas toda a minha vida se fizera por calmos anos de austeridade, estudos, reflexão, fielmente dedicados ao incremento de meus próprios conhecimentos e, com a mesma fidelidade, embora esse outro objetivo não fosse mais do que uma consequência do primeiro, fielmente dedicados ao avanço do bem-estar humano. Nenhuma vida fora mais pacífica e inocente do que a minha; poucas foram tão ricas em benfeitorias realizadas. Lembras? Não era eu, embora pudesses me definir como um homem frio, ainda assim preocupado com os outros, que pouco tomava para si — gentil, honesto, justo e, senão caloroso, sempre afetivo? Não era eu isso tudo?"

"Isso tudo e mais", disse Hester.

"E o que sou agora?", inquiriu ele, encarando-a e permitindo que todo o mal que encarnava se revelasse em suas feições. "Já te disse o que sou! Um demônio! E quem me transformou nisto?"

"Fui eu!", berrou Hester, trêmula. "Fui eu, tanto quanto ele. Por que não te vingas de mim?"

"A ti deixo a letra escarlate", retrucou Roger Chillingworth. "Se isso não for minha vingança, nada mais posso fazer!"

Com um sorriso, ele pousou o dedo sobre o emblema.

"É tua vingança!", reagiu Hester Prynne.

"Também julgo que sim", falou o médico. "E então, o que pretendias falar comigo a respeito daquele homem?"

"Devo revelar-lhe o segredo", respondeu Hester, firme. "Ele precisa saber qual é teu verdadeiro caráter. O que resultará daí, não sei. Mas essa antiga dívida de confiança, minha para com ele, de quem tenho sido a perdição e a ruína, será finalmente paga. No que concerne à

destruição ou à preservação de sua reputação e de sua condição terrena, e talvez de sua vida, ele está em tuas mãos. Tampouco vejo — eu, a quem a letra escarlate disciplinou para a verdade, ainda que seja uma verdade marcada a ferro e fogo, penetrando a alma — alguma vantagem em que ele continue a viver essa vida de um horrível vazio, a ponto de me curvar para implorar tua misericórdia. Faz dele o que quiseres! Não há bem possível para mim — nem para ele nem para ti! Não há bem possível para a pequena Pearl! Não há caminho que nos guie para fora deste escuro labirinto!"

"Mulher, quase posso sentir pena de ti!", disse Roger Chillingworth, sem conseguir, ao mesmo tempo, refrear um sentimento de admiração; pois havia algo quase majestoso no desespero com que ela se expressava. "Tens grandes virtudes. Se tivesses encontrado um amor melhor do que o meu, esse mal não teria sucedido. Tenho pena de ti, pelo bem que acabou desperdiçado em tua natureza!"

"E eu de ti", retrucou Hester Prynne, "pelo ódio que transformou um homem sábio e justo num demônio! Irás algum dia purgá-lo e voltar a ser humano? Se não por ele, com o dobro das razões por ti mesmo! Perdoa, e entrega a punição que ainda lhe cabe ao poder que a reclama! Disse ainda agora que não pode haver nisso nada de bom para ele, para ti, para mim, que vagamos juntos neste escuro labirinto do mal, tropeçando a cada passo na culpa com a qual manchamos nossos caminhos. Não é bem assim! Talvez haja algum bem possível para ti, e só para ti, pois, tendo sido tratado de forma vil e injusta, tens a possibilidade do perdão. Abrirás mão desse privilégio único? Rejeitarás esse benefício inestimável?"

"Calma, Hester, calma!", respondeu o velho, com sombria gravidade. "Não me é dado perdoar. Não tenho esse poder que me atribuis. Minha antiga fé, há muito esquecida, retorna para me explicar tudo o que fazemos e tudo o que sofremos. Quando deste o primeiro passo errado, plantaste a semente do mal; mas, a partir daquele momento, tudo se tornou uma obscura necessidade. Vós, que me aviltastes, não sois pecadores, salvo por alguma espécie de típica ilusão; nem eu, tampouco, sou esse demônio que subtraiu a um verdadeiro demônio seu ofício de maldade. É o nosso destino.

Deixemos a flor maldita desabrochar como deve! Agora segue teu caminho, e faz como quiseres em relação àquele homem."

Ele acenou com a mão e retomou o trabalho de coleta das ervas.

15
Hester e Pearl

De modo que Roger Chillingworth — aquela velha figura deformada, cujo rosto assombrava a lembrança dos homens por mais tempo do que gostariam — despediu-se de Hester Prynne e seguiu com seu trabalho, curvado sobre a terra. Aqui e ali colhia uma erva ou arrancava uma raiz, depositando-as no cesto que levava no braço. À medida que avançava, agachado, sua barba grisalha quase tocava o chão. Hester observou-o por um momento, com um misto de curiosidade e imaginação, querendo ver se, na trilha de suas pegadas vacilantes, a grama nova do início da primavera não murcharia, o verde chamuscado de marrom. Ficou se perguntando que ervas seriam aquelas que o velho tão diligentemente coletava. Será que a terra, provocada ao mal pelo estímulo do olhar dele, retribuía com arbustos venenosos, de espécies até então desconhecidas, brotando-lhe debaixo dos dedos? Ou quem sabe lhe bastasse converter, a um toque seu, tudo que ali crescia sadiamente em algo deletério e maligno? E o sol, que brilhava tão intensamente por toda a parte, chegava realmente a iluminá-lo? Ou haveria, como parecia ser o caso, um círculo de sombra agourenta que acompanhava sua deformidade a qualquer lado para que se voltasse? E para onde ele se dirigia agora? Seria, talvez, subitamente engolido pela terra, restando no mesmo lugar um pedaço de chão maldito e estéril no qual, a seu tempo, o tubérculo mortal, o corniso, o meimendro ou outra vegetação do mal que pudesse crescer sob aquele clima floresceriam com hedionda exuberância? Ou quem sabe ele abriria asas de morcego e voaria, parecendo cada vez mais feio quanto mais alto ascendesse em direção aos céus?

"Sendo pecado ou não", disse Hester Prynne, amargurada, ainda a observá-lo, "odeio esse homem!"

Ela repreendeu a si mesma por esse sentimento, mas não conseguia superá-lo ou suavizá-lo. Ao tentar, pensou naqueles dias do passado

distante, numa terra distante, em que ele costumava emergir da reclusão de seu gabinete de estudos à noite e se sentar perto da lareira da casa, à luz do sorriso da esposa. Necessitava do aconchego daquele sorriso, ele dizia, para tirar o gelo que aquelas tantas horas solitárias em meio aos livros levavam ao coração do erudito. Tais ocasiões pareceram, certa feita, nada menos do que felizes, mas agora, vistas pelas lentes desesperançadas da vida de Hester desde então, incluíam-se entre suas piores lembranças. Ela se admirava de que alguma vez tivessem acontecido cenas como aquela! Espantava-se de ter sido levada a casar-se com ele em algum momento! Considerava que esse era o crime pelo qual mais devia se penitenciar: o de algum dia ter aceitado o tépido toque daquelas mãos e correspondido, e permitido, acossada pelo sorriso nos lábios e nos olhos daquele homem, que seu próprio sorriso se fundisse e mesclasse ao dele. E parecia ser o crime mais sórdido de Roger Chillingworth, mais do que qualquer outro cometido a partir dali, que, num tempo em que o coração dela pouco conhecia da vida, ele a tivesse persuadido de que a seu lado ela era feliz.

"Sim, eu o odeio!", repetiu Hester, mais amargurada do que antes. "Ele me traiu! Roger me aviltou mais do que eu a ele!"

Tremam os homens que conquistarem a mão de uma mulher, a menos que também tenham conquistado sua máxima paixão! Ou então seu destino poderá ser miserável, como foi o de Roger Chillingworth; quando outro toque mais intenso vier despertar toda a sensibilidade feminina, eles podem acabar recriminados até mesmo por ter imposto à companheira um contentamento tranquilo, a imagem da felicidade esculpida em mármore, como acolhedora realidade. Mas Hester devia ter purgado aquela injustiça há muito tempo. O que significava aquilo? Será que os sete longos anos sob a tortura da letra escarlate haviam sido de tanto sofrimento para, no fim, resultar em arrependimento nenhum?

As emoções despertadas naquele breve momento em que esteve observando a figura encurvada do velho Roger Chillingworth lançaram uma luz negra sobre o estado mental de Hester, revelando muita coisa que, de outra forma, ela talvez não reconhecesse em si mesma.

Quando ele se foi, ela chamou de volta a filha.

"Pearl! Pequena Pearl! Onde estás?"

Pearl, cuja atividade de espírito era incansável, não deixara de se entreter enquanto a mãe conversava com o velho apanhador de ervas. De início, como já descrevemos, ela havia flertado com a própria imagem numa poça d'água, chamando-a para junto de si e — como a figura recusasse a se aventurar — buscando, ela própria, uma passagem que a levasse àquela outra esfera de terreno impalpável e céu inatingível. Ao descobrir, em pouco tempo, que uma das duas, ela mesma ou a imagem, era irreal, foi procurar distração melhor em outro lugar. Fez barquinhos com as cascas dos troncos das árvores, usando como carga conchas, e partiu para mais aventuras do que as de qualquer mercador da Nova Inglaterra; mas a maior parte de suas embarcações foi a pique perto da costa. Agarrou um caranguejo pela cauda, arrancou várias cinco-folhas e colocou uma água-viva para derreter ao calor do sol. Depois apanhou a espuma branca que marcava a linha até onde avançava a maré e lançou-a na brisa, disparando com pegadas aladas atrás dos flocos de neve antes que fossem ao chão. Vendo um bando de aves que se agitava procurando comida por ali, a menina travessa recolheu no avental da saia um punhado de cascalho e, saltitando de rocha em rocha, revelou notável pontaria na artilharia contra os passarinhos. Pearl teve quase certeza de que um deles, pequeno e cinzento, de peito branco, fugiu em alvoroço com uma asa quebrada. Mas então a menina-fada soltou um suspiro e abandonou a brincadeira; pois lamentava ter feito mal a um bichinho tão selvagem quanto a brisa do mar ou quanto ela própria.

A última tarefa a que se dedicou foi colher algas, dos mais diversos tipos, para confeccionar para si uma echarpe ou manta e um enfeite de cabeça, ganhando assim o aspecto de uma pequena sereia. Herdara o dom da mãe para a elaboração de trajes e ornamentos. Como toque final em seu modelo de sereia, Pearl catou algumas valisnérias e, imitando o melhor que podia, adornou o próprio peito com aquela decoração que conhecia tão bem. Uma letra — a letra A — num verde vivo, em vez do escarlate! Com o queixo colado ao peito, a criança contemplou a obra com estranho interesse; como se tivesse vindo a este mundo unicamente para compreender a gravidade ali oculta.

“Será que a mamãe vai me perguntar o que significa isto?”, pensou Pearl.

Foi quando, precisamente, ela ouviu a voz da mãe e, esvoaçando pelo caminho tão leve quanto as aves do mar, surgiu diante de Hester Prynne dançando, rindo e apontando o dedo para o enfeite que trazia no peito.

“Minha pequena Pearl”, disse Hester, depois de um momento de silêncio, “uma letra verde ornando teu peito infantil não tem sentido nenhum. Mas tu sabes, minha criança, o que significa esta letra que tua mãe está condenada a ostentar?”

“Sim, mãe”, falou a menina. “Esse é o A maiúsculo. Tu me ensinaste na cartilha.”

Hester olhou séria para o rostinho da criança; mas, embora houvesse nos olhos negros da filha aquela expressão singular em que ela tão frequentemente reparava, não conseguia decidir se Pearl de fato atribuía qualquer significado ao emblema. Sentiu o desejo mórbido de tentar descobrir.

“Sabes, criança, por que tua mãe carrega esta letra?”

“Sei, é claro!”, respondeu Pearl, encarando radiante a mãe. “É pelo mesmo motivo que o pastor sempre coloca a mão no coração!”

“E que motivo é esse?”, quis saber Hester, com um meio-sorriso pela absurda incongruência na observação da menina; mas, num segundo momento, empalideceu. “O que a letra tem a ver com qualquer outro coração que não o meu?”

“Ah, mãe, já disse tudo o que eu sei”, falou Pearl, com expressão mais grave do que de costume. “Pergunte àquele homem com quem conversavas! Talvez ele possa te dizer. Mas falando bem sério agora, mamãe querida, o que significa essa letra escarlate? Por que a carregas sobre o peito? E por que o pastor pousa a mão no coração o tempo todo?”

Nessa hora, ela pegou a mão de sua mãe e a segurou com as suas, encarando Hester com uma seriedade que raramente tinha vez em seu caráter rebelde e caprichoso. Ocorreu à mãe que a menina talvez estivesse, de fato, buscando um contato de confiança à sua maneira infantil, e fazendo o que podia, da forma mais inteligível que era capaz, para estabelecer um ponto comum de empatia. O que mostrava

um aspecto inesperado de Pearl. Até ali, a mãe, ao mesmo tempo que amava sua filha com a intensidade de um afeto único, havia se condicionado a não esperar em retorno nada além da instabilidade de um vento de abril; uma brisa que passa a maior parte de seu tempo brincando no ar, dá rajadas de inexplicável paixão, no melhor dos humores é petulante e arrepia mais do que acaricia, quando recebe acolhida no peito; e que, como compensação a esse mau comportamento, às vezes, por seus próprios e vagos motivos, beija a face com uma espécie de ternura hesitante, faz festa nos cabelos e então parte em busca de outras vãs ocupações, deixando um prazer de sonho no coração. E essa era a visão de uma mãe sobre o temperamento da filha. Qualquer outro observador talvez enxergasse na menina pouco além de traços hostis, pintando-os em cores muito mais sombrias. Mas agora surgia com força, na mente de Hester, a ideia de que Pearl, com sua notável precocidade e perspicácia, talvez já tivesse chegado à idade em que poderia se tornar, para a mãe, uma amiga e compartilhar de tantos sofrimentos quantos lhe fosse possível dar a conhecer, sem prejuízo para nenhuma das duas. No pequeno caos que era o caráter de Pearl, podia-se reparar que emergiam — e, quem sabe, desde o início — os firmes princípios de uma coragem resoluta, uma vontade irrefreável, um orgulho robusto, passível de ser disciplinado como amor-próprio, e o amargo desprezo por muitas coisas que, se examinadas, talvez revelassem a mancha da falsidade. Possuía também suas afeições, embora até aquele momento de sabor acre e desagradável, como sucede às frutas ainda verdes. Com todos esses admiráveis atributos, pensou Hester, o mal que aquela menina-fada herdara da mãe se revelaria de fato enorme, caso dali não acabasse saindo uma nobre mulher.

A inevitável tendência de Pearl a rondar o enigma da letra escarlate parecia ser uma característica inata. Desde a mais remota passagem de sua vida consciente, ela havia tomado aquilo como uma missão para a qual fora designada. Hester muitas vezes imaginava que a Providência agia por justiça e punição ao dotar a criança dessa propensão tão acentuada; mas nunca até então pensara em se perguntar se a par desse desígnio não haveria igualmente um propósito de misericórdia e caridade. Se a pequena Pearl fosse acalentada com fé e confiança,

como um espírito mensageiro tanto quanto uma criança deste mundo, será que não assumiria a tarefa de aliviar a dor que se instalara friamente no coração de sua mãe e dele fizera um túmulo? E de ajudá-la a superar a paixão, outrora tão selvagem, mas que ainda não estava morta nem adormecida, apenas aprisionada no mesmo coração tornado sepultura?

Eram esses alguns dos pensamentos que agora se agitavam na mente de Hester, com a mesma impressão de vivacidade que teriam se lhe houvessem sido, de fato, soprados ao ouvido. E ali estava a pequena Pearl, esse tempo todo com a mão de sua mãe entre as suas, o rosto voltado para cima, enquanto ia fazendo aquelas perguntas inquiridoras, uma, duas vezes e ainda uma terceira.

"O que significa a letra, mãe? Por que a carregas? E por que o pastor sempre tem a mão no coração?"

"O que devo dizer?", pensou consigo Hester. "Não! Se esse é o preço de ter a afeição desta criança, não posso pagá-lo!"

E então, em voz alta, falou.

"Que tolice, Pearl", ela respondeu. "Que perguntas são essas? Há muitas coisas neste mundo que uma criança não deve perguntar. Que sei eu sobre o coração do pastor? E, quanto à letra escarlate, exibo-a porque tem esses fios dourados!"

Ao longo daqueles sete anos, Hester Prynne jamais havia mentido sobre o emblema em seu busto. Talvez ele fosse o talismã de um espírito grave e severo, mas ainda assim seu guardião, que agora a abandonava; ao perceber isso, e apesar daquela estrita vigilância sobre seu coração, algum novo demônio se apossara dele, ou um dos antigos que jamais tinha sido expulso dali. Quanto à pequena Pearl, seu rosto logo perdeu a expressão de seriedade.

Mas a menina não se deu por satisfeita em relação ao assunto. Duas ou três vezes, a caminho de casa com a mãe, com a mesma insistência durante o jantar, quando Hester ia pô-la para dormir e mais uma vez após parecer que já dormia a sono solto, Pearl levantou o rosto, com um brilho zombeteiro nos olhos negros.

"Mãe", dizia ela toda vez, "qual é o significado da letra escarlate?"

E, na manhã seguinte, o primeiro sinal de que estava acordada foi levantar a cabeça do travesseiro para fazer aquela outra pergunta, que

ela tão inexplicavelmente ligara à sua investigação sobre o emblema:

"Mãe! Mãe! Por que o pastor não tira a mão do coração?"

"Cala-te, criança travessa!", reagiu a mãe, em tom áspero que jamais havia usado. "Não me provoques; senão te tranco no armário escuro!"

16
Um passeio na floresta

Hester Prynne permanecia determinada em sua decisão de contar ao sr. Dimmesdale, qualquer que fosse o risco de sofrimento presente ou consequências ulteriores, sobre o verdadeiro caráter do homem que se movia furtivamente na intimidade dele. Por vários dias, no entanto, ela buscou em vão uma oportunidade de abordá-lo na costa da península ou nas montanhas arborizadas da área rural vizinha, durante uma das caminhadas de meditação que ela sabia serem hábito do clérigo. Não haveria escândalo, na verdade, tampouco perigo para a boa, sagrada e imaculada reputação do religioso se ela o visitasse no próprio gabinete; local onde muitos penitentes, antes, tinham confessado pecados cuja nódoa fosse talvez mais profunda do que a simbolizada pela letra escarlate. Mas, em parte porque abominava o segredo ou a interferência aberta do velho Roger Chillingworth, em parte porque seu coração consciente lançava suspeita onde nenhum outro a teria visto e em parte porque ambos, o pastor e ela, precisariam de um mundo inteiro para respirar enquanto conversavam — por essas três razões, Hester jamais pensou em ir encontrá-lo em um lugar que não a céu aberto, mais privativo.

Por fim, atendendo a um chamado ao quarto de um moribundo, aonde o sr. Dimmesdale também fora convocado para fazer uma prece, ela soube que no dia anterior o pastor havia visitado o missionário Eliot,[1] entre os índios convertidos. O reverendo provavelmente faria o percurso de volta em determinada hora da tarde do dia seguinte. Nesse horário, portanto, no dia seguinte, Hester pegou Pearl — companhia inevitável de todas as expedições da mãe, por mais inconveniente que pudesse ser sua presença — e saiu.

A estrada, tendo as duas viajantes cruzado da península para o continente, transformava-se em nada mais do que uma trilha. Vagueava para dentro do mistério da floresta primitiva. A escuridão e

a densidade da mata de ambos os lados da trilha a faziam tão estreita, revelando apenas vislumbres imperfeitos do céu; na mente de Hester aquela paisagem refletia o deserto moral em que perambulava havia tanto tempo. O dia estava frio e sombrio. No alto, a vastidão cinzenta das nuvens, levemente agitada por uma brisa; de modo que uma centelha de sol podia brilhar aqui e ali ao longo do caminho, brincando solitária. Esses alegres volteios surgiam sempre no extremo mais distante de alguma extensa paisagem de floresta. A claridade brincalhona do sol — vagamente brincalhona, na sisudez predominante do dia e do cenário — recolhia-se quando mãe e filha iam se aproximando, deixando ainda mais lúgubres os pontos onde tinha feito sua dança, pois ali tinha pairado esperança de alguma luz.

"Mãe", disse a pequena Pearl, "o sol não te ama. Ele foge e se esconde porque tem medo de alguma coisa no teu peito. Lá, vê! Ele brinca, bem longe. Tu ficas aqui e deixa que eu corra e o apanhe. Sou apenas uma criança. De mim ele não vai fugir, porque não carrego nada no meu peito ainda!"

"E nunca vais carregar, minha criança, assim espero", disse Hester.

"E por que não, mãe?", perguntou a criança, parando de imediato, quando mal iniciava sua disparada. "Esse sinal não aparecerá por conta própria, quando eu for uma mulher?"

"Corre, menina", reagiu a mãe, "e agarra o sol! Logo ele terá ido embora."

Pearl partiu a passos largos e de fato alcançou o sol — ao que Hester respondeu com um sorriso —, depois parou e soltou uma risada sob a luz, brilhando de esplendor, cintilante pela vivacidade excitada do movimento rápido que conseguira realizar. A luz se demorou um pouco sobre a criança solitária, como que alegre por ter com quem brincar, até que a mãe tivesse se aproximado a ponto de adentrar, ela também, aquela luminosidade mágica.

"Agora o sol vai embora!", disse Pearl, abanando a cabeça.

"Vê!", retrucou Hester, sorrindo. "Esticando o braço consigo pegar um pouco dele."

Quando ela tentou fazer isso, a luz sumiu; ou, a julgar pela expressão radiante dançando sobre as feições de Pearl, a mãe poderia imaginar que havia sido absorvida pela própria menina, e que voltaria

a se lançar, brilhante, no caminho da filha, assim que as duas mergulhassem numa região de sombra mais escura. Nenhum outro atributo a enchia tanto de um senso de nova vitalidade e essa infalível vivacidade no humor da menina não era algo que ela, Hester, tivesse transmitido à natureza de Pearl; não havia ali a doença da tristeza, a qual ultimamente quase toda criança herda entre as angústias dos pais junto com a escrófula. Talvez aquilo também fosse uma doença, e nada mais do que o reflexo da energia feroz com que Hester lutara contra suas dores antes do nascimento de Pearl. Certamente um encanto duvidoso, que emprestava um lustro resistente e metálico ao temperamento da pequena. O que lhe faltava — e falta a muita gente ao longo de toda a vida — era um sofrimento que a tocasse profundamente, e assim a humanizasse e tornasse capaz de empatia. Mas a pequena Pearl teria tempo suficiente para isso!

"Vem, minha criança!", disse Hester, olhando ao redor do local onde Pearl recebera a luz do sol. "Vamos nos sentar neste nicho da floresta e descansar um pouco."

"Não estou cansada, mãe", retrucou a menininha. "Mas tu podes sentar, desde que, enquanto estiveres aí, contes uma história."

"Uma história, criança!", falou Hester. "E sobre o quê?"

"Ah, uma história sobre o Homem das Trevas!", respondeu Pearl, agarrando a saia de Hester e encarando-a meio séria, meio zombeteira. "Ele assombra esta floresta carregando consigo um livro — um livro grande e pesado com pegadores de ferro; e esse feio Homem das Trevas oferece o livro e uma caneta de ferro a todos que encontra entre as árvores; e a gente tem que escrever o nome no livro com o próprio sangue. E então ele deixa sua marca no peito dos visitantes. Alguma vez encontraste o Homem das Trevas, mãe?"

"E quem te contou essa história, Pearl?", quis saber a mãe, reconhecendo ali uma superstição corrente à época.

"Foi a velha senhora que estava junto da lareira na casa a que foste chamada ontem à noite", disse a menina. "Mas ela pensou que eu estivesse dormindo enquanto falava disso. Contou que mil e mais mil pessoas encontraram esse homem aqui, e que escreveram no livro e ganharam sua marca. E aquela outra senhora muito rabugenta, a senhora Hibbins, foi uma delas. E, mãe, a velha disse que essa letra

escarlate é a marca que o Homem das Trevas deixou em ti, e que ela brilha como uma chama avermelhada quando tu o encontras à meia-noite na floresta escura. É verdade, mãe? Vens mesmo encontrá-lo toda noite?"

"Alguma vez já acordaste e tua mãe não estava lá?", inquiriu Hester.

"Não que eu me lembre", falou a criança. "Se temes me deixar sozinha em nosso chalé, devias me trazer contigo. Ficaria muito contente de vir! Mas, mãe, diz agora! Existe esse Homem das Trevas? Tu já o encontraste? Essa letra é a marca dele?"

"Vais me deixar em paz se eu te contar?", perguntou a mãe.

"Sim, se me contares tudo", respondeu Pearl.

"Encontrei o Homem das Trevas uma vez em minha vida!", disse a mãe. "Esta letra escarlate é sua marca!"

Enquanto conversavam, as duas haviam adentrado suficientemente a mata para estar a salvo da observação de algum transeunte casual passando pela trilha da floresta. Sentaram-se num exuberante amontoado de musgo; em alguma época do século anterior, aquilo fora um gigantesco pinheiro, com raízes e tronco na penumbra escura e a copa no ar, na atmosfera lá no alto; o local onde haviam se acomodado era um pequeno nicho ladeado à esquerda e à direita por elevações suaves cobertas de folhas, no meio um riacho correndo sobre mais folhas caídas e submersas. As árvores debruçadas sobre a água lançavam grandes galhos que, de quando em quando, impediam a correnteza e levavam à formação de redemoinhos e profundezas escuras em alguns pontos; ao passo que, onde o fluxo era mais rápido e intenso, apareciam canais de cascalho e areia marrom e cintilante. Correndo os olhos ao longo do curso d'água, as duas podiam enxergar, a certa distância floresta adentro, uma luz refletindo-se no leito do riacho, mas logo perdiam de vista qualquer traço em meio à confusão de troncos de árvores e à vegetação mais baixa, aqui e ali uma enorme rocha coberta de limo acinzentado. Tinha-se a impressão de que todos esses gigantescos troncos e maciços de granito conspiravam para encobrir de mistério o trajeto do pequeno córrego; temiam, quem sabe, que, com sua infinita loquacidade, o riozinho sussurrasse ao longo de seu curso histórias do coração da floresta ou refletisse seus segredos na calma superfície de uma poça.

Continuamente, à medida que avançava, o riacho sustentava um balbucio suave, baixo, reconfortante e melancólico, feito a voz de uma criança pequena que visse passar a infância sem brincadeiras e que não soubesse ser alegre porque sempre cercada de tristes presenças e eventos de coloração sombria.

"Oh, riacho! Oh, tolo e monótono riachinho!", exclamou Pearl, depois de ter escutado um pouco sua fala. "Por que és tão triste? Levanta teu moral, em vez de estar o tempo todo suspirando e murmurando!"

Mas o córrego, no curso de sua curta vida entre as árvores da floresta, passara por experiência tão solene que parecia não conseguir evitar falar sobre isso, e nada mais tinha a dizer. Pearl se parecia com ele na medida em que a corrente de sua vida fluía de alguma fonte igualmente misteriosa e em meio a um cenário também pesadamente ensombrecido e lúgubre. Mas, ao contrário do pequeno córrego, ela dançava, cintilava e chapinhava com leveza ao longo de seu próprio curso.

"O que diz esse riachinho triste, mãe?", ela quis saber.

"Se tens uma dor só tua, o riacho pode te falar dela", respondeu a mãe, "ainda que a mim fale da minha! Mas agora, Pearl, ouço passos na trilha e o ruído de alguém que afasta os galhos à sua passagem. Quero que fiques brincando e deixe-me ir falar com aquele que aí vem."

"É o Homem das Trevas?", perguntou.

"Podes ir brincar agora, criança?", repetiu a mãe. "Mas não vás muito para o interior da floresta. E certifica-te de vir ao meu primeiro chamado."

"Sim, mãe", respondeu Pearl. "Mas, se for o Homem das Trevas, tu me deixarias ficar um momento e olhar para ele, com seu grande livro debaixo do braço?"

"Vai, criança tola!", disse a mãe, impaciente. "Não é o Homem das Trevas! Já podes vê-lo por entre as árvores. É o pastor!"

"É mesmo!", falou a menina. "E, mãe, ele tem a mão sobre o coração! Seria porque quando escreveu seu nome no livro o Homem das Trevas fez uma marca ali? Mas por que ele não a exibe no peito como tu, mãe?"

“Vai agora, criança, deixa para me importunar outra hora!”, exclamou Hester Prynne. “Mas não te afastas demais. Ficas a uma distância em que ainda possas ouvir o murmúrio do riacho.”

A criança seguiu cantando, acompanhando o curso d’água e esforçando-se para temperar com uma cadência mais leve a voz melancólica do córrego. Mas o riachinho não se deixava consolar e seguia sempre a revelar seu inapreensível segredo sobre algum mistério muito pesaroso que sucedera — ou a balbuciar um lamento profético sobre algo que ainda viria a acontecer — em seu trajeto rumo ao interior sombrio da floresta. De modo que Pearl, que já tinha sombras o suficiente em sua vida, decidiu se afastar do lamentoso córrego. Pôs-se assim a colher violetas e flores-da-esperança, além de algumas aquilégias vermelhas que encontrou brotando nas rachaduras de uma pedra alta.

Quando a menina-fada havia se afastado, Hester Prynne deu um ou dois passos na direção da trilha que adentrava a floresta, mas permaneceu ainda à sombra profunda das árvores. Avistou o pastor, que se aproximava totalmente sozinho, usando como apoio um bastão que colhera às margens do caminho. Tinha um aspecto extenuado e frágil, traindo um ar de serena desesperança, o qual nunca em suas caminhadas pela colônia ou em outras situações nas quais se soubesse observado o caracterizava de forma tão notável como ali. Percebia-se isso mais do que nunca naquela intensa reclusão da mata, que em si era um desafio considerável ao espírito. Havia uma letargia no seu andar; como se não visse motivo algum para dar mais um passo, tampouco tivesse qualquer vontade de fazê-lo, e o alegraria, se é que era capaz de se alegrar pelo que quer que fosse, atirar-se à raiz da árvore mais próxima e ali ficar, inerte, para sempre. As folhas o encobririam e a terra gradualmente se acumularia para formar sobre seu corpo um pequeno outeiro, não importando se debaixo houvesse vida ou não. A morte era objetivo perene demais para ser desejado ou evitado.

Aos olhos de Hester, o reverendo Dimmesdale não exibia qualquer sintoma de um sofrimento existente e vivo, exceto pelo fato de que, como observara a pequena Pearl, trazia a mão sobre o peito.

17
O pastor e sua paroquiana

Ainda que caminhasse muito devagar, o pastor já quase ia embora quando Hester Prynne encontrou voz para atrair a atenção para si. Conseguiu, finalmente.

"Arthur Dimmesdale!", ela disse, de início timidamente; depois mais alto, com voz rouca. "Arthur Dimmesdale!"

"Quem está aí?", respondeu o religioso.

Recompondo-se rapidamente, pôs-se mais ereto, feito um homem flagrado num estado de espírito do qual evitava ter testemunhas. Lançou um olhar ansioso na direção da voz e enxergou uma forma indistinta sob as árvores, vestida em trajes tão escuros, e nesse aspecto em nada ajudava a penumbra cinzenta do céu nublado e da vegetação fechada fazendo escuridão em pleno dia, que o pastor não soube distinguir se ali estava uma mulher ou uma sombra. Talvez seu percurso na vida estivesse sendo rondado por um espectro subtraído a seus próprios pensamentos.

Aproximou-se um passo e viu a letra escarlate.

"Hester! Hester Prynne!", falou. "És tu? Estás viva?"

"Ainda estou!", ela respondeu. "Tão viva quanto estive nesses últimos sete anos! E tu, Arthur Dimmesdale, segues vivo?"

Não admira que os dois se perguntassem dessa forma pela real e concreta existência do outro, e até mesmo que duvidassem da própria. Tão estranho era aquele encontro na mata sombria que foi como o primeiro, no mundo além-túmulo, entre dois espíritos que, tendo sido intimamente próximos na vida pregressa, agora ali estivessem trêmulos e frios, ambos aterrorizados; como se ainda desacostumados de sua nova condição e da companhia de seres incorpóreos. Cada um, um fantasma tomado de espanto pelo outro. Espantavam-se igualmente consigo mesmos; porque aquela situação-limite devolveu-lhes a consciência ao revelar a cada um dos dois corações sua

experiência e sua história, algo que a vida nunca faz, exceto nesses momentos cruciais. A alma observando as próprias feições no espelho do instante que passa. Foi com medo, hesitação e, por assim dizer, uma lenta e relutante necessidade que Arthur Dimmesdale estendeu sua mão gelada como a morte para tocar a mão fria de Hester Prynne. O toque, ainda que frio, aliviou o terror do encontro. Eles agora se sentiam, finalmente, habitantes de uma mesma esfera.

Sem dizer uma palavra mais — nem ele nem ela assumindo a frente da situação, mas agindo por um consenso tácito —, voltaram sorrateiros para a sombra das árvores de onde Hester surgira, sentando-se no amontoado de musgo sobre o qual ela e Pearl haviam se sentado antes. Quando encontraram coragem para falar, foi de início apenas para fazer aquelas observações e perguntas que quaisquer dois conhecidos teriam feito um ao outro, a respeito do céu cinzento, da ameaça de tempestade e em seguida da saúde de cada um. E então prosseguiram, cautelosos, passo a passo, até chegarem aos assuntos que ruminavam mais fundo em seus corações. Tornados estranhos havia tanto pelo destino e pelas circunstâncias, precisavam de alguma coisa mais leve e casual com que se ocupar antes de abrir a porta daquela conversa e deixar entrar seus reais pensamentos através da soleira.

Depois de um momento, o pastor encarou Hester Prynne.

"Hester", ele disse, "encontraste a paz?"

Ela sorriu, melancólica, enquanto mirava o próprio peito.

"E tu?", perguntou.

"Nenhuma! Nada além de desespero!", ele respondeu. "O que mais eu poderia querer, sendo quem sou e vivendo uma vida como a minha? Fosse um ateu — um homem destituído de consciência, um miserável de rudes e brutais instintos —, talvez já tivesse encontrado tranquilidade há muito tempo. Ah, nunca a teria perdido! Mas, no estado em que se encontra minha alma, qualquer boa característica que houvesse em mim originalmente, todos os melhores dons a mim concedidos por Deus, tornaram-se fonte de tormento espiritual. Hester, sou o maior dos infelizes!"

"O povo te reverencia", disse Hester. "E é certo que fazes um bom trabalho. Isso não significa nenhum conforto para ti?"

“É mais tormento, Hester! Apenas mais tormento!”, respondeu o clérigo, com um sorriso amargurado. “Quanto ao bem que possa parecer que faço, não acredito nele. Deve ser ilusão. O que pode fazer uma alma arruinada, feito a minha, pela redenção de outras almas? Ou uma alma impura, por sua purificação? E no que concerne à reverência que recebo das pessoas, queria que se transformasse em desprezo e ódio! Como podes achar, Hester, que é um consolo subir ao púlpito e encontrar aqueles olhos todos voltados para o meu rosto, como se a luz dos céus dali irradiasse, ver meu rebanho faminto pela verdade, ouvindo minhas palavras como se uma das línguas do Pentecostes que ali falasse, e então olhar para dentro de mim e perceber a negra realidade daquilo que idolatram? Rio, na dolorosa agonia do meu coração, do contraste entre aquilo que pareço ser e aquilo que sou! E Satã ri-se também!”

“Engana-te quanto a isso”, falou Hester, suave. “Foste penitenciado por ti próprio em excesso e profundidade. Deixaste para trás, no passado distante, o teu pecado. Tua vida presente não é menos santa, verdadeiramente, do que parece aos olhos do povo. Não é real a penitência assim cumprida e testemunhada pelas boas obras? E por que não deveria trazer-te paz?”

“Não, Hester, não!”, respondeu o clérigo. “Não há nada de substancial aí! É coisa fria e morta, nada pode fazer por mim! De arrependimento já tive o bastante! De penitência, nada! Além disso, já deveria há muito ter atirado fora a zombaria que se tornaram estas vestes sagradas e me apresentado à humanidade como serei visto no banco dos réus. Feliz és tu, Hester, que exibe a letra escarlate abertamente no peito! A minha queima em segredo! Não sabes que alívio, depois do tormento desses sete anos de farsa, é poder olhar num olho que me reconhece pelo que sou! Se tivesse um único amigo — ou seria este meu pior inimigo? — a quem, quando enojado da louvação de todos os outros homens, pudesse diariamente exibir-me como o mais vil dos pecadores, penso que minha alma talvez se mantivesse viva. Esse pouco de verdade me salvaria! Mas tudo é falsidade, tudo é vazio, tudo é morte!”

Hester Prynne olhou para o rosto do rapaz, mas hesitou antes de falar. E, no entanto, tendo expressado tão veementemente emoções

havia tanto tempo represadas, ele lhe oferecia, ali, a circunstância ideal para que ela expusesse o que tinha a dizer. Dominando o medo, Hester falou.

"Esse amigo", disse, "com quem lamentar teu pecado, que ainda agora disseste desejar, tens em mim, que pequei contigo!" — novamente ela hesitou, mas com algum esforço fez emergirem as palavras. "Faz muito que te defrontas é com o inimigo, morando com ele debaixo do mesmo teto!"

O pastor ficou de pé de um salto, respirando com dificuldade, a mão apertada sobre o coração como se quisesse arrancá-lo do peito.

"Ah! Que dizes?", gritou. "Um inimigo! E debaixo do meu próprio teto! Que queres dizer com isso?"

Hester Prynne adquiriu então total consciência da ferida profunda que causara naquele homem infeliz, tendo permitido que estivesse por tantos anos ou, na verdade, por um momento que fosse, à mercê de alguém cujos propósitos não poderiam ser nada menos do que malevolentes. A própria contiguidade em que vivia com o inimigo, não importava a máscara sob a qual este se escondesse, foi o bastante para perturbar a aura magnética de um ser tão sensível quanto Arthur Dimmesdale. Houve um tempo em que Hester estivera menos consciente dessa condição; ou, quem sabe, recolhida à misantropia de seus próprios problemas, tinha deixado que o pastor suportasse o que imaginava ser, talvez, um fado mais tolerável. Mas, ultimamente, desde a noite da vigília, todos os seus sentimentos em relação a ele haviam suavizado e ganhado força ao mesmo tempo. Ela agora podia decifrar mais claramente o coração do jovem. Não tinha dúvidas de que a presença constante de Roger Chillingworth — o veneno secreto de sua malignidade empesteando todo o ar em torno — e sua interferência autorizada, como médico, sobre as enfermidades físicas e espirituais do pastor eram oportunidades deletérias revertidas a um propósito cruel. Por meio delas, a consciência daquele sofredor era mantida em estado de irritação, tendendo não à cura por um sofrimento benigno, mas à desordem e à corrupção do espírito. O resultado disso era que dificilmente a vítima escaparia à insanidade e, a partir daí, a uma eterna alienação em relação ao bem e à verdade, da qual a variedade terrena mais comum é a loucura.

Tal era a ruína à qual conduzira o homem que algum dia — ah, por que não deveríamos dizê-lo? — tão apaixonadamente ela amara! Hester sentia que o sacrifício do bom nome do clérigo e mesmo a morte, conforme já havia afirmado a Roger Chillingworth, teriam sido infinitamente preferíveis à alternativa que lhe restava. E agora, em lugar de ser obrigada a confessar aquele atroz malfeito, ela teria, de bom grado, deitado sobre a relva e morrido ali, aos pés de Arthur Dimmesdale.

"Oh, Arthur", bramiu, "perdoa-me! Em tudo mais, empenhei-me para ser verdadeira! A verdade era a virtude à qual me agarraria, e de fato me agarrei, na travessia de todas as situações extremas; exceto quando teu bem, teu nome, tua reputação estiveram em jogo! Foi quando consenti em enganar. Mas uma mentira nunca é boa, ainda que a ameaça, do outro lado, seja a morte! Não vês o que quero dizer? Aquele velho, o médico, aquele a quem chamam Roger Chillingworth, foi meu marido!"

O pastor olhou para ela por um instante, com toda a violência da paixão que — misturada, de mais de uma forma, com suas qualidades mais elevadas, puras e suaves — era na verdade a parte sua que o Demônio reclamava, por onde tentava tomar-lhe o resto. Nunca houve carranca igual a que Hester agora enfrentava, tão sinistra e agressiva. Pelo breve tempo que durou, foi uma lúgubre transfiguração. Mas o caráter do clérigo encontrava-se tão fragilizado pelo sofrimento que mesmo suas mais vis energias não se prestavam a algo além de um esforço temporário. Ele desabou e, com as mãos, escondeu o rosto.

"Eu devia ter adivinhado!", murmurou. "Eu sabia! E acaso tal segredo não me foi revelado no recesso natural do meu coração, já na primeira vez que o vi, e em todas as outras desde aquela? Por que não entendi? Ah, Hester Prynne, sabes muito, muito pouco do horror de tudo isso! E da vergonha, da vulgaridade, da medonha fealdade dessa exposição de um espírito doente e culpado justamente àquele olhar que dele tripudia! Mulher, mulher, tu és responsável por isso! Não posso te perdoar!"

"Precisas perdoar!", exclamou Hester, atirando-se para junto do jovem, sobre as folhas caídas. "Deixa que Deus me castigue! Deves me perdoar!"

Num gesto súbito de ternura desesperada, lançou os braços em torno dele, aninhando-lhe a cabeça contra o peito; pouco importava que o rosto do pastor repousasse sobre a letra escarlate. Ele queria se livrar do abraço, mas tentou em vão. Hester não o soltava, com medo de que ele a encarasse gravemente. O mundo inteiro a olhava assim — havia sete anos que exibia sua carranca àquela mulher solitária —, e ela, no entanto, nem uma só vez desviou o olhar firme e triste. Também os céus tinham para ela uma expressão de reprovação, e Hester não morrera por isso. Mas o rosto grave daquele homem pálido, fraco, pecador, abatido pelo sofrimento era algo que ela não podia suportar e a que não sobreviveria!

"Vais me perdoar?", ela repetia, uma e mais vezes. "Deixarás de me olhar com essa carranca de reprovação? Me perdoas?"

"Sim, perdoo, Hester", respondeu o pastor, finalmente, a voz saindo-lhe das profundezas de um abismo de tristeza, mas sem raiva. "De boa vontade te perdoo agora. Que Deus nos perdoe a ambos! Não somos, Hester, os piores pecadores deste mundo. Há um ainda pior do que este clérigo corrupto! A vingança daquele homem é mais sombria do que o meu pecado. Ele violou, a sangue frio, a santidade de um coração humano. Tu e eu, Hester, nunca o fizemos!"

"Nunca, nunca!" sussurrou ela. "O que fizemos teve uma aura sagrada e própria. Nós a sentimos! Falamos dela um ou ao outro! Esqueceste disso?"

"Silêncio, Hester!", disse Arthur Dimmesdale, levantando-se do chão. "Não; não esqueci!"

Sentaram-se novamente, lado a lado, apertando-se as mãos, no tronco coberto de musgo de uma árvore caída. Era a hora mais sinistra de suas vidas; o ponto para o qual seus caminhos havia muito vinham convergindo, sob mais trevas à medida que avançavam; e no entanto havia ali um encanto que os fazia apegar-se ao momento e pedir mais e mais, outro momento igual. A floresta em torno deles estava escura e rangeu com uma lufada que passava. Os galhos agitaram-se pesados sobre suas cabeças; nisso, uma árvore velha e solene gemeu dolorosamente dirigindo-se a outra, como que a contar a triste história do casal sentado ali embaixo ou impelida a prever o mal que lhes sobreviria.

E eles, ainda assim, deixavam-se ficar. Como parecia deprimente a trilha da floresta que conduzia de volta à colônia, onde Hester Prynne teria de assumir outra vez o fardo de sua ignomínia e o pastor, a pantomima oca de sua boa reputação! De modo que se deixavam ficar um instante mais. Nenhuma luz dourada fora mais preciosa do que a escuridão daquela floresta lúgubre. Ali, apenas sob os olhos dele, a letra escarlate não precisava queimar no busto de uma mulher arruinada! Ali, visto apenas pelos olhos dela, Arthur Dimmesdale, vivendo em mentira com Deus e com os homens, talvez pudesse ser honesto por um momento!

Passou a falar de algo que subitamente lhe veio à cabeça.

"Hester", bramiu, "há outro horror! Roger Chillingworth sabe da tua determinação de revelar seu verdadeiro caráter. Será, então, que continuará a guardar nosso segredo? Que rumos tomará agora sua vingança?"

"Há uma estranha reserva naquele homem, própria de sua natureza", respondeu Hester, refletidamente; "e essa característica só fez crescer na prática secreta de sua vingança. Não acho provável que ele traia tal discrição quanto ao nosso caso. Sem dúvida buscará outros meios de saciar sua fúria sinistra."

"E eu! — como posso continuar a viver respirando o mesmo ar desse inimigo mortal?", exaltou-se Arthur Dimmesdale, tremendo por dentro e apertando a mão, nervoso, sobre o peito, gesto que se tornara involuntário nele. "Ajuda-me a pensar, Hester! Tu és forte. Decide por mim!"

"Não deves continuar a viver com aquele velho", falou Hester, devagar e com decisão. "Teu coração não deve mais estar sob o olhar maligno dele!"

"Seria pior do que morrer!", reagiu o pastor. "Mas como evitá-lo? Que opção me resta? Devo atirar-me novamente a essas folhas caídas, onde me lancei quando me contavas quem ele realmente é? Devo afundar ali e morrer de uma vez?"

"Ai de mim, que desgraça se abate sobre ti!", disse Hester, com lágrimas nos olhos. "Morrerás de pura fraqueza? Não há outra causa!"

“Sou acossado pelo juízo divino”, respondeu o clérigo, abalado em sua consciência. “É poderoso demais para que eu possa lutar contra ele!”

“Os céus mostrarão misericórdia”, atalhou Hester, “se persistires para merecê-la.”

“Sê forte por mim!”, ele respondeu. “Aconselha-me sobre o que fazer.”

“E o mundo é assim tão diminuto?”, exclamou Hester, encarando o pastor e, instintivamente, exercendo uma força magnética sobre aquele espírito despedaçado e subjugado, que mal conseguia manter-se de pé. “O universo está limitado a essa cidade, que há pouco não passava de um deserto coberto de folhas secas, tão solitário quanto este que nos cerca? Para onde te conduz a trilha da floresta? De volta à colônia, dizes! Sim; mas também além! Deserto adentro, cada vez mais longe, e onde cada vez menos nitidamente os passos são vigiados; até que, alguns quilômetros adiante, as folhas amareladas já não registrem nenhum vestígio da passagem do homem branco. Lá serás livre! Uma jornada tão breve pode te levar de um mundo em que te sentes o maior dos miseráveis para outro onde ainda podes ser feliz! Não haverá suficientes cantos escuros nesta floresta ilimitada nos quais possas ocultar teu coração da vigilância de Roger Chillingworth?”

“Sim, Hester; mas só debaixo das folhas caídas!”, retrucou o pastor, com um sorriso triste.

“E há ainda o imenso caminho do mar!”, continuou Hester. “Foi por ele que aqui chegaste. Se assim quiseres, pode te levar de volta. Em nossa pátria nativa, seja em algum remoto vilarejo rural, seja na vastidão de Londres — ou, certamente, na Alemanha, na França, na agradável Itália —, estarias fora do alcance do poder e do conhecimento dele! E o que mais deves a esses homens de ferro e suas opiniões? Já mantiveram em escravidão o que tens de melhor por muito tempo!”

“Isso não é possível!”, reagiu o clérigo, ouvindo o que lhe era dito como se fosse o chamado à realização de um sonho. “Não tenho forças para partir. Infeliz pecador que sou, não penso em outra coisa senão arrastar minha existência terrena no cenário em que a

Providência me colocou. Perdida como está minha alma, ainda assim faço o que posso por outras almas humanas! Não ouso abandonar meu posto, mesmo que me caiba o papel da sentinela desleal cujo prêmio, ao cabo de sua deprimente vigília, serão a morte e a desonra!"

"Foste esmagado pelo peso desses sete anos de desgraça", respondeu Hester, fervorosamente determinada a, com sua energia, trazê-lo de volta à tona. "Mas deves deixar isso tudo para trás! Não ficarão dessa história as pegadas, quando tomares a trilha da floresta; tampouco ela será uma das cargas a embarcar no navio, caso prefiras cruzar o oceano. Separa-te desse escombro e dessa ruína, largando-os no lugar onde aconteceram! Não te deixes mais confundir com eles! Começa tudo de novo! Estaria tal possibilidade eliminada pelo fracasso de uma tentativa? Não! O futuro permanece prenhe de experiências e sucesso! Há felicidade a ser usufruída! Há bem a ser realizado! Troca essa tua falsa vida por uma de verdade. Sê, uma vez que teu espírito te convoque a tal missão, o professor e o missionário dos peles-vermelhas. Ou — conforme é mais de tua natureza — um erudito e um sábio entre os mais sábios e renomados do mundo erudito. Prega! Escreve! Age! Faz qualquer coisa, menos deitar e morrer! Abandona esse nome de Arthur Dimmesdale e concede-te outro, mais nobre, que possas ostentar sem medo ou vergonha. Por que deverias te demorar um dia mais que seja sob esses tormentos que tanto te consomem a vida, que te tornaram frágil na vontade e na ação, que te fazem impotente até no arrependimento! Levanta-te e anda!"

"Ah, Hester", bramiu Arthur Dimmesdale, em cujos olhos uma luz espasmódica, acesa pelo entusiasmo dela, brilhara e voltara a apagar-se, "sugeres uma corrida a um homem que mal se sustenta sobre as próprias pernas! Devo morrer aqui mesmo. Não me restam forças ou coragem para me aventurar sozinho por este mundo vasto, estranho e complicado!"

Era a derradeira expressão desesperançada de um espírito alquebrado. Faltava-lhe vitalidade para tentar chegar a uma melhor sorte que estava ao seu alcance.

Ele voltou a repetir:

"Sozinho, Hester!"

“Não precisas ir sozinho!”, ela respondeu, num sussurro baixo. E então tudo havia sido dito!

18
Um dilúvio de luz

Arthur Dimmesdale encarou Hester com uma expressão na qual brilhavam esperança e alegria, sim, mas eivadas de medo e de uma espécie de horror à ousadia dela, que havia falado o que ele vagamente intuía, mas não teria coragem de dizer.

Porém, Hester Prynne, mulher de espírito naturalmente corajoso e irrequieto, que havia tanto tempo era não apenas uma estranha à sociedade, mas uma proscrita, estava habituada a esse tipo de especulação, que para o clérigo parecia de todo excêntrica. Ela vagara sem regras ou guia por um deserto moral tão vasto, intrincado e sinistro quanto a floresta indomada em cuja escuridão os dois agora mantinham aquele diálogo que decidiria seus destinos. Intelecto e coração, em Hester, sentiam-se em casa nos lugares desertos por onde ela perambulava tão livre quanto o índio selvagem em seus domínios. Durante anos havia observado as instituições humanas e o que mais fosse criação de religiosos e legisladores desse ponto de vista estrangeiro; sua crítica não guardava maior reverência do que o sentimento do índio pelos paramentos clericais, pela toga do juiz, pelo local dos açoites, pela forca, pelas instituições do lar ou da igreja. Seu destino e sua sorte haviam favorecido sua libertação. A letra escarlate fora o passaporte que lhe dera acesso a lugares onde outras mulheres não ousavam pisar. Vergonha, desespero, solidão! Esses tinham sido seus mestres — austeros e agressivos —, que ensinavam-na a transgredir ao mesmo tempo que a faziam forte.

O pastor, por outro lado, jamais vivera qualquer experiência designada a levá-lo além do escopo das leis geralmente aceitas; mesmo que, numa única ocasião, tivesse tão temerariamente infringido uma das mais sagradas entre elas. Mas aquele fora um pecado da paixão, não de princípios, tampouco de propósitos. Desde esse tempo infeliz, ele vigiava, com zelo e minúcia mórbidos, não os próprios atos —

porque nestes era fácil manter a compostura —, mas cada respiro de emoção e cada pensamento seu. No topo do sistema social, posição que à época era a de um clérigo, via-se tanto mais atrelado às normas, aos princípios e mesmo aos preconceitos desse sistema. Como pastor, os limites de sua ordem religiosa inevitavelmente o aprisionavam. Como homem que um dia pecou, mas mantinha a consciência bem viva e dolorosamente sensível pelo atrito de uma ferida aberta, talvez supusesse que se encontrava mais seguro dentro dos limites da virtude do que se jamais houvesse caído em pecado.

Assim, o que aparentemente vemos no que concerne a Hester Prynne é que todos aqueles sete anos de banimento e ignomínia haviam sido pouco mais do que uma preparação para o momento presente. Mas quanto a Arthur Dimmesdale, se acaso esse homem mais uma vez fraquejasse, que alegação poderia ser feita para lhe atenuar o crime? Nenhuma; a menos que lhe servisse de algum modo o fato de que havia tanto tempo passava por delicado sofrimento; de que sua mente se encontrava obscurecida e confusa pelo próprio remorso que a atormentava; de que, entre fugir feito um criminoso confesso e ficar passando por hipócrita, a consciência pode ter dificuldades em achar o meio-termo; de que é humano tentar evitar os perigos da morte e da infâmia, e as inescrutáveis maquinações de um inimigo; de que, por fim, no caminho sombrio e deserto desse pobre peregrino, já fraco, doente e miserável, surgira o vislumbre da afeição humana e da compaixão, uma nova vida, verdadeira, em troca do pesado destino que ele agora expiava. E, a verdade mais dura e triste seja dita, uma vez aberta na alma humana a ferida da culpa, ela não mais cicatrizará enquanto formos mortais. O flanco exposto pode ser vigiado e guardado, de modo a impedir que o inimigo venha forçar sua entrada na cidadela por ali, e poderá mesmo fazê-lo, em suas próximas investidas, por outra via que não essa em que foi bem-sucedido anteriormente. Mas a muralha em ruínas ali permanecerá, e perto dela a presença furtiva do inimigo a marcar e não deixar esquecer seu triunfo.

A batalha, se houve alguma, não precisa ser descrita. Basta dizer que o clérigo decidiu-se pela fuga e não partiria sozinho.

“Se nestes últimos sete anos”, ele pensou, “tivesse havido um momento de paz e esperança de que pudesse me lembrar, eu persistiria, em nome da mais sincera misericórdia divina. Mas então — uma vez que estou irrevogavelmente condenado — por que não deveria buscar o consolo que cabe ao criminoso antes de sua execução? Ou, se for esse o caminho para uma vida melhor, como quer Hester, certamente que não abandono nenhuma perspectiva melhor ao abraçá-lo! Tampouco posso seguir vivendo sem a companhia dela; tão poderosa é essa mulher a dar apoio, tão terna a consolar! Ó vós a quem não ouso levantar os olhos, pergunto-me se podereis ainda assim conceder-me teu perdão!”

“Partirás!”, disse Hester, calma, quando ele olhou para ela.

Decisão tomada, um brilho de estranho júbilo lançou sua cintilação bruxuleante sobre o estigma em seu peito. Era o efeito revigorante — num prisioneiro recém-libertado da prisão de seu próprio coração — de respirar o ar livre e selvagem de uma região virgem, pagã e sem leis. Seu espírito se elevou, por assim dizer, num salto, chegando mais perto da possibilidade de tocar o céu do que ao longo de todo o sofrimento que o fizera rastejar nesta terra. Como o seu era um temperamento profundamente religioso, havia em sua disposição, inevitavelmente, um toque de devoção.

“Volto a sentir alegria?”, ele gritou, assombrado consigo mesmo. “Pensava que sua semente estivesse morta em mim! Ah, Hester, tu és meu anjo mais precioso! Parece que me atirei — enfermo, marcado pelo pecado e entrevado em sofrimento — sobre estas folhas caídas para logo me levantar feito novo, com força renovada para bendizer Àquele que é tão misericordioso! Isto já é uma vida melhor! Por que não a encontramos antes?”

“Não olhemos para trás”, respondeu Hester Prynne. “O passado já foi! Por que deveríamos ficar presos a ele? Vê! Com este emblema, apago-o completamente, como se nunca tivesse existido!”

E, dizendo isso, arrancou a presilha que mantinha a letra escarlate fixa a seu peito e, depois de retirá-la, atirou-a a certa distância no meio das folhas secas. O místico símbolo pousou na margem mais próxima do riacho. Com um pouco mais de força no lançamento, teria caído na água, dando ao pequeno córrego um infortúnio a mais para

carregar junto com a incompreensível história que seguia contando em seu murmúrio. Mas a letra bordada ali ficou, cintilando feito uma joia extraviada que algum malfadado transeunte talvez apanhasse para, dali em diante, ser assombrado por estranhos fantasmas de culpa, coração desalentado e interminável desdita.

Livre do estigma, Hester soltou um longo e profundo suspiro, libertando de seu espírito o fardo da vergonha e da angústia. Ah, que primoroso alívio! Ela não sabia daquele peso até sentir tamanha liberdade! Outro impulso levou Hester a arrancar a touca solene que lhe aprisionava os cabelos; e sobre seus ombros eles se espalharam, negros e belos, ao mesmo tempo sombreados e luminosos em sua abundância, emprestando o encanto da suavidade às feições da moça. Um sorriso radiante e terno brincava em seus lábios e havia um facho de luz em seus olhos, parecendo fluir a partir do próprio âmago de sua feminilidade. Sua face, até ali tão pálida, foi tomada de um tom rubro. O sexo, a juventude e todo o encanto de sua beleza retornavam daquele lugar a que os homens costumam chamar passado irrevogável, aninhando-se, com a esperança virgem e a felicidade sem precedentes de Hester, no círculo mágico daquele momento. E, como se as sombras que ora se abatiam sobre o céu e a terra não fossem mais do que emanações daqueles dois corações mortais, desapareceram junto com sua dor. Súbito, feito fosse o céu a sorrir de repente, surgiu a luz do sol, num verdadeiro jorro para dentro da floresta escura, alegrando cada folha verde, tornando em ouro cada uma das folhas amarelas caídas ao chão e fazendo cintilar de cima a baixo os troncos cinzentos das árvores solenes. Objetos que eram sombra até então encarnavam, agora, a luz. O curso do pequeno riacho podia ser seguido pelo alegre brilho de suas águas ao longe, no coração misterioso da mata, transformado em mistério jubiloso.

Tal era a simpatia da natureza — a selvagem e bárbara natureza da floresta, jamais subjugada pela lei humana, tampouco trazida à luz por verdade mais elevada — àqueles dois abençoados espíritos! O amor, seja ele um recém-nascido ou um renascido de uma dormência como que de morte, deve sempre criar o brilho do sol, enchendo o coração de tamanha radiância que transborde para o mundo exterior.

Se a mata tivesse permanecido às escuras, aos olhos de Hester e de Arthur Dimmesdale pareceria iluminada!

Hester olhou para ele com a emoção de outra alegria.

"Precisas conhecer Pearl!", disse ela. "Nossa pequena Pearl! Já a viste — sim, sei disso! —, mas agora vais olhar para ela com outros olhos. Uma criança estranha! Não a compreendo! Mas tu a amarás afetuosamente, como eu, e me aconselharás sobre o que fazer com ela."

"Achas que a menina ficará contente de me conhecer?", perguntou o pastor, um pouco inseguro. "Faz tempo que me afastei das crianças, pois tantas vezes elas se mostraram desconfiadas — com um pé atrás — quando próximas de mim. Cheguei mesmo a ter medo da pequena Pearl!"

"Ah, isso é tão triste!", respondeu a mãe. "Mas ela vai te amar ternamente, e tu a ela. Está aqui por perto. Vou chamá-la! Pearl! Pearl!"

"Já a vejo", comentou o pastor. "Lá está ela, longe, parada sob um raio de sol na outra margem do riacho. Então pensas que ela vai me amar?"

Hester sorriu e novamente chamou Pearl, visível a certa distância, conforme observara o clérigo, feito uma miragem em trajes cintilantes, sob um facho de luz solar que incidia sobre ela por entre uma arcada de galhos. O raio surgia e desaparecia, bruxuleante, tornando sua figura mais obscura ou distinta — ora uma criança real, ora o espírito de uma criança — na medida em que a luz ia e vinha. Ela ouviu a voz da mãe e foi se aproximando lentamente pela floresta.

Pearl não havia se deixado entediar no tempo em que sua mãe estivera conversando com o clérigo. A grande e sombria floresta — que se mostrava austera àqueles que ali, a seu bojo, vinham trazer a culpa e os tormentos do mundo — tornara-se a companhia de brincadeiras da menina solitária, na medida do possível. Ainda que lúgubre, acolhera a criança com o mais terno de seu temperamento. Oferecera-lhe as frutas-de-codorna que, brotadas no outono anterior, tinham amadurecido apenas na primavera e, agora, espalhavam-se como pingos de sangue sobre as folhas secas. Pearl as havia apanhado e gostou de seu sabor silvestre. Os pequenos seres da mata não se

davam ao trabalho de sair do caminho da menina. Uma codorna, com uma prole de dez atrás de si, chegou a avançar ameaçadora, mas logo se arrependeu da bravura e piou aos filhotes que não tivessem medo. Um pombo, sozinho num galho baixo, permitiu que Pearl parasse por ali e soltou um som que era tanto de saudação quanto de alarme. Um esquilo, da profundeza espaçosa de sua casa na árvore, tagarelava talvez em fúria, quem sabe euforia — pois o esquilo é um pequeno personagem tão irascível e temperamental que é difícil distinguir entre seus humores —, de modo que esbravejava contra a criança e atirou-lhe à cabeça uma castanha. Era uma castanha do ano anterior já mordiscada pelo dente afiado do bicho. Uma raposa, despertada de seu sono pelo passo leve de Pearl sobre as folhas, encarou-a inquisidora, em dúvida se o melhor seria sair dali ou retomar a soneca no mesmo lugar. Um lobo, ao que se conta — mas aqui a história certamente adentra o improvável —, apareceu para cheirar o vestido da menina, deixando que ela acariciasse sua cabeça arisca. Ao que parece, no entanto, a verdade é que a floresta e todas essas coisas bravias que dela se nutriam reconheceram, naquela criança humana, certo parentesco selvagem.

E ela era ali mais dócil do que nas ruas margeadas de grama da cidade ou no chalé de sua mãe. As flores pareciam saber disso; e, à passagem de Pearl, uma ou outra sussurrava: “Usa-me como enfeite, linda criança, põe-me como adorno!” — e, para agradá-las, ela colhia violetas, flores-da-esperança e aquilégias, além de alguns ramos do mais viçoso verde, os quais as velhas árvores faziam pender diante de seus olhos. Com eles decorou os cabelos e a cintura infantil, virando uma pequena ninfa, uma dríade em forma de criança ou o que mais estivesse em íntima sintonia com a mata ancestral. Assim estava fantasiada quando ouviu sua mãe a chamar e, devagar, foi voltando.

Devagar, porque avistara o clérigo.

19
A criança à beira do riacho

"Tu a amarás afetuosamente", repetiu Hester Prynne, enquanto ela e o pastor, ali sentados, observavam a pequena Pearl. "Ela é linda, não achas? E vê com que habilidade natural fez-se adornar com aquelas flores simples! Se tivesse encontrado pérolas, diamantes e rubis na mata não a teriam enfeitado melhor. É uma criança esplêndida! Mas sei a quem puxou!"

"Podes imaginar, Hester", disse Arthur Dimmesdale, "quanta inquietação essa doce criança tem me causado a saltitar por aí sempre a teu lado? Penso — ó Hester, e que pensamento é este, como é terrível! — em como meus próprios traços, em parte, replicam-se no rosto dela, e de modo tão evidente que o mundo inteiro poderia reconhecê-los! Mas, quase sempre, é a ti que pertencem!"

"Não, não! Nem tanto assim!", respondeu a mãe com um sorriso terno. "Mais um pouco e não necessitarás temer que identifiquem de quem é filha. Mas como está linda com aquelas flores selvagens no cabelo! É como se uma das fadas que deixamos para trás em nossa velha e querida Inglaterra a tivesse enfeitado para vir ao nosso encontro."

Com um sentimento que nenhum dos dois até ali experimentara, deixaram-se ficar, vendo a lenta aproximação de Pearl. Nela era visível o elo que os unia. Oferecera-se ao mundo, naqueles sete anos, como um hieróglifo vivo no qual se revelava o segredo que tão sombriamente procuravam esconder — tudo ali escrito, naquele símbolo, tudo tão claramente manifesto — caso houvesse um profeta ou feiticeiro capaz de ler a marca daquela paixão! E Pearl era a união de seus seres. Fosse qual fosse o mal pregresso, como poderiam duvidar de que suas vidas terrenas e seus destinos futuros encontravam-se entrelaçados, tendo diante de si a síntese material e a ideia espiritual nas quais haviam se encontrado e habitariam juntos

pela eternidade? Pensamentos como esses — e talvez outros que não admitiam nem deixavam que tomassem forma — faziam-nos reverenciar a criança à medida que avançava na direção deles.

"Não permita que ela veja algo de estranho — nem emoção nem ansiedade — no modo como a abordarás", cochichou Hester. "Nossa Pearl, por vezes, é uma fantástica e irrequieta fadinha. Especialmente pouco tolerante a sentimentos cujas razões e origens não compreende totalmente. Mas a menina guarda fortes afeições! Ama a mim como amará a ti!"

"Não podes imaginar", falou o pastor, olhando de lado para Hester Prynne, "o quanto meu coração teme este encontro e o quanto anseia por ele! Mas, na verdade, conforme já disse, as crianças não aceitam minha proximidade de imediato. Não sobem ao meu colo nem tagarelam seus assuntos infantis ao meu ouvido, tampouco respondem a um sorriso meu; afastam-se e observam-me, estranhando. Mesmo os bebezinhos, quando os tomo em meus braços, choram furiosamente. E no entanto Pearl, por duas vezes em sua curta vida, foi afetuosa comigo! A primeira sabes bem quando foi! A última, quando a levaste contigo à casa daquele velho e austero governador."

"E tão corajosamente nos defendeste naquela ocasião", respondeu a mãe. "Lembro-me disso; e também Pearl há de lembrar-se. Não temas! Pode estranhar e ficar tímida de início, mas logo aprenderá a amar-te!"

A essa altura, Pearl alcançara o riacho e, parada junto à margem mais distante, em silêncio observava Hester e o clérigo, que permaneciam sentados lado a lado no tronco coberto de musgo, a esperá-la. Exatamente no ponto em que estava a menina, o córrego formava por acaso uma poça de superfície tão lisa e imóvel que refletia à perfeição a imagem da pequena figura adornada de flores e de uma coroa de folhagem em toda a sua cintilante e pitoresca beleza; ali, no reflexo, mais delicada e etérea do que na realidade. Tal imagem, tão próxima de ser idêntica à menina viva, parecia transmitir um pouco de sua aparência incorpórea e intangível à própria Pearl. Era estranha a maneira como, parada no mesmo lugar, mirava-os diligentemente através daquele meio turvo que era a penumbra da floresta; ao passo que ela própria tinha sobre si todo o esplendor de

um raio de sol, atraído para onde estava como que por simpatia. No riacho a seus pés havia outra criança — outra e a mesma —, igualmente envolvida em seu facho de luz dourada. De um jeito indistinto e perturbador, Hester sentiu-se distante da filha; como se a criança, em seu passeio solitário pela mata, tivesse se afastado da esfera que ela e a mãe habitavam juntas e agora tentasse em vão retornar.

A impressão era, ao mesmo tempo, verdadeira e errônea; mãe e filha pareciam duas estranhas, mas por culpa de Hester, e não de Pearl. Enquanto esta estivera fora, outra companhia havia sido admitida ao círculo de afeições da mãe, e de tal forma lhe pareciam agora modificadas na aparência essas afeições, todas elas, que a menina, como um viajante que volta para casa, não conseguia achar seu lugar de sempre e mal sabia onde se encontrava.

"Tenho a estranha impressão", observou o perspicaz pastor, "de que esse riacho é a fronteira entre dois mundos e de que tu jamais poderás voltar a encontrar tua Pearl. Ou seria ela um espírito de fada que, conforme as lendas de nossa infância nos ensinaram, está proibido de cruzar água corrente? Peço-te que a apresses; essa demora já me faz tremer os nervos."

"Vem, adorada criança!", disse Hester, incentivando a menina com os dois braços estendidos. "Mas que lerdeza! Nunca foste assim tão preguiçosa! Aqui tens um amigo meu, que será teu amigo também. A partir de agora, poderás contar com o dobro daquele amor que tua mãe, sozinha, era capaz de te dar! Pula esse riacho e vem para junto de nós. Pois não saltas como uma gazelinha?"

Pearl, sem mostrar qualquer reação a tais expressões de carinho, permaneceu na margem mais distante do córrego. Ora mantinha os olhos cintilantes e rebeldes fixos na mãe, ora no pastor, ora abarcava a ambos no mesmo olhar; era como se, então, explicasse a si mesma a relação que havia entre os dois. Por alguma razão insondável, quando Arthur Dimmesdale sentiu sobre si os olhos da criança, sua mão — naquele gesto que de tão habitual tornara-se involuntário — foi pousar-lhe sobre o coração. Por fim, assumindo um ar singular de autoridade, Pearl esticou o braço, o pequeno indicador em riste apontando, claramente, o busto da mãe. E aos pés dela, no espelho do

riacho, estava a imagem ensolarada e adornada de flores da pequena apontando ela também com o dedo.

"Criança esquisita, por que não vens?", exclamou Hester.

Pearl continuava a apontar-lhe o indicador; suas feições se transformaram numa carranca; era ainda mais impressionante que assumissem aquela forma porque eram infantis, quase os traços de um bebê. Sua mãe continuava a acenar para ela, compondo um rosto cheio de sorrisos como se o vestisse com trajes de domingo, e a criança bateu o pé, sua expressão e sua postura ainda mais arrogantes. No córrego, uma vez mais, a fantástica beleza da imagem, a carranca refletida, o dedo apontado, o gesto autoritário, dava ênfase à figura da pequena Pearl.

"Anda, Pearl; ou ficarei brava contigo!", gritou Hester Prynne, que, embora habituada àquele comportamento da menina-fada em outras ocasiões, naturalmente ansiava por uma atitude mais decente agora. "Salta esse riacho, menina levada, e corre para cá! Senão vou até aí!"

Mas Pearl, nem um pouquinho impressionada com as ameaças da mãe, assim como não haviam lhe comovido seus pedidos, subitamente lançou-se a um ataque de fúria, gesticulando violentamente e contorcendo o pequeno corpo nas formas mais extravagantes. Essa selvagem demonstração veio acompanhada de gritos agudos, os quais a mata reverberou em todas as direções; de modo que, ainda que sozinha em sua convulsão infantil e inexplicável, pareceu que uma multidão emprestava-lhe solidariedade e incentivo. No córrego, novamente, via-se a imagem incorpórea de Pearl, coroada e enfeitada de flores, mas batendo o pé, gesticulando furiosamente, além de tudo, ainda apontando o pequeno indicador na direção do peito de Hester!

"Percebo o que aflige a menina", sussurrou Hester para o clérigo, empalidecendo, apesar de um enorme esforço para esconder a perturbação e o incômodo que sentia. "As crianças não suportam qualquer mudança, por menor que seja, na aparência das coisas a que seus olhos se acostumaram dia após dia. Pearl sente falta de algo que sempre fez parte do meu figurino!"

"Rogo-te", respondeu o pastor, "se conheces um modo de acalmar a criança, usa-o imediatamente! Exceto pela ira gangrenada de uma velha feiticeira como a senhora Hibbins", ele acrescentou, tentando

sorrir, “nada do que tenha conhecimento se compara a encontrar tal fúria numa criança. Na jovem beleza de Pearl, assim como na bruxa enrugada, o efeito é sobrenatural. Acalma-a, se me tens amor!”

Hester voltou-se novamente para Pearl com o rosto ruborizado, um olhar consciente, de relance, para o clérigo e, por fim, um suspiro; nesse intervalo, antes mesmo que ela tivesse tempo de falar, o rubor deu lugar a uma palidez de morte.

“Pearl”, ela falou, com tristeza, “olha aí a teus pés! Aí, diante de ti! Na outra margem do riacho!”

A menina desviou os olhos para o local indicado; e ali estava a letra escarlate, à beira d’água, tão próxima que sua bordadura dourada refletia-se na superfície do córrego.

“Traz isso para cá!”, disse Hester.

“Vem tu até aqui pegá-la!”, respondeu Pearl.

“Nunca houve criança como essa!”, observou Hester ao pastor. “Oh, tenho tanto para te falar a respeito dela. Mas, na verdade, Pearl está certa quanto àquele odioso símbolo. Devo suportar seu martírio um pouco mais — apenas mais alguns dias — até que tenhamos ido embora desta região e, olhando para trás, vejamos aqui uma terra que então não passará de sonho. A floresta não pode escondê-lo! Terá de ser arrancado da minha mão no meio do oceano e por ele engolido para sempre!”

Ditas essas palavras, ela avançou até a margem do riacho, apanhou a letra escarlate e a fixou novamente no peito. E ainda que, apenas um momento antes, Hester tivesse falado esperançosa da perspectiva de submergir o emblema nas profundezas do mar, agora era tomada daquela sensação de uma condenação inescapável, ao receber de volta a insígnia mortal das mãos do destino. Ela a havia atirado no espaço infinito — por uma hora pudera respirar livre — e ali estava de volta o tormento escarlate, cintilando no mesmo velho nicho! E assim é, assumindo essa forma ou não, que um malfeito investe-se do caráter de fado. Em seguida, Hester recolheu as pesadas tranças de seu cabelo, confinando-as debaixo da touca. Como se aquela letra infeliz fosse dotada de um fulminante feitiço, sua beleza, o calor e o encanto de sua feminilidade partiram como o sol que se apaga; e uma sombra cinzenta pareceu encobri-la.

Quando a medonha transformação se completou, ela estendeu a mão na direção de Pearl.

"Reconheces tua mãe agora, criança?", perguntou, ressentida, mas em tom subjugado. "Vais, enfim, cruzar o riacho e retornar para ela, que novamente ostenta a vergonha que lhe cabe — ela, que voltou a ser triste?"

"Sim; agora volto!", reagiu a menina, saltando o córrego e tomando Hester nos braços. "Agora és minha mãe de verdade! E eu, tua pequena Pearl!"

Tomada de uma terna disposição que não lhe era habitual, puxou para si a cabeça da mãe e a beijou na testa, depois em ambas as faces. Mas então — por uma espécie de necessidade de sempre somar um golpe de angústia a qualquer alegria por ela mesma proporcionada — Pearl avançou os lábios para beijar também a letra escarlate!

"Isso não foi bonito!", disse Hester. "Sempre que demonstras algum amor para comigo, debochas de mim!"

"Por que o pastor está sentado ali?", perguntou Pearl.

"Espera para te dar as boas-vindas", respondeu a mãe. "Vem e pede sua bênção! Ele te ama, minha pequena Pearl, e ama tua mãe também. Não irás amá-lo? Vem! Ele anseia por te cumprimentar!"

"Ele nos ama?", falou Pearl, encarando a mãe com aguda inteligência. "Vai voltar conosco à cidade de mãos dadas?"

"Não agora, criança querida", explicou Hester. "Mas no futuro andará de mãos dadas conosco. Teremos uma casa e uma lareira só nossas; te sentarás no colo dele; ele te ensinará muitas coisas e te amará muito. E tu também o amarás; não é verdade?"

"E ele continuará a colocar a mão no coração?", inquiriu Pearl.

"Menina tola, que pergunta!", exclamou a mãe. "Vem pedir-lhe a bênção!"

Mas, fosse pelo ciúme que parece ser instintivo a qualquer criança mimada diante de um perigoso rival ou por algum capricho de sua natureza esquisita, Pearl não cederia facilmente ao clérigo. Foi apenas pelo uso da força que sua mãe conseguiu trazê-la para perto dele, enquanto a menina, jogando-se para trás, manifestava contrariedade com caretas bizarras; mostrara possuir uma singular variedade delas desde bebê e era capaz de transformar sua maleável fisionomia numa

série de diferentes expressões, cada uma com o sentido de uma nova travessura. O pastor — dolorosamente constrangido, mas esperançoso de que um beijo pudesse se provar o talismã que o faria cair nas graças da criança — inclinou-se para beijar-lhe a testa. Imediatamente, Pearl, soltando-se da mãe, correu até o riacho, abaixou-se e enxaguou a fronte, até que o beijo indesejado tivesse sido lavado e se misturado a um bom tanto de água corrente. E ali permaneceu, distante e em silêncio, observando Hester e o clérigo; os dois, enquanto isso, voltaram a conversar e combinar aquilo que se esperava de sua nova condição e sobre aquilo que em breve realizariam.

E então aquele encontro fatídico chegava ao fim. O nicho da floresta seria abandonado à sua solidão entre as velhas e sombrias árvores, as quais, em suas múltiplas línguas, seguiriam por muito tempo a sussurrar sobre o ocorrido ali, e nenhum mortal poderia sabê-lo melhor. O riacho melancólico acrescentaria aquela outra história ao mistério que já sobrecarregava seu pequeno coração e que, em tom nem um pouco mais alegre do que nas muitas eras de sua existência, fazia-o continuar a murmurar o mesmo balbucio.

20
O pastor num labirinto

Enquanto se afastava de Hester Prynne e da pequena Pearl, o pastor olhou para trás; não esperava conseguir enxergar mais do que apenas alguns traços ou contornos vagamente delineados da mãe e da criança, que desapareciam lentamente na penumbra da floresta. Mudança tão grande em sua vida não poderia ser percebida de imediato como real. Mas lá estava Hester, em seu vestido cinza, ainda parada ao lado do tronco que, golpeado, fora derrubado numa época longínqua e que o tempo desde então cobrira de musgo, de modo que aqueles dois condenados, com o mais pesado fardo da terra sobre eles, pudessem juntos se sentar ali e, durante uma hora, encontrar paz e consolo. E lá estava Pearl também, dançando à margem do riacho com leveza — agora que o terceiro elemento, intruso, tinha ido embora — e retomando seu antigo posto ao lado da mãe. O pastor, portanto, não havia dormido nem sonhado!

Para livrar sua mente daquela sensação indistinta e de duplicidade, razões de sua estranha inquietude, o sr. Dimmesdale recordou e definiu mais precisamente os planos que ele e Hester haviam feito para a partida. Concordaram que o Velho Mundo, com suas multidões e cidades, oferecia-lhes abrigo e esconderijo mais adequados do que os confins da Nova Inglaterra ou de toda a América, cujas opções eram uma cabana indígena ou as poucas colônias de europeus espalhadas, aqui e ali, ao longo da costa. Os dons naturais, a cultura e toda a formação do clérigo somente lhe permitiriam sentir-se seguro e abrigado em meio a civilização e refinamento — para não falar de sua saúde nem um pouco afeita a suportar a dureza da vida na floresta; quanto mais elevada sua condição, mais delicada a adaptação do homem. Essa opção era favorecida pelo fato de haver, naquele momento, um navio ancorado no porto; uma daquelas embarcações suspeitas, comuns à época, e que, sem estar completamente

mergulhadas no mar da ilegalidade, deslizavam por sua superfície com notável irresponsabilidade de caráter. Aquele barco, recentemente aportado depois de visitar as possessões espanholas no Caribe, zarparia para Bristol dentro de três dias. Hester Prynne, cuja vocação como autoproclamada irmã da Misericórdia lhe proporcionara tomar contato com o capitão e a tripulação, podia se responsabilizar por garantir lugares para duas pessoas mais uma criança, com toda a discrição que, naquelas circunstâncias, era mais do que desejável.

O pastor perguntara a Hester, com interesse, a que horas, precisamente, era esperada a partida do navio. Ocorreria provavelmente em quatro dias. "Que grande sorte!", disse ele a si mesmo. A razão por que o reverendo Dimmesdale considerou-se tão afortunado hesitamos em revelar. Mas para que nada seja ocultado ao leitor: o motivo foi que em três dias ele teria de realizar o sermão da eleição;[1] e, como tal ocasião constituía honrosa passagem na vida de um clérigo da Nova Inglaterra, não poderia ter se deparado com momento e maneira mais propícios a encerrar sua carreira. "Ao menos não dirão", pensou aquele homem exemplar, "que deixei de cumprir algum compromisso público ou que o cumpri inadequadamente!" É triste, de fato, que uma personalidade tão profunda e agudamente introspectiva como a do pobre pastor precisasse se enganar assim, miseravelmente! Temos coisas ruins, e podemos vir a ter mais, a dizer sobre ele; mas nenhuma, pensamos, fraqueza pior do que essa; nenhuma evidência, ao mesmo tempo tão sutil e tão irrefutável de uma insidiosa doença que havia tanto tempo passara a corroer a própria substância de seu caráter. Não há homem que, durante um período considerável, seja capaz de manter uma cara para si e outra para a multidão sem que, por fim, caia em confusão sobre qual das duas é a verdadeira.

O entusiasmo que sentia o sr. Dimmesdale ao retornar de seu encontro com Hester dava-lhe uma incomum energia física que permitiu ao pastor apressar o passo na direção da cidade. A trilha da floresta parecia mais selvagem, mais hostil, com seus agrestes obstáculos naturais, e menos curtida por passos humanos do que ele se lembrava da jornada de ida. Mas saltou os pontos alagados, abriu caminho por entre os arbustos baixos, galgou morros, mergulhou nas

encostas e superou todas as dificuldades do caminho com uma disposição incansável que a ele próprio impressionava. Ainda lembrava com que fragilidade e ao custo de quantas paradas para tomar fôlego cruzara o mesmo terreno fazia apenas dois dias. Quando se aproximava da cidade, teve a impressão de que vários elementos familiares ressurgiam mudados diante dele. Parecia tê-los deixado para trás não ontem, mas muitos dias ou até anos antes. Ali estavam, sim, as velhas feições da rua, conforme se lembrava de cada uma delas, e todas as peculiaridades das casas, na devida profusão de cumeeiras, cata-ventos em cada ponto onde sua memória sugerisse que haveria um. No entanto, foi tomado de uma indesejável e inoportuna sensação de mudança. O mesmo se verificou com os conhecidos que encontrava e com todas aquelas formas humanas tão familiares circulando pelo vilarejo. Não é que parecessem mais velhas nem mais jovens; as barbas dos idosos não tinham aspecto envelhecido, tampouco o bebê que ontem somente engatinhava estava agora de pé caminhando; era impossível descrever em que diferiam daqueles indivíduos a quem tão pouco tempo antes assentira com um olhar ao despedir-se; e no entanto aquele profundo sentimento de mudança no pastor tornava-o sensível à mutabilidade de todos. Uma impressão similar arrebatou-o de forma ainda mais notável quando ladeava as paredes de sua própria igreja. A construção tinha uma aparência tão estranha, mas tão familiar, que o espírito do sr. Dimmesdale vibrou entre duas ideias: ou até então somente tomara contato com aquele edifício em sonhos ou simplesmente sonhava com ele naquele momento.

Tal fenômeno, nas várias formas que assumiu, não indicava mudança exterior, mas uma tão repentina e importante modificação na consciência do espectador daquele cenário familiar que, no intervalo de um único dia, nela se havia operado um lapso de anos. A vontade do clérigo, assim como a de Hester, e o destino que os unira tinham forjado essa transformação. Era a mesma cidade de antes; mas não era o mesmo pastor, aquele que retornava da floresta. Poderia ter dito aos amigos que o saudavam: “Não sou o homem que pensais que sou! Deixei-o lá, na mata, recolhido a um nicho secreto, perto de um tronco coberto de musgo e de um riacho melancólico! Ide, procurai vosso pastor e confirmai se sua figura extenuada, sua face afilada, sua

fronte pálida, pesada e marcada pelo sofrimento não ficaram lá abandonadas feito uma roupa atirada fora!". E os amigos, sem dúvida, teriam insistido com ele: "És o mesmo homem ainda!", mas o erro seria deles, e não do clérigo.

Antes que o sr. Dimmesdale chegasse em casa, seu íntimo apresentou outras evidências de uma revolução na esfera do pensamento e do sentimento. Na verdade, uma descrição adequada dos impulsos agora aflorando naquele homem infeliz e assustado diria que estava em curso em seu reino interior nada menos do que uma troca completa de dinastia e de código moral. A cada passo, sentia-se incitado a uma ou outra atitude estranha, rebelde, má, e com a sensação de que seria ao mesmo tempo intencional e involuntária; à sua revelia, mas originada no mais profundo do eu, em oposição àquele que refreava o impulso. Por exemplo, quando encontrou um de seus diáconos. O bom velho dirigiu-se a ele com a afeição paternal e a familiaridade patriarcal que sua venerável idade, seu caráter honrado e santo e sua posição na Igreja lhe permitiam; e, a par disso, com a profunda reverência, quase idolatria, que tanto a condição pessoal quanto a investidura profissional do pastor exigiam. Nunca houve exemplo mais bonito de como a majestade da idade e da sabedoria pode se conformar à observância e ao respeito devidos por aquele de posição social mais baixa e subalterno na ordem hierárquica diante de um superior. Na conversa de dois ou três minutos entre o reverendo Dimmesdale e esse excelente diácono de barba grisalha, foi somente por obra do mais rigoroso autocontrole que o clérigo conseguiu recuar de certas sugestões blasfemas que lhe vieram à mente quanto ao jantar comunal. Tremeu todo e ficou pálido como a cinza, com medo de que sua língua se lançasse a desfiar aqueles terríveis assuntos, alegando seu próprio consentimento para fazê-lo sem que ele tivesse, na verdade, consentido. E, mesmo tendo o coração aterrorizado por isso, mal podia controlar o riso imaginando a expressão petrificada com que o velho diácono, santo e patriarcal, receberia a impiedade de seu pastor!

E houve ainda outro incidente da mesma natureza. Continuando a caminhar apressado pela rua, o reverendo Dimmesdale encontrou a mulher mais velha entre aquelas que eram membros de sua igreja; a mais piedosa e exemplar das matronas; uma viúva sofrida e solitária,

com o coração repleto de reminiscências do marido, dos filhos e dos amigos de um tempo longínquo, todos falecidos, do mesmo modo que um cemitério cheio de túmulos empilhados. E, entretanto, tudo isso, que para outros teria sido um pesado sofrimento, tornava-se, pelas consolações religiosas e pelas verdades das Escrituras das quais se alimentava continuamente havia mais de trinta anos, quase uma solene alegria para sua velha e devotada alma. E, uma vez que o sr. Dimmesdale a acolhera, o principal consolo terreno da boa matrona — que, se não fosse igualmente consolo divino, não seria consolo algum — era encontrar-se com o pastor, fosse casualmente ou com propósito certo, e ser confortada por uma palavra afetuosa e incensada, como um sopro dos céus, entregue como revelação bíblica por seus adorados lábios aos ouvidos cansados, embora sofregamente atentos, da senhora. Mas, naquela ocasião, até o exato momento em que aproximou os lábios daqueles ouvidos, o sr. Dimmesdale, como que encarnando o grande inimigo das almas, não conseguia se lembrar de nenhuma passagem das Escrituras nem de nada mais exceto um breve, incisivo e, assim lhe pareceu, incontestável argumento contrário à imortalidade da alma humana. O que então tinha em mente se inoculado teria feito cair morta de imediato a idosa beata, com o mesmo efeito da infusão de um veneno poderoso. Aquilo que de fato sussurrou à matrona, o pastor jamais foi capaz de recordar. Talvez tenha sido acometido, naquela hora, de alguma afortunada desordem de fala, a qual não permitiu que comunicasse qualquer ideia inteligível à compreensão da boa viúva ou a Providência, por método próprio, encarregou-se de fazê-la interpretar o que disse. O certo é que, ao olhar para trás, o clérigo viu uma expressão de gratidão e êxtase sagrados que sugeriam refletir-se ali, no rosto da mulher, tão vincado e pálido, o brilho da cidade celestial.

E uma terceira situação ocorreu. Após despedir-se da velha beata, encontrou a mais jovem mulher da paróquia. Era uma donzela recentemente convertida — e por obra do sermão do reverendo Dimmesdale no sabá que se seguiu à noite de sua vigília — dos prazeres transitórios deste mundo à esperança divina, que viria a assumir brilho mais intenso à medida que aumentava a escuridão em sua vida e faria reluzir a mais profunda sombra em sua derradeira

glória. Era bela e pura como um lírio que floresce no Paraíso. O pastor bem sabia que habitava, ele próprio, o nicho sagrado do coração da moça, cujo véu branco o mantinha protegido feito imagem santa, emprestando ao sentimento religioso o conforto do amor, e a este, a pureza da religião. Satã, naquela tarde, certamente havia desviado a jovem para longe da mãe para pô-la no caminho daquele homem sob enorme tentação, daquele homem perdido e desesperado. Quando a moça se aproximava, o Demônio cochichou ao ouvido do clérigo que condensasse em pequena escala e instilasse naquele seio delicado a semente do mal, que em breve e soturnamente germinaria e amadureceria seus negros frutos. Tal era a sensação de poder sobre aquela alma virgem e de tal modo ela se entregava a ele em confiança, que o pastor acreditou ser capaz de arrasar o pasto de sua inocência com um simples e perverso olhar, e ali plantar o exato oposto de antes com apenas uma palavra. De modo que — com esforço ainda maior do que aquele que vinha sustentando até ali — segurou a batina de Genebra em frente ao rosto e seguiu adiante, apressado, deixando à jovem beata o desafio de digerir como pudesse a indelicadeza de haver passado por ela sem dar sinal de tê-la reconhecido. A moça vasculhou a própria consciência — repleta de coisinhas inofensivas, assim como seu bolso ou a sacola que carregava para o trabalho — e pôs-se, coitada, a imaginar que mil pecados teria cometido; e, na manhã seguinte, cumpriu as tarefas domésticas de olhos inchados.

Antes que o pastor tivesse tido tempo de celebrar vitória sobre esta última tentação, tomou consciência de outro impulso, mais ridículo e quase tão horrível quanto o anterior. Sentia-se tentado a — e coramos ao relatá-lo — parar no meio da rua para ensinar algumas palavras feias a um bando de criancinhas puritanas que ali brincavam e mal haviam aprendido a falar. Negando a si mesmo aquele absurdo, porque indigno das vestes que portava, deparou-se com um marinheiro bêbado, membro da tripulação do navio vindo do Caribe. E, então, uma vez que tão valentemente refreara todas as outras maldades, o pobre sr. Dimmesdale desejou, ao menos, poder trocar um aperto de mão com aquele infame viajante e divertir-se um pouco com piadas impróprias, daquelas em que são especialistas os marinheiros libertinos, e ainda com um punhado de boas, bem-acabadas, sólidas e

prazerosas infâmias em desafio aos céus! Nem tanto por uma questão de princípios, e sim, em parte, por seu natural bom gosto e ainda mais pelo arraigado hábito do decoro religioso, atravessou em segurança essa derradeira crise.

"O que é isso que me assombra e me tenta?", bramiu o pastor para si mesmo afinal, parando no meio da rua e batendo a mão contra a testa. "Estarei louco? Ou terei me entregado irremediavelmente ao Demônio? Terei feito um pacto com ele na floresta e assinado com meu sangue? E convoca-me agora a cumprir o trato, ao sugerir a execução de cada uma das maldades que a mais perversa das imaginações, que é a sua, é capaz de conceber?"

No momento em que o reverendo Dimmesdale ruminava consigo tais questões, bem quando golpeava a própria fronte com uma das mãos, a velha sra. Hibbins, afamada bruxa, ia passando por ali. Sua presença impressionava bastante; com um penteado alto, usava um belo vestido de veludo, a gola passada com a famosa goma amarela cujo segredo lhe fora ensinado por Ann Turner,[2] sua grande amiga, antes de essa boa senhora ter sido enforcada pelo assassinato de sir Thomas Overbury. Tenha ou não lido os pensamentos do pastor, a sra. Hibbins parou, encarou-o com uma expressão sagaz, sorriu astutamente e — embora pouco dada ao contato com clérigos — iniciou uma conversa.

"Então, senhor reverendo, fizeste uma visita à floresta", observou a bruxa, inclinando o penteado alto em sua direção. "Da próxima vez, rogo que me envies um discreto aviso e ficarei honrada em acompanhar-te. Não será gabar-me em demasia dizer que minha boa influência será de grande ajuda a que um estranho seja acolhido por parte daquela entidade que já me é conhecida!"

"Afirmo, senhora", respondeu o clérigo com a reverência grave que demandava a posição daquela dama e que sua própria boa educação tornava imperativa, "com minha consciência e meu caráter, que fico totalmente perplexo ao perceber o intento de tuas palavras! Não fui à floresta à procura de entidade nenhuma; tampouco, em qualquer tempo futuro, planejo alguma visita àquele lugar com vistas a obter favores de tal personagem. Meu único e suficiente objetivo foi o de encontrar aquele meu devoto amigo, o apóstolo Eliot, e compartilhar

com ele a alegria pelas muitas almas preciosas que tem conseguido tirar do paganismo!"

"Há, há, há!", gargalhou com estrépito a feiticeira, ainda brandindo o penteado alto contra o pastor. "À luz do dia, nossa conversa não poderia ser diferente! Esquiva-te dela com grande habilidade! Mas, à meia-noite, na floresta, falaremos de modo diverso!"

Seguiu seu caminho com a imponência que a idade lhe concedia, mas várias vezes voltou o rosto para sorrir ao pastor, como alguém que desejasse o reconhecimento de uma secreta ligação íntima.

"Será mesmo que me entreguei", pensou o clérigo, "a esse demônio que, se é verdade o que dizem, é príncipe e senhor daquela engomada e aveludada megera?"

Pobre pastor! A barganha que fizera era a isso muito semelhante, sim! Tentado por um sonho de felicidade, permitira-se a opção deliberada, como jamais antes, por aquilo que sabia ser pecado mortal. E o veneno infeccioso desse pecado havia assim rapidamente se espalhado por seu sistema moral. Amortecera todos os seus bons impulsos, ao mesmo tempo que despertava vividamente a totalidade dos maus. Desdém, amargura, maldade e desejo doentio gratuitos, troça do que fosse bom e sagrado, tudo isso foi despertado a tentá-lo, ainda que lhe causasse temor. E o incidente do encontro com a velha sra. Hibbins, se é que realmente aconteceu, não fez mais do que demonstrar sua empatia e sua solidariedade com os piores mortais e o mundo dos espíritos perversos.

A essa altura tinha chegado a sua morada, nos limites do cemitério, e, galgando apressado os degraus, abrigou-se em seu gabinete. O pastor estava feliz por ter alcançado aquele refúgio sem antes ter se traído em público com todas aquelas estranhas e maldosas excentricidades às quais continuamente se vira entregue por impulso enquanto caminhava pelas ruas. Entrou no cômodo que lhe era tão familiar e olhou em torno, para os livros, as janelas, a lareira e as paredes aconchegantes, cobertas de tapeçarias, com a mesma percepção de estranhamento que o assombrara ao longo da caminhada desde a floresta até a cidade e, depois, de lá até sua casa. Ali tinha estudado e se dedicado a seus escritos; ali enfrentara jejuns e vigílias, mal sobrevivendo a essas experiências; ali se empenhara em

orações; ali suportara mil agonias! Ali estava a Bíblia, em que Moisés e os profetas a ele falavam no belo hebraico antigo, a voz de Deus a tudo perpassando! Sobre a mesa, ladeado pela caneta-tinteiro, estava um sermão ainda incompleto, interrompido em meio a uma frase, no ponto em que seus pensamentos cessaram de correr para a página, dois dias antes. Sabia ter sido ele mesmo, o magro e pálido pastor, a fazer e sofrer aquelas coisas, e as colocara no sermão da eleição! Mas parecia situar-se à parte, observando aquele seu eu pregresso com desdém e pena, e também com uma curiosidade meio invejosa. Aquele eu desaparecera! Outro era o homem que retornava da floresta; mais sábio; com um conhecimento dos mistérios ocultos que a simplicidade da versão anterior de si jamais pudera alcançar. Um tipo amargo de sapiência, aquele!

Enquanto se distraía com essas reflexões, ouviu batidas à porta do gabinete, ao que respondeu "Entra!", sem conseguir livrar-se completamente da ideia de que surgiria diante dele um espírito maligno. E assim foi! Roger Chillingworth adentrou os aposentos. O clérigo ali ficou, lívido e sem fala, com uma das mãos sobre as Escrituras hebraicas e a outra espalmada sobre o peito.

"Bem-vindo ao lar, senhor reverendo!", disse o médico. "E como anda aquele abençoado homem, o apóstolo Eliot? Mas penso, meu caro senhor, que estás pálido; como se a jornada por bárbaras paragens tivesse sido penosa demais. Não será necessária minha ajuda para reaver-te o ânimo e a energia exigidos pelo sermão da eleição?"

"Não, acho que não", reagiu o reverendo Dimmesdale. "Minha caminhada, mais o encontro com o apóstolo Eliot e o ar livre que pude respirar me fizeram bem, depois de um tão longo confinamento neste gabinete. Penso que não precisarei mais dos teus remédios, meu bom médico, por melhor efeito que me tragam e por mais que sejam administrados por mão amiga."

Durante todo esse tempo, Roger Chillingworth observava o pastor com o olhar grave e atento de um médico a seu paciente. Mas, apesar das aparências, o sr. Dimmesdale estava quase convencido de que o velho sabia, ou ao menos suspeitava, de seu encontro com Hester Prynne. O médico tinha consciência, àquela altura, de que, aos olhos do clérigo, não era mais um amigo confiável, e sim um feroz inimigo.

Estando os dois a par de tantas coisas, seria natural que parte delas acabasse por ser dita. É curioso, no entanto, como às vezes muito tempo pode se passar até que as palavras habitem as coisas; e com que segurança duas pessoas que decidem evitar certo assunto são capazes de chegar ao exato limiar de acesso a ele para, em seguida, afastar-se sem tê-lo tocado. Assim, o pastor não estava apreensivo pela possibilidade de que Roger Chillingworth viesse a abordar, em palavras, a real posição de um em relação ao outro. Mas o médico, à sua maneira sombria, temerariamente aferrou-se às imediações daquele segredo.

"Não seria melhor", disse ele, "que te valesses de meu parco talento esta noite? Honestamente, meu caro senhor, precisamos nos dedicar a que te sintas forte e cheio de vigor para esse evento da eleição. O povo espera muito de ti; fica apreensivo, pensando que, no ano que vem, pode não ter mais aqui o seu pastor."

"Sim, pensando que esteja de partida para outro mundo", respondeu o clérigo, piamente resignado. "E permitam os céus que seja um mundo melhor; pois, verdadeiramente, não creio ser capaz de continuar a arrastar meu rebanho pelas estações vindouras de um próximo ano! Mas, quanto aos teus remédios, meu bom senhor, dado o atual estado do meu corpo, não preciso mais deles."

"Fico feliz em ouvir isso", respondeu o médico. "Pode ser que minhas substâncias, por tão longo tempo administradas em vão, comecem agora a surtir o efeito esperado. Que homem feliz seria eu, e muito merecedor da gratidão da Nova Inglaterra, se pudesse obter essa cura!"

"Agradeço-te de coração, meu atencioso amigo", tornou o reverendo Dimmesdale, com um sorriso solene. "Agradeço-te, e não posso mais do que retribuir tuas boas ações com minhas preces."

"As preces de um bom homem são como recompensa em ouro!", redarguiu o velho Roger Chillingworth, já de saída. "Sim, são a moeda corrente na Nova Jerusalém, peças de ouro gravadas com a efígie do próprio rei!"

Novamente sozinho, o pastor convocou um dos criados da casa e pediu uma refeição que, assim que foi servida, devorou com apetite voraz. Em seguida, atirou ao fogo as páginas já redigidas do sermão

da eleição e imediatamente começou a reescrevê-lo, o que fez num tal fluxo impulsivo de pensamentos e emoções que imaginou que aquilo fosse inspiração; só lhe restou admirar-se de que o céu achasse conveniente ver executada por ele, como num precário órgão de igreja, a solene e grandiosa música de seus oráculos. Mas, deixando aquele mistério entregue à própria sorte ou ao destino de permanecer para sempre sem solução, prosseguiu determinado em sua tarefa, ágil, extasiado. E assim a noite pareceu voar, como se transformada num cavalo alado e ele, no cavaleiro; veio a manhã, espiando tímida por entre as cortinas; e, por fim, com o nascer do sol, um facho dourado adentrou o gabinete, pousando exatamente à vista dos olhos ofuscados do pastor. Ali estava ele, ainda com a caneta entre os dedos e, atrás de si, um vasto e incomensurável latifúndio da palavra escrita!

21
Feriado na Nova Inglaterra

Na manhã do dia em que o novo governador seria confirmado no cargo pelas mãos do povo, Hester Prynne e a pequena Pearl foram à praça pública. Já estava, àquela hora, lotada de artesãos e de plebeus da cidade; entre eles havia também muitas figuras rústicas, cujas vestes, feitas de pele de veado, indicavam serem habitantes de algum dos povoados da floresta, localizados nos arredores da pequena metrópole colonial.

Naquele feriado, como em outras ocasiões durante os últimos sete anos, Hester trajava um vestido de tecido cinzento e ordinário. Nem tanto pela cor, e sim por alguma indescritível peculiaridade de estilo, a roupa produzia o efeito particular de tornar indistintos seus traços e contornos; ao passo que, de novo, era a letra escarlate que a resgatava dessa vaga penumbra para, à luz de caráter moral do emblema, torná-la visível. Seu rosto, há tanto tempo familiar ao povo do vilarejo, estampava, como de hábito, uma placidez marmórea. Era como uma máscara; ou melhor, exibia a inerte e serena expressão de uma mulher morta; essa mórbida aparência devia-se ao fato de que Hester estava morta, no que dizia respeito a qualquer pretensão de solidariedade, e havia se retirado de um mundo ao qual, entretanto, ainda parecia mesclar-se.

Naquele dia talvez houvesse em seu rosto uma expressão jamais vista até ali, tampouco suficientemente vívida a ponto de ser notada; a menos que algum observador dotado de poderes sobrenaturais pudesse primeiro ler o que ia em seu coração para então, somente depois disso, procurar a fisionomia e o desenho facial correspondentes. Esse hipotético vidente poderia imaginar que, após ter suportado os olhares da multidão durante sete miseráveis anos por obrigação e penitência, algo que uma religião severa lhe obrigara a tolerar, ela agora, ainda uma última vez, ia ao encontro desse

sofrimento livre e voluntariamente, de modo a transformar aquilo que havia tanto tempo era agonia numa espécie de triunfo. “Lançai um derradeiro olhar sobre a letra escarlate e sua portadora!” — poderia ter anunciado a vítima do povo, desde muito submetida aos grilhões de uma escravidão, conforme era vista. “Em pouco tempo não podereis mais fazê-lo! Dentro de algumas horas, as profundezas misteriosas do oceano virão suprimir e ocultar para sempre este símbolo que pela vossa vontade queima sobre seu peito!” Tampouco seria assim tão improvável e inconsistente com a natureza humana se supuséssemos um sentimento de pesar no espírito de Hester, naquela hora em que estava prestes a se ver livre da dor que trazia arraigada dentro de si muito profundamente. Não haveria nela um irresistível desejo de entornar um último e longo gole, de tirar o fôlego, daquele copo de espinhos e amargura cujo sabor confundia-se com o da quase totalidade de sua vida adulta? O vinho da vida, que dali em diante seria levado aos seus lábios em uma taça dourada, de metal trabalhado, devia ser mesmo generoso, delicioso e reconfortante; ou, ainda, a causa de inevitável e enfastiado langor, licor da mais intensa potência, após ter sido intoxicada com montes de fel.

Pearl usava adornos que lhe emprestavam um ar leve e feliz. Teria sido impossível adivinhar que aquela iluminada e ensolarada aparição devia sua existência à conformação cinzenta das sombras; ou que a imaginação ao mesmo tempo tão delicada e grandiosa, como seria de esperar daquela que concebera o traje da criança, fosse a mesma capaz de tarefa talvez mais difícil: a de dotar o vestido ordinário da própria Hester de tão distinta peculiaridade. Era de tal forma adequado o traje de Pearl que parecia uma continuação ou inevitável desenvolvimento e manifestação exterior de seu caráter, inseparável dela como a asa brilhante e multicolor de uma borboleta, ou a pintura gloriosa da pétala de uma flor fulgurante. Como nesses dois casos, assim também era com a criança; suas roupas e sua natureza eram uma só ideia. Naquele dia especial, além disso, havia em seu estado de espírito certa inquietude e euforia muito semelhantes ao reluzir do diamante que brilha e relampeja ao ritmo da pulsação do peito sobre o qual é exibido. As crianças sempre acompanham a agitação daqueles a quem são ligadas, especialmente ao sentirem que há algum distúrbio ou

revolução iminente, de qualquer tipo, no espaço doméstico; portanto, Pearl, a pedra preciosa que sua mãe trazia ao peito, deixava transparecer, pela própria inquietação de humor, as emoções que ninguém mais conseguia detectar na passividade de mármore estampada no rosto de Hester.

Tal efervescência não deixava que Pearl parasse quieta, e, em vez de caminhar ao lado da mãe, agitava-se como um passarinho. Repetidamente emitia gritos de uma música selvagem e inarticulada, por vezes excruciante. Quando chegaram à praça, vendo o movimento e a confusão que a animavam, ficou ainda mais irrequieta; pois, em geral, o lugar tinha mais a cara do amplo e solitário gramado em frente ao salão comunal do que a de um centro comercial urbano.

"Nossa, mãe, o que é isso?", exclamou a menina. "Por que ninguém está trabalhando? É recreio para todo mundo hoje? Olha, ali está o ferreiro! Lavou a cara suja de carvão e está usando a roupa do sabá, parece até que ficaria alegre de bom grado se alguém lhe fizesse a gentileza de ensinar como! E lá vai o senhor Brackett, o velho carcereiro, que acena e sorri para mim. Por que está fazendo isso, mãe?"

"Ele se lembra de quando tu eras um bebê, minha criança", respondeu Hester.

"Não devia acenar nem sorrir para mim, mesmo assim — esse velho soturno e repulsivo, que sempre olha feio para a gente!", disse Pearl. "Ele pode acenar para ti, se quiser; pois tu estás vestida de cinza e trazes a letra escarlate. Mas olha, mãe, quantos rostos de pessoas estranhas, e índios, e marinheiros! O que vieram fazer todos aqui, na praça?"

"Estão esperando o desfile passar", disse Hester. "O governador e os magistrados virão, e também os religiosos e toda essa gente importante e boa, com música e soldados marchando para abrir caminho."

"E o pastor vai estar aqui também?", perguntou Pearl. "E vai estender as duas mãos para mim, como fez lá na beira do riacho, quando tu me levaste até ele?"

"Ele virá, sim, criança", confirmou a mãe. "Mas hoje não se dirigirá a ti, nem tu deves dirigir-te a ele."

“Que homem estranho e triste ele é!”, retomou Pearl, como se, em parte, falasse consigo mesma. “No meio da noite, chama para que nos juntemos a ele e segura a minha mão e a tua, como na madrugada em que subimos naquele cadafalso! E, na escuridão da floresta, onde só nos ouviam as velhas árvores e apenas uma faixa de céu podia nos ver, conversa contigo sentado sobre um tronco coberto de musgo! E me beija a testa, também, um beijo que nem o pequeno riacho foi capaz de lavar! Mas aqui, à luz do sol e em pleno dia, no meio de outras pessoas, não conhece a gente; e nem a gente deve mostrar que o conhece! Que homem estranho e triste ele é, com a mão sempre no coração!”

“Quieta, Pearl! Não entendes nada dessas coisas”, falou a mãe. “Não penses mais no pastor agora, olha ao teu redor e vê como estão alegres os rostos de todos no dia de hoje. As crianças deixaram as escolas para estar aqui, e os adultos, suas oficinas e lavouras, desejando ser felizes. Pois hoje um novo homem passará a governá-los; e assim — conforme tem sido costume entre os da espécie humana desde que se constituiu a primeira nação — festeja-se e rejubila-se; como se um ano bom e dourado estivesse por chegar, finalmente, a este velho e miserável mundo!”

E, no que concerne à incomum expressão de júbilo que iluminava os rostos das pessoas, era mesmo como descreveu Hester. Os puritanos reservavam àquele período de festividades — assim já era então, e continuou a ser na maior parte dos dois séculos seguintes — todo riso e manifestação pública de alegria permitidos à fraqueza humana num ano inteiro; dispersavam assim a costumeira névoa, para que, no correr de um único feriado, parecessem um pouco menos austeros do que outras comunidades em tempos de sofrimento generalizado.

Mas talvez estejamos exagerando nas tintas negras e cinzentas que, sem dúvida, caracterizavam a atmosfera e o modo de vida da época. Aquelas pessoas ali na praça de Boston não haviam nascido sob a égide do puritanismo sombrio. Eram ingleses nativos, cujos pais tinham vivido o rico e luminoso período elisabetano; um tempo em que a vida na Inglaterra, se examinada em perspectiva mais ampla e unitária, parece ter sido o período mais imponente, magnífico e jubiloso jamais testemunhado por este mundo. A pautar-se por seu

gosto hereditário, os colonos da Nova Inglaterra teriam animado todos os eventos públicos de alguma importância com fogueiras, banquetes, luxuosas cerimônias e procissões. Tampouco pareceria estranha, observando-se como funcionavam essas celebrações majestosas, a combinação entre diversões recreativas e solenidade, e a permissão, por assim dizer, a que o imponente figurino de Estado que recobre uma nação nesses festivais fosse enfeitado com bordados carnavalescos e espalhafatosos. Havia na maneira como se celebrava o dia inaugural no calendário político da colônia a vaga tentativa de algo parecido. O pálido reflexo de um esplendor apenas lembrado, a repetição diluída, descorada e dispersa do que haviam visto na velha e orgulhosa Londres — não durante uma coroação real, nem tanto, mas, digamos, na apresentação de um lorde — eram vestígios que podiam ser reconhecidos nos costumes instituídos por nossos antepassados para a posse anual da magistratura. Os pais e fundadores da comunidade — o homem de Estado, o religioso e o militar — consideravam, pois, sua obrigação incorporar na aparência a pompa e a imponência que, de acordo com o estilo da época, eram vistos como o uniforme adequado à proeminência pública e social. E saíam à rua, todos em procissão diante dos olhos do povo, de modo a conferir a necessária dignidade a uma estrutura modesta e apenas recém-constituída de governo.

E também o povo estava autorizado, quando não era encorajado, a relaxar a severa e atenta dedicação com que conduzia os vários setores de sua vigorosa atividade, a qual, em qualquer outro momento, parecia ter o mesmo corpo e material de que se constituía sua religião. Ali, é verdade, não havia nenhum dos recursos de divertimento popular que facilmente se encontrariam na Inglaterra da época de Elizabeth ou do rei James; nada de espetáculos mambembes de teatro, nenhum menestrel a entoar com sua harpa baladas legendárias, nada de trovadores provendo a música que os mímicos dançariam; nenhum malabarista, com seus truques e feitiçarias de pantomima; ninguém que se assemelhasse a um palhaço, capaz de entreter a multidão com piadas, talvez de cem anos atrás, mas ainda eficazes porque apelavam às mais abrangentes fontes de empatia pelo riso. Todos esses mestres de variados ramos da diversão teriam sido severamente reprimidos

não apenas pela rígida vigilância da lei, como também por aquele sentimento geral que lhe confere vitalidade. Apesar disso, sorria a larga e honesta face do povo, talvez soturnamente, mas à farta. Não faltavam, ainda, os esportes a que os colonizadores, havia muito tempo, costumavam assistir nas quermesses e nos campos dos vilarejos da Inglaterra, quando deles não participavam; e que se achou por bem manter vivos na nova terra, em prol da coragem e da virilidade que eram sua essência. Sessões de luta, nas duas diferentes modalidades, Cornwall e Devonshire,[1] podiam ser apreciadas aqui e ali na praça; num canto, acontecia outra luta, com bastões; e — o que atraía mais a atenção — na plataforma dos castigos, da qual já nos ocupamos em páginas anteriores, dois mestres iniciavam a demonstração de um embate de espada e escudo. Mas, para grande decepção da plateia, esta última atração foi interrompida pelo oficial de justiça da cidade, que não tinha a menor intenção de permitir que a majestade da lei fosse conspurcada por tal abuso de um de seus espaços sagrados.

Talvez não seja exagerado (com o povo ainda nos estágios iniciais de um comportamento que se tornaria cada vez mais sem alegria e tratando-se da descendência direta de antepassados que, em seu tempo, souberam se divertir) afirmar que, no geral, aqueles colonos, no que concerne à tradição dos feriados, ficavam em vantagem se comparados às gerações seguintes, inclusive a nossa, ainda que a dois séculos de distância. A geração subsequente à dos primeiros imigrantes revestiu-se da mais negra sombra de puritanismo e de tal forma encobriu o rosto da nação com essa nuvem escura que nem todos os anos que àquela primeira geração se seguiram, até hoje, foram suficientes para afastá-la. Ainda não reaprendemos a arte de ser alegres.

A paisagem humana na praça, mesmo se o tom geral era o do cinza, do marrom e do preto dos imigrantes ingleses, ainda assim ganhava vida com alguma variedade de cores. Um grupo de índios — com seu figurino rústico, túnicas de pele de veado curiosamente decoradas, cintos de contas em tons de amarelo e vermelho e penas, armado de arcos e flechas e lanças com pontas de pedra — destacava-se na multidão, seus rostos de uma gravidade inflexível, até mais severos do que seria a típica expressão puritana. Mas, mesmo que aquela gente

toda pintada fosse bárbara, não era o que havia de mais selvagem na cena. Tal distinção poderia com mais justiça ser reivindicada por alguns marinheiros — parte da tripulação do navio que estivera no Caribe —, que haviam desembarcado para aproveitar a atmosfera do dia da eleição. Eram marginais de aspecto rude, os rostos bronzeados de sol e enormes barbas; suas calças curtas e folgadas atavam-se à cintura por cintos cujos fechos, muitas vezes, exibiam uma placa irregular em ouro e serviam sempre de suporte a uma faca de lâmina comprida ou, em alguns casos, a uma espada. Debaixo de seus chapéus de palha de abas largas, brilhavam olhos que, mesmo naquele clima de bom humor e euforia, tinham uma espécie de ferocidade animal. Esses sujeitos transgrediam, sem medo ou escrúpulo, as normas de comportamento que refreavam todos os demais; fumavam seu tabaco bem debaixo do nariz do oficial de justiça, quando cada baforada teria custado a qualquer cidadão um xelim; entornavam à vontade o vinho e a aguardente das garrafas que traziam nos bolsos e ofereciam livremente ao povo amontoado em redor, de rostos embasbacados. Aquilo caracterizava de forma notável a moralidade capenga da época, rígida, conforme a vemos, mas licenciosa ao permitir a essa classe de indivíduos do mar não apenas suas estripulias em terra, como também os atos mais desatinados a bordo. O marinheiro daquele tempo aproximava-se do que, hoje, consideramos um pirata. Pouca dúvida pode haver, por exemplo, de que aquela mesma tripulação, embora não fosse constituída dos piores espécimes da irmandade náutica, cometera vandalismo — que é como deveríamos definir tais atos — contra o comércio espanhol, em tal grau que, num moderno tribunal judiciário, estariam colocando seus pescoços em risco.

Mas o mar, naquela época, arremetia, quebrava suas ondas e fazia sua espuma como bem queria, ou sujeito apenas ao vento tempestuoso, sem que em quase nada que lhe dissesse respeito houvesse alguma tentativa de regulação pelas leis do homem. O aventureiro do mar podia abandonar a profissão para se tornar, se assim quisesse, homem piedoso e de respeito em terra; tampouco, ao longo de toda uma imprudente trajetória de vida, seria considerado personagem com quem fosse indigno negociar ou, em alguns casos,

fazer sociedade. Assim, os velhos puritanos, em seus mantos pretos, faixas engomadas e chapéus de copa alta, sorriam com benevolência ante o alvoroço e o comportamento rude daqueles alegres viajantes dos mares; e não causou surpresa, tampouco escândalo, que um cidadão respeitável como o velho Roger Chillingworth, o médico, fosse visto chegando à praça em íntima e familiar conversa com o comandante do barco de reputação duvidosa.

Este último era, com folga, e para onde quer que se olhasse, a mais vistosa e galante figura na multidão, no que concernia ao figurino. Portava uma profusão de fitas em seu uniforme e um laço dourado no chapéu, o qual exibia ainda, em torno da copa, uma corrente também dourada, encimada por uma pena. Levava uma espada do lado, assim como uma cicatriz na testa, que, pelo penteado que fizera, parecia mais ansioso por exibir do que ocultar. A um cidadão comum dificilmente seriam permitidos aquele traje e aquela cara, e usá-lo e exibi-la com ar tão garboso sem que tivesse de passar por severo interrogatório de algum magistrado, o que provavelmente resultaria em multa, prisão ou talvez uma subida ao cadafalso. No caso do comandante, porém, considerava-se tudo aquilo próprio do personagem, como as escamas reluzentes de um peixe.

Depois de se despedir do médico, o capitão do barco de Bristol circulou sossegado pela praça; até que, por acaso, aproximou-se do lugar onde estava Hester Prynne, a quem pareceu reconhecer, e sem hesitar dirigiu-lhe a palavra. Conforme era praxe onde quer que Hester se encontrasse, em torno dela havia se formado um pequeno vazio — uma espécie de círculo mágico — no qual, embora as pessoas se acotovelassem a pouca distância da moça, ninguém se aventurava a pisar ou se sentia disposto a invadir. Era uma variação agressiva do tipo de solidão moral em que a letra escarlate envolvia sua infeliz portadora; uma parte desse isolamento devia-se à própria discrição de Hester, outra, ao instintivo, embora já menos cruel, retraimento que provocava em seus iguais. Ali, ao menos uma vez, essa condição lhe foi útil, ao permitir que Hester e o marinheiro conversassem sem o risco de que se entreouvisse o que diziam; e tamanha evolução tivera a reputação pública de Hester que, de todas as matronas da cidade, aquela com fama de ser a mais rígida em questões morais não seria

capaz de conduzir a mesma conversa com menos alarde do que o fez a condenada.

"Pois, senhora", disse o marinheiro, "precisarei ordenar ao pessoal de bordo que prepare um lugar a mais do que pediste! E não precisamos temer alguma febre ou o escorbuto durante nossa viagem! Com o médico do navio e mais esse outro doutor, o único risco que corremos é o do excesso de remédios; ainda mais porque levo um monte de produtos farmacêuticos, resultado de uma barganha com um barco espanhol."

"O que queres dizer?", perguntou Hester, mais espantada do que se permitiu demonstrar. "O senhor terá mais um passageiro?"

"Ora, a senhora não sabe", exclamou o capitão, "que aquele médico ali — Chillingworth, é como se apresenta — pretende experimentar minha cabine, assim como a senhora? Não, não, deves saber, sim; pois ele me contou que viajais em grupo, e que é amigo próximo do cavalheiro de quem me falaste — esse que sofre nas mãos dos irascíveis líderes puritanos!"

"Os dois se conhecem bem, é verdade", respondeu Hester, aparentando calma, embora profundamente consternada. "Há muito tempo vivem juntos."

E foi tudo o que conversaram, ela e o marinheiro. Mas, naquele mesmo instante, avistou o velho Roger Chillingworth em pessoa, parado no canto mais extremo da praça, sorrindo para ela; um sorriso que — atravessando a ampla e agitada praça, o tagarelar, o riso, os diversos pensamentos, humores e atenções da multidão — carregava um sentido secreto e pavoroso.

22
O desfile

Antes que Hester Prynne pudesse recompor os pensamentos e considerar o que era viável fazer naquele novo e surpreendente estado de coisas, o som da música marcial foi ouvido aproximando-se pela rua vizinha. Indicava que o desfile dos magistrados e cidadãos vinha chegando, a caminho do salão comunal; ali, de acordo com o costume há muito estabelecido, e desde então observado, o reverendo Dimmesdale deveria fazer o sermão da eleição.

Logo surgiu o início do desfile, em marcha lenta e solene, dobrando a esquina para atravessar a praça. A música chegou antes. Era tocada por uma série de instrumentos, talvez combinados de forma imperfeita e tocados sem muito talento, mas ainda assim cumprindo o objetivo de, pela harmonia de tambores e clarins, falar à multidão — conferindo ar mais elevado e heroico à cena que passava diante dos olhos de todos. De início, a pequena Pearl bateu palmas, mas em seguida abandonou, por um instante, a agitação incessante que a mantivera em contínua ebulição a manhã toda; observando em silêncio, pareceu levitar, feito um pássaro, nas longas ondulações e arremetidas do som. Mas voltou ao estado de ânimo anterior quando o sol reluziu nas armas e armaduras brilhantes da companhia militar, que marchava logo atrás da banda, funcionando como escolta de honra para o desfile. Nesse batalhão — o qual ainda se mantém como corporação e segue sua marcha desde eras passadas com reputação nobre e ancestral — não havia mercenários. Era formado por cavalheiros que, sentindo atração pela vida militar, procuraram estabelecer uma Escola Marcial, na qual, com organização semelhante à dos Cavaleiros Templários,[1] pudessem se dedicar a aprender a ciência e, na medida do possível, com exercícios pacíficos, a prática da guerra. O alto prestígio de que gozava, naquele tempo, a ocupação militar podia ser visto no porte arrogante de cada um dos membros da

companhia. Alguns deles, na verdade, pelos serviços prestados nos Países Baixos e outros campos de batalha da Europa, haviam conquistado merecidamente o direito de assumir o título e a pompa de soldados. O grupo todo, além disso, em trajes de aço polido, com penachos curvados sobre capacetes reluzentes, exibia um esplendor que nenhum desfile moderno poderia aspirar a ter igual.

E, no entanto, as autoridades civis que vinham logo atrás da escolta militar mereciam maior atenção por parte do observador cuidadoso. O próprio comportamento dessas figuras em público era de tão majestosa estampa que a empáfia arrogante do soldado, na comparação, parecia vulgar, senão absurda. Aquele era um tempo no qual o que hoje chamamos de talento recebia bem menos consideração do que agora, concedendo-se muito mais importância à solidez material que denotava estabilidade e dignidade. Por força hereditária, o povo possuía a virtude da reverência; qualidade que, se sobrevive nos seus atuais descendentes, é apenas em pequena proporção e amplamente enfraquecida com relação à escolha e à estima dos homens públicos. Tal mudança pode ter vindo para o bem ou para o mal, e talvez, em parte, surtindo ambos os efeitos. Naquela época, o colono inglês instalado nessa costa hostil — tendo deixado para trás rei, nobreza e toda aquela enormidade de graus de hierarquia, ao passo que a virtude e a necessidade da reverência ainda sobreviviam fortes nele — canalizava tal sentimento aos cabelos brancos e à venerável fronte da velhice; à integridade a toda prova; à sabedoria consistente e à experiência tingida pela tristeza; àqueles dotes graves e significativos que passam a ideia de permanência e aparecem sob a definição genérica de respeitabilidade. Esses primeiros homens de Estado, portanto — Bradstreet,[2] Endicott,[3] Dudley,[4] Bellingham e seus contemporâneos —, alçados a posições de poder como primeiras escolhas do povo, parecem não ter primado amiúde pelo brilhantismo, mas granjeado distinção mais por uma sobriedade ponderada que pelo exercício do intelecto. Possuíam coragem e autoconfiança, e, em tempos difíceis ou perigosos, erguiam-se pelo bem-estar da comunidade feito um paredão rochoso contra o maremoto. Os traços de caráter aqui descritos estavam bem representados na fisionomia angulosa e no físico avantajado dos novos magistrados da colônia. No

que concerne à atitude de natural autoridade, a pátria-mãe não passaria vergonha ao ver esses pioneiros da democracia real incorporados à Câmara dos Lordes ou ao Conselho Real na Inglaterra.

O próximo depois dos magistrados, na sequência do desfile, era o pastor, jovem e distinta eminência por cujos lábios o discurso religioso seria pronunciado naquela ocasião festiva. Dele era a ocupação, naquele tempo, em que se havia de mostrar muito mais habilidade intelectual do que na política; pois — deixando-se de lado alguma razão mais elevada — tal profissão oferecia atrativos fortes o bastante, a começar pelo respeito quase idólatra da comunidade, para que se colocassem as mais altas aspirações e ambições a seu serviço. Até mesmo o poder político — como ocorreu no caso de Increase Mather[5] — estava ao alcance de um pastor bem-sucedido.

Chamou a atenção daqueles que o observavam agora o fato de que jamais, desde que pela primeira vez colocara os pés na Nova Inglaterra, o sr. Dimmesdale exibira tanta disposição quanto era possível comprovar na postura e no jeito com que seguia os passos da procissão. Não havia fragilidade em seu andar, como outras vezes; não caminhava com o corpo encurvado; tampouco trazia, como um presságio, a mão sobre o peito. Porém, se alguém observasse corretamente, veria que a força do clérigo não estava no corpo. Talvez fosse espiritual e lhe tivesse sido conferida por obra de anjos. Talvez fosse a euforia causada por aquele licor poderoso, destilado tão somente na caldeira fulgurante da reflexão séria e continuada. Ou, talvez ainda, seu temperamento sensível tivesse sido revigorado pela música alta e incisiva que subia em ondas para o céu e o elevava em sua ascensão. E, no entanto, tão abstraído ele parecia, que se poderia perguntar se o sr. Dimmesdale chegava a estar ouvindo a música. Ali estava seu corpo, marchando com vigor pouco comum. Mas onde andaria sua mente? Longe, nas profundezas de um mundo próprio, ocupada com a tarefa sobrenatural de organizar uma procissão interna de pensamentos grandiosos que em breve seriam expressos; de modo que não via nada, não ouvia nada, não tomava conhecimento de nada ao seu redor; mas o elemento do espírito assumia o comando daquele frágil corpo e o conduzia adiante, inconsciente do fardo que

era e convertendo-o, igualmente, em espírito. Homens de intelecto privilegiado, quando tomados de morbidez, ocasionalmente investem-se dessa capacidade de imenso esforço, no qual empenham a vivacidade de muitos dias, para em seguida ficar como mortos por período semelhante.

Hester Prynne, mirando fixamente o clérigo, sentiu-se tomar por uma influência sombria, mas de onde vinha e por que razão, não soube; exceto pelo fato de que ele lhe pareceu muito distante dela mesma, completamente fora do seu alcance. Um olhar de reconhecimento, ela imaginou, teria de haver entre eles. Lembrou a penumbra da floresta e seu pequeno nicho solitário de amor e aflição, o tronco coberto de musgo no qual, sentados de mãos dadas, os dois tinham deixado que sua conversa se misturasse ao murmúrio melancólico do riacho. Como estavam ligados profundamente um ao outro naquela hora! Seria aquele o mesmo homem? Mal o reconhecia agora! Ele, que passava com ar orgulhoso, envolto, por assim dizer, pela bela música, participando do desfile daqueles majestosos e veneráveis senhores; ele, tão inacessível por sua posição social e ainda mais agora, entretido em pensamentos autossuficientes, conforme o via Hester! Seu espírito arrefeceu diante da ideia de que tudo não teria passado de ilusão e de que, ainda que tivesse sonhado vividamente com isso, não poderia haver uma ligação real entre o clérigo e ela. E, assim, Hester encarnou mais do que nunca a mulher que dificilmente o perdoaria — e menos ainda naquela hora, em que o destino dos dois, a passos pesados, aproximava-se mais e mais! — por ele ser capaz de retirar-se completamente de seu mundo compartilhado; nisso ela tateava às cegas e, estendendo as mãos frias, não mais o encontrava.

Pearl, por sua vez, ou via o abalo da mãe e reagia, ou sentia ela própria o distanciamento e a intangibilidade que isolavam o pastor. Enquanto o desfile prosseguia, a criança estava inquieta, saltitando daqui para ali, feito um pássaro a ponto de levantar voo. Quando o grupo todo havia passado, ela encarou Hester.

"Mãe", disse, "aquele era o mesmo pastor que me beijou lá no riacho?"

"Sossega, minha pequena e querida Pearl!", cochichou-lhe a mãe. "Não devemos andar falando na praça o que fizemos na floresta."

“Não consegui ter certeza de que era o pastor; parecia tão estranho”, retomou a menina. “Senão teria corrido até ele e pedido que me beijasse aqui, na frente de todo mundo, como fez no meio daquelas velhas árvores sombrias. O que o pastor teria dito, mãe? Será que teria apertado a mão sobre o coração, ralhado comigo e mandado que saísse daqui?”

“O que mais diria, Pearl”, respondeu Hester, “senão que não era hora para te beijar, e que não se deve distribuir beijos na praça? Felizmente, criança tola, não te dirigiste a ele!”

Outro vestígio do mesmo sentimento em relação ao sr. Dimmesdale foi expresso por uma pessoa cujas excentricidades — ou insanidade, conforme classificarmos seu comportamento — permitiam-lhe fazer algo a que poucos na cidade se arriscariam: engajar-se em uma conversa em público com a portadora da letra escarlate. Era a sra. Hibbins, que, ornada com grande magnificência, de gola tripla e cinta decorada, trajando um vestido de rico veludo e portando uma bengala de castão de ouro, saíra à rua para ver o desfile. Como a idosa senhora tinha a reputação (que mais tarde viria a lhe custar nada menos do que a própria vida) de protagonista nos cada vez mais frequentes episódios de magia negra, a multidão abriu caminho para ela e parecia temer ser tocada por seus trajes, como se carregassem, entre as magníficas dobras do tecido, alguma praga. Somado à presença de Hester Prynne — em que pese a simpatia que muitos agora nutriam em relação a esta —, o terror que inspirava a sra. Hibbins dobrava de tamanho, o que provocou uma movimentação geral para longe daquele pedaço da praça ocupado pelas duas mulheres.

“Pois que imaginação de um mortal poderia conceber tal coisa?”, sussurrou a velha senhora, em tom confidente, a Hester. “Aquele santo homem! Um santo na terra, conforme sustenta o povo, o que — devo dizer — ele aparenta realmente ser! Quem, nesta multidão, ao vê-lo desfilar, poderia imaginar que há tão pouco tempo o moço, saindo de seu gabinete — e a ruminar um trecho hebraico das Escrituras, garanto —, foi espairecer na floresta! Ah! Nós duas sabemos o que isso quer dizer, Hester Prynne! Mas, de fato e verdadeiramente, acho difícil de acreditar que se trate do mesmo homem. Muitos dos fiéis da igreja que vi hoje aqui, seguindo o compasso dessa música, já

dançaram, como eu, ao som de certo rabequista e talvez até com algum pajé ou feiticeiro lapão. Nada de mais para uma mulher conhecedora do mundo. Mas esse pastor! Serias capaz de afirmar com certeza, Hester, que aquele que desfilou era o mesmo homem com quem te encontraste na trilha da floresta?"

"Não sei do que falas, senhora", reagiu Hester Prynne, suspeitando da sanidade mental da sra. Hibbins; ainda assim, ficou alarmada e assustada pela confiança com que a ouviu afirmar a ligação íntima que haveria entre tantas pessoas (ela própria, Hester, sendo uma delas) e o Demônio. "Longe de mim falar levianamente de um pio e erudito oficiante da Palavra como o reverendo Dimmesdale!"

"Ah, mulher!", exclamou a velha, o dedo em riste. "Achas que, tendo visitado tantas vezes a floresta, eu não sou capaz de julgar quem lá esteve? Pois sou; ainda que nenhuma folha das guirlandas selvagens que usavam essas pessoas enquanto dançavam tenha lhes ficado nos cabelos! Conheço-te, Hester; e vejo em ti o emblema. Todos o vemos à luz do sol; e ele brilha como uma chama vermelha na escuridão. Traze-o de peito aberto; de modo que teu caso não se questiona. Mas esse pastor! Deixa que te conte um segredo! Quando o Homem das Trevas vê que um de seus discípulos, devoto e marcado, mostra-se relutante em admitir tal ligação com ele, como o sr. Dimmesdale, sabe como arranjar as coisas de modo a pôr à mostra, aos olhos do mundo, o sinal que esse discípulo carrega! O que mais tenta o pastor ocultar com aquela mão sobre o peito? Ah, Hester Prynne!"

"O que é que ele esconde, boa senhora Hibbins?", perguntou, afoita, a pequena Pearl. "A senhora já viu?"

"Não importa, querida!", respondeu a mulher, dirigindo-se à menina com profunda reverência. "Tu mesma o verás, uma hora ou outra. Dizem, criança, que pertences à linhagem do Príncipe do Ar! Será que, numa dessas belas noites, não me levarias em visita a teu pai? Então poderás saber a razão pela qual o pastor mantém a mão sobre o coração!"

Rindo tão histericamente que toda a praça podia ouvi-la, a velha e esquisita dama afastou-se.

A essa altura, a oração preliminar já havia sido rezada no salão comunal e eram ouvidos os primeiros ensaios do reverendo

Dimmesdale a iniciar seu sermão. Uma atração irresistível manteve Hester por ali. Como no interior da igreja não cabia mais ninguém, ela tomou posição bem ao lado da plataforma dos castigos. Estava suficientemente próxima para ouvir tudo o que fosse dito nas idas e vindas do murmúrio difuso, porém vívido, da voz peculiar do pastor.

Sua capacidade vocal era, em si, um rico dom; a ponto de até um ouvinte que não compreendesse a língua em que falava poder deixar-se levar simplesmente pelo tom e pela cadência. Como qualquer outra música, aquela também transpirava paixão e empatia, e trazia à tona emoções elevadas ou ternas na língua nativa do coração humano, fosse ele mais ou menos instruído. Embora abafado ao atravessar as paredes da igreja, o som que chegava aos ouvidos de Hester Prynne recebia da moça tamanha atenção, e ela tão intimamente compartilhava do que era dito, que compreendeu o sermão do início ao fim, embora alheia ao significado das palavras, que lhe eram indistinguíveis. Palavras que, se as pudesse escutar com clareza, talvez se revelassem um meio mais precário, embotando os sentidos do espírito. O que ela absorvia era a música de fundo, baixa, como a do vento que, amainando, descansa finalmente; em seguida, Hester voltava a se elevar com ela, à medida que ganhava força em progressivas gradações de suavidade e vigor, até que o volume parecia envolvê-la numa atmosfera de espanto e solene grandiosidade. E, no entanto, por mais que às vezes soasse majestosa, um caráter essencial de lamentação jamais abandonava aquela voz. Alta ou baixa, expressava uma angústia — era possível pensar nela como o sussurro ou o grito do sofrimento humano que tocam a sensibilidade de qualquer coração! Havia momentos em que tudo que se podia ouvir, ou antes que mal se podia ouvir, era esse profundo rasgo de tristeza a suspirar num silêncio desolado. Mas, mesmo quando a voz do pastor ganhava corpo e autoridade — quando encontrava máximo fôlego e vigor, preenchendo de tal forma o recinto da igreja que quase arrebentava suas paredes sólidas e espalhava-se ao ar livre —, se a plateia tivesse ouvidos dedicados e atentos, podia detectar o mesmo grito. O que era aquilo? O lamento de um coração humano carregado de sofrimento, talvez culpado, revelando seu segredo, não importa se de culpa ou de dor, ao coração maior da humanidade; em busca de

empatia e perdão, a cada passo, em cada tom e nunca em vão! Era essa música de fundo que, profunda e incessante, conferia ao clérigo tanta eloquência.

Durante esse tempo todo, Hester permaneceu parada feito uma estátua ao pé do cadafalso. Se não fosse a voz do pastor a mantê-la ali, haveria ainda o inevitável magnetismo do lugar onde enfrentara sua primeira hora de ignomínia. Tinha dentro de si a sensação — muito mal definida para se transformar em pensamento, mas pesando na mente — de que a totalidade de sua vida, antes e depois, incidia naquele local, como se fosse aquele o ponto que lhe dava unidade.

A pequena Pearl, enquanto isso, tinha se afastado da mãe e brincava à vontade pela praça. O povo carrancudo alegrava-se à sua passagem excêntrica e luminosa; era como um pássaro de plumagem radiante que ilumina toda uma árvore escura, saltitando aqui e acolá, mostrando-se e escondendo-se em meio à penumbra da folhagem cerrada. Seus movimentos eram sinuosos, mas muitas vezes também bruscos e erráticos. Indicavam a vivacidade incessante de seu espírito, naquele dia duplamente incansável em sua dança saltitante, porque vibrava com a inquietude da mãe. Onde quer que Pearl enxergasse algo capaz de excitar sua sempre ativa e errante curiosidade, lá ia ela, voando, e tomava posse, pode-se dizer, da pessoa ou da coisa em questão, na medida em que fossem objetos do seu desejo; mas sem se deixar controlar em troca, nem um pouquinho. Os puritanos assistiam a tudo e, ainda que lhe sorrissem, sentiam-se inclinados a declará-la filha do Demônio, tal era o charme indescritível de beleza e excentricidade que emanava de sua pequena figura e dava brilho a seus movimentos. Ela corria para encarar um índio selvagem; e ele, então, tomava consciência de uma natureza ainda mais selvagem que a sua. Dali, com uma ousadia espontânea, mas mantendo certa discrição característica, ela penetrava ligeira no meio de um grupo de marinheiros, aqueles bárbaros homens do mar de caras bronzeadas, cujos correspondentes, em terra, eram os índios; e eles olhavam para Pearl admirados e maravilhados, como se um floco de espuma das ondas tivesse assumido a forma daquela pequena jovem dotada da alma do fogo marítimo a queimar, noite adentro, em clarões debaixo da proa.

Um desses viajantes dos mares — o comandante do navio, na verdade, que antes havia conversado com Hester Prynne — ficou tão encantado com a aparência de Pearl que tentou agarrá-la com o intento de dar-lhe um beijo. Uma vez que ao marinheiro pareceu tão impossível chegar a tocá-la quanto seria apanhar no ar um beija-flor, ele tirou do chapéu a corrente dourada que dava a volta à aba e a arremessou para a menina. Pearl imediatamente a prendeu em torno do pescoço e da cintura, e com tanto talento e graça que, vendo-se o adorno ali, incorporado à sua figura, era difícil imaginá-la novamente sem ele.

"Tua mãe é aquela mulher da letra escarlate", disse o homem. "Será que poderias dar a ela um recado meu?"

"Se o recado for do meu agrado, sim", respondeu Pearl.

"Então diz a ela", retomou o marinheiro, "que voltei a conversar com o velho médico de rosto sombrio e ombro acorcovado, e que ele se ocupará de levar a bordo seu amigo, o cavalheiro conhecido de tua mãe. De modo que deves avisá-la para que somente se preocupe com ela mesma e contigo. Podes levar esse recado, bebê-fada?"

"A senhora Hibbins diz que meu pai é o Príncipe do Ar!", berrou Pearl, exibindo seu sorriso maroto. "Se me chamares desse nome feio, conto tudo a ele; e meu pai há de perseguir teu navio com uma tempestade!"

Cruzando a praça em zigue-zague, a menina voltou até onde estava a mãe e comunicou-lhe o que havia dito o marinheiro. O espírito calmo, forte e inabalável de Hester quase fraquejou, finalmente, ao vislumbrar a face escura e cruel daquele inevitável destino, o qual — no momento em que parecia abrir-se uma passagem que os levaria, o pastor e ela, para fora do labirinto de sua miséria — postava-se no meio do caminho com um sorriso implacável no rosto.

Com a mente atormentada pela terrível perplexidade em que a informação do comandante a lançara, Hester submetia-se ainda a outra provação. Havia ali presente muita gente do campo que, ainda que tanto tivesse ouvido falar da letra escarlate, tornada algo tremendo pela centena de falsos ou exagerados rumores a respeito, nunca a vira com seus próprios olhos. Essas pessoas, já cansadas das demais modalidades de diversão, amontoavam-se agora ao redor de

Hester Prynne, com modos intrusivos, rudes e grosseiros. Por mais inescrupulosos que se mostrassem, no entanto, sua intromissão não lhes permitia avançar além de alguns metros de distância da moça. Assim, ali mesmo ficavam, parados de pé por obra da força centrífuga de repugnância inspirada pelo místico emblema. Toda a turba dos marinheiros, da mesma forma, vendo a aglomeração de espectadores e informada do significado da letra escarlate, veio juntar-se ao círculo de curiosos, espiando com seus rostos bronzeados e mal-encarados. Até os índios se viram apanhados nessa espécie de sombra fria que é a curiosidade do homem branco e, infiltrando-se na multidão, pregaram seus olhos negros como de serpentes no busto de Hester; imaginavam, quem sabe, que a portadora daquele emblema ricamente decorado devia ser alguma personagem tida em alta conta pelo seu povo. Por fim, os habitantes da cidade (seu interesse por aquele tema tão surrado agora languidamente revivido, porque, vendo os demais, identificavam-se com o que eles estavam sentindo) dirigiram-se preguiçosos ao mesmo local, atormentando Hester talvez até mais do que o restante das pessoas, pois seu olhar para aquela conhecida desgraça era sereno, denotando familiaridade. Hester viu e reconheceu os mesmos rostos daquele grupo de matronas que a esperava à saída da prisão, sete anos antes; estavam todas exceto uma, a mais jovem e a única entre elas que se compadeceu naquela ocasião, e para quem Hester confeccionara uma mortalha não fazia muito tempo. Na última hora, quando ela estava já tão próxima de arrancá-la do peito, a letra flamejante se tornava o centro de mais atenções e burburinho, e assim fazia queimar mais dolorosamente seu peito do que em qualquer outro momento desde o primeiro dia em que a carregara ali.

Enquanto Hester permanecia parada dentro daquele círculo mágico da vergonha, onde a astuta crueldade de sua sentença parecia tê-la fixado para sempre, o admirável pastor encarava de seu púlpito sagrado uma audiência cujo espírito mais íntimo estava entregue a seu controle. O santo clérigo em sua igreja! A mulher da letra escarlate na praça pública! Que imaginação irreverente seria capaz de adivinhar que o mesmo estigma abrasador pairava sobre ambos?

23
A revelação da letra escarlate

A voz eloquente pela qual as almas daquela plateia viram-se elevadas, como que carregadas pelas ondas do mar, finalmente cessou. Houve um silêncio momentâneo, profundo como o que provocaria o pronunciamento de um oráculo. Seguiu-se um murmúrio e um princípio de agitação e tumulto; parecia que os ouvintes, libertados do poderoso feitiço que os transportara ao território da mente de um outro, voltavam a si ainda tomados de espanto e maravilha. Mais um momento e a multidão de espectadores dispersava-se porta afora da igreja. Terminado o sermão, precisavam de ar renovado, para que pudessem suportar a rude e mundana vida a que eram devolvidos, outro ar que não o da atmosfera que o pastor carregara de palavras flamejantes e da rica fragrância de seu pensamento.

Lá fora, o entusiasmo de todos explodiu em falatório. A rua e a praça do mercado eram, de um extremo a outro, um absoluto balbuciar de aclamações ao pastor. Seus ouvintes não descansaram até ter contado uns aos outros como o discurso os tocara mais do que poderiam dizer ou ouvir. Segundo o testemunho geral, nunca um homem havia se pronunciado por espírito tão sábio, tão elevado e tão sagrado como aquele que ali se manifestara naquele dia; tampouco alguma vez a inspiração falou por lábios mortais de forma mais evidente do que ali, por aqueles lábios. Foi possível observar tal influência, por assim dizer, baixando sobre o homem e possuindo-o, continuamente elevando-o além do sermão escrito que tinha à sua frente e abastecendo-o de ideias que devem ter lhe parecido, tanto quanto à plateia, maravilhosos achados. O tema da fala, ao que parece, teria sido a relação entre a Divindade e as comunidades humanas, em particular aquela da Nova Inglaterra, que eles ali, no ambiente selvagem, tentavam implantar. E, chegando à conclusão do discurso, o orador foi tomado por certo espírito de profecia, cujos

propósitos passaram a guiá-lo tão poderosamente quanto se impunham aos velhos profetas de Israel; com a ressalva de que, enquanto aqueles visionários judeus denunciavam o julgamento e a ruína de sua pátria, coube ao pastor predizer um destino sublime e glorioso para aquele mais novo rebanho do Senhor. Mas, em que pese tudo isso e ao longo de todo o discurso, havia ali algo como um ruído de melancolia, triste e profundo, que não poderia ser interpretado de outra forma senão como o lamento natural de alguém que se despede desta vida. Sim; o pastor a quem tanto amavam — e que tanto amava a todos, a ponto de não ser capaz de ascender aos céus sem um suspiro — tinha sobre si o peso de uma morte prematura e, em breve, os abandonaria às lágrimas! Tal ideia de uma estada transitória nesta terra deu ênfase final a um efeito que o pregador já lograra produzir; foi como se um anjo, de passagem pelo céu, tivesse agitado suas asas reluzentes por um instante — criando, ao mesmo tempo, sombra e esplendor — e feito chover verdades douradas sobre a multidão.

O reverendo Dimmesdale vivia portanto — e assim era para a maioria dos homens, nas várias esferas, embora raramente se dessem conta disso até que o momento pertencesse ao passado distante — uma fase mais brilhante e repleta de triunfos do que qualquer outra antes dela, ou que pudesse vir depois. Gozava, naquela hora, orgulhosamente, do mais alto grau de notoriedade a que os dons do intelecto, uma cultura rica, a eloquência convincente e uma reputação de imaculada santidade podiam conduzir um clérigo nos primeiros tempos da Nova Inglaterra, quando o caráter profissional constituía, em si mesmo, elevado pedestal. Essa era a posição ocupada pelo pastor, ao curvar a cabeça sobre a almofada do púlpito, encerrado o sermão da eleição. Enquanto isso, Hester Prynne permanecia ao pé da plataforma dos castigos, com a letra escarlate a queimar-lhe sobre o peito!

Novamente ouviam-se o clangor da música e a marcha ritmada da escolta militar, agora saindo da igreja. O desfile prosseguia até a prefeitura, onde um banquete oficial completaria as cerimônias do dia.

Uma vez mais, a fila dos veneráveis e majestosos fundadores da colônia foi vista atravessando uma passagem ampla em meio ao povo, que abria caminho reverentemente, de ambos os lados, ao governador

e aos magistrados, aos velhos e sábios, aos santos pastores e a todas aquelas figuras eminentes e renomadas que desfilavam. Quando já se encontravam em plena praça pública, sua presença foi saudada por um clamor. Embora sem dúvida alguém pudesse atribuir o vigor e o volume de tal manifestação à lealdade infantil que, à época, dedicava-se aos governantes, aquilo foi considerado um arroubo incontido do mesmo entusiasmo provocado pela alta tensão e eloquência que, pouco antes, atiçara a plateia e ainda reverberava em seus ouvidos. Cada pessoa sentia esse impulso em si mesma e, no mesmo fôlego, reconhecia-o na pessoa ao lado. Dentro da igreja, foi difícil contê-lo; a céu aberto, explodiu em direção ao zênite. Ali havia homens em número suficiente e um sentimento de exaltação e harmonia em quantidade bastante para produzir aquele som mais impressionante do que os acordes de órgão de uma ventania, um trovão ou ainda o brado do oceano; aquela poderosa onda de muitas vozes fundia-se numa só, imensa, pelo impulso universal que transformava, da mesma forma, num só vasto coração a soma de muitos. Jamais, no solo da Nova Inglaterra, um clamor como aquele subira aos céus! Jamais, no solo da Nova Inglaterra, um homem fora mais glorificado por seus irmãos do que aquele pregador!

E o que nele causou tal aclamação? Não haveria agora, pairando em torno de sua cabeça, os pontos luminosos de uma auréola? Será que, no estado etéreo em que se encontrava seu espírito, tomado da apoteose idólatra de seus admiradores, seus passos, à medida que prosseguia o desfile, de fato deixavam marcas na poeira da terra?

Enquanto os grupos de militares e autoridades civis iam avançando, todos os olhos convergiram para o local onde o pastor reencontrou a procissão e a ela se somou. O clamor diminuiu ao volume de murmúrio, um setor após outro da multidão, aos poucos, vislumbrando sua figura. Como parecia frágil e pálido em pleno triunfo! A energia — ou melhor, a inspiração que o mantivera enlevado até que tivesse comunicado a sagrada mensagem cuja força era autônoma, celeste — recolhera-se agora que ele havia tão diligentemente realizado seu ofício. A chama que pouco antes tinham visto queimar sobre sua face estava extinta, como aquela que desaparece inapelavelmente entre as últimas brasas. Quase não parecia

o rosto de um homem vivo, tal era sua aparência de morte; quase não se tratava mesmo de um homem vivo, que seguia seu caminho cambaleante e sereno, mas sem cair!

Um de seus colegas clérigos — o venerando John Wilson —, vendo o estado em que ficara o sr. Dimmesdale no refluxo daquela onda de seu intelecto e de sua sensibilidade, surgiu apressado para oferecer ajuda. O pastor, trêmulo mas decidido, repeliu a mão que procurava ampará-lo. Seguiu em frente, se é que seu movimento poderia ser assim descrito, mais parecendo o esforço vacilante de uma criança pequena que tivesse diante de si os braços abertos da mãe, estendidos a chamá-la. E agora, com esses últimos passos, ainda que quase imperceptíveis, chegara ao tão conhecido e surrado cadafalso onde, tanto tempo antes, transcorridos todos aqueles tristes anos, Hester Prynne sofrera ignominiosa exposição ao mundo. E ali estava ela, segurando a pequena Pearl pela mão! Ali estava, em seu peito, a letra escarlate! O pastor parou, embora ainda soasse a música grandiosa e alegre que conduzia adiante a marcha da procissão. A música o convocava a marchar — a prosseguir à festa! —, mas ele parou.

Naqueles últimos momentos, Bellingham vigiara o pastor com ansiedade. Agora abandonava seu posto no desfile para ampará-lo; pela aparência do sr. Dimmesdale, julgou que, sem ajuda, ele inevitavelmente iria ao chão. Mas alguma coisa na expressão do clérigo fez recuar o magistrado, embora não fosse um homem dado a obedecer facilmente às vagas intimações transmitidas de um espírito a outro. A multidão, nesse meio-tempo, observava tudo com espanto e admiração. Aquele desfalecimento terreno, aos olhos do povo, era apenas outra manifestação da força celestial do pastor; tampouco pareceria aos presentes um milagre impossível que ele, santo como era, ascendesse ali mesmo, diante de todos, brilhando e desaparecendo, até fundir-se finalmente à luz do céu!

Voltou-se ao cadafalso e estendeu os braços.

"Hester", falou, "vem cá! Vem, minha pequena Pearl!"

Olhava para as duas com uma expressão cadavérica; mas havia nela, ao mesmo tempo, algo de terno e estranhamente triunfal. A criança, agitando-se feito um passarinho conforme lhe era característico, voando até ele, agarrou-se a seus joelhos. Hester Prynne —

lentamente, como que impelida a um destino inevitável e lutando contra sua mais imperiosa vontade — também se aproximou, mas estacou antes de alcançar o pastor. Nesse instante, o velho Roger Chillingworth saiu abrindo caminho no meio do povo — ou talvez tenha surgido de repente de alguma profundeza, tão sombrio, perturbado e maligno era seu olhar —, tentando resgatar sua vítima daquilo que pretendia fazer! De algum jeito, o velho conseguiu antecipar-se e agarrou o pastor pelo braço.

"Espere, seu louco! Que pensas fazer?", sussurrou. "Afasta-te dessa mulher! Livra-te dessa criança! Tudo ficará bem! Não mancha tua reputação, nem arrisca-te à desonra! Ainda posso salvar-te! Serias capaz de lançar infâmia sobre teu sagrado voto?"

"Ah, tentação! Acho que chegaste tarde demais!", respondeu o clérigo, olhando o médico nos olhos, temeroso mas firme. "Teu poder sobre mim não é mais o mesmo! Com a ajuda de Deus, hei de escapar de ti agora!"

Novamente estendeu a mão na direção da mulher da letra escarlate.

"Hester Prynne", exclamou, com penetrante gravidade, "em nome Daquele que, tão terrível e misericordioso, concede-me a graça de agir nesta hora derradeira — e, pelo peso de meu próprio pecado e por minha miserável agonia, esquivei-me de fazê-lo durante sete anos —, vem até mim agora e me envolve com tua energia! Tua força, Hester; mas deixa que ela seja guiada pela mesma vontade que Deus me concede! Este vil e deplorável velho tenta impedir, com todo o seu vigor, que isso se realize! Com todo o vigor que é dele próprio e do Demônio! Vem, Hester, vem! Ajuda-me a subir ao cadafalso!"

Houve tumulto na multidão. Os cidadãos de alta posição e respeitabilidade que se encontravam mais próximos do clérigo ficaram tão surpresos e perplexos com o que viam — e incapazes de aceitar a explicação que mais prontamente se apresentava ou de imaginar alguma outra — que permaneceram inertes e em silêncio, meros espectadores do julgamento que parecia pronto para ser levado a cabo pela Providência. Observaram o pastor, apoiado no ombro de Hester e ajudado pelo braço da moça em torno dele, aproximar-se da plataforma e subir os degraus; o tempo todo segurava a mãozinha da tal criança, fruto do pecado. O velho Roger Chillingworth vinha logo

atrás, como alguém intimamente ligado àquele drama de culpa e sofrimento no qual todos ali eram atores, e era de pleno direito, portanto, que estivesse presente no final.

"Ainda que tivesses vasculhado toda a terra", disse ele, encarando sombriamente o clérigo, "não haveria lugar mais secreto, nenhum recanto elevado ou profundeza onde poderias esconder-te de mim melhor do que precisamente neste cadafalso!"

"Dou graças Àquele que até aqui me conduziu!", respondeu o pastor.

No entanto, ele tremia, e virou-se para Hester com uma expressão de dúvida e ansiedade nos olhos, a qual nem mesmo o frágil sorriso em seus lábios podia esconder.

"Melhor até", murmurou para ela, "do que sonhamos na floresta, não achas?"

"Que sei eu? Que sei eu?", Hester reagiu, de pronto. "Melhor? Claro; assim morremos os dois, e a pequena Pearl conosco!"

"Quanto a ti e a Pearl, seja como Deus quiser", falou o pastor. "Ele é misericordioso! Deixa que eu cumpra agora a Sua vontade, que tão claramente revelou-se para mim. Porque estou morrendo, Hester. De modo que devo apressar-me a assumir minha vergonha."

Em parte ainda auxiliado por Hester Prynne e segurando a mão da pequena Pearl, o reverendo Dimmesdale dirigiu-se às digníssimas e veneráveis autoridades; aos santos pastores, seus irmãos; ao povo, cujo grande coração estava profundamente abalado, embora transbordasse de solidariedade emocionada, como que sabendo que uma questão de vida ou morte — que, se repleta de pecado, o era também de angústia e arrependimento — revelava-se agora diante de todos. A luz do sol, que mal cruzara o meridiano a pino, descia diretamente sobre o clérigo, emprestando à sua figura certa distinção no momento em que, apartado do plano terreno, preparava-se para admitir culpa no tribunal da Justiça Eterna.

"Povo da Nova Inglaterra!", bramiu, sua voz pairando sobre os espectadores, alta, solene e majestosa, mas ainda, e sempre, perpassada por um tremor e, às vezes, por uma nota aguda que lutava para se libertar de um poço sem fundo de remorso e temor reverente. "Vós, que me amais, vós, para quem sou santo, olhai para mim, o

maior pecador deste mundo! Enfim! Enfim subo ao posto que, sete anos atrás, deveria ter ocupado; neste exato local e com esta mulher, cujo amparo, mais do que a precária energia com que me arrastei até aqui, nesta hora terrível, foi o que evitou que meu rosto beijasse o solo! Olhai a letra escarlate que Hester traz no peito! Não há um de vós que não tenha estremecido ao vê-la! Por onde quer que andasse — onde quer que, tão miseravelmente condenada a esse fardo, Hester pensasse poder encontrar repouso —, esse emblema a cobria de uma negra sombra de espanto e horrível repugnância, sempre a acompanhá-la. Mas havia entre vós outro diante de cuja marca de pecado e infâmia não tremestes!"

Pareceu, nesse ponto, que o pastor talvez não chegasse a revelar o resto de seu segredo. Mas ele lutou contra a fraqueza do corpo — e, sobretudo, a fragilidade do coração — que ameaçava tirar-lhe o controle de si próprio. Livrou-se do apoio para ficar de pé e, exaltado, pôs-se um passo à frente da mulher e da menina.

"Era ele quem trazia tal marca!", continuou, com uma espécie de virulência, tamanha sua determinação para tudo revelar. "O olho de Deus a via! Os anjos apontavam para ela sem trégua! O Diabo a conhecia bem, roçando nela o tempo todo com o toque flamejante de seu dedo! Mas esse homem escondia-se, espertamente, entre vós e circulava entre vós com a aparência de um espírito pesaroso, porque parecia puro num mundo cheio de pecado! E triste, porque tinha perdido sua ligação com o divino! Agora, na hora de sua morte, ele vem a público! Ordena que olheis novamente para a letra escarlate de Hester! Revela que, com todo o horror misterioso em torno dela, não é senão uma sombra do que a que ele carrega no próprio peito, e que mesmo isto, seu estigma escarlate, não passa de um símbolo daquilo que lhe arde no mais íntimo do coração! Alguém de vós questiona o julgamento de Deus sobre um pecador? Olhai! Testemunhai este horror!"

Com um movimento convulso, ele arrancou a faixa sacerdotal do peito. Era a revelação! Mas seria desrespeitoso descrevê-la. Por um instante, os olhos da multidão chocada fixaram-se naquele milagre pavoroso; o pastor permanecia de pé, um rubor triunfante cobrindo-lhe a face, como alguém que no momento da dor mais aguda vence a

crise. E então desabou sobre o cadafalso! Hester conseguiu erguê-lo em parte, sustentando-lhe a cabeça, agora recostada no peito dela. O velho Roger Chillingworth ajoelhou-se ao lado do pastor, no rosto uma expressão vazia e embotada, na qual não parecia mais haver vida.

"Eu te perdi!", repetiu ele, mais de uma vez. "Eu te perdi!"

"Que o meu Deus te perdoe!", disse o clérigo. "Tu pecaste também, profundamente!"

Desviou seus olhos mortiços do velho para fixá-los na mulher e na menina.

"Minha pequena Pearl", disse com voz débil — e havia em seu rosto um sorriso doce e suave, feito o de um espírito que encontra profundo repouso; ou melhor, agora que tinha removido seu fardo, parecia que estava prestes a iniciar uma brincadeira com a criança. "Minha pequena e querida Pearl, poderias dar-me um beijo? Não o fizeste lá na floresta! Mas será que posso receber um beijo teu agora?"

Pearl beijou-o nos lábios. O feitiço tinha sido quebrado. A grande cena de pesar em que a criança até ali tomara parte agora mobilizava nela todas as suas emoções; e as lágrimas que a menina deixou cair sobre a face de seu pai tornaram-se a promessa solene de que cresceria em meio à alegria e à dor humanas, não mais em guerra contra o mundo, e sim outra mulher a habitá-lo. Também para sua mãe ela deixaria de ser a mensageira da angústia.

"Hester", falou o clérigo, "adeus!"

"Não mais nos veremos?", perguntou ela, curvando-se para aproximar seu rosto do dele. "Não ficaremos juntos pela vida eterna? É certo que, com todo este horror, pagamos a fiança pela liberdade um do outro! Pareces distante, a caminho da eternidade, com esses olhos brilhantes e moribundos! Diz-me, pois, o que vês?"

"Silêncio, Hester, silêncio!", ele falou, solene e trêmulo. "A lei que transgredimos, o pecado tão espantosamente revelado aqui! Deixa que apenas essas duas coisas permaneçam em teu pensamento! Tenho medo! Temo, sim, que nos esqueçamos de nosso Deus e, ao violarmos a reverência de cada um em relação à alma do outro, torne-se vã a esperança de que nos reuniremos além da vida, num reencontro duradouro e puro. Deus sabe o que faz; e Ele é piedoso! Provou Sua

misericórdia, acima de tudo, nas minhas aflições. Ao proporcionar-me essa chama torturante que me queima o peito! Ao enviar esse velho sombrio e terrível para que mantivesse a tortura sempre a ferro e fogo! Ao trazer-me até aqui para morrer de forma tão ignominiosa diante do povo! Se me faltasse alguma dessas agonias, estaria perdido para sempre! Louvado seja Seu nome! Seja feita Sua vontade! Adeus!"

E, com esta última palavra, o pastor morreu. A multidão, silenciosa até ali, manifestou-se com voz estranha e grave de horror e espanto, na qual não se podia ainda distinguir qualquer palavra, apenas essa espécie de murmúrio que se seguiu, pesado, à despedida daquele espírito.

24
Conclusão

Depois de muitos dias, quando já se passara tempo suficiente para que as pessoas tivessem acomodado suas impressões a respeito da cena anterior, corria mais de um relato sobre o que se testemunhara no cadafalso.

A maior parte dos espectadores atestava ter visto, no peito do infeliz pastor, uma LETRA ESCARLATE à exata semelhança daquela usada por Hester Prynne, mas impressa na carne. Quanto à origem daquele sinal, houve várias explicações, todas necessariamente suposições. Alguns afirmavam que o reverendo Dimmesdale, no mesmo dia em que Hester Prynne usou pela primeira vez o ignominioso emblema, passou a se penitenciar — o que ele mais tarde, pelos mais variados e infrutíferos métodos, levaria adiante —, infligindo-se uma hedionda tortura. Outros sustentavam que a marca não fora produzida até muito tempo depois da vergonha pública de Hester, quando o velho Roger Chillingworth, sendo um poderoso bruxo, teria colocado tal estigma no peito do pastor por obra de magia e drogas venenosas. Outros ainda — aqueles mais afeitos a apreciar a peculiar sensibilidade do clérigo, a maravilhosa prevalência de seu espírito sobre o corpo — sussurravam a crença de que o horrível símbolo seria efeito da sempre presente mordida do remorso, triturando-lhe o coração de dentro para fora e, por fim, manifestando-se pela presença visível da letra, sinal do julgamento severo dos céus. O leitor poderá escolher entre essas teorias. Lançamos toda luz possível sobre o emblema, e, agora que ele cumpriu sua missão, gostaríamos de apagá-lo de nossa própria mente; nela, depois dessa longa meditação, a letra escarlate está gravada com indesejada distinção.

É curioso, no entanto, que algumas pessoas que presenciaram toda a cena e garantem não ter tirado os olhos do reverendo Dimmesdale neguem que houvesse qualquer marca gravada no peito do pastor

além da que exibiria um bebê recém-nascido. Tampouco, segundo esses relatos, suas derradeiras palavras teriam sido de confissão ou mesmo remotamente implicariam alguma ligação sua, por menor que fosse, com a culpa pela qual Hester Prynne desde tanto tempo era obrigada a usar a letra escarlate. Conforme essas testemunhas altamente respeitáveis, o clérigo, consciente de que estava morrendo — e consciente também de que a reverência da multidão já o colocava à altura dos santos e dos anjos —, tivera como intenção, ao expirar nos braços daquela condenada, expressar ao mundo a precariedade da justiça humana, mesmo a mais elevada. Após uma exaustiva trajetória de esforços pelo bem espiritual da humanidade, ele transformou a própria morte em parábola, de modo a ensinar a seus fiéis a lição poderosa e desoladora de que somos todos iguais e pecadores perante a Infinita Pureza. O que deveria instruí-los de que o mais santo entre nós apenas consegue ficar acima de seus pares a ponto de discernir com mais clareza a Misericórdia que nos mira do alto, e então repudiar mais completamente a ilusão da virtude humana que aspira à elevação. Sem contestar uma verdade tão importante que nos seja permitido, ao menos, considerar tal versão da história do sr. Dimmesdale um exemplo da teimosa fidelidade com que os amigos — e especialmente os amigos de um religioso — por vezes são capazes de defender um caráter; mesmo que haja provas claras como a luz do meio-dia sobre a letra escarlate a apontar esse amigo como uma criatura falsa, baixa e marcada pelo pecado.

A fonte fidedigna na qual mais amiúde nos baseamos — um antigo manuscrito, constituído a partir do testemunho verbal de alguns indivíduos, entre os quais gente que conheceu Hester Prynne, ao passo que outros tinham ouvido a história de testemunhas oculares — confirma plenamente a versão das páginas anteriores. Entre as diversas conclusões morais que se podem tirar da infeliz experiência do pobre pastor, basta-nos uma, expressa na seguinte frase: “Sê honesto! Sê honesto! Sê honesto! Mostra abertamente ao mundo se não o que tens de pior, ao menos algum traço pelo qual se possa deduzir o teu pior!”.

Nada foi mais notável do que a mudança ocorrida na aparência e no comportamento do velho conhecido por Roger Chillingworth logo depois da morte do sr. Dimmesdale. Todo o seu vigor e a sua energia

— a força vital de seu intelecto — pareceram tê-lo abandonado de uma só vez; tanto que, claramente, o médico encolheu e murchou, e quase sumiu da vista de todos, feito uma erva daninha que, arrancada, definha ao sol. O infeliz havia transformado a perseguição e o exercício sistemático da vingança em princípio de vida; e quando, consumado com o mais completo sucesso, tal princípio malévolo não encontrou mais aplicação — quando, em suma, deixou de haver uma obra demoníaca que pudesse realizar nesta terra —, a esse mortal de caráter inumano restou apenas ir ao encontro de seu Mestre e dos novos trabalhos a que seria designado e pelos quais receberia o justo pagamento. Mas, em relação a todos esses seres sombrios, nossos conhecidos desde há muito — como Roger Chillingworth e os seus —, de bom grado lhes reservaremos misericórdia. Constitui curioso tema de observação e pesquisa se amor e ódio não seriam no fundo a mesma coisa. Ambos, no limite, supõem intimidade e conhecimento afetivo em alto grau; ambos tornam o indivíduo, no que tange a alimentar suas afeições e sua vida espiritual, dependente do outro; ambos levam o amante, e não menos aquele que odeia, à desolação e ao desamparo, se privados do objeto de seu amor ou ódio. Em termos filosóficos, portanto, os dois sentimentos parecem ser essencialmente o mesmo, à diferença de que um deles aparece sob radiância celestial e o outro envolto em luz crepuscular e lúgubre. No mundo espiritual, o velho médico e o pastor — vítimas um do outro, como foram — talvez inesperadamente tenham encontrado sua bagagem terrena de ódio e aversão transmutada no ouro do amor.

À parte essa discussão, temos algo a comunicar ao leitor. Quando de sua morte (ocorrida ainda naquele mesmo ano) e por determinação expressa no testamento do qual o governador Bellingham e o reverendo Wilson foram os executores, o velho Roger Chillingworth destinava considerável extensão em propriedades, tanto na América quanto na Inglaterra, à pequena Pearl, filha de Hester Prynne.

De modo que Pearl — a menina-fada, a filha do Demônio, conforme algumas pessoas até aquela época persistiam em defini-la — tornou-se a mais rica herdeira de seu tempo no Novo Mundo. Como seria de esperar, tal circunstância operou substancial mudança na percepção pública sobre a menina; e, tivessem mãe e filha permanecido na Nova

Inglaterra, quando fosse tempo de a menina se casar talvez viesse a misturar seu sangue bárbaro ao da linhagem do mais devoto puritano entre os puritanos. Mas, não muito tempo depois da morte do médico, a portadora da letra escarlate desapareceu e, com ela, Pearl. Por muitos anos, embora de vez em quando algum relato vago atravessasse o oceano — feito uma tábua disforme e à deriva que, com as iniciais de algum nome gravadas na madeira, viesse dar à costa —, notícias inquestionavelmente autênticas sobre as duas nunca chegaram. A história da letra escarlate tinha virado lenda. Sua mística, no entanto, ainda era forte, o que dava ao cadafalso onde pereceu o pobre pastor, assim como ao chalé de Hester à beira-mar, ares medonhos. Perto deste último local, certa tarde, algumas crianças brincavam quando viram uma mulher alta, de vestido cinzento, aproximar-se da porta da cabana, que em todos aqueles anos nem uma só vez voltara a ser aberta. Porém, tendo-a destrancado, derrubado com um empurrão a madeira e o ferro decadentes ou ainda deslizado para dentro feito sombra, ignorando o obstáculo, a mulher em questão, em todo caso, conseguiu entrar.

Na soleira, parou — ameaçou dar meia-volta, pois talvez a ideia de invadir, sozinha e tão mudada, ela própria, a casa de uma vida pregressa tão intensa fosse mais assustadora e deprimente do que poderia suportar. Mas a hesitação durou apenas um momento, ainda que longo o bastante para que se vislumbrasse, em seu peito, uma letra escarlate.

E era Hester Prynne quem retornava, revivendo a vergonha havia muito deixada para trás. Mas onde estava a pequena Pearl? Se ainda vivesse, seria agora uma jovem mulher na flor da mocidade. Ninguém soube — ao menos com certeza total e completa — se a menina-fada não teria, prematuramente, ido à sepultura ainda donzela; ou se sua natureza selvagem e bela havia se suavizado e acalmado, tornando possível à criança tornar-se uma mulher feliz e tranquila. Mas enquanto viveu Hester surgiram pistas de que a mulher reclusa da letra escarlate tinha sido objeto de amor e interesse de algum habitante de outras terras. Chegavam cartas endereçadas a ela, seladas por um brasão, embora de origem desconhecida entre os especialistas na heráldica inglesa. No chalé, ficaram objetos de luxo e conforto, os

quais Hester nunca se deu ao trabalho de colocar em uso, mas que somente um rico poderia comprar e um apaixonado imaginaria enviar como presente. E também coisas pequenas, bibelôs, lindas lembranças presenteadas por alguém que não se permitia esquecer, tudo isso forjado por dedos delicados a mando de um coração amoroso. Certa vez, Hester foi vista bordando uma roupa de bebê de tal beleza em seus ornamentos dourados que teria causado alvoroço caso uma criança assim trajada surgisse diante daquela comunidade puritana sempre coberta de tons cinzentos e sombrios.

Enfim, os boatos naquele tempo davam conta — e o inspetor Pue, que um século depois do acontecido conduziu uma investigação a respeito, acreditava nisso, assim como um recente sucessor no mesmo posto — de que Pearl não só estava viva, mas casada e feliz; sabia da mãe e, com grande alegria, teria se encarregado de fazer companhia ao pé da lareira àquela mulher triste e solitária.

Mas a vida real de Hester Prynne era aqui, na Nova Inglaterra, e não nas paragens desconhecidas onde Pearl encontrara um lar. Aqui tinha cometido seu pecado; aqui vivera seu sofrimento; e era aqui ainda que haveria de cumprir sua penitência. Tinha voltado, portanto, e reassumido — por vontade própria, pois nem o mais severo magistrado daquela época férrea lhe teria imposto tal coisa — o emblema sobre o qual, nestas páginas, relatamos história tão melancólica. Nunca mais o sinal abandonou seu peito. Mas, naqueles anos de uma vida de trabalho duro, reflexão e devotamento a si mesma que ainda restavam a Hester, a letra escarlate deixou de ser um estigma que atraísse desprezo e amargura, tornando-se alvo de uma espécie de pesar e de olhares de espanto e até mesmo de reverência. E, como Hester Prynne não tivesse objetivos egoístas, tampouco vivesse para benefício e prazer próprios, as pessoas levavam até ela todas as suas dores e perplexidades, buscando aconselhamento com alguém que passara por uma provação muito poderosa. Mulheres, especialmente — sempre tentadas por paixões equivocadas e pecaminosas, mulheres feridas, abandonadas, traídas, perdidas, ou ainda suportando o medonho fardo de um coração sem amor, portanto incapaz de amar —, dirigiam-se ao chalé para perguntar por que eram tão infelizes e se havia algum remédio para isso! Hester as

consolava e aconselhava o melhor que podia. E asseverava-lhes, ainda, sua crença firme de que, numa época mais luminosa, quando o mundo estivesse amadurecido para tal, quando os céus assim quisessem, uma nova verdade seria revelada, de modo a estabelecer toda a relação entre homem e mulher num patamar mais afeito à felicidade mútua. Quando mais jovem, Hester tinha imaginado em vão que poderia ser ela a profetisa escolhida, mas havia muito admitira a impossibilidade de que alguma missão reveladora da verdade divina e misteriosa fosse confiada a uma mulher marcada pelo pecado, arqueada pelo peso da vergonha ou mesmo sobrecarregada pelo sofrimento de uma vida inteira. O anjo e apóstolo da revelação vindoura deverá, de fato, ser uma mulher, mas elevada, pura e bela; além disso, tornada sábia não por alguma sombria aflição, mas pela alegria etérea; mostrando, ainda, quanto o amor sagrado nos faz felizes, ao passar pelo teste mais real que é viver uma vida bem-sucedida para tal fim!

Isso era o que dizia Hester Prynne, e então baixava os olhos melancólicos para a letra escarlate. E depois de muitos e muitos anos uma nova sepultura foi aberta, próxima àquela outra, mais antiga e funda, no mesmo cemitério ao lado do qual mais tarde seria construída a King's Chapel. Ficava ao lado daquela sepultura antiga e funda, mas com um espaço entre as duas, como se o pó de um e outro que ali dormiam não pudesse se misturar. Mas uma só lápide servia a ambos. À volta, por todo lado, viam-se brasões entalhados nos monumentos; já naquela simples tábua de ardósia — conforme um curioso ainda poderá ali encontrar e contemplar — está gravada a imagem de um escudo. Nele, há o adorno de um dizer heráldico que talvez nos sirva de mote e breve descrição para a lenda que aqui encerramos; e é tão lúgubre que o alívio, para quem olha, resume-se a um único ponto sempre reluzente, iluminado nas sombras:

NUM CAMPO NEGRO, A LETRA A, ESCARLATE.

Posfácio

NINA BAYM

I

Na noite de 3 de fevereiro de 1850, Nathaniel Hawthorne leu para sua esposa o final de *A letra escarlate: Uma ficção*, que tinha acabado de terminar de escrever: "Ela ficou de coração partido e foi para a cama com uma dor de cabeça atroz", escreveu o autor, em júbilo, a um amigo no dia seguinte, "o que recebi como um êxito triunfante! A julgar pelo efeito que causou", ele continuava, "posso calcular o que é isso que os jogadores de boliche chamam de strike!". Depois de 25 anos de labuta literária paciente e infrutífera, Hawthorne parecia prestes a conquistar fama e fortuna. Estava com quase 46 anos de idade e — conforme revelam os atípicos pontos de exclamação na carta ao amigo — em excitação febril com essa perspectiva.

Suas expectativas, no fim, mostraram-se tanto acertadas quanto equivocadas. Aclamado desde o início como um clássico, *A letra escarlate* continua a ocupar seu lugar entre as obras-primas da literatura americana. Mas não chegou a mais do que 7800 exemplares vendidos enquanto Hawthorne viveu, rendendo ao autor apenas cerca de 1500 dólares. Embora tal soma representasse à época muito mais do que hoje, certamente não o tornou rico. Sua esperança de que o livro fosse um strike acabou frustrada e ele, na verdade, jamais atingiu o objetivo de ser um autor de grande sucesso popular.

Hoje em dia, possivelmente todo autor americano de ficção almeja produzir um romance que seja ao mesmo tempo um best-seller avassalador e alta literatura. No início do século XIX, quando Hawthorne era menino, a profissão de escritor começava a dar retorno tanto financeiro como em termos de reputação. Antes dessa época, um aspirante a autor precisava obter uma lista de assinantes para poder publicar, com as vendas ficando limitadas ao número de exemplares encomendados. Não seriam impressas mais cópias além dessas. Esse sistema de patrocínio era a única chance de um autor ter

seu sustento garantido numa época em que a maioria das pessoas não sabia ler e apenas algumas poucas tinham dinheiro para comprar livros, tempo livre para usufruir deles ou acesso a fontes de distribuição. Com a tecnologia, porém, veio a mudança. Ficou mais barato imprimir, encadernar e transportar livros. As redes de transporte desenvolviam-se, permitindo a distribuição a lugares relativamente distantes do local de publicação. Cada vez mais a classe média em expansão voltava-se para os livros em busca de conhecimento, lazer e, talvez acima de tudo, um alargamento de sua experiência. Agora não mais restritos ao grupo de elite dos patrocinadores, os escritores podiam sonhar em atingir grandes contingentes de pessoas em todo o espectro da sociedade. Seus livros, vendidos a preços baixos, mas em enormes quantidades, possibilitavam aos autores reputação e fortuna como nunca antes na história da literatura.

Inspirado pelo exemplo de pioneiros do sucesso popular como sir Walter Scott, Hawthorne, um amante dos livros, já na infância estava determinado a tornar-se escritor. Ao contrário dos muitos que abandonam essa ambição à medida que os desafios da carreira se tornam mais claros, manteve-se fiel a seus objetivos. Depois de se formar no Bowdoin College, em 1825, recusou os empregos normalmente oferecidos naquele tempo a quem tinha faculdade e voltou para a casa da família em Salém, Massachusetts. Lá viveu durante doze anos, dedicando-se a escrever.

Foi morar com os parentes da mãe, Elizabeth Manning. Seu pai, Nathaniel como ele, havia sido um comandante que, ausente a maior parte do tempo em viagens de navio, morreu em 1808, quando o autor tinha apenas quatro anos. Mais do que ter perdido o pai na primeira infância, Hawthorne, psicologicamente falando, nunca chegou a ter um — o tempo que seu pai permaneceu em casa depois do nascimento dele mal somava sete meses. Logo depois da morte do marido, Elizabeth se mudou da casa dos Hathorne (era essa a grafia do nome na época) e voltou para junto dos Manning, com quem se sentia mais confortável. A mãe viúva e as irmãs solteiras do marido não aprovavam Elizabeth, que era filha de um ferreiro. Embora vivessem elas próprias em franca pobreza, imaginavam-se pertencentes

à aristocracia. Não importava que o pai de Elizabeth tivesse evoluído dessa condição para um negócio próprio e prosperasse; as mulheres da família Hawthorne preferiam ter seu nome associado aos de donos de navios e importadores cujas famílias tinham tornado Salém um importante porto no século XVIII. Assim, após ter retornado para junto dos parentes, Elizabeth teve pouco contato com os Hathorne, ainda que as duas famílias vivessem separadas uma da outra apenas pela cerca dos fundos.

Os Manning eram uma família grande cujos membros se mantiveram próximos. Todos exceto Elizabeth casaram tarde ou ficaram solteiros; de modo que, quando ela levou os três filhos para morar na casa dos parentes, eles passaram a ser catorze pessoas vivendo sob o mesmo teto. Mas Nathaniel e suas duas irmãs eram as únicas crianças. Os Manning não mantinham relações com muita gente em Salém, e portanto o menino tinha poucos amigos. Sua tendência à solidão e à fantasia se acentuou quando machucou o pé, aos nove anos, aproximadamente, e por mais de um ano teve dificuldade para andar. Os livros se tornaram seus amigos mais íntimos.

Os Manning tinham comprado terras no Maine e decidiram que Hawthorne estudaria no Bowdoin College, localizado na vizinha Brunswick. Ele foi o primeiro tanto dos Manning quanto dos Hathorne a ir para a universidade e, sem dúvida, seus tios e tias ficaram decepcionados ao vê-lo desperdiçar essa formação. Mas também eram pessoas muito tolerantes e não o pressionaram para que mudasse de ideia quando retornou a Salém, em 1825. Durante doze anos, o autor viveu recluso em casa, lendo e escrevendo. Lia as revistas da época para saber qual era o gosto popular e lia abundantemente sobre a história da Nova Inglaterra (principalmente sobre a época dos puritanos e da Revolução) em busca de temas para suas histórias. Foi por essas leituras que descobriu mais a respeito da família Hathorne, da participação de seus ancestrais na fundação de Salém e nos julgamentos das bruxas nos anos 1690. Nessa época, mudou a grafia do último sobrenome, talvez como um gesto de afastamento daquela gente cruel que havia enforcado bruxas e que não queria nada nem com sua mãe nem com ele.

A produção desses doze anos resultou extensa, mas Hawthorne chegou a destruir talvez até dois terços dela. Publicou um romance curto, *Fanshawe*, de forma anônima em 1827, e somente após sua morte a autoria do livro foi revelada. Nem a mulher sabia que ele o escrevera. As histórias e textos que sobreviveram revelam um estilo maduro, domínio da estrutura das sentenças e de vocabulário, nuances, cenários, humor e linha narrativa. Também revelam uma imaginação que ruminava temas íntimos e um pouco perturbadores — solidão, segredos, voyeurismo, obsessão pelo mal — e tendia a se concentrar inexoravelmente num único e sombrio efeito. Os contemporâneos de Hawthorne queriam que suas ficções soassem otimistas e patrióticas; amavam melodramas emocionantes, mas não tinham apego nenhum à melancolia. E preferiam a variedade à unidade numa obra literária. Assim, apesar de seu desejo de sucesso popular, desde o início Hawthorne demonstrou um temperamento literário em conflito com o gosto da audiência. Suas obras dos anos passados em Salém, quase sempre publicadas anonimamente, não atraíram público. A autossuficiência financeira lhe parecia tão remota em 1837, quando reuniu algumas das histórias já publicadas num volume intitulado *Twice-told tales*, quanto uma década ou mais antes. E ele estava com 33 anos.

Twice-told tales rendeu bem pouco dinheiro a Hawthorne, mas atraiu a atenção da crítica. Conterrânea de Salém, Elizabeth Peabody, uma jovem cheia de vigor e extraordinariamente generosa, envolvida em todo tipo de boa ação que pudesse prosperar à época e perpetuamente decepcionada e otimista, reparou no livro. Com a energia que lhe era típica, procurou Hawthorne, levou-o a festas e reuniões, ajudou-o a fazer contatos e — por acaso — apresentou-o à irmã, a muito mais convencional Sophia, com quem o autor se casou em 1842. Inspirado pelo amor e por um desejo de participar do mundo, Hawthorne entrou num período de experiências com diferentes empregos, estilos de vida diversos e algumas mudanças de residência. Viveu por um curto período em Brook Farm, a comuna agrícola utopista. Depois do casamento, residiu em Concord, Massachusetts, onde conviveu com alguns escritores transcendentalistas como Ralph Waldo Emerson, Henry David

Thoreau e Margaret Fuller. Hawthorne buscava fantasia nos livros, os transcendentalistas, ideias; Hawthorne recusava, de certa forma, o realismo, os transcendentalistas, a seu modo, ainda mais. Mas eles formavam um grupo de pessoas gregário, animado, articulado e sério, cuja ousadia intelectual fez muito bem a Hawthorne.

Nos anos que se seguiram imediatamente a seu casamento, passados em Concord, Hawthorne escreveu alguns textos e histórias, todos publicados. Mas em 1846, já chefe de uma nova família, ainda não contava com rendimentos regulares. Relutante, voltou a Salém a fim de ocupar um posto para o qual fora nomeado. O trabalho na alfândega da cidade envolveria, supostamente, tão poucas responsabilidades que ele teria tempo para dedicar-se à escrita. Porém, o que aconteceu de fato foi que a atmosfera opressiva da rotina diária matou sua imaginação. Salém havia muito perdera o posto de maior cidade portuária para Boston; recém-saído de sua convivência com os transcendentalistas, Hawthorne enfrentava uma crise econômica e intelectual. Mas ao menos tinha um emprego estável — ou pensou que tinha, pois lhe haviam assegurado que o posto que ocupava estaria a salvo das turbulências de praxe. Imagine-se, pois, a consternação de Hawthorne quando, após a derrota dos democratas na eleição de 1848, ele foi informado de que perderia sua posição. Tentou, durante meses, mantê-la, sem resultado. E, assim que seu sucessor foi oficialmente nomeado, no verão de 1849, sua mãe (que morava com ele e a família) morreu subitamente.

Embora nem ele nem a mãe fossem particularmente dados a demonstrar sentimentos, o laço entre eles era muito forte. As cartas que escreveu para ela quando menino sugerem que via intrusos demais, em todos aqueles tios e tias da família Manning, a intrometer-se no núcleo familiar formado pela mãe e por suas crianças. Sua fantasia adolescente era que os quatro membros da família próxima fossem viver longe do resto do mundo, no Maine. Por um breve período, a sra. Hawthorne de fato viveu lá; mas, por uma coincidência cruel, Hawthorne precisou ficar em Salém porque se preparava para entrar na faculdade. “Espero, querida mãe”, escreveu a ela aos dezessete anos, “que não te sintas tentada a atender a algum pedido para que voltes a morar em Salém. [...] Se te mudares novamente para

Salém, não terei mais uma mãe a me esperar para as férias da faculdade. [...] Se ficares onde estás, pensa que momentos deliciosos passarás com os filhos todos junto de ti, apartados do mundo e sem nada a nos perturbar. Será um segundo Jardim do Éden." Mais para o final da vida, a fantasia matriarcal permaneceria sendo o sonho mais precioso de Hawthorne, o ideal pelo qual ele media as sombrias comunidades que inventava e que considerava insuficientes.

Perder num só golpe a fonte de renda e a mãe amada, quando só tivera ela e nunca o pai, foi devastador. De acordo com Sophia, o autor ficou seriamente doente por algum tempo após a morte da mãe. Mas recuperou-se para escrever *A letra escarlate* — quem sabe recuperou-se *escrevendo* esta ficção que está intrincadamente ligada à sua experiência de vida, sem exibir muitos traços de uma autobiografia convencional. Lembrando-se da noite em que leu o romance para Sophia, ele mais tarde escreveria em seu diário, em 1855: "minha voz encorpou-se e elevou-se, como se eu subisse e descesse com as ondas de um oceano que recua após a tempestade. Mas estava muito nervoso naquela época, tendo passado por emoções tão variadas e severas nos meses anteriores. Acho que nunca superei minha própria inflexibilidade em nenhuma outra instância da vida". Embora a instância a que se refere seja a da leitura, Hawthorne devia ter em mente também a escrita de seu livro. Suas ambições literárias sempre haviam sido enormes, mas o método com que tentara realizá-las ao longo dos anos fora o da precaução e da insegurança em relação a si mesmo. Uma vez na vida ele tinha superado sua "inflexibilidade" e escrito com liberdade, paixão e intensidade que nunca antes havia se permitido e jamais conseguiria repetir depois disso.

Claro, sentimentos profundos não são suficientes para produzir um grande ou até mesmo apenas um bom livro. Não basta ser sincero. Todos aqueles anos de paciente labuta encontraram plena realização em *A letra escarlate*. A técnica que ele aperfeiçoara ao longo de duas décadas entrou em ação. O livro carrega a assinatura de seu estilo e de sua arte em cada página. Ainda assim, tem algo mais do que o restante de sua obra — uma personagem principal com ressonância e alcance magníficos. É Hester Prynne, a primeira e, pode-se argumentar, a

maior heroína da literatura americana. Na luta dessa personagem contra a comunidade que tenta condená-la e ignorá-la, o livro traz um conflito e um tema amplamente significativos.

II

O capítulo de abertura de *A letra escarlate*, "A porta da prisão", captura-nos no limiar da narrativa e cria suspense. Também provoca identificação com a pessoa desconhecida que está prestes a emergir por aquela porta e antecipa os conflitos que estão a caminho. Esses triunfos resultam de um acúmulo de detalhes emocionalmente carregados, a começar pela primeira frase. Hawthorne não perde tempo: "Uma turba de homens barbados, paramentados em cores soturnas e chapéus cinzentos de copa alta, e algumas mulheres, umas de touca, outras com as cabeças descobertas, encontravam-se reunidos diante da construção de madeira cuja porta, pesadamente reforçada em carvalho, era ainda guarnecida por pinos de ferro".

Pergunte a um grupo de leitores o que lhes vem à mente com a expressão "cores soturnas" e o resultado será uma variedade de respostas — cinza, marrom, preto. Hawthorne dá ao leitor, individualmente, liberdade para imaginar aquela cor em particular que para ele é soturna. Mas não os deixa livres para criar uma cena alegre. Em outras palavras, está mais preocupado em controlar respostas emocionais do que imagens visuais. A melancolia da cena impregna até as roupas, concentrando-se, ao final da sentença, na ameaçadora porta da prisão, com sua pesada e hostil composição em madeira e ferro. No parágrafo seguinte, a porta remete à turba reunida do lado de fora, a ponto de se tornar sua representação, simbolizando sua retidão moral e seu espírito. Aquele é um povo construtor de prisões e cemitérios. E que, por contraste na aparência, é comparado a uma imaginária "utopia sobre a virtude e a felicidade humanas".

O capítulo segue alinhando imagens de um ou de outro lado dessa oposição; num extremo a prisão castigada pelas intempéries com sua "fachada carrancuda e melancólica", dando a impressão de "nunca ter havido juventude por ali", uma "feia construção" rodeada de vegetação de "má aparência" que, por fim, é chamada de "flor maldita

da sociedade civilizada"; na outra ponta, a "roseira selvagem" de "delicados botões" que oferecem "fragrância e frágil beleza". Não temos escolha senão associar a prisioneira à roseira, ainda mais quando ficamos sabendo que, segundo consta, aquela planta teria florescido sob os passos da "santa Ann Hutchinson", a quem os puritanos perseguiram porque pregava sua própria crença em vez daquela oficialmente recomendada pela elite clerical. Associar os puritanos, pela imagem de sua cadeia, a feiura, melancolia e velhice, e sugerir que a prisioneira é delicada, frágil, de algum modo identificada com juventude e beleza é manipular nossas simpatias a seu favor.

Os leitores são ainda mais desarmados — aqueles inclinados a ver criminosos com reprovação — quando o narrador nos oferece uma das flores da roseira, porque, se a aceitamos, devemos adentrar a narrativa portando o mesmo emblema da prisioneira, declaradamente tomando seu partido. E, finalmente, descreve a trajetória da personagem como "uma história de dor e fragilidade humanas", e não de crime e culpa, impondo assim uma interpretação não puritana ou até antipuritana aos eventos que começa a relatar. Sob o peso da arte de Hawthorne, os puritanos acusadores passam a ser os criminosos, e aquela a quem condenam, sua vítima.

A bela e digna mulher que surge no segundo capítulo mais do que compensa as promessas do autor. "Houvesse em meio à turba de puritanos um papista", observa Hawthorne, "talvez enxergasse naquela bela mulher, tão graciosa em aparência e postura, e com uma criança junto ao peito, uma imagem que lembraria a Madona." Mas não há católico algum em meio à multidão — Hawthorne é quem o inventa para nos lembrar, uma vez mais, de que os puritanos podem ser vistos segundo um enfoque diferente da maneira como eles próprios se veem. Note-se que Hawthorne não está tentando apresentar os puritanos nem pela visão que têm de si mesmos nem pelo viés de alguma "historiografia" objetiva sobre eles. Detalhes como Cornhill, o lote de Isaac Johnson, o velho cemitério de King's Chapel mostram que Hawthorne fez sua pesquisa e nos dão confiança de que não cometerá nenhum erro factual, mas não se trata de reconstrução histórica. As minúcias realmente importantes no capítulo — pinos de ferro, ervas daninhas, a roseira, a flor maldita da sociedade civilizada,

a Madona — não foram importadas da história. Descrever uma prisão como horrível flor e uma flor como linda joia é passar ao reino da sugestão e do simbolismo, muito diferente da arena do realismo histórico.

Em suma, apesar da habitual precisão nos detalhes e da demonstração cabal de seu conhecimento sobre os puritanos do passado, eles não são o tema de Hawthorne. São usados com outros propósitos, não aqueles que aceitariam como seus. O autor se apropriou deles e os recriou de acordo com as necessidades de sua narrativa em vez de submeter-se às exigências da erudição historiográfica. Em outras palavras, não deveríamos ler Hawthorne para aprender sobre os puritanos, tampouco julgá-lo pela precisão ou abrangência da minúcia histórica. Não deveríamos nem mesmo lê-lo para descobrir o que pensava *sobre* os puritanos, pois os que aparecem na obra não são imitações de pessoas reais que viveram um dia. São muito claramente puritanos imaginários. Hawthorne não foi nem um historiador nem um escritor realista.

Eis como ele descreveu suas próprias intenções no prefácio de *A casa das sete torres*:

> Quando um autor classifica sua obra como ficção, [...] pretende reivindicar certa latitude, tanto em termos de forma como de matéria-prima, que não se sentiria autorizado a assumir se tivesse declarado tratar-se de um romance. Esta última forma de composição, presume-se, busca fidelidade muito minuciosa não apenas ao possível, mas ao provável e ao ordinário no curso da experiência humana. A outra forma — embora, como obra de arte, deva submeter-se estritamente a leis e incorra em um pecado imperdoável ao desviar-se da verdade do coração humano — tem o justo direito de apresentar a mesma verdade sob as circunstâncias, em grande medida, que o autor escolher e criar. Se achar adequado, ele também pode manipular o meio e a atmosfera de modo a apagar ou abrandar as luzes, aprofundando e enriquecendo as sombras do quadro.

A cuidadosa distinção que Hawthorne fez entre seu tipo de escrita, a ficção, e outro tipo, o romance, é uma diferença que não mais se observa atualmente, quando qualquer ficção longa é chamada de

romance. Mas as palavras do autor nos conduzem à percepção de que ele escrevia sobre o que se passa no íntimo das pessoas, a "verdade do coração humano", e não sobre aquilo que as cerca e acontece exteriormente a elas. Hoje em dia, classificaríamos esse tipo de escrita como psicológica, mas tal rótulo criaria confusão no caso de Hawthorne, pois sua obra não contém muitos dos traços típicos da ficção psicológica: sequências temporais quebradas, fluxo de consciência e monólogo interior, longos flashbacks, sonhos e coisas do gênero. Na verdade, Hawthorne estava escrevendo ficção psicológica antes mesmo que o campo da psicologia e técnicas ficcionais que refletissem esse novo saber tivessem sido desenvolvidos. Precisou inventar seu próprio sistema de representação da verdade psicológica como a via.

Ele inventou um sistema que correspondia a seus propósitos, lançando mão de estratégias usadas pelo coração para representar suas verdades. Todos tomamos eventos reais, pessoas reais, e os usamos — distorcendo à larga sua realidade inerente e ignorando sua autonomia no processo — para encenar nossas vidas psíquicas. Por exemplo, pegamos mães e pais que são humanos e de cuja vida interior somos basicamente ignorantes e os transformamos em monstros e redentores. Isso é injusto; e, no entanto, tais figuras imaginárias preenchem os papéis que essas pessoas interpretam dentro de nós. Embora falsas na comparação com a realidade, nossas fantasias são verdadeiras para nós. Foi assim que Hawthorne usou os puritanos. Suas histórias não imitam a realidade; imitam a fantasia. Seus personagens são apartados do mundo real e exterior e recriados à imagem de algum mundo de fantasia.

Mas o mundo de fantasia de uma pessoa é imensamente real para ela e, em muitos sentidos, intrincadamente ligado ao mundo exterior. Um indivíduo é capaz de distinguir, sempre, entre o que ele ou ela imaginam ser algo e o que aquilo realmente é? Se acredito que posso pular um muro de cinco metros de altura, a realidade rapidamente se encarregará de corrigir essa minha crença. Mas, se acho que uma pessoa não gosta de mim, como confirmá-lo? E pior, se ajo conforme minha convicção, não estarei por minhas ações levando aquela pessoa a realmente não gostar de mim? Nesse sentido, a fantasia e a

imaginação são em tudo tão reais como suas consequências, tanto quanto os tijolos e as pedras do muro de cinco metros de altura. Todas as teorias psicológicas contemporâneas reconhecem o poder do mundo interior e têm linguagem própria e elaborada para explicar e caracterizar esse mundo. É exatamente o que Hawthorne, há mais de um século, tomou como base para sua ficção.

Podemos perceber claramente esse mote e seus efeitos em duas famosas histórias de Hawthorne sobre os puritanos, *Young Goodman Brown* (escrita em 1835) e *The minister's black veil* (de 1836). Brown, apesar dos apelos da mulher e contra o próprio bom senso, sai para ir à floresta certa noite. Lá testemunha um ritual de iniciação de bruxas e, em certa medida, participa dele. Talvez tenha imaginado ou sonhado isso. Se presenciou uma reunião real, aquelas pessoas eram perversas; se imaginou a coisa toda, *ele* é perverso — mas a história não esclarece esse ponto, pois há algo muito mais importante: se o evento teve lugar na floresta ou na imaginação de Brown, isso não faz diferença para o personagem. Muda sua vida como se tivesse realmente acontecido e, portanto, no que tange às consequências do acontecimento, de fato ocorreu. "Será que o senhor Brown havia adormecido na floresta e apenas sonhado o sonho turbulento de uma reunião de bruxas? Que seja, se assim quiser. Mas ai de mim! Aquilo veio como mau agouro para o jovem senhor Brown. Desde a noite daquele temível sonho ele se tornou um homem austero, triste, sombriamente meditativo, desconfiado, senão desesperado." Pensar é tornar real.

Quando o reverendo Hooper, em *The minister's black veil*, cobre o rosto com um véu negro, pretende declarar um pecado secreto. Essa declaração pode ser verdadeira ou falsa. A história não revela. Mas o ato de colocar o véu muda totalmente a vida de Hooper, exatamente como a de Brown foi mudada por aquela noite na floresta. O véu deixa inquietos os paroquianos, que reagem a ele como se fosse uma peça neutra de tecido preto, mas que instiga sentimentos desconfortáveis. Torna-se, para eles, aquilo que imaginam. Sua opinião sobre o pastor muda (e, de fato, ele está diferente do que era antes, com aquele véu a cobrir seu rosto); o comportamento dos paroquianos muda, também suas vidas e ainda a vida do pastor, como

membro da comunidade. Ao mesmo tempo, o véu afeta, literalmente, a própria visão de mundo de Hooper, pois, olhando através dele, é inevitável que veja o mundo mais sombrio do que realmente é. Um véu negro, lentes cor-de-rosa — o mundo sempre terá as cores de nosso temperamento, de nossa imaginação, de nossas expectativas, de nossas memórias. Nesse sentido, jamais somos capazes de ver o mundo como é de fato, como pura realidade. Há sempre uma significativa porção nossa em cada percepção.

Como convém a uma visão de mundo na qual a linha que separa a imaginação da realidade é impossível de ser traçada, a atmosfera, o cenário e a ação nas obras de Hawthorne são sempre uma mescla única do familiar com o estranho, do lógico com o onírico, do ordinário com o maravilhoso, ou — nas palavras do autor — do real com o imaginário. Ele prefere cenários distantes de seu próprio tempo e espaço (os puritanos, vale lembrar, viveram dois séculos antes de sua época), nos quais possa começar com esparsos contornos históricos e então preencher o quadro com suas próprias imagens e metáforas do mundo interior. Mas a Boston puritana não foi escolhida arbitrariamente como cenário, porque essa influência continuava a mexer com a imaginação do século XIX — ou assim acreditava Hawthorne.

A letra escarlate é uma obra muito mais complexa do que qualquer outra que tivesse escrito antes. A Boston puritana acredita que o adultério é um pecado aos olhos de Deus e, consequentemente, transformou-o em crime. Essa crença estaria correta? *A letra escarlate* não fala em nome de Deus. A questão importante na história não é saber se o adultério é realmente um pecado, mas a maneira como a crença de que é conduz os puritanos a certas ações que, por sua vez, afetam pessoas que mantêm opiniões diferentes sobre o adultério. Embora Hester sofra enormemente pela vergonha de sua desonra pública e pelo isolamento que seu castigo impõe, jamais consegue aceitar, no íntimo de seu coração, a interpretação puritana para o seu ato. Para ela, é inseparável do amor, de seu amor por Dimmesdale, de seu amor por Pearl. Como não acredita que fez algo de mau, mantém o amor-próprio e sobrevive à sua pena com dignidade, graça e o caráter cada vez mais fortalecido. Dimmesdale, porém, crê que aquele

foi um ato perverso, e o curso de sua vida segue na direção de um ódio crescente por si mesmo, da angústia mental e do desespero. Em certo sentido, Hester e Dimmesdale cometeram atos diferentes porque cada um dos dois o vê de forma diferente. E como seria diferente a percepção de Hester, Dimmesdale e da comunidade se aquela fosse uma sociedade permissiva!

Embora *A letra escarlate* possa ser colocada na mesma família das histórias anteriores sobre os puritanos, a protagonista e os valores a ela associados fazem grande diferença. Se não houvesse Hester na história ou se o protagonista fosse Dimmesdale, o livro estaria muito mais próximo de *Young Goodman Brown* e *The minister's black veil*. Dimmesdale é um personagem cuja preocupação é, aparentemente, fazer o bem, mas que tem dificuldades para criar vínculos com outras pessoas por ser profundamente autocentrado. Abandona Hester à tarefa de ganhar o próprio sustento e o de Pearl, apesar de as possibilidades de autossuficiência para uma mulher na Boston puritana serem extremamente limitadas. Quando pensa na mãe e na criança, Dimmesdale parece temer sobretudo que alguma semelhança física entre ele e Pearl revele seu pecado ao mundo. Na famosa cena da floresta (capítulos 17-9), as falas de Dimmesdale são todas a respeito de seus próprios sofrimentos e desventuras; ele espera que Hester seja completamente solidária em relação aos problemas dele, mas não considera os dela. Dimmesdale, quase como faria o estereótipo de uma mulher, manipula Hester até que ela sugira que ele fuja e, em seguida, que o acompanharia voluntariamente: a ênfase recai sempre no que é melhor para ele.

Mas, no dia da eleição, quando deveriam partir (capítulos 22-3), o pastor está tão absorto pelo sermão que planeja fazer que mal repara em Hester. Por fim, ele a chama ao cadafalso com Pearl não para declarar (finalmente) seu amor eterno, mas para exibir um emblema simbolizando o *seu* pecado, como lição para o povo e em busca de salvação para a própria alma. Rejeita os apelos sentidos dela ("Não mais nos veremos? [...] Não ficaremos juntos pela vida eterna? É certo que, com todo este horror, pagamos a fiança pela liberdade um do outro!") com uma grave reprimenda. Depois de algumas frases que a incluem, ele volta a falar de seu único interesse: ele próprio. Deus, ele

anuncia à multidão reunida, "provou Sua misericórdia, acima de tudo, nas minhas aflições. Ao proporcionar-me essa chama torturante que me queima o peito! Ao enviar esse velho sombrio e terrível para que mantivesse a tortura sempre a ferro e fogo! Ao trazer-me até aqui para morrer de forma tão ignominiosa diante do povo! Se me faltasse alguma dessas agonias, estaria perdido para sempre! Louvado seja Seu nome! Seja feita Sua vontade! Adeus!".

Na época de Hawthorne, esse Deus puritano que castiga já deixara de ser uma imagem poderosa nos Estados Unidos, e os críticos tendiam a pensar que o autor escrevera aquilo para reabilitá-la na consciência das pessoas. Mas *A letra escarlate* não dá sinais de que concorda com a caracterização que Dimmesdale faz do Divino, deixando em aberto se a morte do pastor constitui, de fato, uma triunfante ignomínia ou se é apenas o moribundo que imagina — ou quer — que assim seja. A alienação de Dimmesdale não se deve a um vínculo inadequado com a sociedade; ao contrário, ele é um homem por demais ligado a ela, produto de uma sociedade autoritária e legalista, conforme aquela Boston puritana é retratada.

Na descrição de Hawthorne, trata-se de "um religioso autêntico, que tinha amplamente desenvolvidos dentro de si o sentimento da reverência e uma disposição mental poderosa que o conduziam pelos caminhos de sua crença, cada vez mais arraigada com o passar do tempo. Em nenhum tipo de sociedade seria considerado o que se chama de um liberal; para que estivesse em paz, era essencial ter sobre si a constante pressão da fé, seu esteio, mas ao mesmo tempo a jaula de ferro que o confinava" (capítulo 9). Tipicamente, Hawthorne não afirma que o credo particular de Dimmesdale é verdadeiro, apenas que o pastor, do ponto de vista psicológico, é um homem que tem necessidade de algum credo e de pertencer a uma comunidade. A ironia é que esse credo o leva a acreditar que cometeu um pecado mortal do qual somente poderá ser absolvido confessando-o abertamente, o que, por sua vez, é impossível para alguém que precisa manter uma posição e receber aprovação social.

Nesse dilema, é levado a se autoflagelar secretamente, a meias-confissões que enganam a todos menos a ele próprio, à hipocrisia e à aversão de si mesmo. "Dissera a seus ouvintes ser alguém da mais

completa vileza, a mais vil das companhias vis [...] O pastor bem sabia — embora tomado de remorso porque havia sido um tanto hipócrita — de que modo seria recebida aquela vaga confissão. [...] Dizendo a justa verdade, ele a transformou na mais honesta falsidade. E no entanto, pela constituição de sua natureza, amava a verdade e odiava a mentira como poucos homens até hoje. Portanto, acima de tudo, odiou o ser miserável que era!" (capítulo 11). Como Dimmesdale é uma vítima do rigoroso credo puritano e da severidade com que é aplicado, o leitor talvez sinta pena dele. Mas seu egoísmo e sua falta ao omitir-se de responsabilidade por Pearl e Hester impedem que seja um personagem muito simpático.

Hester é um tipo totalmente diferente. Conforme já vimos, é apresentada como uma figura imbuída de dignidade, coragem, imaginação, paixão e amor. Todas as imagens e metáforas concorrem para nos forçar a ficar a seu lado e nos importar com ela, na batalha contra a comunidade puritana. Mas que lado é esse? Isto é, o que quer Hester e o que nós queremos para ela? A resposta fácil para essa pergunta talvez seja que queremos vê-la reconciliar-se com Dimmesdale. Mas as limitações do clérigo são grandes demais para que esse seja um desenlace verdadeiramente satisfatório. Talvez queiramos que ela se livre dos puritanos — mas ela sempre teve essa escolha e, se optasse por isso, muitas questões ficariam sem solução. O que deveríamos querer, mais do que tudo, é que se vingasse dos puritanos, ou melhor, que triunfasse sobre eles.

O que significaria para Hester triunfar? Não poderíamos esperar que destruísse os puritanos. Eles tampouco são de todo maus. É verdade que constroem prisões e abrem cemitérios. Mas mesmo as civilizações mais benévolas encarceram pessoas; e todo mundo morre algum dia. De modo que precisamos ultrapassar a textura superficial de imagens que atraem ou repelem para descobrir mais precisamente o que está em jogo no conflito entre Hester e os que a julgam. São três, aparentemente, as áreas de conflito: vida privada versus vida pública, o espírito versus a letra e o ideal matriarcal versus o ideal patriarcal. Examinemos brevemente cada um dos três.

A própria existência da sociedade puritana exige a supressão (ou, reciprocamente, a exposição como meio de cooptar) do ser privado.

Às vezes, os puritanos parecem não ter noção da existência de uma vida interior. Homens de livros e de escuros gabinetes de leitura ignoram todas as questões envolvendo "a culpa, a paixão e a aflição humanas" (capítulo 3). Outras vezes, mostram-se aparentemente, e obsessivamente, conscientes de um eu secreto e convencidos de que é totalmente perverso, e de que a única maneira de saneá-lo é que deixe de ser secreto. "Louvada seja a virtuosa colônia de Massachusetts, onde a justiça se faz à luz do sol! Vem, madame Hester, e exibe tua letra escarlate na praça pública!" (capítulo 2). Os puritanos insistem numa sociedade absolutamente pública porque acreditam necessitar de toda a energia de cada indivíduo na tarefa de estabelecer uma colônia duradoura. Segundo essa noção, a sociedade e a própria civilização seriam incompatíveis com a privacidade.

Tal crença tem alguma razão de ser, dada a precária situação dos puritanos no Novo Mundo. Trata-se de gente devotada às demandas da construção de uma nação. "Esses primeiros homens de Estado, portanto — Bradstreet, Endicott, Dudley, Bellingham e seus contemporâneos —, alçados a posições de poder como primeiras escolhas do povo [...] Possuíam coragem e autoconfiança, e, em tempos difíceis ou perigosos, erguiam-se pelo bem-estar da comunidade feito um paredão rochoso contra o maremoto." A referência pode ser literal, às ondas do Atlântico quebrando na costa da Nova Inglaterra, ou metafórica, às ondas da psique humana, com suas carências, paixões e sonhos. Pode-se resistir a essas ondas ou controlá-las. Assim, o objetivo dos líderes puritanos é manter cada um dos aspectos da vida humana sob controle; tal objetivo é incompatível com a permissão de que os indivíduos tenham vida privada ou existência íntima.

Enquanto esses homens defendem o bem-estar do Estado e exigem a submissão do indivíduo a um controle total, Hester insiste no bem-estar da pessoa, privado, e na liberdade do mundo interior. Ela acredita, mais do que isso, que certos atos considerados pecaminosos pelos puritanos são, na verdade, bons atos. Acredita que o eu privado e secreto é bom. Sua identidade está na vida interior. Externamente, exibe a letra que a rotula como uma mulher má. Internamente, vive de suas reflexões, de sua solidão, das horas calmas junto a Pearl, de seu

trabalho com as agulhas de costura, e acha todas essas coisas boas. Curiosamente, os governantes da colônia vestem belas golas e colarinhos bordados por ela com o mais profundo de sua voluptuosa, íntima, brilhante imaginação, com o mais profundo da mesma imaginação cuja existência eles negam e temem.

O contraste entre o que os bordados significam para Hester e a distorção desse significado quando os puritanos adaptam aquela arte para uso público nos leva a considerar a oposição entre o espírito e a letra. Uma letra, muito literalmente, é o foco e o centro de *A letra escarlate*. E, para a cabeça literal dos puritanos, aquela letra tem um significado imutável — que *eles* atribuíram. Mas Hester luta contra esse significado literal, assim como contra a presunção puritana de que podem sair dizendo o que as coisas significam. Ela empresta à letra muitos significados, vários deles positivos. Sob a influência do comportamento de Hester, a letra deixa de ser uma figura geométrica fixa e se torna uma forma inconstante e flexível.

Pode-se mesmo dizer que o conflito mais profundo em *A letra escarlate* se dá entre Hester e os líderes puritanos a respeito do que significa a letra e de quem define esse significado — porque, claramente, significados são uma questão de poder político. Aqueles que têm poder atribuem significados. Porém, por mais poderosos que fossem, os puritanos acabam perdendo a batalha. Mal haviam obrigado Hester a portar a letra, definindo-a como símbolo de algo, e esse entendimento começa a mudar bem diante dos seus olhos. Num sistema em que governa a letra, é o espírito que adquire força subversiva. No final da história, prevalece a subversão, pois ninguém mais se lembra do significado original da letra escarlate. "Abençoada", "anjo", "admirável" — a lista segue, mas nela, de forma notável, está faltando "adúltera".

Leitores solidários a Hester talvez esperassem um desenlace em que a letra seria simplesmente esquecida. Mas é a personagem quem insiste em usá-la quando retorna a Boston, já mais velha. Depois de tudo, "nem o mais severo magistrado daquela época férrea lhe teria imposto tal coisa" (capítulo 24). A intenção de Hester, aqui, parece ser a de aceitar a realidade de sua vida, e reconhecer que, embora possa ter superado e transcendido os acontecimentos, não é capaz de apagá-los.

Apesar de bem-sucedida em fazer mudar o significado da letra, sua vida foi moldada pela batalha para consegui-lo. Portanto, renegar o emblema seria renegar sua própria vida. E não parece que Hester deseje isso. Afinal, concebeu Pearl. Na floresta (capítulo 18), tira a letra do peito por um breve momento, mas então a menina chama sua atenção para o fato de que, ao fazê-lo, ela rejeita a própria filha. Disso Hester não é capaz, pois é uma verdadeira mãe.

Do começo ao fim, na verdade, ela surge diante de nós como mãe — muito mais do que como a amante por uma noite de Arthur Dimmesdale. De início, é a mãe de Pearl, para finalmente se tornar a mãe de todos, Magna Mater: "as pessoas levavam até ela todas as suas dores e perplexidades, buscando aconselhamento [...] Mulheres, especialmente — sempre tentadas por paixões equivocadas e pecaminosas, mulheres feridas, abandonadas, traídas, perdidas, ou ainda suportando o medonho fardo de um coração sem amor, portanto incapaz de amar —, dirigiam-se ao chalé" (capítulo 24). O modo como Hester se comporta perante o mundo, a despeito de sua independência, de sua fortaleza e do isolamento involuntário da comunidade em seus anos de juventude, é tradicionalmente feminino, na medida em que envolve vínculo e cuidados. Vínculo é, em grande medida, uma questão própria da maternidade, pois Deus "havia lhe dado uma criança encantadora [...] o elo da mãe com a raça e a descendência dos mortais" (capítulo 6). O evento-chave na vida de Hester, afora a punição que recebe, é a tentativa dos puritanos de tirar-lhe Pearl. Algo a que ela resiste ferozmente.

O conflito entre sociedades repressoras e indivíduos que as desafiam encontra-se por toda parte na literatura americana. A versão de Hawthorne é única porque ele criou uma mãe para o papel de insubordinada e renegada. Os valores da personagem são notavelmente diferentes daqueles em geral associados ao herói rebelde americano que cai na estrada, rejeitando o próprio passado, assim como toda e qualquer obrigação social. A comunidade rejeitou Hester, mas ela defende outra ideia de comunidade — mais acolhedora e flexível, menos disposta a julgamentos. Uma comunidade matriarcal, em contraste àquela dos velhos puritanos, patriarcal e legalista.

Ela surge, por um momento, na cena da floresta, como uma espécie de deusa-mãe arquetípica, quando expressa suas próprias opiniões contra as dos puritanos. "E o que mais deves a esses homens de ferro e suas opiniões?", pergunta a Dimmesdale. "Já mantiveram em escravidão o que tens de melhor por muito tempo!" (capítulo 17). Mas o máximo a que Hester poderia aspirar na Boston puritana era fazer o papel de uma deusa-mãe particular para Dimmesdale; ao passo que os objetivos de Hawthorne são muito mais abrangentes — o autor pensava na reestruturação da sociedade em si, e não apenas de uma ou duas relações privadas. Por isso, a mensagem final de Hester àqueles infelizes que nela buscavam consolo é de que estava por vir o dia em que "uma nova verdade seria revelada, de modo a estabelecer toda a relação entre homem e mulher num patamar mais afeito à felicidade mútua" (capítulo 24). Infelizmente esse dia ainda não havia chegado, e não estava claro para Hawthorne o que poderia ser feito para torná-lo possível.

Hester sente que mulheres como ela, estigmatizadas socialmente, não podiam ser líderes nessa grande tarefa, embora esteja igualmente convencida de que seriam as mulheres a força motriz de tal revolução fundamental. Mas talvez se subestimasse nessa avaliação. Pois foi ela, na verdade, a agente da mudança social. Claramente a sociedade que a ama, admira e depende dela é agora muito diferente daquela que dela escarneceu e a condenou. Sua aceitação na estrutura social de Boston marca um alargamento, um progresso, na história humana. Um progresso muito modesto, certo, mas o único tipo de avanço em que Hawthorne acreditava. Assim, embora *A letra escarlate* seja uma história sobre a dor e a fragilidade humanas, termina num discreto tom de esperança e fé. E em uma inequívoca defesa da teimosa resistência de Hester, endossando seus valores.

III

Em algum momento antes de terminar *A letra escarlate*, Hawthorne pôs o manuscrito de lado para escrever "A alfândega". Esse ensaio, um retrato satírico de várias pessoas com quem ele havia realmente trabalhado, causou um pequeno rebuliço no meio político quando foi

publicado, num mesmo volume com a história principal, e talvez tenha sido responsável, de início, pela publicidade e pelas vendas do livro. À medida que o material passou a parecer datado, foi omitido com frequência nas reimpressões da obra. Atualmente, porém, os críticos veem esse ensaio como valiosa explicação das opiniões de Hawthorne sobre sua própria escrita, além de conter um tanto de autobiografia indireta e fascinante. Esses temas vêm se somar à lenda sobre como Hawthorne escreveu *A letra escarlate*.

Resumidamente, a história é a seguinte. Hawthorne voltou a Salém e foi trabalhar na alfândega para satisfazer os fantasmas de seus ancestrais puritanos (sua consciência?), profundamente desgostosos com a vocação literária do descendente. "'O que ele faz da vida?', murmura a sombra cinzenta de um de meus antepassados à de outro. 'Escreve livros de ficção! Mas que modo de ganhar a vida — que maneira de glorificar a Deus e servir à humanidade de sua época e de sua geração vem a ser esse? Ora, se esse degenerado tivesse sido rabequista, dava no mesmo!'"

Mas, apesar de suas boas intenções, Hawthorne achou o emprego chato e que a rotina emburrecia. Parecia que sua própria humanidade se esvaía ao longo daquelas horas monótonas. Certo dia, enquanto se distraía e escapava do trabalho fuçando em papéis velhos no andar de cima do prédio da alfândega (ele o teria imaginado?), encontrou um rolo de documentos antigos envolto por um "retalho de tecido escarlate". Sem saber nada mais sobre aquele pedaço de pano exceto o que podia ver dele — tinha o formato de uma letra A e era finamente bordado com linha dourada —, sentiu-se atraído pelo objeto. "Estranhamente, me atraía. Não conseguia tirar os olhos da velha letra escarlate. Decerto carregava algum significado profundo, cuja interpretação era de grande valia, o qual, por assim dizer, emanava daquele símbolo místico, numa comunicação sutil com minhas sensibilidades, embora esquivando-se de minha análise racional." Os papéis envoltos pela letra continham a história, escrita por um ex-inspetor da alfândega, "de uma tal Hester Prynne, que parecia ter sido personagem bastante digna de nota, na opinião de nossos ancestrais". (Repare-se como Hawthorne omite qualquer informação sobre a verdadeira situação de Hester, ao mesmo tempo que cria interesse por

ela.) Hawthorne interpreta a descoberta do maço de papéis como uma mensagem, um chamado a escrever a história dela.

Infelizmente, a vida na alfândega revela-se tão nociva a seus talentos que todas as tentativas de colocar a narrativa no papel falham. Sua demissão do posto, ainda que desconcertante, reabilita os dons literários de Hawthorne — reabilita o próprio Hawthorne, alguém poderia dizer — e ele, então, consegue concluir o livro. Por intermédio de Hester, volta a ser um literato. É Hester quem o salva da alfândega (enquanto isso, Dimmesdale não é salvo por ela).

A encenação de que o autor é apenas um editor do material de outro é recorrente na história do romance. Hawthorne certamente não esperava que seus leitores acreditassem ter ele, de fato, encontrado uma letra escarlate. A novidade no uso que faz dessa convenção batida é simplesmente o fato de relatar, realmente, muitas coisas verdadeiras com relação à sua própria situação de vida e à ligação entre o livro e sua biografia. Hawthorne está nos dizendo que *A letra escarlate*, qualquer que seja a interpretação que a obra receba, realmente saiu das profundezas de sua intimidade. A história de Hester é profundamente significativa para ele. Essa informação transparece de forma mais notável na sequência em que, enquanto se pergunta sobre o "significado" daquele símbolo místico (e devemos nos lembrar quanto *A letra escarlate* é um livro sobre o significado da letra escarlate!), acaba por colocá-la no peito, como a usava Hester. "Pareceu-me — o leitor pode sorrir, mas não duvide da minha palavra — que então experimentei uma sensação não exatamente física, mas quase, feito um calor flamejante." Nessa passagem, a letra de Hester se torna a letra de Hawthorne, e Hawthorne se torna Hester.

A explicação para tal identificação fica clara quando nos lembramos de que Hawthorne, tendo se dedicado à literatura, pensa estar desafiando seus antepassados puritanos da mesma maneira que Hester, preservando o amor-próprio, confrontara os puritanos de seu tempo. Na verdade, não é tanto a sociedade em torno de Hawthorne que o recrimina por sua opção, e sim a consciência do próprio autor. Primeiro, ele tenta resolver esse conflito interior desistindo de escrever e se tornando funcionário público na alfândega. Outra solução talvez fosse virar um escritor dedicado a celebrar e defender o statu quo —

um escritor que, por exemplo, exaltasse as virtudes da vida na repartição e enaltecesse os colegas. Em vez disso, Hawthorne os trata com escárnio e sátira, erguendo sua pena em defesa de uma mulher socialmente renegada. Defende o indefensável e, ao fazê-lo, encontra coragem para as próprias convicções. Não chega a ser exagero ver *A letra escarlate* como o emblema bordado do próprio Hawthorne, signo e produto de sua vocação "degenerada".

De fato, embora com grande delicadeza e circunspecção, o que Hawthorne está sugerindo é que escrever *A letra escarlate* foi uma experiência intensamente pessoal de compreensão de emoções profundamente autobiográficas. Certamente, tanto como escritor quanto no posto da alfândega, tentou ser um bom cidadão para a sociedade; agora, escrevia um livro para dar voz a alguém que rejeitava e desafiava gravemente os regulamentos sociais. Num patamar ainda mais íntimo, seu apoio a Hester contra os puritanos talvez tenha ligação com os sentimentos turbulentos resultantes da morte de sua amada mãe. Seria ir longe demais afirmar que seus ancestrais Hathorne, selvagens perseguidores das bruxas no tempo dos julgamentos de Salém, fundiam-se, em sua imaginação, com os Hathorne seus contemporâneos, que rejeitaram sua mãe e os filhos dela? A imagem da mãe com sua criança, unidos contra o mundo, podia muito bem ser um ícone pessoal poderoso para um homem que, fazia tão pouco tempo, perdera a própria mãe.

Assim, três fios autobiográficos separados se entrelaçam. A sociedade americana como um todo rejeitou Hawthorne ao ignorar o que ele escrevia. Salém o rejeitou ao demiti-lo da alfândega. E os Hathorne rejeitaram mãe e filho, exatamente como mais de um século antes, quando os Hathorne puritanos haviam perseguido e acusado as bruxas de Salém. Em vez de se resignar a esses múltiplos julgamentos sociais, Hawthorne os desafiou com *A letra escarlate*. Tudo isso é o que sugere "A alfândega"; embora o livro sobreviva bem por si só, esse ensaio introdutório nos dá acesso aos meandros de uma mente criativa e às fontes de sua arte.

Os anos imediatamente posteriores à publicação de *A letra escarlate* foram, provavelmente, os mais felizes da vida de Hawthorne. Ele era reconhecido como o principal autor americano vivo; estava em uma fase produtiva, no auge. Num período curto, escreveu mais duas ficções longas — *A casa das sete torres* (1851) e *The Blithdale romance* (1852) — e algumas coletâneas de histórias para crianças. Ficou amigo de Herman Melville, e seu exemplo encorajou o jovem a escrever *Moby Dick* do jeito que queria, e não como ele pensava que os críticos achavam que deveria ser. Hawthorne comprou uma casa em Concord e fazia preparativos para se estabelecer junto de seus amigos transcendentalistas cuja conversa, por mais sonhadora e impraticável que lhe parecesse, formara o pano de fundo de idealismo de *A letra escarlate*. Alguns críticos acreditam que a feminista Margaret Fuller serviu de modelo para Hester.

Dinheiro, no entanto, continuava a ser um problema. Numa última tentativa de garantir segurança duradoura para ele e a família, aceitou um posto diplomático como cônsul dos Estados Unidos em Liverpool. Do ponto de vista artístico, calculou mal. De 1853 a 1857, Hawthorne viveu na Inglaterra, onde preencheu volumosos cadernos de anotações, sem conseguir criar histórias. Em seguida, fez uma viagem pelo continente e morou na Itália, retornando à Inglaterra em 1859, com o país à beira da Guerra Civil. Sua estada na Itália rendera mais um romance longo, *O fauno de mármore* (1860), mas a cadência de sua criatividade tinha sido irremediavelmente perturbada.

Além disso, o gosto literário havia mudado. O ambiente de guerra não era nem um pouco propício à produção de obras como as suas. E havia outros problemas — sua amizade com um ex-presidente impopular, Franklin Pierce; a doença que avançava. Hawthorne lutava para escrever, mas — afora um volume de ensaios baseado nos cadernos da Inglaterra — só conseguiu produzir extensos fragmentos de três outros livros de ficção. Os rascunhos sobreviveram, rabiscados pelas muitas revisões, cheios de lembretes exasperados escritos para ele mesmo.

A doença, incurável, desenvolveu-se rápido, e o autor morreu em 1864 sem ter obtido a estabilidade desejada para a família. É muito provável que não se imaginasse um sucesso. Seu sonho de se tornar o

autor incensado de uma estante inteira de best-sellers, o sir Walter Scott ou o Charles Dickens da América, não fora realizado. Mas, invariavelmente leal a seu dom literário, embora às vezes relutante, deixou como legado algumas das mais poderosas obras de ficção já escritas nos Estados Unidos.

Notas

THOMAS E. CONNOLLY

INTRODUÇÃO

1 Convencido e afetado herói e suposto autor de *Memoirs of P. P., clerk of this parish*, versão burlesca da *History of my own times* [História de minha época], do bispo Burnet. A autoria dessa sátira, cujo alvo era o partido tóri, foi algumas vezes atribuída ao dr. John Arbuthnot, mas pode-se com alguma segurança creditá-la a Alexander Pope. Ver CBEL [Cambridge Biography of English Literature]; AITKEN, George. *The life and works of John Arbuthnot*. Oxford, Clarendon, 1892, p. 85; BEATTIE, Lester M. *John Arbuthnot, mathematician and satirist*. Cambridge, Harvard, 1935.

2 Elias Hasket Derby (1739-99) ficou conhecido como "o pai do comércio americano com a Índia".

3 A guerra anglo-americana de 1812.

4 Rua em Salém, Massachusetts, onde fica a alfândega e a casa de Elias Hasket Derby, construída em 1761-2.

5 No original, "Loco-foco surveyor", referindo-se à ala radical do partido democrata dos Estados Unidos em 1835. O nome surgiu a partir de um tipo de fósforo usado para acender os candeeiros numa reunião do grupo depois que os lampiões sumiram.

6 Colina na região noroeste de Salém, atualmente um parque. Provável local onde as bruxas foram enforcadas em 1692 e onde se supõe que muitas delas tenham sido enterradas.

7 Denominação pejorativa para uma área localizada no topo da rua Essex, em Salém, Massachusetts, estendendo-se de Mill Pond até a rua Summer. Os primeiros imigrantes oriundos do norte da Europa estabeleceram-se ali.

8 William Hathorbe (*c.* 1607-81), tetravô de Nathaniel Hawthorne que emigrou para a América em 1630 com a companhia de John Winthrop.

9 John Hathorne (*c.* 1641-1717), magistrado que participou dos julgamentos das bruxas em 1692; trisavô de Nathaniel Hawthorne.

10 James K. Polk (1795-1849) foi o 110 presidente dos Estados Unidos, de 1845 a 1849. Durante seu governo, Hawthorne foi nomeado inspetor da alfândega em Salém, cargo que ocupou entre 1846 e 1849.

11 James F. Miller (1776-1851) foi promovido a coronel por bravura em 1812. Comandou o 210 batalhão de infantaria em Chippewa e Lundy's Lane, no Canadá. O sucesso de sua missão dependia de que tomasse uma posição britânica. Quando o general Scott lhe perguntou se era capaz de fazê-lo, Miller respondeu: "Vou tentar, senhor". Conseguiu e foi promovido a general de brigada por isso. Foi governador do Arkansas (1819-25) e coletor no porto de Salém (1825-49).

12 Inicialmente, um whig era um apoiador da Revolução Americana (em oposição aos tóris). Mais tarde (*c.* 1834-5), o termo passou a denominar o partido criado para fazer frente aos democratas nos Estados Unidos.

13 O vento norte.

14 John Adams (1735-1826), segundo presidente dos Estados Unidos (1797-1801).

15 Forte situado junto ao lago Champlain, em Nova York. Originalmente construído pelos franceses, foi tomado pelos ingleses em 1759 e, em seguida, pelos americanos, sob o comando de Ethan Allen, em 1775.

16 Em 1814, o Exército dos Estados Unidos, sob o comando dos generais Brown (major) e Winfield Scott (brigadeiro), cruzou o rio Niágara, na altura de Buffalo, Nova York, em direção ao Canadá, onde derrotou os ingleses na Batalha de Chippewa. Os americanos se recolheram ao forte Erie, mantendo controle dessa fortaleza canadense por alguns meses. Depois disso, voltaram ao solo americano.

17 Comunidade de utopistas que durou de 1841 a 1847, situada a cerca de quinze quilômetros de Boston. Seu fundador e guia espiritual era George Ripley. Hawthorne viveu ali de abril a novembro de 1841, mas se desiludiu e abandonou a comunidade. Brook Farm lhe serviu de ponto de partida para o livro *The Blithedale romance*.

18 Depois de se formar na Harvard Divinity School, Ralph Waldo Emerson (1803-83) recebeu sua ordenação na Segunda Igreja Unitária de Boston, em 1829. Renunciou à função de pastor em 1832 porque era incapaz de reconhecer a graça do Senhor no sacramento da eucaristia. Aderiu ao transcendentalismo, posição que esclareceu em sua "Mensagem à Divinity School", de 1838. Após abandonar o púlpito, tornou-se conferencista profissional. Embora fosse simpático ao grupo de transcendentalistas que fundou Brook Farm, não aderiu à comunidade.

19 Rio próximo a Concord. A grafia atual de seu nome é Assabet.

20 O clérigo e filósofo William Ellery Channing (1780-1842) dedicou a vida como pastor à Federal Street Church de Boston. Nunca se converteu ao transcendentalismo. O sermão intitulado "Cristandade unida pela compaixão" fez sua fama de defensor da chegada de uma religião mais à esquerda à Europa. Envolveu-se na reforma social e no movimento antiescravagista.

21 O poeta, ensaísta e naturalista Henry David Thoreau (1817-62) nasceu em Concord, foi influenciado por Emerson e se tornou membro da Sociedade Transcendentalista. Era amigo próximo dos Alcott, de Channing, de Hawthorne e de outros simpatizantes do transcendentalismo. Sua obra mais conhecida é *Walden* (1854).

22 George Stillman Hillard (1808-1879) nasceu em Machias, Maine. Atuou como procurador em Boston e integrou as equipes editoriais dos periódicos *Christian Register*, junto com George Ripley, e *Jurist*.

23 Popular poeta, Henry Wadsworth Longfellow (1807--82) nasceu em Portland, Maine, e foi colega de faculdade e amigo íntimo de Hawthorne no Bowdoin College.

24 Descrito como "o mais transcendental dos transcendentalistas", Amos Bronson Alcott (1799-1888) instalou-se com a família em Concord depois de uma carreira vanguardista como professor em escolas. Fundou, com Henry Wright e Charles e William Lane, uma comunidade utópica vegetariana chamada Fruitlands. Com o fracasso da experiência, voltou para Concord, onde se tornou supervisor de escolas em 1859. Mais tarde, em 1879, fundou a Concord Summer School of Philosophy and Literature, que acabou virando um centro tardio do transcendentalismo.

25 William Gray (1750-1825), mercador e vice-governador de Massachusetts. Durante a Revolução, esse comerciante altamente bem-sucedido foi proprietário de vários barcos corsários. Foi um dos primeiros mercadores da Nova Inglaterra a fazer comércio com a Índia, a China e a Rússia. Mais tarde, adquiriu uma grande frota de navios mercantes.

26 Em 1776, Simon Forrester (?-1817) comandou a corveta *Rover* com sessenta homens e seis canhões. Derrotou uma fragata bristol com capacidade para até 120 canhões, de cuja tripulação total de 28 membros apenas três se salvaram, depois de bombardeada a embarcação. Em 8 de abril de 1782, o navio *Exchange*, comandado por Simon Forrester, e o brigue *Revolt* foram dados como capturados e enviados às Bermudas; em 1817, Forrester deixou uma quantia de 1500 dólares para a caridade. Protegido de Daniel Hathorne, avô de Nathaniel Hawthorne, casou-se com a irmã mais velha de seu mentor, Rachel, em 7 de dezembro de 1776, em Danvers, Massachusetts.

27 Após carreira na área do direito em Londres, William Shirley (1694-1771) emigrou para Boston em 1731. Foi nomeado governador de Massachusetts em 25 de maio de 1741.

28 "1752Jonathan Pue: from Boston, becomes searcher and surveyor" [1752, Jonathan Pue: de Boston, torna-se auditor e inspetor]. Trecho de *Annals of Salem*, de Joseph B. Felt, 2a ed., Salém: W. & S. B. Ives; Boston: James Munroe & Co., 1845-9, v. II, p. 380.

29 *The Annals of Salem from its first settlement*, Salém, W. & S. B. Ives, 1827. FELT, Joseph B. *Annals of Salem*, 2a ed., Salém: W. & S. B. Ives; Boston: James Munroe & Co., 1845-9, 2 v.

30 Atualmente, Essex Institute, fundado a partir de duas instituições originárias, a Social Library, de 1760, e a Philosophical Library, de 1781, cujos líderes estabeleceram a Essex Historical Society em 1821. Essa associação ajudou a formar, em 1833, a Essex County Natural History Society [Sociedade de História Natural do Condado de Essex]. As duas se fundiram para a criação do Essex Institute em 1848.

31 Zachary Taylor (1784-1850), 12o presidente dos Estados Unidos (1849-50).

32 Ver *A lenda do cavaleiro sem cabeça*, de Washington Irving, originalmente publicado em *The sketch book* (1819-20).

1. A PORTA DA PRISÃO

1 Rua de Boston, atualmente Washington Street.

2 Isaac Johnson (?-1630)chegou à América com John Winthrop e sua frota de navios, em 1630, pouco antes de morrer. Foi um dos quatro fundadores da Primeira Igreja de Charlestown e supervisionou a mudança da colônia para Shawmut (mais tarde Boston). Era o homem mais rico do assentamento.

3 Fundada em 1754, foi a primeira igreja episcopal da Nova Inglaterra. Em 1785, passou a ser a primeira igreja unitária dos Estados Unidos. O governador Winthrop está enterrado no cemitério adjacente a ela.

4 Anne Hutchinson (1591-1643) emigrou para Massachusetts com a família em 1634. Interessada por religião desde jovem, foi uma estudiosa dedicada da Bíblia. Formou um grupo de discussão religiosa no qual defendeu o "pacto da graça" em vez do "pacto das obras". Sentenciada ao exílio e excomungada por suas convicções, na primavera de 1638 mudou-se para Rhode Island, onde seu marido morreu em 1642. Voltou com a família para Long Island e, mais tarde, para o continente, em Long Island Sound, perto do que hoje é Pelham Bay, onde ela e os familiares foram massacrados pelos índios. Uma de suas filhas foi levada pelos agressores.

2. A PRAÇA PÚBLICA

1 Aquele que professa a antinomia, forma de engajamento religioso na qual o indivíduo se liberta do controle das leis morais ou civis (as leis dos homens) porque se rendeu à lei de Deus. Ao pregar sua doutrina do pacto da graça, Anne Hutchinson (ver nota 4 do capítulo 1) professava a antinomia. O grupo que se opunha a essa doutrina era chamado de legalista.

2 O segundo marido de Ann Hibbins (?-1656), William Hibbins, foi um próspero mercador de Boston. Em 1655, ela foi acusada de ser uma bruxa, mas, embora o júri a tivesse considerado culpada, os magistrados recusaram-se a aceitar o veredicto. O caso foi então para a Alta Corte. A acusada foi condenada e, em 19 de junho de 1656, enforcada.

3 Originalmente fundada em Charlestown, hoje Boston, tornou-se a Igreja Unitária Universalista. Foi destruída por um incêndio em março de 1968.

3. UM ROSTO CONHECIDO

1 Richard Bellingham, (1592-1672) emigrou para a Nova Inglaterra em 1634. Depois de vários mandatos como vice-governador, foi governador de Massachusetts (1641, 1654, 1665) até sua morte.

2 Após concluir graduação e mestrado no King's College, em Cambridge, John Wilson (*c.* 1591-1667) começou a atuar como advogado, carreira que abandonou para ser pastor. Foi para a Nova Inglaterra em 1630, tornando-se professor na igreja de Boston, onde permaneceu até morrer.

4. O ENCONTRO

1 Um dos rios do reino de Hades. Os mortos prestes a reencarnar deveriam beber de sua água para esquecer as vidas passadas.

2 Droga que, segundo pensavam os gregos antigos, expulsava a dor e o sofrimento e produzia o esquecimento.

3 Pseudônimo de Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus ab Hohenheim (1493-1541). Vagava de país em país praticando magia, alquimia e astrologia. Embora ocupasse a cátedra de medicina e cirurgia na Basileia, foi denunciado como charlatão. Por vezes é chamado de pai da química moderna.

4 No original, "*the black man*", termo de bruxaria derivado de religiões primitivas e que expressava a crença na encarnação de um deus em forma humana ou animal. Esse deus sempre foi chamado de Demônio pelos cristãos e aparecia disfarçado de bicho ou vestido de preto. Por isso o Demônio também é chamado de "homem de preto".

7. O PALÁCIO DO GOVERNADOR

1 *Chronicles of England*, *Scotland*, *and Ireland*, de Raphael Holinshed. Londres, 1577.

2 Em 1637, os índios pequot ocuparam o vale do rio Connecticut. No ano anterior, os colonos de Massachusetts haviam acusado um Pequot de ter assassinado John Oldham, um dos membros da colônia. Como vingança, botaram fogo num vilarejo indígena. Um ano mais tarde, com a ajuda de um bando diferente de Pequots, os colonos atacaram uma aldeia e queimaram vivos entre seiscentos e setecentos índios; a maior parte dos sobreviventes foram vendidos como escravos nas Bermudas. Cotton Mather classificou o episódio como "um doce sacrifício, e [...] glória ao Senhor por isso".

3 Sir Francis Bacon (1561-1626); sir Edward Coke (1552-1634); William Noye (1577-1634); sir John Finch (1584-1660). Todos deram importantes contribuições ao estabelecimento das "leis comuns" da Inglaterra e das colônias.

4 William Blackstone (1595-1675) formou-se e obteve o título de mestre no Emmanuel College, em Cambridge. Foi ordenado pela igreja da Inglaterra e seguiu para Massachusetts em 1623, aproximadamente, tornando-se o primeiro colono nas terras onde atualmente fica Boston. Não gostou dos puritanos que mais tarde ali chegaram. Então vendeu a maior parte de suas propriedades para instalar-se a cerca de cinco quilômetros de Pawtucket, no local que depois seria Rhode Island. É descrito montando um touro por Caleb H. Snow em *History of Boston* (Boston, 1825).

8. A MENINA-FADA E O PASTOR

1 Às vezes chamado de Rei ou Abade do Caos, era um funcionário designado pela corte, no fim do século XV e início do XVI, para supervisionar as festas de Natal.

2 Epíteto usado pelos primeiros puritanos para se referir à Igreja Católica Romana.

3 *The New England primer improved*, *or*, *An essay and pleasant guide to the art of reading*. O exemplar mais antigo da obra listado no catálogo da Biblioteca do Congresso é do século XVIII (Hawthorne pode ter incorrido num anacronismo).

4 *The confession of faith of the Kirk of Scotland subscribed by the Kings Majestie and His Household*, *in*... 1580. Hawthorne provavelmente refere-se ao mais popular *Westminster Assembly of Divines: The shorter catechism*.

9. O MÉDICO

1 Depois de obter várias nomeações na corte, sir Kenelm Digby (1603-65) tornou-se um corsário e teve sucesso na captura de navios franceses e holandeses. Quando sua mulher morreu subitamente, recolheu-se em luto no Gresham College, onde passou dois anos, distraindo-se com experimentos químicos. Em 1651, prosseguiu com essa atividade em Paris, frequentando as aulas de química de Febur. Foi amigo de Descartes e deu aulas no Gresham College, em 1660, sobre o desenvolvimento das plantas. Costumava reunir cientistas em sua casa e com frequência discutia com Hobbes.

2 Sir Thomas Overbury (1581-1613) opôs-se ao casamento de seu patrono, Robert Carr (mais tarde conde de Somerset), com a divorciada Frances Howard, condessa de Essex. Foi envenenado por enviados de lady Howard.

3 Simon Forman (1552-1611) foi um astrólogo e suposto médico. Em 1579, cumpriu o primeiro de muitos períodos de prisão, por praticar magia. Exercia a medicina, mas acabou barrado pela justiça algumas vezes como charlatão. Mais tarde, em 1603, recebeu uma licença médica de Cambridge, prosseguindo com estudos na área no Jesus College naquele mesmo ano. No julgamento dos assassinos de sir Thomas Overbury, em 1615 (quatro anos após a morte de Forman), ficou provado que a sra. Turner havia pedido para Forman ajudar lady Howard. Foi usada como evidência uma carta, escrita para Forman pela condessa de Essex, em que a nobre insistia que o doutor usasse de sua magia para fazer esmorecer o amor do marido e, ao mesmo tempo, aumentar o do conde de Somerset por ela.

10. O MÉDICO E SEU PACIENTE

1 John Bunyan, autor de *The pilgrim's progress* (Londres, 1678). O peregrino do título da obra atravessa o pórtico do inferno, que expele chamas e fumaça.

12. A VIGÍLIA DO PASTOR

1 John Winthrop (1588-1649), primeiro governador oficial da colônia da baía de Massachusetts, eleito antes de os colonos zarparem da Inglaterra (tecnicamente, o primeiro governador de Salém foi John Endecott). Winthrop chegou à América em 12 de junho de 1630, e ocupou o cargo vários vezes.

2 Batina preta usada pelo clero calvinista.

16. UM PASSEIO NA FLORESTA

1 Após graduar-se pelo Jesus College, em Cambridge,John Eliot (1604-90) foi influenciado por Thomas Hooker. Tornou-se pastor de uma companhia

marítima e chegou a Boston em 1631. Serviu na paróquia de Roxbury, Massachusetts, durante sessenta anos, quarenta dos quais como titular. Aprendeu a língua dos índios e pregou entre eles de 1646 até sua morte. Traduziu o Novo Testamento (1661) e o Velho Testamento (1663) para a língua indígena.

20. O PASTOR NUM LABIRINTO

1 Praxe após a eleição anual dos magistrados de Boston, que normalmente ocorria no final de maio.

2 Ann Turner (?-1615) era dona de um bordel. Ela e o boticário James Franklin levaram ao carcereiro Richard Weston as substâncias que envenenaram sir Thomas Overbury. Foi julgada em 18 de novembro de 1615 e executada na forca por esse assassinato.

21. FERIADO NA NOVA INGLATERRA

1 Em ambas as modalidades, os lutadores usam sapatos folgados de lona e é permitido agarrar qualquer parte do corpo acima da cintura ou a camisa do adversário. A diferença entre as lutas ao estilo Cornwall e Devon consiste em que, nesta última, os competidores calçam sapatos de sola grossa com o propósito de acertar chutes no queixo do outro.

22. O DESFILE

1 Ordem criada em 1118 e formada, originalmente, por nove cavaleiros. A princípio, sua missão era proteger os peregrinos a caminho de Jerusalém. Depois que se tornaram muito ricos e poderosos, foram perseguidos por muitos reis e, por fim, pelo papa.

2 Simon Bradstreet (1603-97) viajou para a América com a companhia de Winthrop em 1630. Sua primeira esposa foi Anne Bradstreet, poeta puritana. Ele ocupou cargos públicos, de secretário da colônia a governador, durante todo o tempo em que viveu na Nova Inglaterra.

3 John Endicott (*c.* 1589-1665) embarcou para Massachusetts em 20 de junho de 1628, no grupo que zarpou antes da companhia de Winthrop para preparar-lhe a chegada, em 1630. Aportou em Salém. Foi várias vezes vice-governador e governador da colônia da baía de Massachusetts.

4 Thomas Dudley (*c.* 1576-1653) navegou com a companhia de Winthrop em 1630, chegando como vice-governador da colônia. Foi governador em 1634, 1640, 1645 e 1650. Quando não estava no cargo mais alto, ocupava ou o de vice ou o de secretário.

5 Increase Mather (1639-1723) nasceu em Dorchester, Massachusetts. Recebeu o diploma de oficial da Marinha mercante de Harvard em 1656, e cursou mestrado no Trinity College, em Dublin. Depois de atuar como pastor durante vários anos na Inglaterra, voltou à América em 1661. Além de ter desempenhado funções religiosas, foi reitor de Harvard e emissário político dos reis James II e William III.

Outras leituras

A obra completa de Hawthorne, incluindo diários, cadernos de anotações e cartas, está disponível nos vários volumes da edição acadêmica *Centenary edition of the works of Nathaniel Hawthorne*, publicada pela Ohio State University Press.

BIOGRAFIA

MELLOW, James R. *Nathaniel Hawthorne in his times*. Boston, 1979.

TURNER, Arlin. *Nathaniel Hawthorne*: A biography. Nova York, 1979.

CRÍTICA SOBRE HAWTHORNE E OUTROS AUTORES

BRODHEAD, Richard. *Hawthorne*, *Melville*, *and the novel*. Chicago, 1976.

_____ . *The school of Hawthorne*. Oxford, 1986.

COALES, Samuel. *In Hawthorne's shadow*: American romance from Melville to Mailer. Lexington, KY, 1985.

IDOL Jr., John L.; PONDER, Melissa (orgs.). *Hawthorne and women*: Engendering and expanding the Hawthorne tradition. Amherst, MA, 1999.

MCCALL, Dan. *Citizens of somewhere else*: Hawthorne and Henry James. Ithaca, NY, 1999.

MCWILLIAMS, John P. *Hawthorne*, *Melville*, *and the American character*. Nova York, 1984.

PERSON Jr., Leland. *Aesthetic headaches*: Women and a masculine poetics in Poe, Melville, and Hawthorne. Athens, GA, 1988.

CRÍTICA SOBRE HAWTHORNE

BAYM, Nina. *The shape of Hawthorne's career*. Ithaca, NY, 1976.

_____ . *The scarlet letter*: A reading. Boston, 1986.

BERCOVITCH, Sacvan. *The office of* The scarlet letter. Baltimore, 1991.

COLACURCIO, Michael J. (org.). *New essays on* The scarlet letter. Cambridge, 1985.

DESALVO, Louis. *Nathaniel Hawthorne*. Atlantic Highlands, NJ, 1986.

DRYDEN, Edgar A. *Nathaniel Hawthorne*: The poetics of enchantment. Ithaca, NY, 1977.

EASTON, Alison. *The making of the Hawthorne subject*. Columbia, MO, 1996.

ERLICH, Glotia C. *Family themes and Hawthorne's fiction*: The tenacious web. New Brunswick, NJ, 1984.

HERBERT, T. Walter. *Dearest beloved*: The Hawthornes and the making of the middle-class family. Berkeley, 1993.

HUTNER, Gordon. *Secrets and simpathy*: Forms of disclosure in Hawthorne's novels. Athens, GA, 1988.

JOHNSON, Claudia Durst. *Understanding* The scarlet letter. Westport, CT, 1995.

MARTIN, Terence. *Nathaniel Hawthorne*. Boston, 1983.
MILLINGTON, Richard. *Practicing romance*: Narrative form and cultural engagement in Hawthorne's fiction. Princeton, 1992.
MOORE, Margaret B. *The Salem world of Nathaniel Hawthorne*. Columbia, MO, 1998.
PENNELL, Melissa McFarland. *Student Companion to Nathaniel Hawthorne*. Westport, CT, 1999.
REYNOLDS, Larry J. *A historical guide to Nathaniel Hawthorne*. Nova York, 2001.
WAGGONER, Hyatt H. *The presence of Hawthorne*. Baton Rouge, LA, 1979.

Copyright © 1962 by Ohio State University Press
Copyright do posfácio © 1983 by Viking Penguin Inc.
Copyright das notas © 1970 by Penguin Books

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, *que entrou em vigor no Brasil em* 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

The scarlet letter

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA

Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO

Carlos Alberto Bárbaro

REVISÃO

Carmen S. da Costa

Huendel Viana

ISBN 978-85-8086-411-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500 Fax (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br
www.blogdacompanhia.com.br